

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

RAFAEL CASANOVA DE LIMA E SILVA HOERHANN



**O SERVIÇO DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS E A
DESINTEGRAÇÃO CULTURAL DOS XOKLENG (1927 – 1954)**

Tese apresentada como requisito parcial à
obtenção do grau de Doutor em História
do Curso de Pós-Graduação em História,
Centro de Filosofia e Ciências Humanas,
Universidade Federal de Santa Catarina.
Orientador: Prof^o. Dr^o Valmir Muraro

Florianópolis
2012

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Hoerhann, Rafael Casanova de Lima e Silva

O Serviço de Proteção aos Índios e a desintegração
cultural dos Xokleng (1927 - 1954) [tese] / Rafael Casanova
de Lima e Silva Hoerhann ; orientador, Profº. Drº Valmir
Muraro - Florianópolis, SC, 2012.

283 p. ; 21cm

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa
de Pós-Graduação em História.

Inclui referências

1. História. 2. Xokleng. 3. Nacionalização. 4. Serviço de
Proteção aos Índios. I. Muraro, Profº. Drº Valmir. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-
Graduação em História. III. Título.

RESUMO

Em 1910 o governo brasileiro decidiu proteger os indígenas, mas essa proteção acarretaria o resguardo físico e a nacionalização das comunidades existentes, principalmente aquelas em confronto com populações locais. Para o povo nômade Xokleng este processo inciou a partir de 1914 quando foram contatados pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI) e, em poucos meses, convencidos a se estabelecerem num local em comum. Logo se tornariam sedentarizados e praticantes da economia agropastoril em troca da tradicional vida livre, coletora e caçadora. Foi um processo difícil que não permitiu ao SPI colocar em prática todas as suas pretensões em virtude do pouco apoio governamental e da resistência indígena. Nesse estudo analisar-se-á parte desse empreendimento a partir de 1927 quando completou um ano, a criação da Reserva Indígena Duque de Caxias até 1954 e quando Eduardo Hoerhann, o líder responsável pelo primeiro contato pacífico de 1914, foi destituído de seu cargo. Falaremos também sobre o estabelecimento de uma escola na reserva durante a década de quarenta, que foi uma importante ferramenta para a nacionalização deste grupo indígena. As fontes pesquisadas e analisadas, em sua maioria, pertence ao acervo do autor e foram produzidas e acumuladas por Eduardo Hoerhann ao longo de quase cinco décadas, período no qual foi funcionário do SPI, com atuação em Santa Catarina. Boa parte dessa documentação aparece pela primeira vez em um estudo sobre a nacionalização desses indígenas pelo governo federal brasileiro.

Palavras-chave: Xokleng, nacionalização, Serviço de Proteção aos Índios.

ABSTRACT

In 1910 the Brazilian government decided to protect the Indians, but this protection would result in physical and guard the nationalization of existing communities, especially those in conflict with local populations. For the nomadic people Shokleng this process started since 1914 when they were contacted by the Indian Protection Service and in a few months, persuaded to settle at a common place. Soon become sedentarized and practitioners of agropastoral economy in exchange for the traditional free life, hunting and collecting. It was a difficult process that did not allow the SPI to put into practice all pretensions because of the meager government support and indigenous resistance. In this paper we analyze part of this enterprise from 1927 when he completed one year, the creation of Duque de Caxias Indian Reservation until 1954, when Eduardo Hoerhann, the leader responsible for the first peaceful contact in 1914, was removed from office. We will also talk about establishing a school in the reserve during the forties, which was an important tool for the nationalization of this indigenous group. The documents searched and analyzed, mostly belongs to the collection of the author and were produced and accumulated by Eduardo Hoerhann over nearly five decades, in the time that he was the SPI server, when he starred in Santa Catarina. Much of this documentation appears for the first time in a study on the nationalization of these Brazilian Indians by the federal government.

Keywords: Shokleng, nationalization, Indian Protection Service.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Documentos em 2001	23
Figura 2 - Documentos em 2012.	24
Figura 3 - Território tradicionalmente percorrido pelos Xokleng antes de 1914 (área pontilhada) e atual aldeamento (losango).	43
Figura 4 - Padre Kominek entre indígenas e ladeado pelo cacique Kamren, Francisca e Eduardo Hoerhann.	103
Figura 5 - Posto Plate.	139
Figura 6 - Boi abatido nos primeiros anos da pacificação. Note a presença do Exército no centro.	144
Figura 7 - O Katanghara em 1915.	148
Figura 8 - Intérpretes Kaingang, (com roupas claras) parte dos Xokleng, Straube e Hoerhann à direita.	151
Figura 9 - Indígenas limpam terreno por volta da década de vinte.	160
Figura 10 - Festa tradicional Xokleng. Acervo do autor.	163
Figura 11 - Almoço de confraternização.	178
Figura 12 - Jules Henry (montado à esquerda) entre os Apache, 1930.	186
Figura 13 - Hugo Straube.	193
Figura 14 - Médico Simoens da Silva ladeado por duas moças sob a observação de Hoerhann, ao fundo.	194
Figura 15 - Curt Nimuendajú.	201
Figura 16 - Indígenas e não indígenas são funcionários do Poinduca. Década de 40.	234
Figura 17 - Estudantes na Escola Getúlio Vargas. Década de 40.	236
Figura 18 - Hastearamento da bandeira sob a inspeção de Hoerhann e aos olhares curiosos dos alunos.	239
Figura 19 - Crianças aprendem a cultivar o próprio alimento na Escola Getúlio Vargas	240
Figura 20 - Alunos de várias escolas para comemoração de data cívica. Prof. José Balbino no centro	245
Figura 21 - Casa do arroz.	246
Figura 22 - Aluno com sua refeição: alimentado, vestido e educado pelo SPI.	254

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I – NACIONALIZAÇÃO E ASSIMILAÇÃO INDÍGENA: DA COLÔNIA À REPÚBLICA	31
CAPÍTULO II – O SERVIÇO DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS: A ATUAÇÃO EM SANTA CATARINA	59
CAPÍTULO III – AS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SERVIÇO DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS EM SANTA CATARINA	107
CAPÍTULO IV – DO POVO DA SELVA À CIDADANIA BRASILEIRA	187
CONCLUSÕES	259
BIBLIOGRAFIA E FONTES	265

INTRODUÇÃO

A tese se propõe a investigar as tentativas de nacionalização dos Xokleng através dos integrantes do Serviço de Proteção aos Índios. Dezenas de anos se passaram para que o governo preparasse indivíduos retirados das matas, colocasse enxadas em suas mãos e apontasse o caminho à nacionalidade. Para esse fim foram necessários árduos anos de trabalho realizado por pessoas dispostas a cumprir um projeto governamental cuja ambição foi maior que o investimento, pois a transição à nacionalidade ficou inacabada. Isso resultou em uma atualidade onde muitos indivíduos seguem uma orientação cristã evangélica e, dentre eles, poucos fazem uso do idioma dos seus antepassados. Aqui pode-se destacar a primeira hipótese da nacionalização ao perceber que no desenvolvimento do processo houve interferência religiosa durante a atuação do SPI, primeiramente pelos católicos, nos anos vinte, e, mais tarde, nos anos cinquenta, pelos evangélicos. Atualmente boa parte desses indígenas esforça-se para recuperar o que o governo usurpou em 57 anos de atuação do SPI: a dignidade, a cultura e o “sentimento de tribo”, resultante da desintegração da condição indígena e também da qualidade de brasileiro não integrado na sociedade nacional, a qual de fato não o acolheu. Nossa investigação envolve um grupo indígena de Santa Catarina: os Xokleng – hoje localizados no município de José Boiteux¹ no Alto Vale do Itajaí. Aqui analisa-se o longo processo de nacionalização entre os anos de 1914 a 1967 pelo qual passaram os Xokleng, atualmente considerados indígenas pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e pelo governo brasileiro. Logo, intitulada *O Serviço de Proteção aos Índios e a desintegração cultural dos Xokleng: 1927 – 1954*. Em 1927 completou-se um ano da demarcação das terras dos Xokleng no Posto Indígena Duque de Caxias, às margens do Rio Plate, o que o qualificou como reserva indígena. Em 1954 Eduardo Hoerhann, de quem falar-se-á adiante, foi destituído de sua função de Encarregado de Posto após quarenta e dois anos de trabalhos prestados ao SPI. Em sua gerência foi conquistado o primeiro contato amistoso com os indígenas em 1914,

¹José Boiteux teve seu processo de colonização iniciado nos primeiros anos do século XX. Permaneceu como parte do município de Blumenau até 1934 e tornou-se em seguida distrito de Ibirama em virtude da emancipação daquele espaço geográfico. Criado em 1989 através da Lei Estadual nº 7580 de 26/04/1989 e definitivamente instalado em janeiro de 1990. Disponível em: <www.pmjb.sc.gov.br>. Acesso em: 11 abr. 2010.

feita a demarcação das terras em 1926 e foi fundada, no final dos anos trinta, a Escola Getúlio Vargas, pioneira na reserva. No ano de 1967 foi extinto o SPI e criada a FUNAI, a partir de então a condição de "ser índio" é devolvida aos Xokleng e às demais sociedades indígenas contatadas, ou seja: a transição à nacionalidade ficou interrompida. Vale mencionar que o governo, durante décadas, enxergava os indígenas como potenciais cidadãos brasileiros. Após 1967, a tutela governamental foi mantida, porém eles passariam de indivíduos em vias de integração nacional para indígenas reduzidos em suas reservas, sem contato com o mundo externo. Por tal motivo, o SPI em longas décadas de atuação, não conseguiu a integração almejada, que tornou os Xokleng "desintegrados" culturalmente e não integrados plenamente à sociedade regional. Isso se acirrou principalmente durante os primeiros anos do advento da FUNAI, cuja política administrativa voltou-se em resguardar os povos indígenas para que vivessem mais próximos possíveis de sua cultura tradicional. Ao considerar que na "Era SPI" os Xokleng sofreram transformações compulsórias, muito diferentes do que estavam acostumados antes do primeiro contato amistoso, ou seja, sem grandes traumas devido às mudanças drásticas culturais, acontecidas pós 1914.

Para este estudo analisa-se a os discursos de nacionalização dos Xokleng estabelecidos pelos funcionários do SPI. A nacionalização é iniciada em 1914 às margens do Rio Plate, na época Distrito de Hammonia, município de Blumenau, no Alto Vale do Itajaí. Desde 1910 as ordens nacionais definidas pelo SPI eram: identificar grupos indígenas, atraí-los, convencê-los a tornarem-se agricultores e pecuaristas para, enfim, integrá-los à sociedade regional. Outra hipótese da nacionalização pode ser percebida na atual condição sedentária dessa comunidade que só não se manteve agropastoril devido à tutela oferecida pelo governo federal há algumas décadas. As questões da nacionalização do século XX intensificada no governo getulista serviram de base para a discussão teórica do presente trabalho. O uso de fontes primárias, escritas desde 1910 até os anos cinquenta por encarregados dos postos indígenas, dirigentes regionais do SPI e tantos outros envolvidos nesse processo de nacionalização, forneceram informações importantes a respeito da experiência vivida pelos Xokleng. As interpretações sobre os comportamentos de resistência dos indígenas à sua modificação cultural foram documentadas por aqueles que lhes garantiram a proteção institucionalizada, conforme explanaremos no decorrer desta tese.

Se hoje somos um país com a identidade ainda em construção, com inúmeras características que nos marcam como brasileiros oriundos

de várias culturas e etnias formadoras de uma única nacionalidade pode-se dizer também que somos um povo novo com ascendências indígena, africana e europeia, seja etnicamente ou apenas culturalmente, por consequência de nossa história e adequação ao meio em que vivemos. E aqui se fala de um grupo indígena de Santa Catarina que, no início do século XX, passa por uma incisiva modificação cultural.² Esse povo errante conhecido atualmente como Xokleng, mas em outros tempos como Botocudo, começou a perder sua característica nômade a partir de 1914. Aldeado em território definido por Eduardo Hoerhann³, o povo Xokleng gradativamente sofreu transformações culturais impostas pelos representantes do Estado. É certo que a cultura está sempre em desenvolvimento, disponível para ser assimilada e, também, suscetível às mudanças e adaptações ao longo de sua prática pelos agentes humanos. No entendimento de Roque de Barros Laraia:

O antropólogo concordaria, porém, que as sociedades indígenas isoladas têm um ritmo de mudança menos acelerado do que uma sociedade complexa, atingida por sucessivas inovações tecnológicas. Esse ritmo indígena decorre do fato de que a sociedade está satisfeita com muitas de suas respostas ao meio e que são resolvidas por suas soluções tradicionais. Mas esta satisfação é relativa; muito antes de conhecer o machado de aço, os nossos indígenas tinham a consciência da

² O povo Xokleng foi contatado pacificamente somente em 1914 por agentes do SPI. Antes dessa data houve várias tentativas de contato pacífico ou de catequese que não lograram êxito, como o caso de Fioravante Esperança descrito por Silvio Coelho dos Santos em seu livro **Índios e Brancos no Sul do Brasil** de 1973. Na segunda metade do século XIX esses indígenas passaram a ser perseguidos e exterminados por grupos genocidas denominados bugreiros. Apesar do contato pacífico em 1914, os Xokleng perderam em alguns anos o traço mais importante de sua cultura: o nomadismo.

³ Líder da expedição e responsável pelo Posto de atração Plate, principal posto da região do Vale do Itajaí localizado à margem do rio de mesmo nome; renomeado em 1920 para Posto Indígena Duque de Caxias. Hoerhann exerceu as seguintes funções no decorrer de sua vida: auxiliar fotógrafo; Encarregado do Posto Indígena de Atração (PIA) do rio Plate; Encarregado do PIA do alto rio Krauel; Encarregado do Posto de Vigilância e Atração do Rio São João que atendia os vales do rio São João e Liberdade; Encarregado do Posto Indígena Duque de Caxias de 1920 a 1954. MINISTERIO DA AGRICULTURA - SERVIÇO DE PROTEÇÃO AOS INDIOS - 7ª INSPETORIA REGIONAL. Ficha funcional de Eduardo de Lima e Silva Hoerhann. Documento sem data.

ineficácia do machado de pedra. Por isso, o nosso machado representou um grande item na atração dos índios.⁴

Situação que não poderia ser diferente com a comunidade Xokleng que antes de 1914 se manteve isolada por séculos. Ao entrar em choque com os colonos que se estabeleciam em progressão geométrica no Alto Vale do Itajaí, esses indígenas conheceram o aço e logo perceberam a sua superioridade em relação às ferramentas líticas. Tão logo lhe elegeram uma utilidade peculiar:

Coloquei também, algumas pontas de flechas, feitas de pedra. Estas pontas de flechas, foram usadas, antigamente, pelos avós dos índios que aqui pacifiquei em Setembro de 1914. Estes, usavam (e usam ainda hoje) pontas de madeira, para caça e de ferro (roubado dos brancos) para caça grossa e guerra.⁵

Donde podemos supor que utensílios e armas de pedra lascada já não eram fabricados há um bom tempo, pois a matéria-prima havia sido substituída por um componente mais durável. Isso mostra uma modificação cultural que a Antropologia classifica de aculturação:

A Antropologia usa o termo “aculturação” para expressar esse processo de relacionamento e de incorporação de itens culturais de uma cultura por outra. *Aculturação* é um dos termos criados pela Antropologia mais usados pelo público em geral. Por exemplo, é usado para representar as mudanças culturais que se operam nas sociedades indígenas; ou nos contingentes de imigrantes em seus novos países. Frequentemente, entende-se que a aculturação de um tal povo leva a *integração* desse povo a uma entidade política maior, uma nação-estado, como o caso dos povos indígenas do Brasil. Ou à *assimilação* dos imigrantes, como o caso dos italianos no sul do Brasil, ou dos japoneses em São Paulo. Porém, há

⁴ LARAIA, Roque de Barros. **Cultura, um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007. p. 95.

⁵ HOERHANN, Eduardo de Lima e Silva. [Carta] 3 dez. 1932, Ibirama. [para?] If. Artigos que foram enterrados em um poço, no interior de um recipiente de vidro, na função de uma “cápsula do tempo”.

que se entender que o processo aculturativo não é inexorável, irreversível, pois acontece de haver uma reação cultural que faz com que um determinado povo se retraia e volte a ser algo próximo do que era antes. Também é preciso contextualizar que o processo aculturativo se dá frequentemente por meios políticos e militares, pela dominação de uma nação sobre outra. Nesse caso, as mudanças são, em geral, forçadas, fazendo com o que a resistência cultural se transforme em aceitação e acomodamento com a nova dinâmica intercultural e interétnica.⁶

Nathan Wachtel definiu os tipos de aculturação existentes, acontecidos desde que um determinado povo entrou em contato físico com outro. Para que haja aculturação é necessário, no mínimo, a participação de duas culturas distintas, isso pode acontecer por imposição da cultura dominante ou de forma espontânea. Podemos indicar como exemplo de aculturação imposta a situação da maioria dos povos existentes antes da chegada dos europeus na América. Por outro lado, é perceptível que os indígenas adquiriram muitas coisas de forma espontânea, como Wachtel nos esclareceu: nem tudo que foi trazido por esses colonizadores pioneiros era visto com desconfiança ou como algo negativo.⁷ Como explica Roque Laraia, o conceito de aculturação existe na antropologia alemã desde o início do século passado, e chegou aos antropólogos anglo-saxões em fins dos anos vinte. No Brasil a partir dos anos cinquenta através da obra *Estudo de aculturação dos grupos indígenas brasileiros*, de Eduardo Galvão.⁸ Atualmente, conforme definiu Mércio Gomes o uso do termo *assimilação* é mais apropriado em virtude de se compreender o dinamismo cultural, ou seja, toda cultura é dinâmica, e transforma-la, não significa perde-la, uma vez que muitos povos podem manter sua língua e algumas práticas ritualísticas. Para Mércio Pereira Gomes pode ser assim definida:

⁶ GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 42.

⁷ WACHTEL, N. A aculturação. In: LE GOFF, J. NORA, P. **História – Novos Problemas**. 2º ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979. p. 116. IN: HOERHANN, Rafael. **O Serviço de Proteção aos Índios e os Botocudo – A política indigenista através dos relatórios**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Orientadora: Ana Lúcia Vulfe Nötzold. 2005, p. 58. Disponível no sítio: <http://www.tede.ufsc.br/teses/PHST0236.pdf>

⁸ LARAIA, Roque de Barros. **Cultura, um conceito antropológico**.

Cultura é o modo próprio de ser o homem em coletividade, que se realiza em parte consciente, em parte inconscientemente, constituindo um sistema mais ou menos coerente de pensar, agir, fazer, relacionar-se, posicionar-se perante o Absoluto, e, enfim, reproduzir-se.⁹

Para citar o caso dos Xokleng contatados no início do século XX, e por estímulo do SPI, eles aos poucos incorporaram a atividade da pesca para incrementar a sua dieta – embora o peixe fosse considerado repulsivo, conforme explica-se no capítulo III –, assim como se tornaram especialistas na confecção de projéteis de metal para suas flechas. Desde as épocas coloniais, durante a ocupação das terras, sempre existiram povos que cooperaram com os colonizadores vindos não somente da Península Ibérica, mas também de outras partes da Europa, a saber: holandeses e franceses. Através da troca de informações ou de objetos cobiçados (metais preciosos, peles de animais, entre outros artigos) eles podiam adquirir armas de fogo, panelas de metal, tecidos, espelhos, ferramentas de aço etc.. Assim, por imposição ou espontaneamente, vários aspectos da organização social, religiosa e política das populações indígenas refletem a absorção de valores ocidentais e da espiritualidade cristã, coisas até então desconhecidas por esses povos ao longo dos séculos. Em suma, assimilação só é possível quando o contato entre dois grupos humanos distintos possuem bases culturais sólidas, que permitem incorporar uns dos outros aspectos oportunos. Conforme definiu o crítico literário Edward Said: “A história de todas as culturas é a história do empréstimo cultural.”¹⁰,

Um exemplo clássico de assimilação cultural que muitas vezes passa despercebido, principalmente para os aficionados em filmes de faroeste, é a famosa machadinha *tomahawk* que é sempre associada ao escalpo humano pelos indígenas norte-americanos, os quais faziam uso da machadinha para provar que o serviço havia sido feito. Segundo Laércio Gazinhato¹¹, por volta do século XVII, os franceses ocupantes

⁹ GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia**. p. 36.

¹⁰ Apud BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 257.

¹¹ Publicitário e jornalista, Laércio Gazinhato iniciou sua paixão por Cutelaria aos dezenove anos, logo após iniciar seu interesse por Armas de Fogo. No ano de 1986, ele e outros apaixonados por Armas lançaram a revista *Magnum*, publicação pioneira no tema na América do Sul. Em paralelo a isso, Laércio já

do continente, interessados em negociar com a população autóctone, providenciaram cópias dos machados de pedra, confeccionados em aço e baseados em modelos europeus, existentes desde a Idade Média. Aos poucos, o objeto tornou-se um dos mais cobiçados não somente pelos indígenas, mas de igual modo pelos exércitos e pelos colonos, afinal tinha serventia como ferramenta (alguns possuíam um martelo anexo no próprio corpo da lâmina), arma de guerra e útil também nos tempos de paz, pois alguns modelos serviam ainda como cachimbos.¹² Seja na guerra, no trabalho ou na paz, o *tomahawk* foi um símbolo muito expressivo de assimilação entre indígenas e europeus quando se encontraram na América do Norte. No filme *O Patriota*¹³ essa machadinha com cachimbo anexo ao corpo da lâmina aparece na condição de um objeto indígena incorporado pelos anglo-americanos que lutaram ao lado de franceses e escravos afro-americanos contra a opressão britânica e proclamaram a sua independência no final do século XVIII. Eis uma tentativa de repassar ao público que o elemento colonizador ao se afirmar como estadunidense, além de lutar em parceria com outras etnias, deveria absorver traços culturais dos povos nativos daquele continente, também adotar suas armas e a estratégia indígena de guerrilha, totalmente desconhecida pelas forças armadas europeias. No filme o personagem de Mel Gibson, depois de atacar sorrateiramente com seus filhos uma guarnição britânica, persegue um soldado, o dilacera com seu *tomahawk* e promove um verdadeiro espetáculo sangrento de ódio e vingança. Como se um simples soldado fosse representante de um rei tirânico, promotor das mais pesadas injustiças contra aqueles nascidos na América do Norte que, espontaneamente, formaram um povo bravo e carente de identidade nacional até a proclamação de sua independência.

era o único jornalista brasileiro a revelar - de forma constante, consistente e técnica - os principais nomes de nossa cutelaria artesanal e, ao mesmo tempo, escrever sobre colecionismo de lâminas. É dele a obra "Facas Bowie" que vendeu mais de 100.000 exemplares só no Brasil e é considerada uma das mais completas sobre o tema no mundo.

¹² Cf. GAZINHATO, Laércio. **Origem e variações do mais famoso tipo de machado**. Disponível em: <www.knifeco.ppg.br/tomahawk.htm>. Acesso em: 17 out. 2008.

¹³ O PATRIOTA: Diretor: Roland Emmerich. Elenco: Mel Gibson, Heath Ledger, Joely Richardson, Jason Isaacs, Chris Cooper, Tchéky Karyo, Logan Lerman. Produção: Dean Devlin, Mark Gordon Roteiro: Robert Rodat Fotografia: Caleb Deschanel. Trilha Sonora: John Williams. Duração: 178 min. Ano: 2000 País: EUA Gênero: Drama. Cor: Colorido.

Os Xokleng não tiveram acesso aos *tomahawks*, mas a uma infinidade de outros objetos adquiridos pelas frequentes investidas nas fazendas ocupantes de suas terras. Entre esses objetos, o valioso aço – em forma de machados e facões – era bem apreciado, também as enxadas deviam possuir outras tantas utilidades, uma vez que esses indígenas não praticavam a agricultura. Muitas outras ferramentas, as quais não encontravam funcionalidade aparente, tomavam forma das suas pontas de flechas e lanças:

O ferro obtinham os botocudos, antes da pacificação, nos assaltos que perpetravam contra os colonos. Material sumamente precioso este, pois que diante das vantagens sobre a pedra lascada, tornou-se-lhes imprescindível para a factura de seus armamentos. Trabalham elles o ferro, não o aquecendo, mas sim malhando-o frio, com rijas pedras arredondadas que buscam nos baixios dos rios. Facil é avaliar qual a paciencia e perseverança necessarias para dar a forma desejada a qualquer pedaço de ferro, cuja forma e dimensões em nada correspondem ao modelo desejado. Basta dizer que para apromptar uma lamina para as suas lanças, empregam mais de trez mezes, trabalhando diariamente.

Approveitam tambem o ferro para fazer pequenas facas, raspadores, e diversos outros pequenos instrumentos.¹⁴

Após 1914 outras formas de assimilação foram impostas aos Xokleng, e como apontou Mércio Gomes, elas aconteceram por meios políticos e militares. A prática protecionista ao indígena do século XX foi uma questão política que teve a orientação de experientes militares inspirados na doutrina positivista, seja nos cargos mais altos ou no próprio Ministério da Guerra. O principal agente desse processo foi uma instituição batizada de Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais (SPI-LTN), criada em 1910, que visava

¹⁴ HOERHANN, Eduardo. [Carta] 25 jan. 1921, Blumenau, distrito de Ibirama. [para] BARBOZA Luiz Bueno da Horta. Curitiba. 14f. A parte anexa a essa carta possui 23 folhas que discorrem sobre os aspectos culturais dos Xokleng. Cf. *ibidem*, p.12-13. Foi a partir dos dados indicados nessa parte anexa que o Inspetor Regional José Maria de Paula apresentou trabalho em 1922, o qual resultou na publicação da obra **Anaes do XX Congresso Internacional de Americanistas, 1924**.

pacificar os indígenas e localizar populações das zonas limítrofes com outros países a fim de nacionalizá-las. Com base filosófica positivista, a instituição era inspirada pela solidariedade e o progressismo da civilização. Para Ribeiro Junior, o positivismo é fruto do desenvolvimento científico que dominou todo o século XIX como regime definitivo da razão humana frente à substituição da metafísica, surgido da evolução progressiva, pela compreensão racional e científica do problema da ordem que determinou os elementos fundamentais da sociedade humana. Em sua doutrina, o positivismo se opõe à sociedade individualista e liberal.

Conforme Augusto Comte, criador da filosofia positivista, a ordem e o progresso são os alicerces de todo sistema político. Donde se segue que a solidariedade deve imperar na política da paz e do amor e deve substituir a ideia natural do Direito pela ideia natural do Dever.¹⁵ Guiados por esse raciocínio, os idealizadores e executores do protetorado indígena do século XX intentaram imbuir nas comunidades contatadas ações e pensamentos que possibilitassem uma evolução social monitorada pelos positivistas. Esses possivelmente se autoclassificavam como os mais indicados mentores situados no topo da elite racionalista e capazes de promover o ingresso adequado de indivíduos “perdidos” em uma determinação civilizatória harmoniosa, orientada ordeiramente pela ética, pela disciplina e no cumprimento de um dever humanitário.

Em 1918 o SPI-LTN, ou simplesmente o *Serviço*, como era descrito por seus dirigentes na documentação analisada para esta tese, voltou o seu foco apenas à questão indígena, devido ao grau de dificuldade que a mesma proporcionava ao governo. O embrenho nas matas para encontrar nações indígenas, chamá-las à nacionalidade ao transformá-las em comunidades agropastoris, sem sequer possuir modelos congruentes a seguir, foram tarefas de extrema dificuldade, para as quais o quesito *trabalhadores nacionais* foi deixado de lado¹⁶. Logo, o Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais ficou reduzido a Serviço de Proteção aos Índios (SPI). A instituição começou a atuar em Santa Catarina no mesmo ano de sua criação, em 1910, e conseguiu o seu primeiro contato amistoso com os

¹⁵ Cf. RIBEIRO JUNIOR, João. **O que é Positivismo**. São Paulo: Brasiliense, 2006. p. 24.

¹⁶ Cf. CUNHA, Manuela Carneiro (Org.). **Legislação indigenista no século XIX**. São Paulo: Editora da USP: Comissão Pró-Índio de São Paulo, 1992. p. 162.

Xokleng em 1914, liderado por Eduardo Hoerhann.

Eduardo de Lima e Silva Hoerhann nasceu em freguesia de São Francisco Xavier do Engenho Velho em Petrópolis, Rio de Janeiro, no ano de 1896. Seu pai, Miguel Hoerhann, foi instrutor de artilharia na Imperial e Real Marinha de Guerra da Áustria até 1884 na época do império austro-húngaro e Capitão-Tenente da Armada Nacional no Rio de Janeiro onde lecionou esgrima e ginástica sueca. Sua mãe, Carolina de Lima e Silva Aveline Hoerhann, pertencia à aristocracia militar luso-brasileira, cuja família apresenta vasto histórico de envolvimento em conflitos bélicos tanto em Portugal como no Brasil. Após viver mais de um ano praticamente como indígena na comunidade dos Xokleng, Hoerhann conseguiu convencê-los a se radicarem na região do Rio Plate, também que eles abandonassem as investidas contra os colonos para assim evitar retaliações. Completado esse primeiro momento da pacificação,¹⁷ Hoerhann se preocupou em legalizar uma área territorial para os indígenas, isso aconteceu somente em 1926. As terras ocupadas pelos Xokleng eram consideradas propriedades legais da Sociedade Colonizadora Hanseática. Nesse mesmo período, Hoerhann aproveitava a solidão das matas atlânticas para aprofundar seu conhecimento no estudo de línguas europeias e indígenas.¹⁸

Eduardo Hoerhann manteve correspondência com personalidades científicas nacionais e estrangeiras, pois também estudava Antropologia, Medicina, Botânica e Agronomia. Entre essas autoridades podemos citar o antropólogo Jules Henry¹⁹ – que conviveu com os Xokleng no período de dezembro de 1932 a janeiro de 1934²⁰ – e o etnólogo alemão Curt

¹⁷ A palavra *pacificação* é entendida nesta tese como o ato de tranquilizar, ou seja, no sentido de restabelecer a paz entre os indígenas e os colonos, e não no sentido de amansamento ou domesticação.

¹⁸ Cf. GOMES, M. **Memória Barriga-Verde**. Florianópolis: Lunardelli, 1990, p. 68. IN: HOERHANN, Rafael. **O Serviço de Proteção aos Índios e os Botocudo – A política indigenista através dos relatórios**. Dissertação (mestrado), p. 2.

¹⁹ Jules Henry Blumensohn simplificou seu nome em 1934 para Jules Henry. Cf. HOERHANN, Eduardo. [carta] 25 out. 1934, Ibirima. [para] HENRY, Jules. Nova Iorque. 5f. Sobre mudança de nome, Kaingang, Nazismo em Blumenau, etc.

²⁰ “I live on the reservation from December 1932 to January 1934 and my house was in the center of the Kaingang village”. HENRY, Jules. **Jungle People - Kaingang tribe of the highlands of Brazil**. Nova Iorque: Vintage Books, 1961. p. xxii.

Nimuendajú²¹ – que tinha muitas décadas de estudos sobre o Brasil e sobre as suas comunidades indígenas. Hoerhann, além da assistência médica-farmacêutica que prestava aos Xokleng, assistia também à população das cidades próximas ao posto, uma vez que isoladas dos meios rápidos de comunicação e da assistência médico-hospitalar ficava sujeita à sorte para sobreviver a qualquer enfermidade:

Há oito dias estou recebendo constantes notícias de sua zona, isto é do Caminho dos Caçadores, de uma epidemia (sic), que pelas descrições recebidas, deve tratar-se de TYPHO. Tive notícias também de que Você já está auxiliando os moradores, fornecendo-lhes remédios. Já telegrafei a Florianópolis, pedindo providências e vaccina para 100 pessoas.²²

[...] Sei, positivamente, que a sua esposa -- alias -- com certa razão -- repugnam (sic) as injeções. Mando, por isso, poderoso medicamento, que, espero, também neste caso, agirá convenientemente. Deve ser tomado tal qual o anterior: 1 comprimido 3 vezes ao dia, logo após as refeições, com a seguinte diferença: Muita água! Evitar, por isso, os alimentos líquidos, como leite, caldos, etc. Que poderão ser tomados entre as três refeições básicas, acompanhadas do remédio em questão. Contra-indicado é o uso de álcool sob qualquer forma! -- Terminada a administração do medicamento, queira comunicar-me o estado geral da enferma.²³

Os registros documentais deixados por Eduardo Hoerhann, Jules Henry e Curt Nimuendajú mostram a modificação cultural inevitável que os Xokleng e demais indígenas contatados sofreram no decorrer da

²¹ “Caro Amigo Snr Eduardo. Ambos exemplares da sua carta de 23 de Julho chegaram às minhas mãos, um mesmo na aldeia do Ponto do Pará quando lá cheguei de volta no dia 2 do mez corrente”. NIMUENDAJÚ, Curt. [carta] 14 out. 1933, Pará. [para] HOERHANN, Eduardo. Ibirama. 5f. Questões sobre identidade indígena.

²² SCHMIDT, Fritz. [carta] 17 set. 1936. [para] HOERHANN, Eduardo. Caminho dos Caçadores. 1f. Recebimento de verbas pelo Banco do Brasil e surto de tifo.

²³ HOERHANN, Eduardo. [carta] 21 jul. 1939, Ibirama. [para] BONELLI, João. 1f. Prescrição médica para esposa de João Bonelli.

existência do SPI. Hoerhann, em suas cartas na década de trinta para Henry, insistia para que o cientista visitasse urgentemente os Kaingang de Chapecó antes que muitos dos seus traços culturais desaparecessem. E de fato, foi o que aconteceu. Entretanto, na época em que manteve contato com esses cientistas, Eduardo Hoerhann não percebia que ele mesmo era o principal agente causador de tais desaparecimentos, pelo menos entre os Xokleng. Infelizmente Henry preferiu estudar grupos indígenas na Argentina a completar seus estudos com aquele grupo aparentado dos Xokleng. Já o etnólogo alemão Curt Unckel Nimuendajú, até onde se sabe, nunca esteve em Santa Catarina. Ele se dedicava exclusivamente às comunidades do norte brasileiro e trocava várias informações acerca dos indígenas com Eduardo Hoerhann e, possivelmente, com outras pessoas envolvidas com a causa indígena.

As fontes analisadas para esta pesquisa são compostas de aproximadamente 500 folhas divididas em 297 documentos. A maioria delas, cartas recebidas e cartas enviadas. Eduardo Hoerhann possuía o cuidado de mimeografar as correspondências que enviava. Infelizmente parte de seu acervo foi perdida em virtude de sua residência ter sofrido duas enchentes após a sua morte e o que restou foi resgatado pelo autor da presente tese vinte e cinco anos mais tarde na residência de um dos filhos de Hoerhann, em São José /SC. Os documentos foram encontrados em avançado processo de decomposição entre ninhadas de ratos e gambás. Grande parte deles fora recuperados por mim que em 2008 participei de um curso básico de restauração de documentos antigos na cidade de Florença, a fim de proporcionar melhor tratamento e cuidados na conservação dos papéis.²⁴ Entre os correspondentes constam Jules Henry e Curt Nimuendajú, já mencionados, e também autoridades políticas, entre prefeitos, deputados e governadores, o alto escalão do SPI, funcionários da mesma entidade, familiares, empresários fornecedores de mantimentos aos indígenas, além de outros. Quanto ao conteúdo, existem relatórios anuais de 1916, 1917, 1918, 1919, 1920, 1921, 1922, 1923, 1924, 1925, 1927, 1941, 1942, 1943, 1945, 1946 e

²⁴ Os papéis passaram pelos seguintes cuidados: primeiro foram retirados das caixas e pastas onde estavam há muitas décadas; depois higienizados, lidos e separados por assunto. Os que serviram a esta pesquisa e que se apresentavam em bom estado foram colocados separadamente em pastas numa sequência cronológica; aqueles que não apresentavam condições para restauração foram fotografados ou fotocopiados. Esse processo resultou, até o momento, na recuperação de 500 folhas, sem contar os relatórios analisados para a elaboração de minha dissertação, defendida em 2005.

1947 que tratam das atividades do Poinduca e a partir de 1941 a descrição da Escola Getúlio Vargas. Também existem ofícios para o cumprimento de ordens do SPI direcionados aos encarregados dos postos indígenas, diretrizes que deveriam ser cumpridas ao pé da letra. As correspondências entre Hoerhann e Jules Henry dissertam sobre vários assuntos – desde eventos informais do cotidiano de cada missivista até questões pertinentes acerca dos Xokleng. Henry residiu sob o mesmo teto que Eduardo Hoerhann durante os anos de 1932 e 1934 e os seus estudos originaram a sua tese de doutorado, publicada sob o título *Jungle People – A Kaingang tribe of the highlands of Brazil*, muito conhecida e estudada pela comunidade acadêmica. (Vale indicar aqui que a biblioteca da UFSC possui apenas um exemplar da obra e o mesmo se encontra em péssimas condições de uso.) Henry descreve em suas cartas os temas que ainda gostaria de estudar no Brasil, também a sua experiência com outros grupos indígenas, entre demais assuntos, os quais aparecem bem mais nas respostas mimeografadas e enviadas por Hoerhann a Henry, considera-se o parco acesso às correspondências emitidas por Henry. As fotografias a seguir mostram as condições dos documentos localizados e como estão atualmente:

Figura 1 - Documentos em 2001



Figura 2 - Documentos em 2012.



Várias cartas de Curt Unckel Nimuendajú foram encontradas e poderão ser digitalizadas e disponibilizadas. Nimuendajú foi um etnólogo muito culto e possuía vasto conhecimento da situação geral dos indígenas do país, mas a sua maior erudição dizia respeito às comunidades do norte brasileiro. Suas cartas para Hoerhann demonstram sempre um teor científico acerca de etnologia, diversas indagações e às vezes tons sarcásticos, como aqui podemos citar parcialmente:

Caro Amigo Snr. Eduardo.

Eu deveria respeitar o silencio com que o Snr respondeu a minha ultima carta de 5 de Março, mas o diabo é que si o Snr não ensina o que eu não sei e pretendo saber, ninguém mais o fará. E porisso, com a cara dura que me caracteriza, farei agora nova tentativa. Fiquei porem consideravelmente mais modesto, depois da sua ultima “resposta” e não vou mais caceteiar a ninguém com esquemas sociologicos. Sómente lhe peço que me indica (sic) no croquis que junto lhe remetto, o seguinte:

1. A area da maior expansão conhecida dos Botocudos, desde que o Snr tem noticia delles. As minhas noções a esse respeito são muito incompletas. Parece-me que em fins do seculo passado ainda alcançavam a região do Itapocú.²⁵

²⁵ NIMUENDAJÚ, Curt. [carta] 27 ago. A bordo do Pacific Atlântica, 8º lat. 3, 1934. [para] HOERHANN, Eduardo. Ibirama, 1f. Informes etnológicos acerca dos Xokleng.

Curt Unckel foi um cientista que conviveu diretamente com vários povos indígenas, como os Tembé, os Timbira, os Urubu-Kaapor do Gurupi e os Apapokuva-Guarani. Estes últimos o adotaram ritualisticamente e foi deles que recebeu o nome Nimuendajú – “o ser que cria seu próprio caminho”. O cientista teve uma vivência por mais de quarenta anos com os indígenas, iniciada em 1903 até o seu falecimento na comunidade Ticuna, perto do rio Solimões no Amanozas, no fim do ano de 1945.²⁶ Curt Nimuendajú era como assinava as cartas enviadas para Hoerhann e para Henry. Vale dizer que ele deixou registradas muitas informações referentes às suas pesquisas e indagações, as quais continuam oportunas e serão analisadas no desenvolvimento desta tese.

Os documentos se encontram datilografados e também manuscritos e muitas vezes na segunda condição, existiu a dificuldade em entender a caligrafia de quem os registraram. Todas as citações foram mantidas na estrutura original da escrita, inclusive grifos, uso continuado de letras maiúsculas, erros ortográficos e características gramaticais da língua portuguesa, que atualmente se encontram em desuso.

Dentre as obras específicas ao tema – não comentaremos todas por questões óbvias de tempo e espaço – fizemos uso dos estudos clássicos de Sílvio Coelho dos Santos, a saber: *Índios e Brancos no Sul do Brasil*; *A dramática experiência dos Xokleng*, de 1973; e *A integração do índio na sociedade regional*, de 1969. Tais obras discorrem acerca do processo de integração da comunidade Xokleng, de seus aspectos culturais, dos conflitos com a colonização, do etnocídio e do Serviço de Proteção aos Índios. Coelho dos Santos entrevistou muitos informantes indígenas e pesquisou falas de antigos presidentes de províncias, relatórios do SPI e periódicos que circulavam nas colônias alemãs do Alto Vale do Itajaí entre os séculos XIX e XX. Além disso, conseguiu alguns informes com Eduardo Hoerhann no final dos anos sessenta. *Índios e Brancos no Sul do País* é possivelmente a obra mais relevante sobre esta temática. *Jungle People* de Jules Henry publicada em 1941, mas com dados apurados na década de trinta, considerou que os Xokleng em processo de nacionalização ainda viviam em seu modo tradicional, ou seja, na qualidade de indígenas isolados. Henry foi pioneiro em realizar estudos antropológicos vinculados a uma universidade estadunidense e também o primeiro estrangeiro a estudar a sociedade Xokleng. Sua obra continua importante, pois fornece detalhes

²⁶ **Quem é quem na história do Brasil.** São Paulo: Abril, 2000. p. 352.

dos aspectos religiosos, econômicos e sociais, em pleno processo de extinção, da época em que o antropólogo residiu no Posto Indígena Duque de Caxias entre os anos de 1932 a 1934.

Para uma análise da situação indígena em âmbito nacional e de seus inúmeros métodos de integração, seja por assimilação étnica a cultural nos tempos do Brasil colônia ou as teorias e prática de proteção indígena dos séculos XIX e XX, utilizou-se as obras de Darcy Ribeiro *Índios e a Civilização*, de 1970, e *O Povo Brasileiro*, de 1995. A primeira disserta especificamente sobre as intervenções protecionistas do século passado para com a maioria dos povos indígenas brasileiros e algumas de suas consequências. A segunda descreve a formação étno-histórica do povo ao mostrar as características de cada região do país e a maneira pela qual cada uma dessas regiões foi ocupada, explorada e colonizada. Atendo-se principalmente à região sul que, de acordo com Ribeiro, foi formada e habitada por gaúchos (descendentes de indígenas, espanhóis e portugueses), matutos açorianos e gringos, esses últimos, imigrantes europeus.

Marilena Chaui em sua obra *Brasil mito fundador e sociedade autoritária*, publicada no ano 2000, desmistifica vários aspectos acerca de fatos históricos e indica que muitos desses ainda são considerados heroicos porque visam manter os interesses das elites governamentais brasileiras. Interesses tais que buscavam em um nacionalismo inventado, componentes para a fixação de ideais autoritários a fim de obter o controle do corpo e da mente de seus habitantes. Com uma abordagem semelhante, Alcir Lenharo em *Sacralização da Política*, de 1986, nos mostra a política utilizada como instrumento sacro, principalmente na era de Getúlio Vargas quando o sentimento pátrio foi enaltecido e se buscava formas para definir o ideal de cidadão brasileiro, desde suas características étnicas até o seu preparo físico e mental, para se tornar um trabalhador soldado de seu próprio ofício e dominado pelo Estado. Outra obra relevante para esta pesquisa intitula-se *Um grande cerco de paz. Poder tutelar, indianidade e formação do Estado no Brasil*, autoria de Antonio Carlos Souza Lima, em que se analisa amplamente a trajetória do SPI em todos os seus ministérios. Os anexos presentes no livro esclarecem as hierarquias criadas durante a atuação da entidade e seus principais nomes, como José Maria de Paula e Paulino de Almeida, que exerceram o cargo de inspetores regionais responsáveis pela Região Sul.

Como suporte para o emprego e definição de alguns conceitos fizemos uso do *O que é Ideologia* da autora Marilena Chaui; *Cultura Brasileira – Temas e Organizações*, obra organizada por Alfredo Bosi;

O que é Positivismo de João Ribeiro Junior; *Cultura, um conceito antropológico* de Roque Laraia; entre outros títulos de cunho antropológico, os quais nos auxiliaram a compreender melhor a temática da nacionalização do indígena.

Priorizou-se ainda os relatos de viajantes que estiveram em contato com indígenas em Santa Catarina ou registraram suas aparições desde o século XVIII até o século XX. Uma parte desses relatos se encontra digitalizada e disponível em sítios da internet. Outra parte se encontra publicada pela *Revista Blumenau em Cadernos*, onde existe uma infinidade de escritos deixados por viajantes alemães que estiveram no Alto Vale do Itajaí e perpetuaram as suas impressões sobre os primeiros habitantes da região, a qual se encontrava no auge da colonização. Um desses registros gerou o livro *Vivências e Narrativas de um blumenauense*, publicado em 2011, que relata as experiências do imigrante alemão Theodor Kleine: a fixação de sua família no final do século XIX na região, as suas viagens pelas terras catarinenses, os ofícios por ele praticados e, principalmente, o seu temor mediante ao indígena. Até o momento, esse é o relato mais completo acerca dos aspectos das áreas coloniais de Santa Catarina utilizado para a presente tese. Neste ano de 2012 a revista *Blumenau em Cadernos* começou a publicar a tradução da monografia escrita pelo médico Hugo Gensch, de quem falar-se-á adiante, apresentada no XVI Congresso Internacional de Americanistas em Viena no ano de 1908. A monografia aborda a questão indígena em Santa Catarina e a experiência de adoção vivida por uma menina Xokleng. A repercussão da monografia de Gensch foi uma das causas que levaram o governo brasileiro a criar o Serviço de Proteção aos Índios em 1910. A tradução será publicada em quatro fascículos. A revista também traduz e publica cartas de imigrantes alemães e artigos dos extintos jornais *Blumenauer Zeitung* e *Urwaldsbote*, feitos esses que dinamizaram nossas pesquisas no campo da língua alemã. Reportagens publicadas em jornais, a saber: *O Estado*, *O Tempo* – ambos de Florianópolis – e *A Cidade* – este de Blumenau –, noticiaram relatos acerca do primeiro contato entre o SPI e os Xokleng, também acerca da visita do deputado Adolpho Konder ao Posto Indígena Duque de Caxias e de outros acontecimentos relacionados aos indígenas. *O Estado* publicou uma entrevista com Eduardo Hoerhann no ano de 1973 onde se constatou o arrependimento desse personagem em relação a todo o seu trabalho realizado através do SPI. Outra entrevista utilizada nesta tese foi concedida por Hoerhann às Rádio Blumenau e Rádio Estadual de Ibirama no ano de 1968, devido às comemorações do septuagésimo aniversário da cidade de Ibirama. As

fitas originais estão em propriedade do senhor Marcondes Marchetti que disponibilizou uma cópia em CD no ano de 2005. Dentre todas as entrevistas, a de Silvio Coelho dos Santos no ano 1999 foi a mais utilizada para este trabalho. Nela, o entrevistado contou a origem de seu interesse pela temática Xokleng e também a sua trajetória acadêmica. A entrevista está disponível no Laboratório de História Oral da Universidade Federal de Santa Catarina e em vias eletrônicas. Basicamente, foram essas as fontes pesquisadas para a análise da nacionalização dos Xokleng promovida pelo Serviço de Proteção aos Índios.

No capítulo I desta tese explana-se a discussão sobre o tratamento governamental com os povos indígenas aos olhares de Darcy Ribeiro, José Carlos Reis, Marilena Chaui, Alcir Lenharo e outros. Apresenta-se o incômodo que a presença indígena causou aos governantes da colônia portuguesa à república brasileira e o modo pelo qual os indígenas foram tratados até a proteção governamental do século XX.

No capítulo II, analisa-se a criação do Serviço de Proteção aos Índios, suas diretrizes e, também, o contexto em nível nacional. O foco desse capítulo será a atuação do SPI no Estado de Santa Catarina, mais precisamente na região do Alto Vale do Itajaí. Frente a isso, discute-se o processo de inclusão e exclusão do indígena, o qual caracterizou a entidade no decorrer dos seus 57 anos de existência. Por fim, os motivos que levaram a substituição do SPI pela FUNAI.

O capítulo III apresentará uma discussão sobre as atividades do SPI em Santa Catarina, onde começou a atuar no ano de 1910, sobre os principais agentes da integração social do Xokleng e também sobre o longo processo de demarcação das terras para os indígenas em 1926, processo esse que contou com o auxílio governamental de Adolpho Konder – ele se tornou governador de Santa Catarina no final do mesmo ano.

No capítulo IV abordaremos a fase posterior à demarcação de terras e a situação dos indígenas já visivelmente divididos entre resistentes e assimilados, como bem observou um jornalista que lá esteve no ano de 1927. Será discutido, ainda, a relação de Hoerhann com os cientistas Jules Henry e Curt Nimuendajú durante a década de trinta e a função integradora da escola Getúlio Vargas a partir de 1941, instituição essa que exaltava o civismo e o patriotismo dos alunos, indígenas em sua maioria. A análise proposta nesse capítulo irá até o ano de 1954 quando Eduardo de Lima e Silva Hoerhann, que após 40 anos na liderança do Poinduca, foi destituído de seu cargo por ter sido acusado de participar do homicídio de Basílio Priprá, um Kaingang

mestiço. Observar-se-á que Hoerhann ficou encarcerado durante dois anos e que foi inocentado do processo pela justiça; mesmo assim não pôde retornar à sua função, fatos que acarretaram mudanças bruscas na Reserva Duque de Caxias, como será explanado posteriormente.

CAPÍTULO I – NACIONALIZAÇÃO E ASSIMILAÇÃO INDÍGENA: DA COLÔNIA À REPÚBLICA

Darcy Ribeiro defende que os portugueses prosperaram no Brasil devido ao seu caráter mourisco e mestiço dos povos ibéricos.²⁷ O antropólogo considera Portugal uma nação euro-africana por causa da longa dominância dos mouros na Península Ibérica. Porém, não se pode afirmar que o espírito desbravador e as técnicas de navegação foram herdados exclusivamente dos mouros que habitaram por setecentos anos as terras de portugueses e espanhóis. Isso seria algo equivalente a aproveitar as melhores partes de uma cultura para depois expulsá-la do país. Ribeiro demonstra que os portugueses já eram mestiços em seu país porque possuíam em sua totalidade sangue de povos não europeus e, devido a isso, não encontravam muitos problemas em conviver com indígenas e africanos. Portugal pode também ter herdado o espírito dos antigos romanos de dominar os povos conquistados através da cultura e não do caráter étnico. Era mais viável nacionalizar os povos conquistados do que segregacioná-los, pois isso os tornavam cidadãos romanos a serviço de um único imperador. Os mouros contribuíram muito para a construção da cultura lusitana e não há como desconsiderar isso, entretanto, em sete séculos não foram capazes de impor o seu idioma – exceto adicionar algumas palavras – nem mesmo a sua religião. Caso contrário, hoje falaríamos o idioma árabe e seríamos uma nação islâmica, o que, de fato, não ocorre. Vale à pena destacar que Portugal por si só não deve receber todos os méritos da colonização e com isso a conquista de vastos espaços territoriais. Portugal, sim, deu início a esse processo, mas seus filhos miscigenados com indígenas, conhecedores das florestas hostis e adaptados ao clima tropical, deram sequência a essas conquistas. Brasileiros natos de espírito aventureiro português, mas de caráter indígena, foram os principais desbravadores do país, subjugadores de nações autóctones e responsáveis pela importação de escravos africanos para os trabalhos subservientes. Portanto, os brasileiros possuem o mérito de dar continuidade ao que os portugueses iniciaram.

Um dos primeiros historiadores brasileiros, Francisco de Varnhagen (1816 - 1878), conta que os cristãos da época colonial não se envergonhavam de roçar o mato ou de cavar a terra com a enxada ao lado dos indígenas, esses eram considerados como amigos por eles. Ao

²⁷ Cf. RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 246-7.

cativar o indígena da própria capitania, os donatários estavam em menor número e só consideravam legitimamente seus os cativos de guerra. Para o historiador, a prática fundada no chamado direito dos vencedores tinha tendências civilizadoras e em alguns pontos chegou a produzir o influxo benéfico de poupar muitas vidas. Os colonizadores portugueses fizeram com que os mesmos ‘vencedores’ as guardassem para resgatar com seus patrícios os prisioneiros que segundo os hábitos indígenas deveriam ser mortos.²⁸

Com o processo crescente da ocupação de grande parte da Amazônia surge aos poucos uma nova população, herdeira de uma cultura tribal adequada para se adaptar à floresta. Tal população falava uma língua indígena, reconhecida como a língua da civilização, aprendida de brancos e mestiços. Esse novo ser humano identificava as plantas e os bichos da mata, as águas e as formas da vida aquática, as lendas tribais, entre outras coisas. Sua subsistência era garantida através de roçados de mandioca, de milho e de algumas outras dezenas de culturas tropicais, essas também herdadas dos indígenas. Além disso, ao modo indígena tradicional, os indivíduos: pescavam e coletavam, caçavam e, também, navegavam.²⁹ De acordo com Darcy Ribeiro, ao longo de cinco séculos surgiu e se multiplicou uma vasta população de gentes “destribalizadas”, “desculturadas” e “desmestiçadas” que são os frutos e as principais vítimas da invasão europeia. No curso de um processo de metamorfose étnica tais pessoas se tornaram “indígenas genéricos” sem língua, nem cultura própria e sem identidade cultural específica. A eles se uniram mais tarde muitas quantidades de mestiços, geridos por brancos e mulheres indígenas, que falavam o tupi e se dissolveram na condição de caboclos.³⁰

O Brasil sulino de Darcy Ribeiro foi habitado por gaúchos, matutos e gringos. Compreende a atual região sul do país que foi povoada inicialmente pelos indígenas e colonizada em grande parte pelos espanhóis e incorporada ao Brasil pelos paulistas desbravadores. Ao contrário do que os paulistas e espanhóis fizeram em outras regiões, como a extração mineradora, a economia natural caipira e a expansão da cafeicultura. A região sulina apresenta modos de vida tão distintos que não pode ser incluída naquela configuração sulista e nem mesmo ser considerada uma área de cultura homogênea. A característica básica da região sul é a sua heterogeneidade cultural, se comparada às outras

²⁸ Cf. VARNHAGEN, Francisco. **História**. São Paulo: Ática, 1979. P. 70.

²⁹ Cf. RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**. p. 313.

³⁰ *Ibidem*, p. 317.

regiões do país. Os modos de vida nacional das três etnias formadoras do povo brasileiro tiveram uma participação diferenciada no contexto sulino. Assim, tem-se os lavradores, chamados de matutos por Darcy Ribeiro, de origem principalmente açoriana e que ocuparam o litoral do Paraná para o sul; também os representantes atuais dos antigos gaúchos das zonas de campos da fronteira do rio Plata e das regiões pastoris de Santa Catarina e do Paraná; e, finalmente, a formação chamada de gringo-brasileira dos descendentes de imigrantes europeus.³¹

Afinal, que os governantes brasileiros queriam ser após sua ruptura com Portugal? De fato se tornou o que almejavam? Para José Carlos Reis a resposta advinda das elites brancas que se consideravam promotoras da independência era a de que o Brasil queria continuar a história que os portugueses iniciaram na colônia. A identidade nacional não seria feita baseada no rompimento com a civilização portuguesa, pois esse rompimento seria apenas político e não cultural. Para tais elites os lusitanos representavam a Europa, a civilização, as luzes, o progresso, a razão e a cristandade. Logo, tudo o que não queriam ser era uma nação nova que esquecesse os valores trazidos de Portugal. A elite não queria ser indígena, negra, republicana, latino-americana e laica. Os dirigentes brasileiros aspiravam à condição de lusitanos, o que os incentivaria a rejeitar o seu lado nativo-brasileiro. O ideal de Brasil seria uma continuidade portuguesa com a identidade construída e firmada pelas elites brancas, pelo Estado e pela Coroa. Agora, os brasileiros possuiriam sua própria Coroa, o Brasil seria um novo Portugal. É nesse contexto que aparece o historiador oficial do novo país, Francisco Adolfo de Varnhagen, filho de um engenheiro militar alemão e de uma portuguesa. Varnhagen possuía exatamente esta visão de história brasileira no seu livro *História Geral do Brasil* citado por José Carlos Reis: a colonização foi um grande feito português, além de ser muito bem sucedida. A prioridade de Varnhagen era mostrar um país construído através de grandes ações heroicas de portugueses e brasileiros brancos. A maior parte da população brasileira deveria ser ignorada por ser negra, indígena, mestiça e pobre, pois era considerada como um atraso para o progresso nacional.³² A visão de Varnhagen é exatamente a de um elitista frequentador da corte imperial, é, então, a visão do conquistador português, na qual o europeu venceu a luta colonial e perpetuou sua ideia ocidental de mundo. De início, esse

³¹ Ibidem. p. 405.

³² Cf. REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil 1. de Varnhagen a FHC.** Rio de Janeiro: FGV, 2007. p. 31-32.

historiador legitima a ocupação das terras brasileiras pela coroa portuguesa, a partir de 1494, com o Tratado de Tordesilhas, assinado pelos dois reinos da Península Ibérica diante do Papa. Um extenso espaço de terra ocupado por inúmeras comunidades nativas, que não constituíam exatamente uma nação unificada, precisou de uma mão de ferro europeia para colocar ordem e para promover a “civilização” dos dominados.

Em seu outro livro – *História*, Varnhagen defende que o trabalho dos jesuítas apenas tornou o indígena mimado e insolente e que, ao mesmo tempo, através da persuasão, ele era coagido a trabalhar como escravo nas missões.³³ Não se pode negar que a ação dos missionários pretendia civilizar o indígena ao transmitir a eles valores desconhecidos, a saber: valores cristãos e civilizatórios. Os indígenas não tiveram a opção de adotá-los ou não, isso foi feito de maneira autoritária por decisões que se transformaram em obrigações. Para os jesuítas, segundo Kern, fazia-se necessário converter os indígenas em seres políticos e “humanos” e o único modo era confiná-los nas Reduções e numa certa concentração urbana. Um processo lento que aos poucos prepararia o confinado a adquirir pensamento racional e analítico do europeu medievo, como também perder seus costumes bárbaros e selvagens.³⁴ Isso leva a pensar que talvez os indígenas não tenham feito diretamente essas escolhas, mas ao saberem que a maioria de seus irmãos de sangue estava em uma situação muito pior, poderiam decidir, em tese, sobre seu futuro: antes confinados e dedicados ao trabalho regular, para a confecção de suas vestes, ferramentas e alimentação garantida, do que viver nas matas sem a ciência de seu destino. Era a iminência do açoite, do ferro incandescente em suas nádegas, da escravidão e da morte frente à vida em comunidades disciplinadas, nem tão livres como a permanência nas matas nem tão cruéis sob o jugo bandeirante. Fernão Cardim, jesuíta português nos dá uma ideia de como era o cotidiano nas missões brasileiras nos fins do século XVI:

O Collegio tem três mil cruzados de renda, e algumas terras adonde fazem os mantimentos; residem nelle de ordinário sessenta; sustentam-se bem de mantimentos, carne e pescados da terra; nunca falta um copinho de vinho de Portugal, sem

³³ Cf. VARNHAGEN, Francisco A. de. **História**. São Paulo: Ática, 1979. p. 73-74.

³⁴ Cf. KERN, Arno A. **Missões: uma utopia política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p. 99.

o qual não se sustenta bem a natureza por a terra ser desleixada e os mantimentos fracos; vestem e calçam como em Portugal; estão bem empregados em uma lição de Theologia, outra de casos, um curso d'artes, duas classes de humanidades, escola de ler e escrever; confessam e pregam em nossa igreja, sé, etc. Outros empregam-se na conversão dos índio, e todos procuram a perfeição, com grande cuidado e serve-se Nosso Senhor muito deste collegio, ao qual será a honra e a gloria (XII). Depois da renovação dos votos, quis o padre ver as aldeias dos índios brevemente para ter algumas noticias dellas. Partimos para a aldea do Espírito Santo (XIII) sete léguas da Bahia, com alguns trinta índios, que com seus arcos e frechas vieram para acompanhar o padre e revezados de dous em dous o levaram numa rede. Os mais companheiros íamos a cavallo, os tapyaras (XIV) sc. Padres moradores iam a pé com suas abas ma cinta, descalços como de ordinário costumam. Aquella noite nos agasalhou um homem rico (XV), honrado, devoto da Companhia, em uma sua fazenda, com todas as aves e caças e outras muitas iguarias, e elle mesmo servia à mesa. Ao dia seguinte dissemos missa ante-manhã, a qual acabada já o almoço estava prestes de muitas e varias iguarias, que nos ajudaram a passar aquelle dia muitos rios caudaes. Um delles passaram os índios o padre na rede, pondo-o sobre as cabeças, porque lhes dava a água quase pelo pescoço, os mais passamos a cavallo com bem de trabalho. Passado este chegámos ao grande rio Joannes; este passamos em uma jangada de páus levíssimos, o padre visitador ia na jangada sobre uma sella, por se não se molhar e os índios a nado levavam a jangada.³⁵

Esse relato, entre muitos outros presentes nas anotações do Padre Cardim ao longo dos anos de 1580, e ao qual o próprio Varnhagen teve acesso, possivelmente o induziu a concluir um tipo de escravidão existente dentro dos muros das missões. Aqui podemos perceber a

³⁵ CARDIM, Pe. Fernão. **Tratados da terra e gente do Brasil**. Rio de Janeiro: Editores J. Leite & CIA., 1925. p. 290-291.

subserviência dos indígenas aos religiosos possuidores de cargos eclesiásticos. Seria uma submissão peculiar dos povos indígenas cristianizados ou uma característica de todos os cristãos daquela época? A autoridade do sacerdote naqueles tempos era incontestável e indiscutível. Os padres missionários trouxeram de certa forma para os indígenas uma esperança: a garantia de sua sobrevivência, uma vez que estivessem integrados em tal tipo de sistema. Logo, não se pode definir esse modo de vida como uma escravidão aos moldes praticados pelos bandeirantes paulistas. Os jesuítas perceberam nas novas terras localizadas uma multidão de almas puras, perfeitas para aceitação da cristandade, afinal a autoridade papal estava sendo questionada na Europa pelos adeptos da Reforma Protestante. Ao contrário dos colonizadores escravocratas, os jesuítas reconheceram a humanidade dos indígenas e viram neles a possibilidade de conversão católica de milhares de indivíduos existentes no continente americano. Uma vez integrados à fé cristã, os indígenas não deveriam ser escravos, mas sim trabalhar de maneira cooperativa para o seu próprio bem e o da comunidade a que pertenciam. Os religiosos foram atraídos por causa das propagandas divulgadas na Europa pelos primeiros desbravadores: existia uma terra mágica, farta de belezas e riquezas naturais, com habitantes bonitos, nus, impúberes e imberbes – uma gente receptiva e, em um primeiro olhar, de caráter inocente, típico de almas puras e isentas da maldade humana. Pero Vaz de Caminha já havia registrado tais características edênicas e propagandeado nas cortes portuguesas as mesmas observações. De acordo com o historiador Valmir Muraro as correspondências e crônicas dos exploradores e também dos catequizadores projetavam imagens de um verdadeiro paraíso a respeito das terras localizadas. Eram verdadeiros prospectos bíblicos: ambiente agradável e animais silvestres mansos. E os habitantes? Todos sem fé, lei ou rei, aparentemente aptos a receber a evangelização salvadora.³⁶ Apesar dessa classificação paradisíaca feita pelos primeiros navegadores que aqui aportaram, a escravidão foi uma alavanca para o desenvolvimento mercantil das colônias.

Segundo a filósofa Marilena Chauí, as teorias desenvolvidas pelos teólogos da Contra-Reforma na Universidade de Coimbra eram inspiradas nas ideias do direito natural objetivo e subjetivo. A teoria do direito natural objetivo apresenta Deus como legislador supremo e, logo,

³⁶ Cf. MURARO, Valmir F. Brasil: 500 anos de história messiânica e providencialista. **Revista Ágora**, Florianópolis, v. 14, n.29, 1999, p. 10-11. Florianópolis: AAA/SC, 1985. p. 10-11.

a existência de uma ordem jurídica natural criada pelo Ser Supremo que ordena de maneira hierárquica os seres, ou seja, de acordo com a sua perfeição e o seu grau de poder, isso é determinante para as relações nas obrigações de mando e de obediência entre esses graus. Aqui, o superior, naturalmente, comanda e subordina o inferior, e esse lhe deve obediência. Por outro lado, o direito natural subjetivo teoriza que o homem, porque é dotado de razão e vontade, é um detentor nato das noções naturais de bem e de mal, certo e errado, justo e injusto; tal sentimento é o direito natural, fundamento da sociabilidade espontânea, uma vez que o homem é por natureza um ser social.³⁷ Será visto no capítulo seguinte que o SPI-LTN não seguia a orientação cristã e que os seus métodos encontravam inspirações em uma filosofia laica sob a ordem e o progresso.

No estado de Santa Catarina do Brasil republicano a nacionalização dos Xokleng aconteceu somente no princípio do século XX, a partir de 1914, com o primeiro contato amistoso promovido pelos agentes do SPI. Os Xokleng abandonaram gradativamente a vida nômade, característica possivelmente mais forte desse grupo indígena. Sua base alimentícia era, sobretudo, a caça, entre as preferidas: anta e porcos selvagens. Eles precisavam se deslocar frequentemente em busca das caças, considerando que não praticavam nenhum tipo de agricultura, e por isso não lhes era apropriado fixarem-se apenas em um local. Antes do contato, esses indígenas viviam da caça, da coleta e dos saques aos colonos locais; preferiam passar fome a pescar nos inúmeros rios presentes na área. Conforme os relatórios de Hoerhann, a pesca foi adotada pelos Xokleng a partir de 1916, quando esses indígenas aprenderam tanto a apreciar o alimento como o ato de pescar. Os Xokleng até então não se dedicavam à pesca. O porquê disso encontra-se em uma versão que afirma que os Xokleng certa vez viram um dos seus integrantes experimentar um peixe e morrer por ter sido engasgado pelas espinhas – o fato causou a repulsa coletiva desse povo pelo animal aquático durante várias gerações. Existe ainda outra versão, descrita por um não indígena sequestrado pelos Xokleng quando tinha sete anos de idade, em meados do século XIX. Tal versão não indica o porquê da repulsa ao consumo de peixes pelos Xokleng, mas deixa evidente o fato:

A pesca, estranhamente desconhecem e assim ficam privados de uma rica fonte de alimentos,

³⁷ Cf. CHAUI, Marilena. **Brasil, mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Perseu Abramo, 2000. p. 63-64.

fácil de obter e que existe farta e abundante. Nunca cheguei a saber a razão porque desprezam peixe, que lhe causa tanto nojo quanto ao branco causaria vê-los comer madeira, cupins, térmitas, carrapatos e até mesmo piolhos dos quais se alimentam sofregamente.³⁸

Não obstante, já nos primeiros anos da pacificação, o SPI inseriu na cultura Xokleng dois aspectos: fixação do grupo em um território comum e o incremento do peixe em sua dieta. Dois fatores que até então se apresentavam como imutáveis a esse povo, durante décadas ou, talvez, centenas de anos³⁹ – sobre isso somente a arqueologia possui condições para precisar os dados.

Sobre o nomadismo Claude Lévi-Strauss descreveu como os missionários salesianos conseguiram ser mais eficazes para converter os indígenas Bororos à vida sedentária: bastava organizar suas casas em fileiras dentro das missões, conforme faziam originalmente nas aldeias. Desse modo, o indígena sentia-se desorientado a respeito de seus pontos cardeais, pois é privado da planta de localização que fornece um argumento ao seu saber. O indígena perde rapidamente o sentido das tradições, como se seus sistemas social e religioso fossem complicados demais para dispensar o esquema patenteado pela planta da aldeia e cujos contornos são perpetuamente reavivados por seus gestos cotidianos.⁴⁰ Aparentemente, foi por esse motivo que uma festa de grande importância entre os Xokleng, onde havia o rito de colocação dos botoques nos meninos e as meninas eram tatuadas no joelho esquerdo, não durou mais de cinco anos após o contato em 1914. A referência da festa desapareceu dos relatórios de Hoerhann a partir de 1918. Talvez, justamente pela razão que Lévi-Strauss observou: a desorientação dos indígenas por estarem em um espaço estranho, e não por causa do poder coativo do SPI induzindo-os a desistir de praticarem um ritual muito marcante entre os seus costumes. O “sentimento de tribo” deixou de existir em poucos anos.

Devido ao seu enfeite labial que os indígenas foram batizados de Botocudos pelos primeiros desbravadores das matas. Um enfeite

³⁸ GONÇALVES, Jeremias André. Texto de DEEKE, José. **Blumenau em Cadernos. Blumenau**, tomo XL, n. 4, abr. 1999, p. 28.

³⁹ HOERHANN, Eduardo. Relatório do Posto Indígena Plate. Mês de março, 1916.

⁴⁰ Cf. LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 207.

pontiagudo espetado no lábio inferior, diferente de outras comunidades denominadas botocudas, cujo adorno é em forma de prato, fixado de maneira diversa desses indígenas. O enfeite peculiar dos Xokleng é um dos traços que os diferenciam dos Kaingang, conforme a carta de Hoerhann ao etnólogo Nimuendajú:

Existe na lingua dêles, o termo “cóin-ngáng”, que como meu prezadíssimo Amigo, sábe, significa: macho. Ipso facto, HOMEM, tambem, é: “cóing-ngáng”. E, daí... –humanum est! – como todos os machos, pretenciosíssima e invariavelmente, sempre, á sí, arrogam o direito exclusivo, de ser “Gente”, bastas vêzes, - em meio das conversações – súrge a palavra “cóing-ngáng”, com essa acepção. Seria absurdo, porem, afirmar que a autodenominação da tribo, seja: “cóing-ngáng”. Continúa, pois, ainda de pé, momentosa questão: Como déve ser chamada esta tribo? “Ciêntistas”, houve que – não sem algum acerto – denominaram-na de: “Kaingang”. Pela lingua, -- não há a menor duvida – éstas duas tribus, são parentes mui próximas. Mas... (si não existisse o “mas”) – alem de muchissimas otras cositas mas - - Kaingang não tem beijo furado; não usou e não usa o chámado “botoque”. Mais do que isso: despreza, como vis, os bárbaros, déssa marca... Não se tinham – absolutamente – em conta de parentes, e guerreavam-se, sempre que se encontravam. (Isto verificamos, tanto de um, como de outro lado.).⁴¹

Percebe-se que na década de trinta já havia controvérsias a respeito do nome que deveriam receber os Xokleng, ou melhor, os Botocudos daquela época. Na continuação da mesma missiva, Hoerhann afirma a Nimuendajú “que os botocudos finalmente conseguiram aquilo que mais precisavam”, ou seja, de *um padrinho*. A referência era dirigida a Jules Henry que os estudava naqueles tempos. Porém ao defender e publicar a sua tese, Mr. Henry preferiu denominar os indígenas como *Povo da Selva, uma tribo Kaingang dos planaltos do Brasil*, fato que, supostamente, não deve ter agradado o indianista Eduardo Hoerhann, pois ele mesmo os chamou de *Koingang* em seu

⁴¹ HOERHANN. Eduardo. [carta] 1933, Ibirama. [para] NIMUENDAJÚ, Curt. Belém do Pará. 7f. Aspectos culturais dos Xokleng.

epitáfio e o documento apresenta ainda as várias alcunhas que eram atribuídas às subdivisões do grande grupo, como por exemplo: *Lá-crán-nón*, *Cózü-crá-nón*, *Zúgn*, entre outras. As duas primeiras alcunhas são definidas e esclarecidas somente em 1938 pelo próprio Hoerhann, supostamente levou-se em conta o significado da tradução. *Lá-crán-nón*, “os filhos do sol”, pode ter sido a designação atribuída ao grupo por causa de seu assentamento em relação ao restante da comunidade, isso de acordo com Hoerhann que sempre deixava em aberto as suas interpretações. *Cózü-crá-nón*, “os filhos da pedra”, ou mesmo, os “filhos da caverna”, “os cavernícolas”.⁴² Há muitos anos a comunidade se reconhece como Xokleng, mas o termo *Laklãnõ* nesta forma simplificada de escrita vem ganhando força com o passar dos tempos. No segundo semestre de 2011 tive a oportunidade de lecionar História do Pensamento Ocidental para uma turma de alunos Xokleng⁴³ e pude constatar a valorização dada por eles à palavra *Laklãnõ*, a qual no meu entendimento representa melhor a identidade étnica desses indígenas. Afinal, *Laklãnõ* foi um apelido que eles mesmos criaram para reconhecerem os seus iguais, e isso muitos anos antes do surgimento de uma entidade protetora. Jeremias Gonçalves, de quem falaremos no capítulo III, constatou em meados do XIX:

Nosso cacique era o chefe supremo de um grande ramo de botocudos. Mas como nem todos podiam sustentar-se num único lugar, ele os dividiu em vários grupos, dando a cada facção, um chefe, seu subalterno, sob o comando do qual, o grupo repartido percorria a floresta, podendo assim viver melhor.

Todos os anos, esses diversos grupos se reuniam numa época predeterminada e em local previamente combinado para celebrar a “festa da irmanação” que era a comemoração que era realizada.⁴⁴

⁴² HOERHANN, Eduardo. [Carta] 1938, Ibirama. [para] NIMUENDAJÚ, Curt. Belém do Pará. 4f. Definições e nomenclaturas.

⁴³ Curso de Graduação em Licenciatura dos Povos Indígenas do Sul da Mata Atlântica. Oferecido pela UFSC aos Guarani, Kaingang e Xokleng. **Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 2011.**

⁴⁴ GONÇALVES, Jeremias André. Texto de DEEKE, José. **Blumenau em Cadernos. Blumenau**, tomo XL, n. 4, abr. 1999. p. 31.

De acordo com o Mini Dicionário Aurélio,⁴⁵ *botocudo* seria um indivíduo dos botocudos, grupo indígena extinto do Espírito Santo, Minas Gerais e algumas regiões de Santa Catarina, de família linguística Macro-Jê. Segundo Eduardo Hoerhann, o grupo indígena por ele reduzido, utilizava um enfeite labial. Tal enfeite era utilizado apenas pelos membros do sexo masculino da comunidade a partir dos três anos de vida. Portanto, Botocudo foi o nome que, durante um bom tempo, identificava esse grupo indígena, apesar de o grupo nunca ter utilizado o botoque em forma de prato:

O nome “Botocudos”, erradamente dádo pelos portugueses, á famosa tribu, não tem, razão de ser. Esta tribu, também, nunca usou, aquilo, aquilo, que, em lingua portuguesa, se chama “batóque” ou “botóque”.

Éssa alcunha, fálta, só serve, para, eternamente, confundi-los, com autenticos **BOTOCUDOS**, da região do Rio Dôce, no Estado do Espirito Santo, Minas, Baía, etc.

Contudo, résta-nos (a nós e a êles) uma promissôra esperança.

É, que, os “Botocudos”, finalmente, conseguiram aquilo, que mais precisavam: -- um Padrinho.

-- Was lange währt...

Mr. BLUMENSOHN, garantidamente, encarregár-se-á, de cortar esse verdadeiro nó górdio.⁴⁶

Atualmente, a designação mais aceita pela comunidade científica para classificar os Botocudos é Xokleng. Esse nome provavelmente foi empregado pela primeira vez no início do século XX pelo antropólogo Egon Schaden (1913 – 1991) e estabelecido pelo também antropólogo Sílvio Coelho dos Santos. Segundo esse autor, o termo “Xokleng” provém do enfeite labial – tembetá. Os termos Xokrén e Xokleng significam na concepção de Santos “taipa de pedra”⁴⁷. O antropólogo considerou a nomenclatura *Xokleng* como o mais correta para classificar a etnia. Porém a autodenominação utilizada pelo grupo seria *Kóingãng*

⁴⁵ **Mini Aurélio o dicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2011, p. 113. 8ª Ed.

⁴⁶ HOERHANN, Eduardo. [carta] 1933, Ibirama. [para] NIMUENDAJÚ, Curt. Belém do Pará. 7f. Aspectos culturais dos Xokleng.

⁴⁷ Cf. SANTOS, S. **Índios e Brancos no Sul do Brasil – A dramática experiência dos Xokleng**. Florianópolis: Edeme. 1973. p.30.

que significa apenas “homem”.⁴⁸ A preocupação em nomear comunidades indígenas sempre aconteceu por iniciativa dos “civilizados”. Segundo Eduardo Hoerhann “os índios eram profundamente ególatras, somente eles eram gente!”⁴⁹ Assim, o termo *Kóingāng* serviria para a sua autoclassificação na qualidade de ser humano. Outra hipótese existente para a origem da atual denominação Xokleng surgiu alguns anos após a pacificação: era comum no inverno a comunidade de guerreiros Xokleng se dividirem em dois grupos, sendo que um deles se dedicava a coletar pinhões nos planaltos e o outro permanecia nas cachoeiras para a prática da caça dos animais que se aproximavam do rio. *Tscho* significa cachoeira⁵⁰ e o termo *clén* poderia ser interpretado como filho. Portanto, *xokleng* era como se chamavam os homens pertencentes ao grupo ribeirinho: os “filhos da cachoeira”.* A discussão entre Hoerhann, Henry e Nimuendajú a respeito da nomenclatura desse povo está registrada em correspondências e será exposta de modo mais detalhado no terceiro capítulo desta tese. No mapa destacamos o provável território tradicional dos Xokleng e onde se localizam atualmente em Santa Catarina:

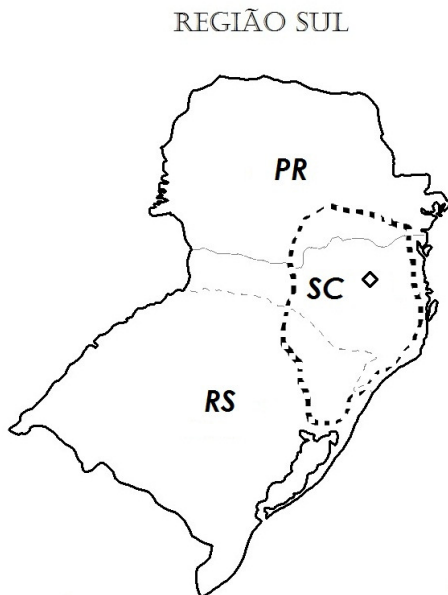
⁴⁸ Cf. GUÉRIOS, R. **O Xokrén é idioma Caingangue**. In: **Arquivos do Museu Paranaense**, IV, abr. 1945. p. 323.

⁴⁹ JANKE, N. **O índio deve ser encarado como ele é: como índio**. O ESTADO, Florianópolis, 27, out. 1973.

⁵⁰ *Tschóma* significa cachoeira de acordo com o dicionário do Dr. Gensch. Cf. GENSCHE, Hugo. **Die Erziehung eines Indianerkinde – Praktischer Beitrag zur Lösung der südamerikanischen Indianerfrage**. Berlin: 1908.

* Versão de Eduardo Hoerhann segundo relato de seu filho Setembrino Hoerhann, falecido em fevereiro de 2006.

Figura 3 - Território tradicionalmente percorrido pelos Xokleng antes de 1914 (área pontilhada) e atual aldeamento (losango).



Fonte: Adaptado do <http://espacoeducar-liza.blogspot.com.br/> Acesso em 30 dez. 2012.

Em uma missiva, o etnólogo Nimuendajú cita grupos indígenas do tronco linguístico Jê:

Mas o Snr leu, e num instante compreendeu aquillo que não coube na cachola do Snr Jules Blumensohn: O parentesco lingüística (sic) manifesto que existe entre os Botocudos e Kaingang e a grande família lingüística chamada “Ge”, á qual, pertencem afóra de outras tribus menos importantes, os Kayapó do Norte, os Timbira, os Kayapó do Sul e os Serénte-Savánte. Os Kaingang, os Botocudos, os extinctos Ingain do Arroyo Ivitirocáy, no extremo Nordeste do Paraguay os egualmente extinctos Guayanã de Faxina não são outra coisa senão o grupo meridional desta grande familia.⁵¹

⁵¹ NIMUENDAJÚ, Curt.[carta] 19 fev. 1938, Pará. [para] HOERHANN,

Porém, os Kaingang foram contatados no princípio do século XX na região oeste de Santa Catarina, no Paraná e nos arredores do estado de São Paulo, enquanto que os Xokleng permaneciam historicamente no território definido no mapa apresentado. Os Kaingang possuíam conhecimentos rudimentares de agricultura. Logo, a sedentariedade foi, de fato, mais amena para eles. Grandes grupos de Kaingang, durante a ocupação das áreas litorâneas, travaram relações com os bandeirantes paulistas muito antes da atuação do SPI⁵². A morte pelo extermínio era certa aos indígenas que não se adequavam a nova ordem imposta, principalmente no Estado de São Paulo onde as práticas genocidas, em prol da construção de estradas de ferro, eram mais assíduas. Já os Xokleng, igualmente massacrados e cada vez mais cercados pelos núcleos coloniais, resistiam a quaisquer espécies de contatos e atacavam fazendas, e os seus desatentos moradores, quando essas eram avistadas.

Fritz Müller, naturalista alemão chegado à futura colônia do Dr. Blumenau em 1842 tomou conhecimento do *Bugergefahr* (perigo indígena) e relatou o primeiro ataque que deixou a colônia em pânico, dez anos mais tarde. No dia 28 de setembro de 1852, quando Hermann Blumenau se encontrava em viagem sua casa foi invadida. Lá se hospedaram alguns alemães recém-chegados. Schramm e Toppel ocupavam a função de limpar e carregar espingardas quando ouviram gritos do lado de fora da casa. Três indígenas apareceram e Schramm tentou se comunicar com eles através da mímica e, em seguida, largou a sua arma. Fez sinal de paz com um galho verde e os indígenas ficaram hesitantes até seu cacique ordenar que os atacassem. Três alemães saíram em busca de socorro enquanto Schramm e Toppel se refugiaram no sótão. Os indígenas invadiram a casa e se apropriaram dos objetos que lhes interessaram. Um dos colonos disparou sua arma e feriu um dos indígenas, cujos companheiros revidaram com flechadas sem ninguém atingir. Tentaram levar o ferido mata adentro, porém o abandonaram e ele foi encontrado em vias da morte pelos alemães, um dia após o acontecido. Fritz Müller conta que na ocasião do assalto conseguiu ver a cabeça de um indígena; afirmou que não era um indivíduo feio, apesar da boca e do nariz serem extremamente largos, no entanto, o indígena era mais bonito que muitos brasileiros e, mais ainda, que os negros. Müller descreveu que seus cabelos eram pretos e lisos, raspados no alto

Eduardo. Ibirama. 3f. Ministério da Guerra, Henry (Blumensohn), línguas indígenas etc..

⁵² SANTOS, Sílvio Coelho dos. **A integração do índio na sociedade regional.** UFSC: Florianópolis, 1969. p. 30.

da cabeça, à maneira dos padres franciscanos. As sobrancelhas e barba praticamente não existiam e no lábio inferior havia um pedaço de madeira transpassado. No local do ataque foram encontradas oito flechas que mediam até dois metros de comprimento, fabricadas sem preocupações estéticas. Todas as flechas tinham ponta de madeira com exceção de uma com ponta de aço.⁵³ As pontas de aço eram confeccionadas pelos indígenas através das ferramentas dos brancos, como enxadas ou pás, elas eram marteladas a frio, sem o auxílio do fogo, por cerca de três meses até a obtenção da forma desejada.⁵⁴

Conforme registrou Eduardo Hoerhann os Xokleng são descendentes de comunidades muito antigas que habitavam todo o interior do Brasil meridional: os Tapuias, pertencentes à grande nação Aimoré, sobreviventes até o século XVII: “Esta é a opinião que mais nos parece acertada, sendo elles portanto, os últimos sobreviventes d’aquella numerosa e guerreira nação, hoje representada por este grupo, que agora permanece nos acampamentos do Rio Plate”.⁵⁵ Rio Plate – pronúncia Platê – é um rio que corta o município de José Boiteux. Nas suas margens foram aldeados os Xokleng a partir de 1914. Para Aducto Fernandes os Botocudos são Aimoré e usam botoques ou discos de madeira que enfeitam os lábios e as orelhas, por isso receberam esse apelido dos europeus: “Com êles, *botocudos*, relacionam-se os *kamê*, ou *kaingãng* do Êste do Estado do Paraná e do Estado de São Paulo, bem como os *bugres* e *chokrêngo* do Estado de Santa Catarina.”⁵⁶

Sobre a original ocupação dos Xokleng, o chefe do Posto Indígena Duque de Caxias (Poinduca)⁵⁷ deixou registrado que os indígenas percorriam a vasta zona compreendida entre os rios Iguaçú (afluente do rio Paraná) e Uruguai (que forma-se pela junção dos rios Canoas e Pelotas, na divisa entre os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina) até o Oceano Atlântico. Mantinham frequentes lutas

⁵³ Cf. CASTRO, Moacir W. de. **O Sábio da Floresta: a extraordinária aventura do alemão Fritz Muller no trópico brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. p. 50-51.

⁵⁴ Cf. HOERHANN, Eduardo. [Carta] 25 jan. 1921, Ibirama. [para] BARBOZA Luiz Bueno da Horta. Curitiba. 14f. Situação do Posto Plate.

⁵⁵ HOERHANN, Eduardo. [Carta] 25 jan. 1921, Ibirama. [para] BARBOSA Luiz Bueno da Horta. Curitiba. 14f. Situação do Posto Plate.

⁵⁶ FERNANDES, Aducto. **Povos indígenas do Brasil**. Rio de Janeiro: A. Coelho Branco Filho (Editor).1965, p. 110.

⁵⁷ Optou-se manter a abreviação “Poinduca”, pois assim era utilizada nas missivas de Eduardo Hoerhann, por exemplo: “Poinduca, 11 de janeiro de 1937...”

contra os desbravadores que disputavam o seu principal alimento: a caça. Apenas a partir de 1830 houve a preocupação de registrar os assaltos praticados por esses indígenas. De acordo com os escritos de Hoerhann, 1830 é considerado como marco das primeiras investidas, das quais os Xokleng são os protagonistas. O governo criou em 1836 as Tropas de Pedestres, cuja principal função era afugentar os indígenas dos locais que atuavam. Sendo assim, as tropas eram prontamente enviadas às regiões onde os assaltos eram praticados pelos Xokleng contra fazendeiros e colonizadores. Às tropas cabia apenas a ordem de dispersão, que evidentemente não era respeitada – pois os indígenas não deixariam de transitar por seus territórios tradicionais.

A tentativa de aproximação da Companhia de Pedestres⁵⁸, ainda de acordo com Eduardo Hoerhann, foi completamente em vão e conseguiu aumentar o ódio entre colonos e indígenas, pois os ataques continuavam recíprocos. Em um primeiro momento, os criadores dessas tropas, tinham como meta principal conquistar a confiança dos Xokleng ou ao menos afugentá-los sem violência, sabe-se lá com qual meio. Porém, a atuação das tropas não cessou os assaltos. Duas décadas mais tarde, o presidente da província João José Coutinho afirmou publicamente que “a única medida, realmente eficaz, seria obrigar esses ‘assassinos e filhos de bárbaros’ deixarem a floresta localizando-os em lugares dos quaes não pudessem fugir”.⁵⁹ Com essa declaração foi decretado oficialmente o “perigo indígena”, o que fez o governo tomar outras providências de aproximação. Sem demora, surgiram as turmas de sertanejos experientes que possuíam a tarefa de se aproximar dos indígenas, e caso não pudessem fazer deles amigos, deviam afugentá-los sem lhes fazer mal algum – teoricamente, era o que estava decretado. Em Blumenau, município no qual os ataques indígenas eram mais frequentes, foi nomeado Capitão do Mato o mateiro Frederico Deeke, que em suas expedições sempre buscou atrair os indígenas de forma amistosa para torná-los pacíficos e amigos. O resultado almejado não foi alcançado, visto que os Xokleng mantinham a frequência dos ataques e, então, por medida econômica, a turma de sertanejos deixou de atuar em 1879. Após tantos fracassos, foi fundada a Liga Patriótica na cidade de Florianópolis que possuía a finalidade exclusiva de resolver a questão

⁵⁸ Grupo não belicoso criado em 1836 para afugentar os indígenas das áreas próximas aos núcleos coloniais. Foi extinto em 1879 devido a sua ineficácia para encontrar os Xokleng. Cf. SANTOS, Sílvio Coelho dos. **op.cit.** p.76.

⁵⁹ RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1970. p. 157.

indígena, ou seja: o intento era o de pacificar os Botocudos do Estado. Para esse serviço, José Bernardino da Silveira foi contemplado com a função de pacificador. Ele possuía duas mulheres indígenas, capturadas pelos bugreiros em uma de suas batidas. Silveira seguiu para a região do Rio das Pombas (próxima de Ibirama) a fim de fundar um pequeno posto de atração. Conforme o que descreveu Hoerhann, essa foi uma tentativa inteiramente nula porque, ao adentrarem nas matas, as “esposas” de José Bernardino fugiram, sem que delas se soubessem mais notícias. Provavelmente, elas retornaram aos seus, juntando-se novamente a alguma comunidade próxima.

Idêntico insucesso teve outro emissário da Liga, Albert Frič, que seguiu para um afluente do Rio Itajaí do Norte. Nada conseguiu porque se limitava a colecionar artefatos indígenas adquiridos com os moradores locais, segundo as informações contidas na carta de Hoerhann. Além disso, desde 1868 as tentativas de catequese feitas pelos capuchinhos, Virgílio de Amplar e Estevão Vicenza, não lograram êxito nem em Lages nem na cidade de Itajaí. Esses religiosos por anos evitaram incursões a fim de não encontrar com os Xokleng e, de acordo com a missiva de Hoerhann em 1885: “o mesmo fiasco fizera o padre Capuchinho, Luiz de Cemitila, com suas novas tentativas de ‘catechese’ dos índios botocudos de Santa Catharina”.⁶⁰

Nos anos de 1876, 1880 e 1885, Coelho dos Santos narra que as falas dos presidentes de províncias de Santa Catarina indicam apelos ao governo imperial para providenciar a catequese dos Xokleng. Até 1905, na República Velha, ainda se falava na catequese e existia uma discussão acerca de se ela deveria estar mesmo sob a responsabilidade dos religiosos.⁶¹ As medidas governamentais para encontrar os Xokleng eram de caráter não violento, mas os dirigentes estatais, impacientes, resolveram organizar batidas com a finalidade de extermínio.⁶² As levas de imigrantes europeus que chegavam aos portos brasileiros com destinos às colônias não poderiam ser mortas por ataques de indígenas. Seus países de origem pressionavam os dirigentes estatais para garantir-lhes a mínima segurança. Então o Estado, que não havia conseguido resolver a questão devido a sua inexperiência em tornar efetiva a pacificação, passou a buscar resultados através do uso da força genocida

⁶⁰ HOERHANN, Eduardo. [Carta] 25 jan. 1921, Ibirama. [para] BARBOSA Luiz Bueno da Horta. Curitiba. 14f. Situação do Posto Plate.

⁶¹ Cf. SANTOS, Sílvio Coelho dos. **op. cit.** p. 68.

⁶² Cf. Idem. p. 86.

aos moldes coloniais de nossa ocupação lusitana⁶³. Interessante assinalar que, ao mesmo tempo em que o governo buscava soluções para esse problema, os grupos de bugreiros⁶⁴ nunca deixaram de atuar no Estado, desde que iniciaram suas atividades, por volta de 1879, até a intervenção regional do SPI:

Sempre, por ocasião de um assalto de índios, organizavam-se grandes turmas de expedicionarios, tanto, por iniciativa particular, como até official, que em suas “batidas”, pelo modo mais bárbaro, assassinavam centenas de índios. Em seu regresso, exibiam então nos centros populosos, mulheres e muitas creanças de suas pobres victimas, como “tropheo heróico”, e prova incontestável de que a chacina de um acampamento de índios havia sido completa. Traziam, destes pobres sobreviventes, armas e utensílios de toda a espécie, que pertenciam ás infelizes victimas, surpreendidas quando no mais profundo somno. Ainda mesmo assim, o resultado fora negativo: não só atacavam os índios movidos pela necessidade em virtude da colonização progressiva que se realisaca por todos os lados, como também ainda impelidos agora pelo mais justo espírito de vingança e ódio. Como se divulgassem crassamente os horrores perpetrados, contra os índios, nessas “batidas”, sempre almas houve que piedosas, levantassem protestos contra essas ignóbeis crueldades.

Fundou-se então em Florianopolis, uma liga denominada: “Liga Patriótica”, creada com o fim exclusivo de resolver a questão indígena, pacificando os botocudos do Estado.

Foi nomeado “Pacificador”, José Bernardino da Silveira, que, com duas mulheres índias, das que haviam sido trazidas em captura de uma dessas batidas, seguio para a região do Rio das Pombas,

⁶³ Os portugueses quando aqui chegaram, no século XVI, se aliaram a alguns povos indígenas para subjugar comunidades rivais. Estas últimas sofreram perseguições, escravidão e extermínio. O extermínio em Santa Catarina foi reiniciado no século XIX a fim de que imigrantes estrangeiros ocupassem as terras destinadas à colonização.

⁶⁴ Sertanejos experientes especializados em caçar e dizimar indígenas a serviço de fazendeiros locais ou contratados pelas empresas colonizadoras.

com o intuito de ali fundar uma pequena “Aldeia de Atracção.”⁶⁵

No princípio, os bugreiros eram contratados por fazendeiros temerosos de novos ataques. Em pouco tempo, eles passaram a chacinar também para as companhias estrangeiras de colonização e contavam com o apoio do Governo Federal. Os bugreiros eram as pessoas que mais possuíam conhecimento sobre os hábitos indígenas e se não fossem matadores por ofício provavelmente seriam os mais notáveis antropólogos da época. Até que em 1908 num congresso internacional de americanistas o médico alemão Hugo Gensch, radicado em Blumenau, apresentou sua pequena monografia⁶⁶ em Viena, na qual relatou sua experiência a respeito da adoção de uma criança Xokleng, capturada pelos bugreiros e rebatizada com o nome de Maria Korikrã Gensch. Abaixo, Dr. Gensch contou como organizou o dicionário anexo a sua monografia a partir do que aprendeu com sua filha indígena. Por ser de veras extenso e de difícil tradução, destaco apenas uma pequena parte do seu relato:

Aus dem Munde dieses Bugre-Mädchens hat Hr. Dr. Gensch auch das Vokabular aufgenommen, das hier unten folgt. Ich habe nicht viel daran geändert. Ich habe die Wort geordnet damit man ohne Schwierigkeiten. Vergleichen mit anderen Vokabularen vornehmen kann. Die Orthographie habe ich im grossen und ganzen so gelassen, wie der Autor die Worte wiedergeben zu müssen glaubte, also auch das **sch** und **tsch** der Einfachheit halber gelassen.⁶⁷

⁶⁵ HOERHANN, Eduardo. [Carta] 25 jan. 1921, Ibirama. [para] BARBOSA Luiz Bueno da Horta. Curitiba. 14f. Situação do Posto Plate.

⁶⁶ GENSCHE, Hugo. Wörterverzeichnis der Bugres von Santa Catharina. In: **Zeitschrift für Ethnologie. Organ der Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte**, 1908. Disponível em: <http://biblio.etnolinguistica.org/gensch_1908_bugres> . Acesso em: 13 mai. 2011.

⁶⁷ Da boca de uma garota Bugre, Sr. Dr. Gensch inclui também no vocabulário que se segue abaixo. Eu não mudei muita coisa. Eu ordenei a palavra sem dificuldade. Pode fazer comparações com outros vocabulários. A ortografia, em geral de modo descontraído, tive que jogar como o autor acreditava que as palavras, também **sch** e **tsch** fossem deixadas pela simplicidade. IN: GENSCHE, Hugo. Wörterverzeichnis der Bugres von Santa Catharina. In: **Zeitschrift für**

Junto à monografia⁶⁸ estava anexado o dicionário Alemão/Xokleng, ao qual Eduardo Hoerhann teve acesso e, assim, em 1914 livrou-se de ser morto pelos indígenas arredios, uma vez que conseguiu fazer-se entender no idioma Xokleng. Aqui Hoerhann faz referência a ele mesmo na sua primeira experiência com os Xokleng:

[...] Avançou resolutamente Eduardo, para a frente e vendo que os índios iam-no flechar, sacou o paletot e a camisa, mostrando-se com o tronco nú e os braços estendidos, falando n'outra lingua indigena que tinha aprendido.⁶⁹ Os índios, com seus arcos sempre retezados, promptos a desferir suas flechas, no minimo instante, attenderam a attitude de Eduardo, que seguidas vezes repetiu a mesma phrase, na outra lingua. Por fim, calaram-se os índios escutando attentamente conversando, depois, em voz baixa entre sí. O índio de grande estatura, perguntou então, claramente:- Hôliké, o que significa, - como é, repita.

Eduardo, que entendera esta palavra, repetiu novamente toda a phrase, o mais nitidamente possivel. Os índios, que o escutavam, conversaram entre sí, em voz baixa, novamente, rindo-se por fim, um delles. Sempre fallando, quis approximar-se mais dos índios, sendo porem, outra vez ameaçado, pelos índios, que de novo, começaram a fallar, uma phrase que terminava sempre em – “ti-púuu”, batendo elles na coxa esquerda. Pela palavra (onomatopaica), e pelo gesto que faziam, comprehendeu Eduardo, que se referiam ao seu facão que trazia na cintura, do qual nem mais se lembrava. Este facão tinha cabo e guarnição de metal branco, que brilhava no sol, julgando por isso os índios, tratar-se de uma arma

Ethnologie. Organ der Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte, 1908. Tradução do autor.

⁶⁸ A monografia indicada está sendo traduzida pela **Revista Blumenau em Cadernos**, neste ano de 2012.

⁶⁹ “*Eram palavras do vocabulario do Dr. Gensch, colligidos por elle, e que Eduardo tinha estudado inteiramente de cór, formando com estes vocábulos, pequenas phrases, em lingua dos índios botocudos.*” Nota de Eduardo Hoerhann presente no fim do texto desta carta.

de fogo: “tí” = artigo o, e “púuu”, = tiro, estampido. Tirou o facão da bainha, e segurando-o pela ponta da lamina, lhes disse: - Kôniáhama, tipúuu tom. = é um facão, não uma arma de fogo. E com isto quis, entregar-lhes o mesmo, como prova de amizade, dizendo: - Amonem, Amonem tchóro, = quero vos dar, procurando aproximar-se dos índios.⁷⁰

Não era comum uma pessoa de origem urbana conseguir se comunicar em um idioma totalmente desconhecido pelos não indígenas. Por causa desse feito Eduardo Hoerhann se distinguia de seus antecessores.

Em setembro de 1908 aconteceu em Viena o XVI Congresso de Americanistas, no qual, juntamente com Gensch, Albert Frič denunciou internacionalmente a questão do extermínio legalizado. O congresso era realizado a cada dois anos e havia da parte dos participantes uma grande expectativa por novidades. Conforme o representante do Brasil no congresso, Manuel de Oliveira Lima, o museu de Viena era um dos mais completos do mundo em coleções de artefatos indígenas da América do Sul, bem como detinha a posse de vários objetos de comunidades indígenas brasileiras. A presença do Brasil no congresso foi bastante relevante, pois além dos trabalhos que seriam apresentados pelos estudiosos, estava incluso também o de Paul Ehrenreich sobre etnografia do sul do Brasil. Em 14 de setembro, os delegados que participavam da seção matinal foram surpreendidos pelo eloquente discurso de um jovem de vinte e sete anos: Albert Frič. Ele começou a sua apresentação em tom de denúncia e responsabilizou os colonizadores brasileiros e europeus pelo genocídio das poucas comunidades indígenas restantes no Brasil. Afirmou ainda que a população nativa estava sendo aniquilada através da escravidão, da captura e do homicídio, práticas presentes nas colônias sul-brasileiras.⁷¹ É nesse contexto que nasce o SPI-LTN, sob a orientação e liderança de Candido Mariano da Silva Rondon – descendente de indígenas e um experiente militar dos sertões brasileiros com inspiração positivista.⁷²

⁷⁰ HOERHANN, Eduardo. [Carta] 25 jan. 1921, Ibirama. [para] BARBOSA Luiz Bueno da Horta. Curitiba. 14f. Situação do Posto Plate.

⁷¹ Cf. GAGLIARDI, José Mauro. **O Indígena e a República**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1989. p.70.

⁷² Cf. SANTOS, Sílvio Coelho dos. **A integração do índio na sociedade regional**. UFSC: Florianópolis, 1969. p. 38-39.

A partir de 1914 os Xokleng sofreram um processo radical de mudança no tocante aos seus hábitos e costumes: eles deixaram de ser nômades, pois não lhes era permitido perambular pelos territórios adquiridos pelas empresas colonizadoras. A pacificação finalmente havia sido iniciada. Em entrevista, Sílvio Coelho dos Santos explica que a palavra *pacificação* deve ser usada com cautela, de preferência entre aspas, uma vez que pode denotar um sentido de amansamento. Ora, somente animais podem ser amansados, pessoas não; essa é a interpretação dada pelo antropólogo ao verbete. E é em seu sentido etimológico, a saber: como o restabelecimento da paz, que empregamos o termo *pacificação*. Pois bem, a paz foi conquistada nos núcleos coloniais – em poucos anos as matanças entre indígenas e colonos foram controladas e, assim, as mortes causadas pelos ataques recíprocos cessaram. Entretanto, a pacificação não foi conseguida logo no primeiro contato amistoso entre o SPI-LTN e os Xokleng, em 22 de setembro de 1914, pois nessa época os indígenas ainda entravam em atrito com os moradores locais e eram então perseguidos pelos bugreiros. A pacificação foi uma ordem governamental que, por um lado, forçou os indígenas ao confinamento, e por outro, fez com que a população local se conformasse com a presença dos agentes do SPI.

Todavia, tal imposição foi parcialmente respeitada pelos indígenas, como o próprio Hoerhann reconheceu em suas cartas datadas no ano de 1930. Ele conta que, entre os meses de abril e junho, foi impossível manter os Xokleng confinados no Posto Indígena Duque de Caxias às margens do Rio Plate em Ibirama, pois eles saíam em busca de pinhões. Os pinheirais serviam como uma verdadeira colônia de férias aos saudosos indígenas, ali eles relaxavam e, portanto, não abriam mão de migrar ao local todos os anos. Desde 1914, antes de intervenção do SPI, essa prática era uma constante tanto entre os jovens como entre os adultos, ambos gozavam dessa liberdade. Contudo, em relação aos que eram nascidos no Poinduca, sob a sombra da civilização idealizada pelo *Serviço*, a qual considerava que os indígenas estavam em um grau primitivo de humanidade, foi mais fácil de mantê-los reduzidos no local e, também, ao ideal teorizado pelos dirigentes do órgão. Eis assim o sedentarismo. Ademais, os indígenas, para se autossustentar, executavam os trabalhos contínuos e disciplinados que as lavouras e a criação de animais exigiam. Isso significou mais uma mudança radical na vida dos Xokleng: pois antes podiam transitar para garantir o sustento através da caça e da coleta, agora deveriam consegui-lo mediante o cultivo da terra. É evidente que manter o previsto não foi uma tarefa fácil para Eduardo Hoerhann e sua equipe. Como já mencionado, a

proteção aos *índios* não foi imediata a partir do primeiro contato. Os bugreiros continuavam a atuar nos sertões em torno das colônias para promover o extermínio dos indígenas. Existe este registro, de 1917, sobre a atuação dos bugreiros no Estado – e não se sabe aqui se tal atuação ocorreu por imposição do Governo ou dos líderes dos postos indígenas:

Ilmo Snr. Director do Nucleo Colonial de Anitapolis.

Apresento-vos por meio deste o Snr. Germano Rigo, Feitor deste Serviço, que ahi vae afim de promover uma verificacao sobre a recente batida, perpetrada contra os indios, nas cabeceiras dos rios Chapeo e Pequeno. Rogo-vos portanto faculteis todos os meios para que o mesmo Feitor possa bem desempenhar sua missao, obtendo todos os dados e informacoes necessarias.

Aproveito o ensejo para protestar-vos meus sentimentos da mais alta estima e distincta consideraca (sic).⁷³

Quando a pacificação enfim foi estabelecida, a partir de 1914, muitos dos indígenas se encontravam no Posto de Atração Plate, outros permaneceram isolados nas mediações de Bom Retiro (Região Serrana), Rancho Queimado e Anitápolis (cidades pertencentes à região da Grande Florianópolis).⁷⁴ Somente os Xokleng saíam para os pinheirais durante alguns meses, mas depois retornavam ao posto. Seus filhos eram educados em língua portuguesa e não eram estimulados a seguir os hábitos culturais praticados por seus pais na época anterior ao SPI. Eles permaneciam todo o tempo nos limites do Poinduca e aprendiam as técnicas agrícolas e sobre a criação de reses. Existem referências sobre a construção de uma escola, batizada de Escola Básica Getúlio Vargas, a partir de 1940. Lá as crianças, a maior parte indígenas, estudavam diversas disciplinas, as quais também eram ensinadas em escolas comuns espalhadas pelo país – as crianças indígenas aprendiam a ler e escrever em português, tinham aulas sobre civismo, faziam exercícios ginásticos e militares etc.. Entre os alunos da escola, havia alguns que

⁷³ HOERHANN, Eduardo. [carta] 20 nov. Hammonia, 1917. [para] Diretor do Núcleo Colonial. Anitápolis. If. Ataque de bugreiros aos Xokleng.

⁷⁴ Cf. SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Entrevista com Sílvio Coelho dos Santos. Florianópolis:** 23 jul. 1999. Entrevista concedida a Rafael Hoerhann. Publicada em: **Blumenau em Cadernos**. t. 50, nº 5, set/out. 2009. p. 95.

eram filhos de funcionários do SPI e, também, filhos de colonos locais, porém a maioria deles eram crianças Xokleng.⁷⁵ Cabe mencionar que, passados setenta anos da fundação dessa escola, a FUNAI ainda hoje continua a tratar os Xokleng como um povo diferenciado – do mesmo modo como lida com os demais indígenas existentes no país, que vivem à parte, quando não à margem, da população brasileira. Se falarmos das comunidades isoladas livres da intervenção civilizada que vivem nos estados do norte, podemos concordar com as diretrizes da FUNAI relacionadas aos direitos e deveres indígenas:

Art.6º Serão respeitados os usos, costumes e tradições das comunidades indígenas e seus efeitos, nas relações de família, na ordem de sucessão, no regime de propriedade nos atos ou negócios realizados entre índios, salvo se optarem pela aplicação do direito comum.⁷⁶

Os Xokleng se tornaram sedentários, aprenderam a cultivar a terra, a pescar, a criar animais e a falar português; atualmente eles constroem residências e não praticam mais os seus rituais de perfuração dos lábios de seus filhos nem os de tatuagem de suas filhas; foram esses fatores, dentre outros, que permitiram o ingresso dos Xokleng à sociedade local.

O reconhecimento dos indígenas como um povo diferenciado, ocorreu porque os dirigentes da FUNAI, muitos deles etnólogos e antropólogos, conquistaram a autonomia sobre as comunidades indígenas a partir dos anos setenta através da Lei nº 6.001 de 19 de dezembro de 1973 – também denominada de Estatuto do Índio. Nessa mesma lei, no artigo 3º, encontramos a definição para a palavra *Índio* (ou *Silvícola*): “É todo indivíduo de origem e ascendência pré-colombiana que se indentifica [sic] e é intensificado como pertencente a um grupo étnico cujas características culturais o distinguem [sic] da sociedade nacional”.⁷⁷

⁷⁵ Cf. ALMEIDA, Paulino de. [carta] 1 jan. Curitiba, 1941. [para] HOERHANN, Eduardo. Ibirama. 3f. Plano para organização e funcionamento das escolas indígenas.

⁷⁶ Disponível em: http://www.funai.gov.br/projetos/Plano_editorial/Pdf/Legis/capitulo-01.pdf. Acesso em: 27 jul. 2010.

⁷⁷ BRASIL. **Estatuto do Índio** (1973). Disponível em: http://www.funai.gov.br/quem/legislacao/estatuto_indio.html. Acesso em: 15 nov. 2011.

Porém, e isto é algo fundamental, defende-se nesta tese que o processo de “desintegração” cultural dos Xokleng iniciou-se gradativamente a partir de 1914 e se intensificou durante a nacionalização do governo getulista na década de quarenta⁷⁸. Sobre as identidades dos povos indígenas, a FUNAI assim define:

No que diz respeito à identidade étnica, as mudanças ocorridas em várias sociedades indígenas, como o fato de falarem português, vestirem roupas iguais às dos outros membros da sociedade nacional com que estão em contato, utilizarem modernas tecnologias (como câmeras de vídeo, máquinas fotográficas e aparelhos de fax), não fazem com que percam sua identidade étnica e deixem de ser indígenas.⁷⁹

Conforme consta em um documento, no ano de 1922 um casal Xokleng já possuía certidão matrimonial.⁸⁰ Na década de trinta, um indígena se casou com uma descendente de italianos na igreja católica. Os Xokleng estavam sujeitos à lei e se cometiam delitos eram presos; eles trabalhavam em ferrovias de forma assalariada, os seus filhos frequentavam a escola e alguns, dentre os indígenas, possuíam título de eleitor desde 1945. João Gogn Priprá tem seu título certificado pelo Escrivão Eleitoral Leopoldo Pellin⁸¹. Isso mostra que a inclusão desses indígenas na sociedade brasileira era uma questão a ser “resolvida” em médio prazo, não fosse a interferência da FUNAI.

Em dias atuais “ser índio” é se reconhecer como tal e não necessariamente viver em uma comunidade indígena, falar o idioma, respeitar as práticas culturais – entre outros quesitos não muito bem definidos. O ideal de nacionalidade proposto na época do SPI

⁷⁸ A política nacionalista de Vargas se intensificou com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial em 1942. Como o então presidente da república escolheu o lado dos Aliados, a perseguição aos alemães e aos seus descendentes na região sul brasileira foi uma constante até o fim da guerra em 1945. Nesse período foram proibidos os idiomas alemão e italiano e também quaisquer manifestações culturais de caráter estrangeiro.

⁷⁹ Disponível em: <www.funai.gov.br>. Acesso em: 27 jul. 2010.

⁸⁰ **Registro de casamento, 14 de maio de 1922**. Assinaram o documento como testemunhas os funcionários: Otto Metzger, José de Almeida e Eduardo Hoerhann.

⁸¹ PELLIN, Leopoldo. **Certificado de Título Eleitoral de João Gogn Priprá**. Comarca de Ibirama, 14ª Zona, 5 de nov. de 1956.

reconhecia os Xokleng como etnicamente indígenas, entretanto, considerava o constante trânsito à nacionalidade porque visava promover a integração desses indígenas na sociedade regional. A seguir algumas diretrizes asseguradas aos grupos indígenas brasileiros:

Art.54. Os índios têm direito aos meios de proteção à saúde facultados à comunhão nacional. Parágrafo único. Na infância, na maternidade, na doença e na velhice, deve ser assegurada ao silvícola especial assistência dos poderes públicos, em estabelecimentos a esse fim destinados.

Art.56. No caso de condenação de índio por infração penal, a pena deverá ser atenuada e na sua aplicação o juiz atenderá também ao grau de integração do silvícola.

Parágrafo único. As penas de reclusão e de detenção serão cumpridas, se possível, em regime especial de semiliberdade, no local de funcionamento do órgão federal de assistência aos índios mais próximo da habitação do condenado.

Art.57. Será tolerada aplicação, pelos grupos tribais, de acordo com as instituições próprias, de sanções penais ou disciplinares contra os seus membros, desde que não revistam caráter cruel ou infamante, proibida em qualquer caso a pena de morte.⁸²

Percebe-se que no Artigo 57 a União “tolera” que indígenas possam legislar sobre criminosos em suas comunidades sem distinguir se estão isolados, em vias de integração ou integrados, conforme a legislação pertinente os define. Dão-lhes o direito, ainda que tolerado, de admoestarem com suavidade os membros indisciplinados e os criminosos. Os Xokleng da época anterior ao SPI, conforme descreve Henry, penalizavam com a morte um homicida, isso faz parte de sua cultura há muitas gerações⁸³. Foi o *Serviço* que os imbuíu de sentimentos mais brandos de justiça. Em outros tempos os jesuítas também pregaram aos Guaranis os sentimentos morais da cristandade e, de acordo com Hans Staden, os Tupinambá no século XVI exerciam o seguinte Direito de ordem e justiça: “Se alguém bater ou atirar em outra

⁸² **Garantias, Cidadania, Discriminação, Violência e Penalização.** Disponível em: <http://www.funai.gov.br/projetos/Plano_editorial/Pdf/Legisl/capitulo-01.pdf> . Acesso em: 27 jul. 2010.

⁸³ Cf. HENRY, J. **Jungle People**. p.110.

pessoa de forma a matá-la, os parentes e amigos do morto podem ficar dispostos a matá-lo por sua vez, mas isso raramente ocorre”⁸⁴.

No capítulo seguinte averigua-se a criação do SPI-LTN, suas principais diretrizes em âmbito nacional e principalmente sua atuação em Santa Catarina. Os dirigentes dessa entidade governamental não possuíam a ideia de que iriam confrontar desde a instalação de postos de atração nas regiões frequentadas pelos Xokleng e o que fazer após o primeiro contato amistoso estabelecido em 1914.

⁸⁴ STADEN, Hans. **Primeiros registros escritos e ilustrados sobre o Brasil e seus habitantes**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 1999. p. 97.

CAPÍTULO II – O SERVIÇO DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS: A ATUAÇÃO EM SANTA CATARINA

*O que a história conta não passa do longo
sonho, do pesadelo espesso e confuso da
humanidade.*

Arthur Schopenhauer

A Lei de Terras de 1850 (Lei 601 de 18 de setembro de 1850), que tornou devolutas todas as terras não adquiridas pela compra e pela legalização estatal, incentivou o crescimento das empresas colonizadoras dispostas a preparar imensas porções de terras para serem ocupadas pelos colonos alemães e italianos. Tais empresas – muitas delas patrocinadas pelo capital estrangeiro – eram as principais financiadoras do extermínio dos indígenas através da contratação de batedores do mato profissionais, mais conhecidos como bugreiros: especialistas em viver na selva, perseguir e matar indígenas. Silvio Coelho dos Santos os define da seguinte maneira:

As tropas de bugreiros compunham-se, em regra, com 8 a 15 homens. A maioria deles era aparentada entre si. Atuavam sob a ação constante de um líder, que tinha sobre o grupo pleno poder de decisão. As referências que logramos obter sobre essas tropas indicam que a quase totalidade era formada por caboclos, conhecedores profundos da vida do sertão. Ao formar um grupo, o líder não tratava apenas de prestar serviços às colônias e seus habitantes. Também viajantes, tropeiros e agrimensores utilizavam constantemente essa tropa para sua proteção quando necessitavam atravessar ou permanecer em territórios onde a presença indígena era freqüente. Os bugreiros se integravam assim ao contexto vigente, oferecendo segurança a quem desejava.⁸⁵

Essa lei veio a facilitar ainda mais o ingresso de imigrantes no Brasil, pois permitia a naturalização dos estrangeiros que aqui chegavam: bastava que comprassem terras e nelas se fixassem, ou então que exercessem atividades por conta própria nas indústrias; era segundo

⁸⁵ SANTOS, Silvio Coelho dos. **Índios e Brancos no Sul do Brasil. A dramática experiência dos Xokleng**. Florianópolis: EDEME, 1973. p. 83.

esses termos que os estrangeiros, após dois anos de permanência no país, recebiam a sua nacionalização.⁸⁶ A partir da instalação de uma grande massa populacional estrangeira, os encontros com os indígenas se intensificaram, principalmente no sul do país, para onde migrou o maior número de colonos estrangeiros, cujos governantes de seus países de origem pressionavam o governo brasileiro para que garantisse a máxima segurança de seus emigrados. E somente sessenta anos após a criação da Lei de Terras que foi fundada uma instituição com a finalidade de preservar os indígenas ameaçados de uma extinção imediata, isso aconteceu durante o governo do presidente Nilo Peçanha por parte de alguns dirigentes sensíveis à causa indígena. Tal entidade foi denominada Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais (SPI-LTN) sob a bandeira do ideal republicano positivista, de modo que a ordem e o progresso deveriam ser aplicados e mantidos pela política nacional.

A filosofia positivista começa a ser difundida entre a elite intelectual brasileira no ano de 1850 através da apresentação de alguns trabalhos científicos, entre esses estavam às teses de Luiz Pereira Barreto: *Teoria das gastralgias e das nevroses em geral* e *As três filosofias*. As apresentações aconteciam em diversos locais, como o Colégio Pedro II com sedes no Rio de Janeiro e Niterói, a Escola Militar e a Escola Politécnica, localizadas no Rio de Janeiro.⁸⁷ Contudo, o local onde a ideologia positivista obteve uma maior divulgação foi a Escola Militar, pois Benjamin Constant, um dos principais propagadores do Positivismo no Brasil, lecionava em tal instituição – ele foi professor de muitos militares ilustres como Francisco Bueno da Horta Barbosa, Alípio Bandeira e o próprio Cândido Mariano da Silva Rondon.⁸⁸

A filosofia positivista teve sua origem na França, na primeira metade do século XIX, idealizada por Augusto Comte. Em relação aos indígenas brasileiros, os positivistas entendiam que a sua integração na

⁸⁶ Cf. BARROS, Eliane, Cruxên; LANDO, Aldair Marli. **A colonização alemã no Rio Grande do Sul** – Uma interpretação sociológica. Porto Alegre: Movimento, 1981. p. 31.

⁸⁷ Cf. LINS, I. **A História do Positivismo no Brasil**. São Paulo: Nacional. 1967. v. 322. p. 37. IN: HOERHANN, Rafael. **O Serviço de Proteção aos Índios e os Botocudo – A política indigenista através dos relatórios (1912 – 1926)**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Orientadora: Ana Lúcia Vulfe Nötzold. 2005, p. 38.

⁸⁸ Cf. *ibidem*, p. 295-6.

sociedade era importante para o povoamento e para a obtenção de mão de obra necessária à expansão civilizatória. De acordo com o Apostolado Positivista do Brasil – grupo de líderes divulgadores da doutrina – os indígenas ainda estavam na etapa “fetichista” da evolução humana e eram suscetíveis a progredir industrialmente, ao exemplo dos povos andinos, egípcios e chineses; para tal propósito bastava uma educação que repassasse aos indígenas as artes e as técnicas industriais da sociedade ocidental. Era por esse motivo que não cabia ao governo promover qualquer atividade de catequese dirigida à conversão espiritual. Havia sim urgência em criar uma entidade de proteção aos indígenas, destinada a ampará-los em suas necessidades, defendê-los do extermínio e resguardá-los contra a opressão.⁸⁹ Entendia-se que os indígenas estavam em um estrato social transitório e que deveriam, aos poucos, ser incorporados à categoria de *trabalhadores nacionais*. Uma vez classificadas como indígenas, os dirigentes do SPI-LTN interpretaram que essas sociedades não eram detentoras de história própria, ou seja: de tradições que pudessem torná-las parte da comunidade nacional brasileira. Os indígenas eram brasileiros que viviam fora da realidade experimentada pela comunidade nacional e, sobretudo, estavam fora de seu tempo⁹⁰ – ao considerar que o mundo passava por um novo processo intelectual, de renovação de ideias filosóficas, momento esse em que os homens deveriam ajudar os seus iguais, em que todos deveriam seguir as novas etapas racionais e evolutivas do espírito humano. Então, era a esse novo mundo que os indígenas deveriam ingressar para se tornarem cidadãos da sociedade brasileira. O ideal positivista almejava um mesmo nível para todos os brasileiros, o qual implicava uma sociedade justa, fraterna e progressista que tivesse o amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim.

Como primeiro diretor do SPI-LTN foi convidado o tenente-coronel Cândido Mariano da Silva Rondon. Ele tinha ascendência indígena e o convite ocorreu devido a sua experiência acerca da construção de linhas telegráficas em locais inacessíveis e também pelo fato de ser militar – visto que o Exército era considerado força protetora da Pátria. Rondon era um positivista militante, de modo que orientava a

⁸⁹ BIGIO, E. **Cândido Rondon - A integração nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto: Petrobrás, 2000. p. 31.

⁹⁰ Cf. LIMA, Antonio Carlos de Souza. **Um grande cerco de paz. Poder tutelar, indianidade e formação do Estado no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 120.

sua vida segundo os postulados da filosofia de Augusto Comte. Mas de acordo com Souza Lima, Rondon foi logo substituído em 1910, por Amaro da Silveira, para nunca mais ocupar o cargo. Porém isso não significou o desligamento definitivo de Rondon no Serviço.⁹¹

Segundo Chauí, Comte elaborou uma explicação para a transformação do espírito humano, afirmoun haver um progresso da humanidade que passa por três fases gradativas: a fase fetichista ou teológica – na qual os homens justificam o mundo real por meio das ações divinas; a fase metafísica – na qual os homens explicam a realidade através de princípios gerais e abstratos; e finalmente, a fase positiva ou científica – na qual os homens observam a realidade, analisam os fatos, encontram as leis gerais e necessárias dos fenômenos naturais e humanos. É nessa última fase que os seres humanos elaboram uma ciência da sociedade, denominadas física social ou sociologia, que serve de fundamento positivista tanto para a ação moral do indivíduo, como também para a ação coletiva ou política, o que torna essa fase a etapa final do progresso humano.⁹²

Já no ano de 1889, Cândido Rondon foi nomeado para a Comissão de Construção da Linha Telegráfica, que ligava o Cuiabá ao Araguaia, que deveria levar adiante um projeto aprovado pelo governo imperial ⁹³. Por causa dessa experiência desbravadora, Rondon foi considerado apto para dirigir o SPI-LTN e assim o fez nos anos de 1910 e 1930. Uma vez formado em ciências físicas e naturais no ano de 1890, Candido Rondon recusou uma cátedra na Academia Militar devido ao cargo para o qual fora designado na Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Cuiabá ao Araguaia, pois estava mais disposto a desenvolver os seus conhecimentos no comando de uma unidade militar com caráter construtivo e pacífico. E isso era o que Augusto Comte havia sugerido para o advento do Estado Positivo, onde os remanescentes dos antigos exércitos da época do Império seriam

⁹¹ Idem, p. 336.

⁹² Cf. CHAUI, Marilena. **O que é Ideologia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006. p. 28-29.

⁹³ Cf. CUNHA, Manuela Carneiro (Org.). **Legislação indigenista no século XIX**. São Paulo: Editora da USP: Comissão Pró-Índio de São Paulo, 1992. p. 162. IN: HOERHANN, Rafael. **O Serviço de Proteção aos Índios e os Botocudo – A política indigenista através dos relatórios (1912 – 1926)**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Orientadora: Ana Lúcia Vulfe Nötzold. 2005, p.38.

aproveitados em funções de policiamento e nas grandes construções civis: a utilização pacífica do Exército no desbravamento dos sertões interiores; na construção de obras civis, como a linha telegráfica; e na realização de projetos humanísticos, como a proteção ao indígena.⁹⁴

A partir de Comte, adquiriu-se toda a ideologia progressista nos altos escalões do Exército e de acordo com Chauí:

Sendo o conhecimento da formação das ideias, tanto do ponto de vista psicológico quanto do ponto de vista social, sendo o conhecimento científico das leis necessárias do real e sendo o corretivo das ideias comuns de uma sociedade, a ideologia, enquanto teoria, passa a ter um papel de comando sobre a prática dos homens, que devem se submeter aos critérios e mandamentos do teórico ou do cientista antes de agir.⁹⁵

Acerca dos ensinamentos de Comte, Rondon era praticamente visto como um “messias” pelos servidores do SPI-LTN: um interlocutor dos ideais positivistas na ação prática do protetorado indigenista. As tropas sob seu comando deveriam penetrar no território dos indígenas considerados hostis sem fazer o uso de armas, mesmo quando atacados, em prol do ideal humanitário. As jornadas de Rondon, antes mesmo do seu engajamento no SPI-LTN, mostraram extraordinária eficiência pelos seus métodos persuasórios junto a grupos isolados, como os Nambikwara, e com isso puderam derrubar as velhas teorias a respeito da incapacidade indígena de adaptação a outro meio cultural e também do uso justificado da força para escravizar e subjugar. Rondon foi então convidado para organizar e dirigir o *Serviço* disposto a assistir os indígenas.⁹⁶ Como diretrizes básicas do novo serviço, Rondon expôs os princípios idealizados em 1822 por José Bonifácio de Andrada e Silva:

1. Justiça – não esbulhando mais os índios, pela força, das terras que ainda lhes restam e de que são legítimos Senhores;

⁹⁴ Cf. CARVALHO, Delgado; RIEMER, Anna. **História das Américas**. p. 157.

⁹⁵ CHAUI, Marilena, op.cit., p. 29.

⁹⁶ Cf. RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1970. p. 155-156. IN: HOERHANN, Rafael. **O Serviço de Proteção aos Índios e os Botocudo – A política indigenista através dos relatórios (1912 – 1926)**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Orientadora: Ana Lúcia Vulfe Nötzold. 2005, p. 38.

2. Brandura, constância e sofrimento de nossa parte, que nos cumpre como usurpadores e cristãos;
3. Abrir comércio com os bárbaros, ainda que seja como perda de nossa parte;
4. Procurar com dádivas e admoestações fazer pazes com os índios inimigos;
5. Favorecer por todos os meios possíveis os matrimônios entre índios e brancos e mulatos.⁹⁷

Para Andrada e Silva a miscigenação era entendida como um recurso que facilitaria a integração do indígena à sociedade brasileira: aos povos considerados atrasados e para os quais não cabia mais o discurso do extermínio se fazia necessária a perda de traços culturais através do estímulo da miscigenação com outros grupos étnicos. Semelhante situação aconteceu com os africanos e os seus descendentes, que se viam obrigados, tão logo desembarcavam dos navios negreiros, a aprender a língua portuguesa, assimilar a fé cristã e trabalhar até a exaustão sob o estalo de um açoite. Mas para com os indígenas esse tipo de prática deveria acontecer de maneira mais branda, excluindo qualquer interferência religiosa e também os castigos físicos. Assim, para os indígenas acautelados no século XX, a integração surgiria como resultado da disciplina, do trabalho e da fusão das etnias, de modo que, as novas gerações de indígenas perderiam, aos poucos e espontaneamente, seus traços culturais (nomadismo, prática da caça e dos rituais), os quais não eram mais convenientes à época, uma vez que para os positivistas manter a cultura dos protegidos atrasaria a almejada evolução do espírito e do caráter humano.

Em 1910 a fundação do SPI-LTN foi considerada uma grande vitória política da ala republicana contra o poderio da Igreja Católica. O Positivismo, além de inserir na bandeira nacional os dizeres *Ordem e Progresso*, conseguiu separar os interesses tutelares entre a Igreja e o Estado. Com isso, a criação do SPI-LTN é compreendida como parte do processo mais geral de secularização das instituições nacionais que começou a deslanchar logo nos primeiros dias da Proclamação da República. Para que a relação do Estado com os indígenas fosse libertada da interferência clerical, foi preciso desviar da Igreja a função de catequese. A criação do SPI-LTN como entidade reponsável específica para cuidar dos indígenas acarretou uma modificação expressiva em virtude da ação governamental originária da época do

⁹⁷ Ibidem.

Império.⁹⁸

O Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais representou a expansão do controle do governo republicano sobre as terras, as populações indígenas e trabalhadores nacionais residentes em áreas limítrofes, e igualmente instalou um poder centralizado, próximo aos moldes da nova estrutura republicana. Modificou também o elemento responsável – a Igreja – pelo trato dos povos nativos, ao instituir um elo entre a ação burocrática de controle e governo dessas comunidades e a construção da nação, o que forçou uma ruptura com a herança imperial, na qual se destacariam os diretores de indígenas que estavam agregados, em seu trabalho de civilização e catequese, aos presidentes de província e aos missionários.⁹⁹ Em outros tempos, as missões jesuíticas pretenderam criar uma nova ordem social a cristã, na qual os espanhóis também eram aceitos, mas não desejados – de modo que a sua permanência nos territórios das doutrinas era desencorajada pelos jesuítas. A missão permitia ao indígena uma área menor de liberdade do que ele possuía antes do domínio hispânico-lusitano nas Américas. Entrementes, isso aparecia como uma opção para o indígena poder escapar do sistema escravocrata vigente, promovido pelos bandeirantes.¹⁰⁰

A atuação jesuítica para com os indígenas terminou no final do século XVIII. A ação missioneira nas colônias foi proibida pelo governo lusitano e, no século XX, a “missão” passou a ser responsabilidade do estado laico e positivo. Entretanto, o engenheiro Luiz Bueno da Horta Barbosa, que dirigiu o SPI entre os anos de 1918 a 1921, apresenta, em carta destinada a Basílio de Magalhães, então deputado pelo estado de

⁹⁸ Cf. CUNHA, Manuela Carneiro (Org.). **Legislação indigenista no século XIX**. p. 257. IN: HOERHANN, Rafael. **O Serviço de Proteção aos Índios e os Botocudo – A política indigenista através dos relatórios (1912 – 1926)**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Orientadora: Ana Lúcia Vulfe Nötzold. 2005, p. 40.

⁹⁹ HOERHANN, Rafael. **O Serviço de Proteção aos Índios e os Botocudo – A política indigenista através dos relatórios (1912 – 1926)**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Orientadora: Ana Lúcia Vulfe Nötzold. 2005, p. 41.

¹⁰⁰ MELIÁ, Bartomeu. Las reducciones jesuíticas del Paraguay, uno espacio para una utopia colonial. Assunção: Estudos Paraguios, 1978. p. 165. IN: KERN, Arno Alvarez. **Missões: Uma utopia política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p. 222.

Minas Gerais, um longo discurso, em defesa dos povos indígenas e de todo o empenho por eles realizado, no qual rasga elogios sobre a associação entre Igreja e Estado. Barbosa escreve que na década de vinte existia no Amazonas um serviço de catequese exercido por missões religiosas:

... ha no Amazonas um serviço de catechese executado por missões religiosas. E´ uma verificação valiosíssima dos principios, alias decorrentes de nossa Constituição Política, que sempre sustentaram os promotores e organizadores das protecção republicana aos selvicolas, a saber: que ao lado da acção protectora do governo, de character exclusivamente temporal, pôde perfeitamente existir e desenvolver-se a diffusão de qualquer fé ou credo, feita pelos seus órgãos naturaes e legitimos. Nestas condições, a revelação que agora nos é feita de que semelhante acção existe e se desdobra livremente no Amazonas, é de molde a nos encher de alegria; ella constitue esplendida confirmação da theoria sobre que assenta a instituição do Serviço de que somos fervorosos partidarios.¹⁰¹

Segundo Grupioni, a influente presença dos positivistas, quando eles ocuparam cargos importantes dentro do *Serviço*, correspondia, ao menos em parte, à substituição do projeto de catequese pelo o de proteção e, conseqüentemente, à substituição dos missionários pelos militares no trato direto com os povos indígenas. Esse processo civilizador, a partir de então sob a responsabilidade dos leigos, não possuía mais a função de converter os indígenas em novos cristãos, mas sim de transformá-los em novos cidadãos, embora houvesse ainda certa tolerância do SPI à presença dos missionários e de seus catecismos – conforme se viu na carta supracitada. Desse modo, se fazia importante uma primeira etapa: a transformação dos indígenas em mão de obra e a inclusão dos mesmos na economia de mercado, isso os tornava cidadãos nacionais e, ao mesmo tempo, liberava os sertões para o usufruto dos moradores locais. Por esse motivo era imprescindível o trabalho de atração dos grupos que estavam isolados e arredios ou em estado de

¹⁰¹ BARBOSA, Luiz Bueno Horta.[carta prefácio]. IN: MAGALHÃES, Basílio (Discursos pronunciados). **Em Defesa do Indio e das Fazendas Nacionaes**. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, de Rodrigues & C., 1925. p. 09.

guerra. A estratégia militar utilizada foi a pacificação, na prática e como base teórica para as ações executadas. Onde, um conjunto de mais algumas estratégias também deveria entrar em vigor: a educação, o ensino do idioma português e das técnicas agrícolas, o treino na pecuária e a demarcação das terras. O local para a execução dessas tarefas era o Posto Indígena, indicado como um confinamento para onde os indígenas deveriam ser deslocados pelos funcionários do SPI. Ali, no Posto Indígena, os indígenas eram induzidos a deixar de lado as suas práticas tradicionais, ao mesmo tempo em que participavam das atividades produtivas. Tais atividades não somente transformavam os indígenas em produtores rurais autossuficientes, mas também promoviam a manutenção da unidade do órgão responsável em elaborar maneiras de inclusão dos indígenas na economia local, mediante a comercialização dos excessos produzidos.¹⁰²

Uma das razões pelas quais o Exército foi escolhido como força organizadora e monitora do SPI-LTN foi a sua natureza operacional caracterizada pela construção da ideia de entidade salvadora da nação desde os tempos da Guerra do Paraguai. Nesse contexto, a profissão de engenheiro-militar foi ideologicamente encarregada de ‘construir’ as bases da nação, pois, além de contar com a formação profissional baseada nos mesmos conhecimentos do engenheiro civil, era-lhe ainda legitimado o uso da violência para exercer essa construção.

Como o próprio nome sugere, o SPI-LTN possuía as funções de proteger todos os indígenas contatados, além de estimular novos contatos e de promover a fixação de trabalhadores rurais não estrangeiros. Poucos anos após o contato com os primeiros grupos indígenas, os dirigentes do órgão perceberam que deveriam ficar mais atentos à situação dos mesmos, por verem a necessidade de haver uma maior urgência na resolução das principais etapas: a atração, o encontro e a pacificação. Em relação ao quesito *trabalhadores nacionais*, o decreto nº 9.214 de 15 de dezembro de 1911¹⁰³ visava criar centros agrícolas onde seriam situados os residentes das áreas fronteiriças com

¹⁰² Cf. GRUPIONI, Luís. **Coleções e Expedições vigiadas**. São Paulo: Hucitec Ltda, 1998. p. 36-39. IN: HOERHANN, Rafael. **O Serviço de Proteção aos Índios e os Botocudo – A política indigenista através dos relatórios (1912 – 1926)**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Orientadora: Ana Lúcia Vulfe Nötzold. 2005, p. 41.

¹⁰³ DECRETO Nº 9.214, de 15 de dezembro de 1911. IN: HOERHANN, Eduardo. Transcrição comentada, 3f. s/d.

outros países. Os centros seriam estabelecidos em locais com terras boas à agricultura – em perfeitas condições de salubridade e com cursos de água potável –, próximos aos mercados consumidores e seriam servidos de meios fáceis para a comunicação. O governo pretendia construir imediatamente dois centros agrícolas em cada Estado, incluindo o Distrito Federal, e para um melhor acesso da população, os centros seriam construídos perto das linhas férreas. Havia ainda a intenção de aumentar o número dos centros agrícolas, de modo gradativo e conforme permitissem as dotações orçamentárias. Mas foi exatamente por conta de tais pretensões que os dirigentes do SPI resolveram abandonar a ideia de localizar trabalhadores nacionais, contatar indígenas e sustentá-los. Toda essa ação era dispendiosa demais para uma entidade que, ao olhar dos governantes, não traria retorno econômico algum. E, sobretudo, não existia uma definição concisa acerca desses *trabalhadores nacionais* – quem seriam eles: os indígenas, os povos que viviam em áreas limítrofes com outros países, ou ambos? Então, a partir de 1914, a instituição passou a ser conhecida apenas como Serviço de Proteção aos Índios (SPI). O caráter nacionalista permanecia, o Estado deveria promover a proteção ao indígena, transformando-o em trabalhador rural, capaz de se autossustentar ao extinguir, assim, o nomadismo de sua de vida. A criação do “novo” *Serviço* proporcionou aos indígenas o reconhecimento dos títulos de suas terras; ademais, houve também modificações quanto ao amparo legal dirigido à instituição. O ministro Rodolpho Miranda adotou a fórmula de Couto de Magalhães: “Não aldear, nem pretender governar as tribos; deixá-las com seus costumes, sua alimentação, seu modo de vida”.¹⁰⁴ Dentro dessas novas diretrizes, podemos citar as ações principais:

Art. 2.º, § 3 – Pôr em prática os meios mais eficazes para evitar que os civilizados invadam terras dos índios e reciprocamente.

Art. 2.º, § 4 – Fazer respeitar a organização interna das diversas tribos, sua independência, seus hábitos e instituições, não intervindo para

¹⁰⁴ CUNHA, M. (Org.). **Legislação indigenista no século XIX**. p. 162. IN: HOERHANN, Rafael. **O Serviço de Proteção aos Índios e os Botocudo – A política indigenista através dos relatórios (1912 – 1926)**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Orientadora: Ana Lúcia Vulfe Nötzold. 2005, p. 43.

alterá-los senão com brandura e consultando sempre a vontade dos respectivos chefes.

Art. 2.º, § 12 – Promover, sempre que for possível, e pelos meios permitidos em direito, a restituição dos terrenos que lhes tenham sido usurpados (Decreto n.º 9.214, de 15 de novembro de 1911).¹⁰⁵

O indígena era considerado um indivíduo que deveria se tornar o quanto antes, um trabalhador autossuficiente, a fim de ser aceito no mundo “civilizado”. Um ponto importante apresentado no Decreto que merece destaque aqui é a proteção do indígena em seu próprio território. Ora, durante séculos, várias comunidades indígenas foram deslocadas para os centros urbanos onde eram subjugados pelos colonizadores ou então sofriam com as reduções jesuíticas para serem cristianizados e protegidos. Uma vez fora de seu ambiente, os indígenas não conseguiam garantir de modo eficiente o seu sustento, o que restava era fugir ou se submeter aos trabalhos servis. Agora, com a modificação das diretrizes, o grupo responsável em contatar os indígenas deveria segui-los até a sua comunidade e lá mesmo iniciar os trabalhos de pacificação e de nova adaptação cultural aos moldes da sociedade dominante.

Iniciado assim um novo momento, temos que a questão do trabalho e do bom exemplo dos funcionários do SPI diante dos indígenas eram fatores considerados de extrema importância pelos líderes do *Serviço*, pois qualquer desvio de conduta por parte dos “civilizados” – dentre esses: indisposição ao trabalho regrado, hábitos como tabagismo e a propensão ao alcoolismo – poderia vir a romper com todos os avanços até o momento conquistados. Em Santa Catarina, com a expansão das poderosas empresas colonizadoras, conforme vê-se na citação infracitada, havia grande oferta para trabalhadores braçais, o que retirava a disponibilidade de pessoal qualificado e de boa índole para os específicos serviços, que os postos indígenas exigiam. É certo que as companhias de colonização remuneravam muito melhor do que uma entidade cuja projeção era considerada inferior.

Nesta missiva, Hoerhann deixou a sua versão a Luiz Bueno da Horta Barbosa:

Compreende-se que, já pela sua natureza, o Posto luta com grandes dificuldades para conseguir pessoal prestável. Raros são os que querem trabalhar longe de suas famílias e dos

¹⁰⁵ Idem.

povoados, mormente no meio de índios, correndo constante perigo. Ora, o único meio de vencer esta natural relutância, seria empregar o mesmo systema, adoptado pelas taes Companhias colonisadoras, isto é, pagar aos operários um salario ainda superior ao que poderiam perceber em outros quaesquer trabalhos. Solução esta, que se torna impossivel ao Serviço aqui, deante da insufficiencia dos recursos, de que dispõe. Peço venia Snr. Director, para citar-vos o seguinte facto: Na mesma picada que vae ter ao nosso Posto, estão trabalhando três grandes turmas, no alargamento da mesma, para a construcção de estradas de rodagem. Nestas turmas, qualquer operário, percebe Rs. 5\$500 e 6\$000, e, nos serviços de pedreira, Rs. 7\$000 e 8\$000, diários, que lhes são pagos semanalmente. Nada mais evidente, que, desprezando as condições acima, se apresente alguém, disposto a se internar mais quatro horas no sertão para, no Posto, ganhar Rs.: 2\$500 e 3\$000; para ainda esperar pelo seu dinheiro. Dadas estas circumstancias, não pôde o Posto, sob forma alguma, competir com as vantagens offerecidas pelas já citadas companhias, resultando forçosamente ter-mos que aceitar, premidos pela absoluta necessidade, os notórios vadios que, expellidos de turma em turma, finalmente não tendo mais onde parar, se nos apresentam.

Dá-se pois, no Posto, exactamente o contrario do que devia acontecer: É o exemplo, o factor básico de toda nossa influencia sobre os índios, sendo portanto de incondicional importância, que as emergências, dar-lhes sempre os melhores exemplos. Alem de que, não se deve olvidar, que os exemplos dados aos índios agora, não são simplesmente um effeito transitório, mas calando em seus espíritos, poderosamente influirão em todo o seu futuro.

São incalculáveis os dispendios de energia, a perda inutil de tempo e os desgostos causados pela selecção negativa, qe de facto aqui se observa.

Como habituar o indio aos nossos affazeres e lides, como despertar no mesmo indio verdadeiro interesse pelos nossos trabalhos, aos quaes não

está acostumado e justamente por isso lhe inspira uma aversão aliáz natural e muito compreensível, se os homens que deveriam primar pelo bom exemplo, tudo negligenciam, mostrando aversão ainda maior por todo e qualquer serviço, delle se esquivando logo que haja a mínima ocasião.¹⁰⁶

Em pouco mais de seis anos da acontecida pacificação no mês de setembro de 1914, as empresas colonizadores contratavam toda a mão de obra disponibilizada por bons trabalhadores e pessoas especializadas, na visão de Eduardo Hoerhann. Havia uma grande leva de engenheiros, de diversas áreas e graduados no exterior, afinal, terrenos precisavam ser preparados para receber os colonos que lá prosperariam. Sendo assim, para a realização das obras era necessário um grande investimento monetário, e isso foi feito através de verbas nacional e estrangeira – consequentemente, também era preciso gerar retorno aos investidores. Por outro lado, o encarregado do Posto Indígena não necessitava de formação acadêmica ou técnica, bastava apenas possuir boa vontade para trabalhar e comandar uma turma designada como responsável pela “educação” dos indígenas, essa, já indicada aqui, inspirada no pensamento positivista ocidental. Mas havia um problema para o Encarregado: encontrar pessoas que fossem exemplos de conduta e de disciplina, uma vez que para ele, os melhores trabalhadores da região eram prontamente incorporados às empresas citadas. Conforme Eduardo Hoerhann não eram muitos aqueles que se arriscavam a morar longe dos centros urbanos e a trabalhar em uma área indígena sem saber ao certo a data do recebimento de seus ordenados. Donde se segue que enquanto as empresas colonizadoras eram movidas pelo dinheiro, o SPI funcionava através do idealismo de seus servidores. Porém, eram poucos os servidores crentes na realização de uma “grandiosa obra patriótica”. Segundo o relatório, a maioria dos trabalhadores dos postos indígenas estava lá por falta de opção, ou seja: interpretavam as tarefas como as de um emprego temporário, de modo que a eles pouco importava se seus péssimos hábitos, como o alcoolismo e a vadiagem, influenciariam ou não no comportamento futuro dos acautelados. Havia a preocupação com os bons exemplos, vide o registro na referência supracitada, porque no entender positivista o indígena se encontrava num patamar primórdio de humanidade, logo precisava ser melhorado e necessitava que lhe

¹⁰⁶ HOERHANN, E. [carta] 25 jan. 1921, Ibirama. [para] BARBOSA Luiz Bueno da Horta. Curitiba. 14 f. Situação do Posto Plate.

transmitissem os bons modelos de civilização.

Se em algum momento a existência humana modificada física e culturalmente através dos séculos foi mal absorvida por alguns indivíduos, não deveria ocorrer novamente em pleno século XX com protegidos de um Estado republicano, democrata e positivo. Possivelmente na visão dos servidores idealistas do SPI eles eram o melhor exemplo para o indígena e os mais indicados para promoverem a formação de um novo cidadão brasileiro, livre de vícios, trabalhador ordeiro e útil ao Estado que o abraçou e reeducou. Enquanto o encarregado do Posto Indígena em Santa Catarina e os seus fiéis escudeiros de labuta e de amor à causa se preocupavam em realizar com esmero a missão que lhes fora incumbida, os promotores estrangeiros do preparo da terra e da emigração exigiam que cada vez mais terrenos lhes fossem vendidos e que esses estivessem livres de indígenas “perturbadores” da paz. Talvez para o governo brasileiro, este fosse o principal motivo da criação do SPI: manter os Xokleng confinados em um território comum, e do qual eles nunca se ausentassem, a fim de não molestar os colonos recém-localizados. Dito de outro modo: mostrar aos países interessados em enviar emigrantes que naquelas terras havia segurança e boas chances de prosperidade. Contudo, não havia necessidade de investir numa instituição dedicada ao protetorado indígena, pois o indivíduo acautelado cedo ou tarde naturalmente seria assimilado em poucas gerações pela sociedade regional. Assim, supostamente pensavam os governantes brasileiros daquela época.

Os colonos regionais ocupavam os territórios históricos dos indígenas e esses se apoderavam das criações, das ferramentas e de tantos outros utensílios disponíveis nas fazendas. Aconteceu pelo menos em Santa Catarina, redução de invasões por parte de ambos os lados, o qual é datado a partir da demarcação de terras, realizada pela Reserva Indígena Duque de Caxias, no ano de 1926. Dessa data até 1954, quando a liderança do SPI foi substituída, houve menos interferência de pessoas estranhas ao Serviço. Posteriormente, foi aberto espaço para o ingresso de companhias exploratórias dos recursos naturais, identificadas principalmente nas quase intocadas terras da reserva. Assim, quando as companhias foram estabelecidas na reserva, reiniciou-se o ciclo de invasões em busca de mais terras destinadas ao extrativismo e à exploração dos recursos naturais, donde se seguiu também a degradação do meio ambiente.¹⁰⁷

¹⁰⁷ Cf. WIESE, Harry. **De Neu-Zürich a Presidente Getúlio**. Uma História de Sucesso. Rio do Sul: Empresa Editora Jornal Nova Era Ltda, 2000. p. 78.

Segundo Darcy Ribeiro, conforme a nova lei estabelecida também ficava proibido o desmembramento da família indígena através da separação de pais e filhos, prática empregada sob o pretexto da educação ou catequese. Essa era uma atividade de herança colonial que ainda vigorava em diversas partes do país e apresentava o argumento de que só era possível salvar os indígenas pela catequização das novas gerações; portanto, os pais eram menosprezados e os filhos conduzidos às escolas religiosas. Na missão havia o preparo da criança para uma vida de “civilizado” e, desse modo, ela abandonava os seus hábitos tradicionais. Após alguns anos, quando retornava à sua comunidade, o indivíduo permanecia à margem da mesma, pois se tornara um adulto que não sabia realizar as tarefas cotidianas de sua comunidade. Por outro lado, o indígena também não conseguia viver entre os “civilizados” porque não se adaptava com facilidade ao seu novo modo de vida, para o qual havia sido, nas devidas circunstâncias, capacitado. Na sua condição de “novo civilizado” ele era sempre tratado como “índio”, isso causava o sofrimento, resultante do preconceito e da segregação.¹⁰⁸

Rondon não participou da elaboração das diretrizes que definiram o diretório do SPI, primeiramente, ele foi diretor e depois orientador do *Serviço*, e sempre acompanhou a trajetória do mesmo por todo território nacional, independentemente se estava ou não no exercício de algum cargo. Foi por causa da ação indigenista de Rondon que o SPI pacificou, sempre utilizou métodos persuasórios em quase todos os grupos indígenas do Brasil. Dezenas de funcionários do SPI, ideologicamente integrados e motivados por Rondon, provaram, à custa de suas vidas, que o lema “morrer se necessário for, matar nunca” não era apenas uma frase retórica. Como o caso do chefe da unidade do Paraná, Fioravante Esperança, que morreu abraçado à haste da bandeira nacional, de arma na cintura, quando foi flechado pelos Xokleng no ano de 1912.¹⁰⁹ O prospecto baseado na Lei n. 8.072 de 20 de junho de 1910, parcialmente citado abaixo, explica as intenções básicas do SPI-LTN:

Trata-se conforme indica o seu próprio título, de um serviço de carácter altamente social em que o Governo Federal procura a um só tempo amparar com seu valimento as inúmeras hordas abandonadas de selvícolas brasileiros e agremiar em núcleos isentos de miséria os humildes

¹⁰⁸ Cf. RIBEIRO, Darcy. p. 160.

¹⁰⁹ Cf. SANTOS, Sílvio C. dos. p. 158.

trabalhadores patrícios.

No primeiro caso a acção da Inspectoria limita-se a uma mera assistencia protectora, sem nenhum caracter de catechese e, portanto, sem nenhuma influencia directa nas crenças e costumes do índio, mas garantindo-lhe a liberdade e a subsistencia e defendendo-o indefectivamente de qualquer especie de opressão ou vexame por parte do civilisado.¹¹⁰

Alguns dirigentes do SPI acreditavam na evolução progressiva do indígena ao imbuí-lo dos valores neofilosóficos da doutrina positivista: além de proteger o indígena “abandonado” sem influenciá-lo directamente – foi esse o quesito que moveu a mentalidade de tais dirigentes. A persuasão, conforme já dito, era um dos métodos salientados para auxiliar na finalidade proposta. O indígena não deveria ser forçado, de maneira alguma, a mudar seus hábitos tradicionais, mas sim compreender, espontaneamente, que o seu ingresso na “civilização” era o caminho mais apropriado à sua sobrevivência, ou seja, ele precisava ser protegido. Uma vez realizado tal feito, o indígena passaria a pertencer à sociedade dominante com condições igualitárias de ascensão. E, segundo os moldes criados pelos positivistas, essa seria a etapa final de sua evolução. Assim como a FUNAI nos dias de hoje, o SPI classificava os indígenas de acordo com o seu grau de “civilização”, a saber: os índios nômades, os índios arranchados ou aldeados, os índios pertencentes às povoações indígenas e os índios pertencentes aos centros agrícolas ou que vivem promiscuamente com civilizados. Para efeitos da Lei e de acordo com o artigo 28º do Decreto 5.484 de 27 de julho de 1928, os indígenas, dentre as três primeiras categorias, que tivessem praticado qualquer tipo de infração eram recolhidos, mediante requisição do inspetor competente, às colônias correccionais ou aos estabelecimentos industriais disciplinares pelo tempo que o mesmo inspetor estabelecesse desde que o tempo não fosse superior a cinco anos. O decreto mencionado permite então supor que os indígenas classificados na última categoria, ou seja, os integrados, responderiam legalmente acerca de seus delitos do mesmo modo que os demais cidadãos brasileiros.¹¹¹

No Decreto Nº 9.214 de 15 de dezembro de 1911, esse a respeito

¹¹⁰ MINISTERIO DA AGRICULTURA INDUSTRIA E COMMERCIO. Prospecto do SPI-LTN, 1911.

¹¹¹ Cf. DECRETO Nº 5.484, de 27 de julho de 1928.

da proteção indígena designada aos funcionários responsáveis e ao modo como deveriam velar pelos direitos que as leis vigentes conferiam aos protegidos. Vale mencionar aqui que, no artigo quinto desse decreto, a punição estava prevista para todos aqueles que cometessem crimes contra os indígenas, no entanto não há uma definição sobre quem seriam esses agentes punitivos – os órgãos competentes do Estado ou os da União. No artigo sétimo está descrito que os indígenas eram proibidos de prestar serviços a particulares e cabia aos responsáveis por eles a fiscalização de quaisquer contratos de trabalho. Já no artigo décimo quarto consta que os responsáveis pela integração deveriam distribuir aos indígenas instrumentos musicais que lhes fossem apropriados – aqui sem distinguir qual a intenção de tal norma –, ferramentas e instrumentos de lavoura para produzir culturas, animais domésticos úteis e todos os demais recursos que lhes fossem necessários.

Em 1930 José Maria de Paula exercia o cargo de inspetor na Inspetoria Regional 7ª (IR 7) e era então responsável pela administração dos postos indígenas dos estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. No mês de abril desse mesmo ano, José Maria de Paula visitou o Posto Indígena Duque de Caxias e fez um relatório de quinze páginas ao diretor interino do Serviço, Luiz Bueno da Horta Barbosa. Entre as inúmeras impressões positivas sobre o Poinduca (fossem essas: a variedade de culturas produzidas, as fábricas internas, a criação de animais, os transportes fluvial e terrestre ali existentes), uma delas o deixou estupefato: o estado de ânimo dos Xokleng. Além disso, de Paula relata que os inimigos do *Serviço* o incitavam a contestar negativamente sobre a maneira que o SPI os conduzia: eles reivindicavam diretamente ao inspetor que precisavam de mais liberdade, dinheiro, roupas bonitas e tudo aquilo que não encontravam no Posto. Ademais, de Paula soube através de um indígena que sua pessoa havia sido muito mal difamada por um morador local, sob acusações de que o inspetor haveria dito que os Xokleng nada valiam e que deveriam ser tratados como cachorros. Ao saber disso e de por que estava sendo hostilizado, de Paula deixa registrado em sua defesa o seguinte:

Esforcei-me para explicar-lhes quaes os nossos intuitos, assim procedendo como seus verdadeiros amigos, para preserval-os do contato prejudicial daquella gente, ainda hontem seus implacaveis e sanguinarios inimigos e que agora, mudando de tática e fingindo seus amigos, queriam contaminar-os com seus vicios e perdel-os.

Tão vehemente e apaixonada foi a defesa, que,

com uma loquacidade de que nunca os julguei capaz, desenvolveram, durante mais de uma hora, em favor daquela gente e do ponto de vista da inteira liberdade delles, indios, para passeiarem aonde e quando entenderem, se embriagarem, á vontade, como faz toda aquella gente, que vive nas vendas do campo; não trabalharemos no Posto, a não ser bem pagos, visto como o Governo tem a obrigação de sustental-os e vestil-os, que fiquei verdadeiramente pasmo de todo o miseravel trabalho de demolição e de perversão que, esses bandidos, pois outro nome não merecem, desenvolveram junto a estes pobres indios; fingidamente os agradando e lisongeando as suas tendencias grosseiras, principalmente para a beberagem, que com tanto esforço verdadeiro sacrificio, o Snr. Eduardo e os seus companheiros de Serviço, vem pacientemente procurando combater, durante tantos annos.¹¹²

Em 1932 foram descritas, no Diário Oficial, todas as funções que os Inspectores Regionais deveriam exercer:

Art. 17 – Os Inspectores Regionais são responsaveis, directa e immediatamente, por todos os trabalhos attribuidos á competencia das Inspectorias, nas respectivas zonas, quer esses trabalhos dependam somente de sua iniciativa e sejam executados pelo pessoal subordinado á sua direção, quer exija a collaboração de funcionarios de outros serviços do Ministerio do Trabalho, Industria e Commercio e dos demais Ministerios ou de empregados e repartições estadoaes e municipaes.

Art. 18 --- Compete ao Inspector Regional: --

a) – determinar, dirigir, fiscalizar os trabalhos de todos os funcionarios com exercicio na Inspectoria, não só no que respeite ás attribuições da mesma Inspectoria, como ás determinações directamente recebidas do Ministro, ou dos directores geraes, nos termos do art. 2º,

¹¹² PAULA, José Maria de. [carta] 5 abr. 1930, Curitiba. [para] Diretor Interino SPI. Rio de Janeiro. 15f. Relatório sobre sua visita ao Posto Indígena Duque de Caxias.

atendendo, pessoalmente, sempre que for possível, às inspecções e encargos mais importantes [...].¹¹³

O contato direto com os indígenas, ação que implicava ensiná-los a trabalhar de forma regrada e, conseqüentemente, supervisioná-los em tais tarefas, era a função colocada em prática pelos membros do *Serviço* – esses denominados de *inspetores de índios*, ou, como eram comumente chamados, *encarregados de posto*. Tal cargo acarretava uma grande responsabilidade, pois aos designados caberia: primeiro, entrar em contato com indígenas; depois, mantê-los em um território determinado; e, por último, fazê-los assimilar os conceitos básicos do positivismo a fim de um possível ingresso na sociedade regional. Sílvio Coelho dos Santos afirma que, no caso de Santa Catarina, a criação dos postos ajudou a proteger os indígenas do extermínio pelas tropas de bugreiros, mas não de doenças mortais, as quais eram contraídas em decorrência do contato com as populações regionais. Tanto no Posto Plate, estabelecido em 1912 (rebatizado para Posto Indígena Duque de Caxias em 1920), como no Posto Indígena Dr. Salistre de Campos, criado em 1941 na cidade de Xanxerê, oeste de Santa Catarina, houve tentativas da parte das lideranças dos postos para defender o patrimônio indígena, representado pelas riquezas naturais e pelas terras reservadas. Mas, em um âmbito geral, de acordo com Sílvio Coelho dos Santos, através de sua análise a respeito das várias atitudes tomadas pelos encarregados dos postos, o desenvolvimento de uma política destinada a integrar o indígena à comunidade regional não foi verificado. Uma deficiência do próprio *Serviço* que refletia diretamente na limitação operacional dos postos indígenas.¹¹⁴

Segundo Manoela da Cunha, foi na Carta Magna de 1934 que, pela primeira vez, a questão indígena surgiu como matéria constitucional. O Ministério das Relações Internacionais, mais conhecido como Itamaraty, não deixou registrado nenhum documento sobre os indígenas, nem no Projeto do Governo, nem no Substitutivo da Comissão dos 26, composto por um membro de bancada de cada estado do Brasil. A primeira emenda apresentada, originou-se na bancada amazonense exposta em 21 de dezembro de 1933 pelo deputado Álvaro Maia e mais três deputados, sob o número de 1.193.¹¹⁵ Nesse mesmo

¹¹³ **Diário Oficial**. 24 de dezembro de 1932.

¹¹⁴ Cf. SANTOS, Sílvio Coelho dos. **A integração do índio na sociedade regional**. UFSC: Florianópolis, 1969. p. 49.

¹¹⁵ Cf. CUNHA, M. (Org). **Legislação Indigenista do século XIX**. p. 82.

ano, o Decreto n. 24.700 de 9 de junho de 1934 transfere o Serviço de Proteção aos Índios do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio para o Ministério da Guerra. Na época o indígena era visto como o habitante das fronteiras – um indivíduo precioso por causa de sua moral e robustez física e que se adaptava facilmente ao clima. Ele deveria ser educado e chamado à nossa nacionalidade antes que os países limítrofes o fizessem. Como se tratava de questões fronteiriças e de preservação da nacionalidade, o Ministério da Guerra foi considerado o órgão mais apropriado para supervisionar e modernizar os métodos utilizados pelo SPI. Sobre essa mudança Eduardo Hoerhann deixa seu parecer em correspondência, a Jules Henry:

Passemos, agora, às “Novidades”, e, ólhe, que ha, uma, FORMIDÁVEL: O “Glorious” ... passou, para o Ministério da Guerra!!!!!!!!!!!!!! Para que V. tenha uma idéia, exata do enorme alcance dessa medida ultra-patriótica (!!!) remeto com esta, a cópia, que recebi do DECRETO Nº 24.700. Ao Presidente da República, telegrafou o General Rondon nos seguintes termos:

“Profundamente comovido pelo ato do Governo de V. Exa. que dá novo rumo ao Serviço de Proteção ao Índio entregando a direção ao Exército. Ministra intuito aproveitar grandes elementos raças puramente brasileiras na repartição guarda fronteiras, defesa nacional, formação sua brasilidade e seu aproveitamento na concentração de vias de penetração pela atração e pacificação das tribus apontadas nas profundezas nossos sertões. Apresento a V.Exa. meus vivos agradecimentos em meu nome particular e no de todos os índios brasileiros e pelos mestiços esparsos na vastidão do território nacional. – General Rondon.”

Mas, de resto, até agora, ficou só nisso. Não obtive nenhuma outra comunicação, ordem, ou cousa que o valha. Tem-se a impressão que essa “passagem” reforçou a profundeza do sono catalético em que se aprofundava o Glorious...

Emfim, seja na “AGRICULTURA”, no “TRABÁLHO” ou na “GUÉRRRA”... o “Glorious” continua... Super idem...

Não devemos nos esquecer, no entanto, que Benjamin Franklin, afirmou – “Three removes are

as bad as a fire... E, no demais, - “Prá quê trabaiá!”
116

A passagem do SPI para o Ministério da Guerra, conforme a fala do general Rondon, foi aparentemente um retorno à ideia de recuperar trabalhadores nacionais, abandonada em 1914. Uma vez que a pacificação era deveras complicada na época, o *Serviço*, em 24 anos de experiência, apresentava alguns resultados da integração regional. Onde, os indígenas contatados deviam receber treinamento militar para se tornarem guardas das fronteiras, reais soldados conhecedores do terreno a defender.

O presidente da República decretou as atribuições conferidas aos servidores do SPI no Art. 1º do Decreto nº. 19.398 de 11 de novembro de 1930. A partir de então, o Serviço de Proteção aos Índios passa a fazer parte do Departamento de Inspetoria Especial de Fronteiras e fica subordinado também ao Ministério da Guerra; as funções atribuídas ao *Serviço* estão descritas no artigo 37 da Lei nº. 5.484, de 27 de junho de 1928. Citamos alguns pontos:

[...] Art. 2º - Será mantido o pessoal civil especializado no mesmo Serviço, sendo criadas as sub-divisões administrativas necessárias ao bom encaminhamento dos trabalhos.

§ UNICO – Os cargos de direção serão providos, de preferência, por oficiais da ativa, ou reformados, com as vantagens que lhes forem arbitradas pelo Ministério da Guerra, observadas as limitações do Decreto n. 23.053 de 8 de agosto de 1933 e tendo as atribuições do art. 6º da Lei n. 5.484 de 27 de junho de 1928.

[...] Art. 4º - No período de Passagem de Jurisdição. O Ministério da Agricultura, por intermédio das Repartições competentes e dentro de seus recursos orçamentários, prestará ao Ministério da Guerra todo o concurso de que o mesmo precisar para o desenvolvimento da lavoura e da criação de animais domésticos nos núcleos militares e povoações indígenas, fornecendo máquinas, instrumentos e ferramentas agrícolas, plantas, sementes e animais reprodutores adequados á cada região, bem assim

¹¹⁶ HOERHANN. Eduardo. [carta] 10 set. 1934, Ibirama. [para] HENRY, Jules, Curt. Nova Iorque. 2f. Política brasileira e SPI.

o pessoal técnico necessário á organização e orientação dos trabalhos de sua especialidade.
 [...] Art. 7º - O Ministério da Guerra fica autorizado a rever a legislação vigente para o Serviço de Proteção aos Índios, adaptando-a melhor aos interesses da nacionalização e defeza das fronteiras. Tal revisão – bem como a aplicação do art. 2º deste Decreto serão feitos sem aumento de despesa para o exercício financeiro de 1934-35.¹¹⁷

Existia na época o entendimento de que o Exército era a instituição mais preparada para assumir a liderança de assuntos delicados, tal como a questão indígena. Até aquele momento, o *Serviço*, gerido por iniciativa militar, repassado ao Ministério da Agricultura em 1930 e restituído quatro anos mais tarde à responsabilidade dos militares, havia criado expectativas concretas em relação ao destino dos indígenas, sem chegar a um resultado efetivo. No entanto, nem todos os conhecedores das culturas indígenas brasileiras eram orientados pelo patriotismo pertencente aos positivistas. Etnólogos como Curt Nimuendajú viviam uma grande parte de suas vidas em convivência direta com indígenas e por tal motivo sabiam muito mais sobre eles do que qualquer outro teórico paternalista. Em repúdio à decisão nacional de transformar indígenas em soldados protetores da pátria, Nimuendajú desabafa para Hoerhann:

É deploravel que o grande Rondon que tem o merecimento immortal de ter estabelecido o principio do protectorado aos indios, ainda caia em erros grosseiros quanto ao aproveitamento delles. Ha pouco ouvi com espanto que elle propôz o aproveitamento dos indios como guardas da fronteira do Brazil. Que absurdo! Tratados de cuja existencia o indio nem sequer tem conhecimento. Dividiram p.ex. os Guaraní entre o Brazil, a Argentina e o Paraguay, os Wayána, entre o Brazil, a França e a Hollanda, os Taulipáng entre o Brazil, a Venezuela e a Inglaterra, Os Tucuna entre o Brazil, a Colombia e o Perú, os Wanána entre o Brazil e a Colombia,

¹¹⁷ Diário Oficial de 9 de junho de 1934, p. 11.114. In: **Documento do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. 16º Inspeção Regional, Estado de Santa Catarina.**

etc. A patria deste indios e de todos os outros não é porem nenhum destes estados modernos: São as mattas e os campos do territorio da tribu; quer deste, quer daquelle lado das fronteiras officiaes. A este territorio se prendem as tradições communs da tribu. Nem que elle já esteja completamente usurpado pelos civilisados, elles ainda insistem em que elle seja delles. Portanto também seus patricios os cidadãos (sic) deste o daquelle estado moderno mas sim os membros da sua tribu, tanto de um como de outro lado da fronteira. Nem hymnos, nem bandeiras desfraldadas que se apresenta ao indio para serem beijadas, nem discursos patrioticos podem despertar no intimo do indio um sentimento de patriotismo brasileiro, colombiano, francez ou quer que seja. É preciso reconhecer aos indios o direito de uma existencia ethnica a parte.¹¹⁸

Talvez se os dirigentes do SPI tivessem a mesma orientação científica de Nimuendajú – ele possuía uma visão etnológica para além de seu tempo – não haveria tantas lamentações nos dias atuais acerca da perda cultural e física de várias etnias indígenas. E também o governo não despenderia tanto tempo ao tentar encontrar uma solução menos traumática para essas comunidades, segundo defendeu Coelho dos Santos, em sua obra *Índios e Brancos no Sul do Brasil, a dramática experiência dos Xokleng*. Na década de trinta ainda restaria tempo para compreender a necessidade de reconhecer aos indígenas o direito sobre as suas particularidades culturais dentro do contexto nacional. Esse entendimento foi imortalizado por Nimuendajú. E, embora ele tenha deixado uma vasta literatura etnológica, publicada ao longo de sua vida, através de suas próprias experiências, esta reflexão de “tratar o indígena como ele é, ou seja, como indígena” foi sendo aos poucos absorvida e colocada em atividade por estudiosos brasileiros somente na década de cinquenta, com os irmãos Villas-Bôas e Darcy Ribeiro. Entrementes, em 1936, Getúlio Vargas aprovou em caráter provisório o Decreto nº 736, que trouxe um novo regulamento às atividades do Serviço de Proteção aos Índios, entre as quais estava inclusa a intenção de nacionalizar os indígenas. Aqui citamos o Decreto parcialmente:

¹¹⁸ NIMUENDAJÚ, Curt. [carta] 14. out. 1933, Pará. [para] HOERHANN, E. Ibirama, 5f. Questões sobre identidade indígena.

Art. 1º - O Serviço de Proteção aos Índios, constituindo órgão da Inspetoria Especial de Fronteiras, terá por fim:

a) – prestar aos índios do Brasil, proteção e assistência, amparando a vida, a liberdade e a propriedade dos aborígenes: defendendo-os do extermínio, resguardando-os da opressão e da expropriação, bem como abrigando-os da miséria: quer vivam aldeados, reunidos em tribos ou promiscuamente com civilizados:

b) – pôr em execução medidas e ensinamentos para a nacionalização dos selvícolas, com o objetivo de sua incorporação à sociedade brasileira.

Art. 2º) – A proteção, assistência, defesa ou amparo que trata o art. 1º, deverão ser dadas na própria terra habitada pelos selvícolas, salvo os casos de afastamento por motivo de enchentes, secas, epidemias ou outras calamidades e motivos justificáveis: e terá por fim:

a) – promover a efetivação dos direitos e garantias que as leis vigentes conferem aos índios;

b) – garantir a efetividade da posse de terras habitadas pelos índios, e de seu desenvolvimento futuro;

c) pôr em prática os meios mais prontos e eficazes para que os civilizados respeitem as terras dos índios e vice-versa;

d) fazer respeitar a organização interna das tribos, seus hábitos e instituições, só servindo para alterá-las quando indispensável, com brandura e persuasão;

e) fiscalizar o modo como são tratados os índios nos estabelecimentos públicos ou particulares, leigos ou religiosos; nos termos do art. 47, do decreto n. 5.484, de 28 de julho de 1928;

f) exercer vigilância e impedir que os índios sejam coagidos a prestar serviços ou sejam explorados de qualquer maneira, velando pelos contratos que forem feitos com eles para qualquer gênero de trabalho, bem como assistindo e zelando para que não sejam lesados em suas relações comerciais e econômicas com os civilizados, devendo ficar extinto em tais contratos, sempre feitos por livre vontade dos índios, as seguintes obrigações

essenciais por parte do contratante:

1º) – Estabelecer para os índios salários suficientes às suas necessidades, cujo pagamento deverá ser fiscalizado por funcionários do Serviço de Proteção aos Índios;

2º) Facultar ao funcionário ou delegado do Serviço de Proteção aos Índios o exame da escrituração referente ao trabalho e transações dos índios, ficando claro que por motivo de dívidas nenhum índio poderá ser retido ou preso, nem privado dos objetos de seu uso;

3º) Não vender, dar ou proporcionar de qualquer modo, bebidas alcoólicas aos índios [...].¹¹⁹

No Poinduca o SPI havia conseguido demarcar a área indígena no ano de 1926 na qual foi possível diminuir a o contato direto com a população regional, o que evitou, em parte, que os Xokleng tivessem problemas com o alcoolismo e que frequentassem zonas de meretrício. A mão de obra indígena realizada no posto não era remunerada e o excedente de produção era comercializado para a aquisição de outros produtos úteis ao próprio posto.¹²⁰ Contudo, a partir do novo Decreto os indígenas passaram a receber pagamento pelo trabalho prestado e, desse modo, os chefes dos postos não mais conseguiam impedir que eles saíssem da área delimitada. No relatório de José Maria de Paula já constava a remuneração não fiscalizada dos Xokleng que haviam trabalhado nas construções de estradas locais, ou seja, o SPI não possuía condições de averiguar outros tipos de absorção à sociedade, os quais eram proibidos até a formulação do novo Decreto supracitado:

Disse-me um deles já ter trabalhado em serviço de estrada, nas colônias do campo, com diária de 6\$000 diários, e mais a comida, pagos semanalmente.

Imagina-se, facilmente, como teriam sido feitas as contas e os pagamentos a esses índios; assim, inteiramente, fora de qualquer fiscalização, por parte de nosso Serviço.

Provavelmente, esses 6\$000 diários ficaram reduzidos a 1\$000 ou 2\$000 ou talvez ainda menos.

¹¹⁹ **DECRETO N. 736 – DE 6 DE ABRIL DE 1936.** Rio de Janeiro, 115º da Independência e 48º da República.

¹²⁰ **A Cidade.** 18.mar.1926. n. 26, Blumenau. p.1.

Ainda uma vez lhes repeti todos os conselhos e observações que lhes tem sido e continuam a ser, insistentemente, feitos pelo Snr. Encarregado do Posto.

Acredito, entretanto, que tal medida, aliás a unica, no momento, capaz de evitar a ida desse grupo á região do campo, terá efeito muito transitorio e palliativo; pois os indios não se satisfarão com essas diarias e irão, progressivamente, exigindo maiores quantidades; sabido como é, que nunca estão satisfeitos com o que têm.¹²¹

O inspetor termina o seu relato ao exigir medidas enérgicas para o Poinduca, a saber: o estado de Santa Catarina e o SPI deveriam trabalhar em parceria para fiscalizar o aproveitamento ilícito da mão de obra indígena por corruptores de conduta, assim como a renovação parcial de trabalhadores do posto; por fim, De Paula também clama por mais investimentos, os quais deveriam ser repassados com máxima urgência para que todo o trabalho de integração realizado até o momento não fosse perdido.¹²² Não há registros de fiscalizações estaduais e nem de um maior investimento do SPI por parte do governo. Parece que o inspetor percebeu que não havia a possibilidade de confinar comunidades indígenas em um território delimitado por muito tempo – a curiosidade dos Xokleng em conhecer o mundo exterior e o desejo de ter o seu próprio dinheiro foram descritos por José Maria de Paula, em um relatório de 1930. Tal situação, muito possivelmente, se alastrou por todos os postos indígenas do país: pois o processo de integração, que deveria ter acontecido conforme todas as previsões feitas, não surtiu o efeito almejado; mas, possibilitou aos indígenas, através do Decreto de 1936, o trabalho assalariado.

Durante o Estado Novo (1937 – 1945), houve da parte dos governantes o interesse em promover o desenvolvimento e a integração nacional, ou seja, realizar aquilo que, durante quase trinta anos, coubera ao Serviço de Proteção aos Índios. Então, Vargas centralizou o Poder

¹²¹ PAULA, José Maria de. [relatório] 5 abr. 1930, Curitiba. [para] Diretor Interino SPI. Rio de Janeiro. 15f. Relatório sobre sua visita ao Posto Indígena Duque de Caxias.

¹²² Cabe dizer aqui que essas mesmas medidas já haviam sido propostas, como o próprio De Paula cita, em um relatório do ano de 1929 redigido por Eduardo Hoerhann. Cf. PAULA, José Maria de. [relatório] 5 abr. 1930, Curitiba. [para] Diretor Interino SPI. Rio de Janeiro. 15f. Relatório sobre sua visita ao Posto Indígena Duque de Caxias

Federal, possibilitou a intervenção do Estado na economia e na sociedade brasileiras e criou um programa nacionalista.¹²³ Por conta dessas ações, os indígenas se tornavam interlocutores sociais que podiam seguir e/ou contestar a política central e, além disso, seriam defendidos, pois se tornavam também símbolos da brasilidade, essa idealizada pelos nacionalistas. No ano de 1940, Vargas visitou uma comunidade de indígenas Karajá e ficou conhecido na história como o primeiro presidente a realizar tal feito. Na ocasião, os Karajá praticaram um ritual singular de sua cultura e logo após cantaram o Hino Nacional diante da bandeira brasileira; o presidente brasileiro segurou uma criança indígena no colo e, porque estava preocupado em causar boa impressão, demonstrou interesse em “civilizar” uma aldeia Xavante ainda não contatada. Os Xavantes eram considerados extremamente ferozes, mas o governo estava disposto a extirpar as raízes do nomadismo a fim de converter esses indígenas em cidadãos produtivos. Contudo, a tentativa de pacificação não obteve o êxito almejado.¹²⁴ Sobre a visita aos Karajá, Getúlio Vargas registra, sem muito entusiasmo, as suas impressões em diário:

Junto havia um aldeamento de índios Carajás que nos receberam festivamente e convidaram seus amigos javaés, que também vieram. Aí pude observar a vida rudimentar dessa gente e o aproveitamento que se pode fazer dos mesmos. Fizemos excursões a cavalo pelo interior da ilha do Bananal, onde estávamos de barco, pelo Araguaia, e de aviões, pela zona entre o Araguaia e o rio das Mortes até as cabeceiras do Xingu. Essa região é ocupada pelos xavantes, índios bravios e ariscos, que não querem contato nem com civilizados, nem com outros índios. Descobrimos alguns aldeamentos longínquos, em plena mata, bem organizados, e um de caráter

¹²³ Cf. GARFIELD, S. As raízes de uma planta que hoje é o Brasil: Os índios e o Estado-Nação na Era Vargas. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, 2000, n. 39, p. 15.

¹²⁴ Cf. idem. IN: HOERHANN, Rafael. **O Serviço de Proteção aos Índios e os Botocudo – A política indigenista através dos relatórios (1912 – 1926)**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Orientadora: Ana Lúcia Vulfe Nötzold. 2005, p. 50.

provisório, mais próximo de nossa residência.¹²⁵

Pode-se especular, pelo teor dos diários de Getúlio Vargas, que o SPI não era uma das prioridades de seu governo, e de nenhum outro que o antecedeu. Não há referências sobre o *Serviço* da parte do presidente. Ele estava sim preocupado em exterminar os levantes integralistas, os comunistas e todos aqueles envolvidos em conspirações militares que visavam derrubá-lo do poder. Cabe deixar expresso aqui que se preocupar com os indígenas de maneira superficial sempre foi uma postura característica dos políticos brasileiros – até porque naquela época a maioria dos indígenas ainda não detinha o poder do voto – e daí segue o fato de a questão indígena, cedo ou tarde, ser deixada de lado pelos governantes do país, independentemente de qual período histórico estamos nos referindo. A respeito da mencionada visita do presidente da República, Hoerhann desabafa suas angústias a uma amiga confidente. A carta é de 22 de setembro de 1940, data de aniversário dos vinte e seis da pacificação entre indígenas e colonos:

Non sei a que ponto nos levará este inefável SPI. Por cá (Porca miséria como dizem os italianos), em 1940, ainda não tivemos a súbita honra venturosa de admirar a imponente efigie do egrégio Senhor Presidente Getúlio Vargas, em um níquelzinho de 100 réis! Calcule a nossa situação: sem receber um tostão até a presente data e devendo o “couro e o cabelo”!!! SPI, deve ser: “Serviço de Prontidão” Incurável... Enquanto isso, o Presidente da República, foi ao sertão e esteve em contato com os Chavantes, boquiabrindo-os: desmisuradamente [...]¹²⁶

Em 1938, pouco antes do contato presidencial com aqueles indígenas, foi criado o projeto Marcha para o Oeste, dirigido pelo governo com a finalidade de povoar e desenvolver o interior do Brasil. Essas distantes terras precisavam ser habitadas por agricultores para que o país, segundo a ideia de Vargas, se transformasse em uma das nações mais expoentes do mundo. Um ano após, o presidente nomeou Cândido Rondon para exercer a função de diretor do Conselho Nacional de Proteção aos Índios. Sua tarefa consistia em promover a conscientização

¹²⁵ VARGAS, Getúlio. **Diário 1937 – 1942**. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995. p. 330.

¹²⁶ HOERHANN E. [carta] 22 set. 1940, Ibirama. [para] ROCHA, Lydrôneta. 1f. Situação do SPI.

pública sobre a cultura indígena e a política estatal.¹²⁷ Quase sempre otimista em seus escritos, Curt Nimuendajú discorda de Hoerhann em uma carta a respeito da atuação do Exército para com os indígenas de sua região:

A transferência do S.P.I. para o Ministério da Guerra trouxe aqui na Amazônia e Maranhão onde o índio ainda vive debaixo da espada de Damocles do massacre, uma certa vantagem. Os destacamentos de força federal de que o inspetor dispõe quanto necessario, e de fato já em dois casos dispôz, inspiram aos propagandistas do exterminio do índio pela bala ou pelo veneno o necessario medo. Alias, si agóra fallei em “veneno” não pensa que isto seja rhetorica: Ha poucas semanas o supracitado Dr. C. Estevão assistiu casualmente a uma conferencia entre commerciantes do Tocantins e o Secretario geral do Governo, na qual aquelles lembraram o veneno com meio de entincção dos indios hostis daquelle rio.¹²⁸

É evidente que a Amazônia e o estado de Santa Catarina possuíam e possuem realidades distintas. O Exército Brasileiro sempre se mostrou mais atuante nas fronteiras silváticas e como os indígenas estavam sob sua responsabilidade, nada mais justo que o órgão destacar soldados e oficiais para defendê-los. Em resposta à missiva de Nimuendajú, Hoerhann conta que em 1915 foi procurado por ricos fazendeiros que declararam falar em nome de todos os habitantes da região. No primeiro momento eles elogiaram efusivamente a pacificação recém conquistada, mas posteriormente fizeram a seguinte proposta:

E a longa exposição assim terminou: como éra natural, tratava-se de piedosos Cristãos; TODOS, -- ricos e paupérrimos – irmanados pelo ódio e sequiosos de vingança, almejávam UMA só coisa: acabar “ca mundíça”! (Com a imundicie, os indígenas). Desvendou-se-me, então, assás esquesita mas não menos vantajosa propósta...

¹²⁷ Cf. GARFIELD, S. As raízes de uma planta que hoje é o Brasil: Os índios e o Estado-Nação na Era Vargas, op. cit., p.16.

¹²⁸ NIMUENDAJÚ, Curt. [carta] 19 fev. 1938, Pará. [para] HOERHANN, Eduardo. Ibirama. 3f. Ministério da Guerra, Henry (Blumensohn), línguas indígenas etc..

Super-ardilósoos esses criadóres, haviam feito uma vaca, para com ela conseguirem vários bois, que a guisa de caválo de Tróia, seriam introduzidos em festiva concentração botocuda a realizar na confluência do plácido Plate com Itajaí do Norte. Toda a carne deveria ser previamente cosida e devidamente condimentáda, para só depois disso, -- as largas -- ser distribuída aos incautos selvagens. Cada macáco no seu galho... -- pensávam os fazendeiros. E, visávam dest'árte, simplesmente de modo ultra-modérno e absolutamente "noiseless", despachar TODOS os búgres para o lugar que os competia -- o Inférno!
129

O jornal *Urwaldsbote* de Blumenau era muito influente no Alto Vale do Itajaí e um poderoso formador de opiniões: não estimulava o extermínio dos indígenas, mas contestava a eficiência do SPI naquela região. Provavelmente os ricos fazendeiros eram leitores assíduos do jornal, compartilhavam e propagavam a ideia de que uma instituição governamental não deveria proteger àqueles que os atacavam. O pensamento dos fazendeiros acerca da situação era mais ou menos este: se o *Serviço* havia conseguido reunir uma boa parte dos Xokleng e sediá-los em um território comum, tinha com isso uma excelente chance de exterminá-los todos de uma vez só; no entanto, assim não o fez. Logo: as ações do *Serviço* eram falhas, uma vez que se passaram décadas de matanças e perseguições. Daí se segue que, muito provavelmente, alguns desses fazendeiros perderam entes queridos nas investidas contra as suas propriedades -- por esse motivo desejavam vingança. Mas os fazendeiros sabiam que os indígenas estavam sob proteção do Estado, então surge o plano de acabar com eles por meio do envenenamento, método silencioso e eficaz. Infelizmente não sabemos como Hoerhann conseguiu fazer para que desistissem da ideia: se através da persuasão, afinal os funcionários do SPI estavam se profissionalizando nessa técnica, a qual era dirigida aos indígenas como também aos moradores locais; ou se através da força, supondo aqui que os funcionários poderiam incitar os Xokleng a atacar aqueles que tanto os odiavam.

Apesar disso tudo, no final da década de trinta a política do

¹²⁹ HOERHANN. Eduardo. [Carta] 23 mar. 1938, Ibirama. [para] NIMUENDAJÚ, Curt. Belém do Pará. 2f. Comentários sobre a proposta de genocídio recebida em 1915.

Estado Novo passou a considerar o indígena como um possível trabalhador sertanejo, que proporcionaria a ocupação de todo o espaço nacional, principalmente áreas limítrofes com outras nações. Em 22 de novembro de 1939 o Decreto-Lei Nº 1.794 fundou o Conselho Nacional de Proteção ao Índio, constituído por representantes do Museu Nacional, do Serviço Florestal, o diretor do SPI e mais quatro membros de alta reputação. Esses constituintes deveriam ser designados pelo presidente da República e cabia-lhes como objetivo estudar questões referentes à assistência e à proteção dos indígenas, aos seus costumes e idiomas.¹³⁰ Foram necessários 29 anos para que os representantes do Conselho Nacional de Proteção ao Índio percebessem a existência de estudiosos, como Curt Nimuendajú, que podiam contribuir nas ações do SPI voltadas para os indígenas. Nos primeiros anos do século XX, Rondon foi bem sucedido em suas pacificações ao instalar as linhas telegráficas, pois com as instalações os indígenas não precisavam se mudar do local, logo se tornaram agricultores – exatamente como aconteceu, anos depois, nas ações promovidas pelo SPI. Obviamente, os militares são preparados para a guerra, portanto, quando assumiram a tarefa de dirigir as pacificações em todo território nacional, surgiu uma questão inevitável: o que fazer após contatar os indígenas? Silvio Coelho dos Santos deixa sobre isso o seguinte parecer:

Até a contatação, todo mundo sabia, “bom faz assim, faz assado, tem estratégia, vai lá, abre uma clareira, faz uma roça, deixa presente e tal, dá sinal de amizade, bota música. Então essas coisas já estavam mais ou menos construídas. Mas depois da contatação o que fazer? E no caso Xokleng, trata-se de um grupo nômade caçador. Quer dizer, é diferente se fosse um grupo que já tivesse uma vida sedentária, produção agrícola, o grupo tinha digamos assim uma base geográfica de vivência e o contato se dava de uma outra forma. No caso Xokleng não, por eles serem nômades, eles tinham uma flexibilidade muito grande de correr o território da altura quase de Curitiba até Porto Alegre. Que era o território mais ou menos tradicional deles. Então tudo isso dificultava evidentemente, além de um grupo habituado a tirar da floresta o que precisava,

¹³⁰ LIMA, A. Governo dos Índios sob a gestão do SPI. In: CUNHA, Manuela C. da. (Org) Legislação Indigenista do século XIX. p. 168.

caçando, coletando, etc.¹³¹

Por causa da insistência da nacionalização do indígena e da ideia de que eram os militares que deviam ocupar os escalões mais altos da hierarquia do SPI, o Ministério da Guerra devolveu, em 1940, a responsabilidade do *Serviço* para o Ministério da Agricultura. Ou seja: os militares não conseguiram pôr em prática a nacionalização dos indígenas contatados nem nas áreas fronteiriças nem nas áreas dos sertões brasileiros. E o Exército também não obteve êxito em extrair do governo um patrocínio maior para a modernização do órgão – por consequência disso, o SPI entrou em decadência; até ser extinto no final dos anos sessenta.

O SPI, então vinculado ao Ministério da Agricultura, passou a operar com outro regimento, esse orientado pelo Decreto 10.652 de 16 de outubro de 1942. Além de garantir a assistência e a proteção aos indígenas, o órgão, deveria assegurar a preservação, conservação e desenvolvimento do patrimônio indígena, em relação as terras e aos recursos naturais, para que fosse possível assegurar a emancipação das sociedades tradicionais.¹³² Dessa forma, o SPI abandonou a tentativa de nacionalizar os povos indígenas através do exemplo e do trabalho. Essa movimentação protecionista conseguiu amplo espaço na imprensa da época, principalmente a partir de 1943, com a Expedição Roncador Xingu, vinculada à Fundação Brasil Central, cuja função primordial era colonizar as inúmeras porções de terras no interior da região central brasileira. Tal entidade trabalhou em parceria com o SPI – juntamente demarcaram muitas terras e defendiam que os indígenas e as suas famílias deveriam habitar nas terras demarcadas para garantir sua subsistência. De um modo gradativo, o *Serviço* promoveria a inserção do indígena no mercado regional.¹³³ Orlando Villas-Bôas conta que foi a partir da Expedição Roncador Xingu que nasceu a Fundação Brasil Central – a verdadeira concretização da Marcha para o Oeste. E foi por causa da Fundação que surgiram Brasília e as estradas que avançaram para o norte e para o oeste. A Fundação levou o desenvolvimento e a

¹³¹ SANTOS, Sílvio Coelho dos. Entrevista concedida a Rafael Hoerhann, 23 jul. 1999. IN: **Blumenau em Cadernos**. t. 50, nº 5, set/out. 2009. p. 97.

¹³² Cf. LIMA, Antonio Carlos de Souza. **Um grande cerco de paz. Poder tutelar, indianidade e formação do Estado no Brasil**. 1995. p.p. 288-289.

¹³³ Cf. VILLAS-BÔAS, Cláudio e Orlando. **Xingu o velho Kaiá** (conta a história do seu povo). Porto Alegre: Kuarup, 1984. p.38.¹³³ Cf. LIMA, Antonio C. S. **Um grande cerco de paz. Poder tutelar, indianidade e formação do Estado no Brasil**. p.172

ocupação efetiva aos vales do Araguaia; sua mais importante tarefa foi disciplinar homens desordenados para que se tornassem trabalhadores úteis: tais homens, garimpeiros sem leis, lentamente se integraram aos trabalhos da Fundação, isso possibilitou a prosperidade de cidades que na época eram apenas vilarejos do Brasil Central.¹³⁴

Em 1915, um ano depois do primeiro contato amistoso com os Xokleng, o SPI-LTN teve um corte de verbas bastante significativo. Antonio Carlos Lima afirma que as iniciativas pacificatórias ficavam também recuadas a cada recuo dos recursos orçamentários, os quais afetaram a administração pública nacional no período da Primeira Guerra Mundial. Onde, as iniciativas pacificatórias dependerem largamente, desde os primeiros contatos entre o *Serviço* e as comunidades indígenas, dos favores políticos e da disponibilidade econômico-tecnológica.¹³⁵ Esses fatos são perceptíveis na leitura dos relatórios elaborados pela chefia do Poinduca já nas primeiras décadas do século XX. Os relatórios apresentam registros acerca das dificuldades extremas pelas quais passavam os funcionários para manter o posto sem o apoio do governo. Em 1928, por exemplo, foi negado o pedido de aquisição de recursos orçamentários ao Posto Indígena Duque de Caxias, mediante a seguinte explicação:

Recebi hontem vosso 29 communico Directoria pt Inspectoria ainda não dispõe numerario liquidação pedida pt Maior brevidade possível remetterei novos recursos esperados: lei orçamentária, depende apenas expediente Thesouro pt Qualquer exigencia premente credores, agora só resultaria retardar normalidade dos pagamentos...

Communiquei por telegramma nº 10, desta data, os termos do vosso telegramma de 29 do corrente, a que se refere o acima transcripto, á Directoria deste Serviço no Rio de Janeiro, cujo empenho pedi no sentido de abreviar a vinda dos recursos orçamentais a esta Inspectoria afim de ser attendida, em tempo, a situação do Serviço muito premente, devido á pessima situação do commercio, que não comporta demora de pagamentos...

¹³⁴ Cf. VILLAS-BÔAS, Claudio e Orlando. **Xingu o velho Kaiá** (conta a história do seu povo). Porto Alegre: Kuarup, 1984. p.38.

¹³⁵ Cf. LIMA, Antonio C. S. **Um grande cerco de paz. Poder tutelar, indianidade e formação do Estado no Brasil**. p.172

...Está pois, no próprio interesse dos que tem importâncias a receber do Serviço, nessa região, aguardam ainda por mais um pouco de tempo a liquidação dos seus créditos, sujeitos essencialmente a processos iguaes indispensaveis, máxime agora que o Governo acaba de sancionar o Decreto Federal nº 5.458 de 20 do corrente mez, auctorisa a abertura do credito de dez mil contos de réis para o pagamento de todas a dividas atrasadas de pessoal e material; sendo que tal credito vigorara até a final liquidação da sua importância. A sancção dessa resolução legislativa assegura, plenamente, que as mencionadas dividas atrazadas entre as quaes se acham não só as desse Posto como de outras dependências desta Inspectoria e deste Serviço, serão liquidadas dentro do menor prazo possível. Convem, ainda, mais uma vez, expliqueis isso mesmo claramente, a esses interessado, afim de que sejam evitadas perturbações inúteis e de efeitos contraproducentes.¹³⁶

Essa carta mostra a falta do repasse de verbas, em nível federal, ao SPI – questão nunca resolvida, desde aquela época, final da década de vinte, até os dias atuais. O que acontecia então: o governo não conseguia se restabelecer das inúmeras dívidas, as quais necessitavam de dispêndios orçamentários; portanto, havia somente o repasse de verbas governamentais às entidades consideradas mais importantes que o SPI. Para Santa Catarina, o ano de 1928 foi apenas um marco para a insatisfação geral dos funcionários do órgão. A situação também se agravava nos demais postos indígenas espalhados pelo Brasil, nos quais os encarregados, uma vez firmes perante a “missão” pacificadora, passavam por um processo de desestímulo e descrédito quanto à eficiência da entidade em que trabalhavam, conforme veremos adiante nas missivas consultadas, principalmente nas cartas dos inspetores Paulino de Almeida, José Maria de Paula e Miguel Silva, que era encarregado do Posto Felipe Camarão localizado entre o Estado do Maranhão e Pará.

Em 1924, o deputado paranaense Artur Franco propôs em projeto a extinção do SPI no seu Estado e também em Santa Catarina. A

¹³⁶ DANTAS, J. [carta] 31 jan. 1928, Curitiba. [para] HOERHANN, Eduardo. 1f. Sobre o envio de verbas.

motivação para o feito se deu pela suposta má administração da Povoação Indígena de São Jerônimo, formada por três núcleos: José Bonifácio, Rodolfo Miranda e Capitão Osório. A ideia da extinção foi gerada a partir da prática de alguns políticos que conseguiram criar, através de um Decreto, um município dentro das terras destinadas aos Kaingang. Eis uma artimanha política: afinal se as terras em questão estavam subordinadas ao *Serviço*, elas não podiam ser comercializadas. A criação do município ocorreu e as terras começaram, aos poucos, a ser vendidas em lotes. Contudo, o SPI fez sua intervenção e denunciou publicamente as manobras ilegais. O deputado Franco foi um dos interessados em comercializar tais terras – por isso a sua disposição em tentar extinguir o órgão nos dois Estados. Na Câmara de Deputados o projeto de Franco despertou interesse nas facções políticas dispostas a devolver a tutela do indígena para a Igreja. Por fim, o lado positivista do governo conseguiu bradar mais alto ao ressaltar o sucesso conquistado pelo SPI nessas duas regiões, contrapondo tal sucesso aos interesses particulares implícitos no projeto. Rondon manifestou-se publicamente e assim foi superada a crise e mantida a integridade do órgão.¹³⁷

O desânimo em relação ao Serviço era um aspecto constante nas missivas analisadas, tanto naquelas redigidas pelos líderes maiores, como também nas que eram escritas pelos encarregados dos postos indígenas. Miguel Silva, responsável pelo Posto Indígena Felipe Camarão na fronteira dos estados do Pará e Maranhão, troca correspondências angustiantes com o seu colega Eduardo Hoerhann.¹³⁸ Paulino de Almeida e José Maria de Paula foram Inspetores Regionais entre os anos de 1931 a 1940. Ambos enviavam missivas a Hoerhann, essas apresentavam um caráter oficial, por causa da hierarquia existente entre eles, mas também aspectos informais, pois, aparentemente, eram amigos. Assim, quando Hoerhann atrasava o envio dos relatórios mensais à Inspeção Regional, ele recebia primeiramente cartas com as admoestações oficiais e logo em seguida missivas mais amenas, as quais

¹³⁷ Cf. GAGLIARDI, José Mauro. **O Indígena e a República**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1989. P. 280. IN: HOERHANN, Rafael. **O Serviço de Proteção aos Índios e os Botocudo – A política indigenista através dos relatórios (1912 – 1926)**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Orientadora: Ana Lúcia Vulfe Nötzold. 2005, p. 53.

¹³⁸ Cf. SILVA, Miguel. [carta] 30 jan. 1934, Pará. [para] HOERHANN, E. Ibirama, 3f. Situação do Posto Indígena Felipe Camarão.

salientavam as exigências do SPI e a necessidade do cumprimento das ordens. Os relatórios redigidos pelos encarregados dos Postos Indígenas, os PIs, eram encaminhados às Inspetorias Regionais para que um relatório geral pudesse ser elaborado e enviado à sede principal da instituição, localizada na cidade do Rio de Janeiro, a então capital do país. Além das correspondências oficiais, havia ainda as informais, trocadas entre os funcionários dos postos. Em uma dessas cartas informais, o inspetor Paulino de Almeida procura incitar ânimo ao encarregado Eduardo Hoerhann. A carta é datada em janeiro de 1940 e Almeida felicita Hoerhann pelo ingresso do Ano Novo e busca estimulá-lo, com o intuito do fortalecimento daquela entidade decadente:

As tuas comunicações, meu prezado amigo, tem me preocupado bastante, pois muitíssimo lamentável é (sic) comovente é o que ta há acontecido. Penso entretanto, que não debes esmorecer. Ao contrario, cumpre-te encher-te de coragem, de fé, de otimismo e nortear o barco para frente, tendo sempre em vista a causa que abraças-te e a que tens dado o melhor de tua nobre existência. Melhores dias hão de vir... A vida é assim mesmo, meu amigo.

Todos nós temos os nossos revezes, as nossas cardas, as nossas desilusões e as nossas desventuras. Mas a nossa diviza deve ser: não desanimar nunca.¹³⁹

Apesar deste assunto não constar na missiva, no final de 1939, Hoerhann foi abandonado por sua esposa Francisca. É bem provável que esse fato, na vida pessoal de Hoerhann, o tenha deixado ainda mais cabisbaixo frente às adversidades da vida profissional e que, talvez, ele tenha confidenciado isso ao inspetor Almeida. Francisca foi companheira de Hoerhann por duas décadas; ao que tudo indica, não suportou a árdua rotina do Poinduca e, principalmente, o temperamento de seu marido:

Francisca separou-se do marido e veio para Brusque (1940). O clima doméstico, dizia, tornara-se irrespirável. Para começar, Eduardo não tinha nenhuma fé religiosa. Era de muita violência para os índios e os próprios familiares.

¹³⁹ ALMEIDA, Paulino [carta] 21 jan. 1941, Curitiba. [para] HOERHANN, E. Ibirama. 3f. Assuntos pessoais e pedido de relatórios.

No dizer de Francisca, Eduardo era “um homem lindo, mas muito violento e severo” (Jornal O município, Brusque).¹⁴⁰

Francisca Hoerhann permaneceu em Brusque até o ano de sua morte, em 1995. Ela abandonou seus filhos Dalbérgia, Generino¹⁴¹, Setembrino e Esmeraldina. Os dois últimos, falecidos respectivamente nos anos de 2006 e de 2010, contavam algumas histórias a respeito de seus pais: diziam que muitos amigos de Eduardo foram contra o seu casamento com Francisca pelo fato de ela ser uma mulher rude e analfabeta, no entanto ele sempre deixou claro que a admirava pela coragem. Como um exemplo dessa coragem, Setembrino contou que, certa vez, quando Eduardo foi esfaqueado pelas costas e ficou hospitalizado por vários dias, pois seu fígado havia sido perfurado, Francisca perseguiu, a cavalo, o agressor e capturou-o. Esses são casos narrados em rodas de família e que, infelizmente, não foram documentados em entrevistas. Pois bem, Francisca aprendeu com seu marido a ler e a escrever em português e em alemão, além do idioma Xokleng. Mas, após vinte anos de convivência com Hoerhann, Francisca resolveu fazer as malas e partir sem nunca mais retornar. Eduardo casou-se novamente, no início dos anos quarenta, com Marlen Brodersen; em 1943, eles tiveram um único filho, o qual até o ano de 2001 era o detentor da documentação utilizada neste estudo.

Porém, em âmbito nacional, os presidentes da república não se preocupavam com o andamento do SPI e, muito menos, com os problemas pessoais de seus funcionários. Como exemplo tem-se que na ditadura de Getúlio Vargas foi criado o Conselho de Fiscalização, cuja relevância não era o indígena em si, mas o que ele representava para uma época de reafirmação nacional, quando o Estado integrou seus territórios e centralizou seu poder:

Os índios, juntamente com a fauna e flora, representavam o que de genuinamente havia de origem nacional e é nesse sentido que deveriam ser preservados. Mais do que índios reais, o que estava em pauta era a sua contribuição simbólica à nacionalidade brasileira, e uma contribuição que

¹⁴⁰ KOCH, Dorvalino Eloy. **Tragédias Euro-Xokleng e contexto**. Brusque: Editora do autor, 2002. p. 195.

¹⁴¹ Generino de Lima e Silva Hoerhan é avô do autor desta tese. Generino foi Cabo do Exército e morreu aos 25 anos, vítima de tuberculose. Ele deixou esposa e filho.

era vista como parte do passado. Daí o empenho em promover a coleta de artefatos desses representantes primeiros da nação, coletar e depositar em museus para ficarem disponíveis às futuras gerações. É assim como herança, que eles importavam ao Conselho, cujas ações visavam a proteção de seus testemunhos.¹⁴²

Assim, e de acordo com Grupioni, o indígena possuía importância enquanto um contribuinte à nossa cultura, de modo que a sua existência deveria ser preservada como parte de nosso glorioso passado. Em outras palavras: o indígena estaria presente apenas como uma lembrança, a qual poderia ser representada por seus artefatos; logo, não havia mais sentido de o indígena existir isolado nas florestas, porque tudo aquilo que as novas gerações precisariam saber acerca dele, estaria muito bem preservado nos museus. O trabalho do SPI voltado a pacificar os indígenas para torná-los cidadãos da nação getulista merecia ser debatido pelos membros do governo, ao figurar como ponto central do debate a retomada da simbologia nacional através desses novos indígenas. Porém, o que se ignorava na época era que a falta de verbas prometidas pela União impossibilitava, em muito, a realização prática de diversos termos teóricos. A falta de verbas destinadas ao trabalho de pacificação era uma constante desde 1910 durante o governo de Nilo Peçanha e de todos os seus sucessores até Getúlio Vargas. E é possível supor, através do teor de seus diários, que Vargas foi o presidente que menos se preocupou com a questão indígena, embora se esforçasse para demonstrar dedicação à causa. Ademais, e apesar dos esforços de Rondon para a recuperação do SPI, foi durante governo de Vargas que a maioria dos líderes do órgão, inclui-se aqui o próprio Rondon, encontrava-se desacreditada na possibilidade de integração do indígena à “civilização”.

Embora a década de quarenta tenha sido desanimadora para muitos líderes do SPI, a Escola Getúlio Vargas no Poinduca apresentava-se como ferramenta para que o processo de integração dos jovens indígenas tivesse continuidade. Nessa época, a atenção não se

¹⁴² GRUPIONI, L. *Coleções e expedições vigiadas*. p. 268. IN: HOERHANN, Rafael. **O Serviço de Proteção aos Índios e os Botocudo – A política indigenista através dos relatórios (1912 – 1926)**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Orientadora: Ana Lúcia Vulfe Nötzold. 2005, p. 54.

voltava mais àquela geração de Xokleng contatada em 1914 e que ainda resistia firmemente à integração em prol de sua cultura tradicional – havia muitos indivíduos, adultos e velhos, que insistiam em manter alguns traços étnicos como o uso do botoque e de pouca vestimenta, além de se recusarem a trabalhar diariamente nas tarefas rotineiras da reserva. A atenção estava voltada agora para os indígenas que nasceram no Posto, sob a condição de uma comunidade agropastoril; afinal, era bem mais simples manter esses novos indígenas longe da cultura da qual descendiam. A iniciativa da criação da Escola Getúlio Vargas teve apoio e incentivo do Departamento Estadual de Educação, tal instituição emitiu uma missiva aos funcionários e professores de escolas isoladas:

No limiar do ano de 1941 a Superintendência Geral do Ensino vem trazer aos que trabalham pela Educação na terra catarinense os seus melhores votos por que o ano letivo a iniciar-se seja todo êle pleno de realizações, no preparo da Infância sob os nossos cuidados, cinzelando-a animados pelo nosso ideal, de forma a torná-la útil ano nosso estremecido Brasil, nossa grande e idolatrada Pátria.

Com essas esperanças, e porque vê no coração dos mestres de Santa Catarina inscrita a frase síntese do nosso mister: - “MISSÃO E NÃO PROFISSÃO”, transcreve a Superintendência palavras Exmo. Sr. Dr. Nerêu Ramos, digníssimo Interventor Federal, extraídas do formoso discurso proferido por S. Excia., no Colégio “Coração de Jesus”, como paraninfo da turma de normalistas de 1940, e que merecem lidas e meditadas continuamente, pois são elas, pela justeza dos conceitos, o melhor breviário do mestre catarinense:

É pela educação, processada na harmonia dos seus aspectos intelectual, moral e físico, que incorporaremos na marcha ascensional do Brasil, gerações capazes, altivas, fortes e felizes.

É objetivo primordial da escola-instituição social “preparar para a vida e pela vida”.

Relevam desse conceito, que deve ser mandamento e dogma dos mestres, as dificuldades e a importância do seu papel no envolver da

nacionalidade [...] ¹⁴³

Eis logo abaixo um documento interessante e curioso. Ele não está datado, mas por causa do teor da ordem dirigida aos professores orientados à educação indígena, surge a hipótese que possa ser situado no início da década de quarenta. O documento apresenta algumas considerações de Hoerhann acerca dos nomes das crianças Xokleng, bem como a forma correta de grafá-los. A lista é extensa e complicada de transcrever, pois se trata de nomes próprios estranhos à nossa língua portuguesa. Sendo assim, cabe citar apenas um pequeno trecho:

Organizar a lista de nômes, por ordem RIGORÓSAMENTE alfabética, até a 3ª letra. Não alterar a grafia - - escrever e FAZER os alunos escrever SEMPRE do mesmo módo, empregando as mesmas letras! Jamais preferir um nome como “João” ou “Maria”, a um nôme legítimo de índio, como por ex.: “Culá” ou Ngré-vü”. Na aula, chama-los sempre, pelo nome verdadeiro, que é o que consta nesta relação. Faze-los ter orgulho dos seus próprios nômes, que são incontestavelmente MUITO mais expressivos que os nossos, de ‘Manéca’, ‘Zéca’, etc. ¹⁴⁴

Infelizmente só foi possível salvar o teor do documento com a transcrição feita para esta tese, porque ao manuseá-lo desmanchou-se – por ter sido guardado úmido e em condições precárias de conservação, restaram apenas fragmentos, os quais foram fotografados. De qualquer modo, é possível perceber uma contradição na política indigenista: se por um lado as crianças precisavam aprender a ter orgulho de seus nomes indígenas, por outro, não era a elas indicado, de maneira alguma, o retorno à sua cultura medular. Com o passar dos anos, alguns servidores perceberam o grande equívoco que havia na atividade de retirar os indígenas de suas comunidades e tentar trazê-los à nacionalidade. Tal percepção encontrava-se presente nos discursos da liderança do Poinduca e causava ambiguidade entre as ações. E, aos servidores, surgia uma questão: mantemos os nomes indígenas e repassamos aos alunos dessa nova geração de Xokleng que é necessário orgulharem-se de seus nomes; no entanto, sobre o que aprenderão esses

¹⁴³ BARBOSA, Elpídio (Superintendente Geral Interino de Ensino), 6 de jan. de 1941.

¹⁴⁴ HOERHANN, E. **Gráfia cértá dos nomes dos alunos**. Sem data.

alunos em nossas escolas? Eis a resposta:

As aulas da Escola “Getulio Vargas” estão divididas em três classes, a saber:

CLASSE “A”: - composta dos alunos mais adiantados, que já sabem ler e escrever;

CLASSE “B”: - composta dos alunos alfabetizados, que conhecem as primeiras letras e rudimentos de outras matérias;

CLASSE “C”: - composta dos alunos menores ainda analfabéticos.

Para a Classe “A”, foi organizado e está sendo cumprido o seguinte programa de ensino: Português, Correção de pronúncia e de linguagem, Aritmética, Geografia, História Pátria, Lições de Civismo, Civilidade e Canto. Para a Classe “B”: Português, Correção de pronúncia e de linguagem, Aritmética, Geografia, História Pátria, Lições de Civismo, Civilidade e Canto. Para Classe “C”: Alfabeto, Linguagem, Designação numérica, Civilidade e Canto.

O aproveitamento de todos os alunos em geral foi verdadeiramente ótimo; assim, também, sua frequência, aplicação e comportamento, o que, alias, se verifica, claramente, das folhas de chamada a este anexas. -- Eis, Senhor Ajudante, o que me cumpre, de momento, relatar acerca deste trabalhoso, mas interessante e produtivo primeiro mês na Escola Indígena “Getulio Vargas”.¹⁴⁵

Nota-se através da citação que não havia espaço, na escola então criada, para uma educação indígena – que respeitasse a língua, os costumes e outros traços ancestrais, quase nos mesmos moldes seguidos pelos jesuítas do século XVIII. Porém, essas eram as ordens da Chefia Nacional do SPI dirigidas a todos os Postos Indígenas espalhados pelo Brasil. E cada posto devia adequar as ordens à sua realidade. A situação no Poinduca era a seguinte: Eduardo Hoerhann estava desmotivado, principalmente com relação ao SPI e com os indígenas que sua equipe contatou em 1914. Esses, era fato, permaneciam no posto, mas parte deles não tinha interesse em respeitar as insistentes imposições da instituição. Contudo, os seus filhos eram educados na Escola Indígena Getúlio Vargas, que de indígena nem o nome possuía. Crianças não

¹⁴⁵ HOERHANN, E. Relatório escolar referente ao mês de setembro de 1941.

indígenas, filhas de funcionários do posto ou de moradores locais, também frequentavam a escola e que compartilhavam as salas de aula com as crianças Xokleng. Em 1941, José Maria de Paula, Chefe da 1ª Seção do SPI, visitou novamente o Poinduca e a escola, e enviou suas impressões ao Diretor do SPI, Coronel Vicente Vasconcelos:

Visitei demoradamente o Posto Duque de Caxias em companhia de Cildo Meireles e Paulino de Almeida. Como disse no meu telegrama de hoje, ali encontrei os serviços em ordem: os índios já satisfatoriamente bem comportados e trabalhando na lavoura, sem exigências nem reclamações, o que me casou muito bôa impressão, que passou a ser ainda melhor, quando visitei a escola, na ocasião com todos os bancos lotados, vendo-se índios bem pequenos, que se estivessem em qualquer cidade só poderiam estar em jardim de infância e também índios quase adultos. Receberam-nos com alegria; cantaram o Hino Nacional, a oração à Bandeira e uma canção escolar “Sou Brasileiro” de maneira tão correta como pouca tenho visto em escolas de grandes cidades. Assisti á aula durante mais de uma hora, com excelente demonstração de aproveitamento nos exercícios de leitura, linguagem, escrita, geografia, rudimentos de historia pátria, aritmética e educação civica.¹⁴⁶

Entre os anos de 1950 a 1954, os governantes se dedicaram a reestruturar o SPI, com novas estratégias baseadas na cientificidade antropológica. Então, o caráter positivista foi substituído pela orientação científica vigente: em sua gestão, José Maria da Gama Malcher contratou etnólogos para assumirem a direção das principais divisões da entidade. De início, a experiência conseguiu elevar o SPI a um dos pontos mais altos de sua história. No entanto, a instituição sofreu novamente outra ruptura por ter se tornado objeto de cobiça dos partidos políticos e acabou sendo entregue à direção do Partido Trabalhista Brasileiro, em 1955. Por consequência da atitude enérgica de alguns servidores do SPI, em dois anos, a libertação da influência direta dos partidos políticos foi conquistada. Infelizmente, nos seus últimos anos de existência, o SPI ficou sob a administração dos militares, não mais

¹⁴⁶ PAULA, José Maria de. IN: VASCONCELOS, Vicente de P. T. da F. [Boletim Interno do SPI.] Rio de Janeiro. 1 nov. 1941. 5f.

movidos pelos princípios da filosofia positivista. Esses foram os piores momentos da história do *Serviço*, principalmente quando ocorreu o golpe de Estado em 1964, o qual acarretou, três anos mais tarde, o encerramento definitivo de suas atividades.¹⁴⁷ Gagliardi expõe tal acontecimento de maneira mais detalhada:

O golpe de Estado ocorrido em 1964 aguçou ainda mais as contradições vividas pelo SPI. Do ponto de vista econômico, uma das razões que motivou o golpe foi a criação de mecanismos institucionais ideais para acelerar a acumulação do capital. Para a população indígena, este fato novo significou a intensificação da expropriação de suas terras, mais doenças, mais massacres. A situação adquiriu tamanha gravidade, que em 1967 o ministro do Interior, General Albuquerque Lima, encarregou o Procurador-Geral Jader Figueiredo de investigar as atividades do SPI, sobre as quais pesavam acusações de corrupção. Após uma longa e minuciosa investigação, foi elaborado um relatório de 5.115 páginas, em vinte volumes, apresentando provas de corrupção administrativa e massacre de grupos indígenas inteiros.¹⁴⁸

Em Santa Catarina, a dificuldade encontrada pelo SPI em manter a ideologia e o romantismo positivista também foi imensurável. Uma vez que pouco se conhecia sobre os Xokleng, seus hábitos culturais, sua língua e a localização de suas comunidades, a dificuldade para colocar os postos de atração em locais estratégicos era uma realidade. Entre as tarefas, a mais complexa consistia em de fazer os postos funcionarem, pois não havia técnica nenhuma e nem mesmo modelos a serem seguidos. Os dirigentes do SPI não sabiam como fazer para contatarem os indígenas e muito menos como fazer para mantê-los depois de contatados.¹⁴⁹ Isso é perceptível através do grande número de Decretos

¹⁴⁷ Cf. RIBEIRO, D. p. 168.

¹⁴⁸ GAGLIARDI, J. **O Indígena e a República**. p. 284. IN: HOERHANN, Rafael. **O Serviço de Proteção aos Índios e os Botocudo – A política indigenista através dos relatórios (1912 – 1926)**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Orientadora: Ana Lúcia Vulfe Nötzold. 2005, p. 55.

¹⁴⁹ HOERHANN, Rafael. **O Serviço de Proteção aos Índios e os Botocudo – A política indigenista através dos relatórios (1912 – 1926)**. Dissertação

estabelecidos durante os anos, um pouco mais de vinte, que o SPI esteve presente nas comunidades indígenas – desde 1911, quando os indígenas eram superprotegidos, até 1936, quando se postulou o trabalho assalariado dos indígenas e, conseqüentemente, o contato dos mesmos com o comércio. O propósito de uma integração regional laica e positivista não se cumpriu porque o SPI não conseguiu manter a ideologia proposta e, aos poucos, permitiu o ingresso de entidades religiosas para executar aquilo que não havia alcançado: convencer os indígenas do processo de integração por métodos persuasivos, através do trabalho regrado e da disciplina.

De acordo com Koch, por volta de 1923, os padres poloneses João Kominek e João Olszówka¹⁵⁰ mostraram interesse em converter os Xokleng, já que o Poinduca estava no território da paróquia onde trabalhavam. Os padres uniram-se a alguns colonos e foram ao encontro de Eduardo Hoerhann, que julgou a ação como decepcionante, pois o grupo foi recebido friamente. O padre Kominek montou acampamento no posto junto de seus acompanhantes e pela manhã foram surpreendidos por Hoerhann – que se prontificou a explicar a eles que a Legislação do SPI não permitia a interferência religiosa em seus métodos. Apesar disso, e ainda de acordo com Koch, Hoerhann também disse a eles que não podia intervir no livre arbítrio dos seus protegidos em escolher a fé que mais lhes agradassem.

(mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Orientadora: Ana Lúcia Vulfe Nötzold. 2005.

¹⁵⁰ “Através do domínio da língua portuguesa, os padres começaram a pregar missões também às pessoas de outras nacionalidades. E merece aqui uma honrosa menção o trabalho de evangelização dos índios feitos pelo padre Francisco Komander, em Três Bicos do Ivaí, perto de Cândido de Abreu no Paraná, junto à tribo dos índios Coroados; e também o trabalho dos padres João Kominek e João Olszówka com os ferozes índios Botocudos que habitavam a região de Alto Paraguaçu.” Esse assunto encontra-se disponível em: <www.cmps.org.br> . Acesso em: 6 mar. 2012.

Figura 4 - Padre Kominek entre indígenas e ladeado pelo cacique Kamren, Francisca e Eduardo Hoerhann.



Fonte: Acervo Edeli Kubin Sardá (EKS).

O padre Kominek rezou algumas missas no Poinduca e ficou entusiasmado por concretizar muitas conversões.¹⁵¹ Conforme ficou descrito no início deste capítulo, o SPI, nos anos vinte, tolerava a presença de missioneiros entre os indígenas. Contudo, Hoerhann nunca foi adepto da fé religiosa, por isso não deve ter visto com bons olhos a interferência religiosa. No jornal *O Estado* lemos a seguinte notícia:

[...] Eduardo de Lima e Silva Hoerhan denuncia a farsa de conversão dos índios para a Igreja Assembléia de Deus: A princípio, a Igreja Católica e Assembléia de Deus disputavam a conversão dos botocudos. Como os índios gostam muito de carne, a Assembléia de Deus promoveu uma churrascada para outra tribo e logo a seguir mais outra. A Igreja Católica como não tinha dinheiro ou não queria gastar, não fez nada. Foi uma catequização pelo churrasco [...] ¹⁵²

Segundo Silvio Coelho dos Santos, a conversão realizada pela Assembleia de Deus aconteceu por volta de 1953. Nos anos vinte, os trabalhos da Igreja Católica ficaram reduzidos aos esforços do padre Kominek, pois os outros padres não tinham tempo disponível para dar sequência aos feitos iniciados por Kominek. Sendo assim, os Xokleng permaneceram sem amparo espiritual dos sacerdotes no período entre os

¹⁵¹ Cf. KOCH, Dorvalino. **Tragédias Euro-Xokleng e contexto**. p. 205.

¹⁵² JANKE, N. **O índio deve ser encarado como ele é: como índio**. O ESTADO, Florianópolis, 27 out. 1973.

anos trinta até 1953, o que possibilitou à Assembleia de Deus a conversão dos indígenas. Coelho dos Santos, ainda descreve que Hoerhann facilitou a entrada de um pastor no Poinduca para continuar os cultos religiosos, e assim o fez porque, de acordo com a doutrina dessa religião, baseada na sua interpretação da bíblia, não é permitido o uso de fumo e de bebidas alcoólicas entre seus praticantes, caso queiram conquistar, postumamente, o Paraíso.¹⁵³

Isso tudo mostra que, com o passar dos anos, o *Serviço* enfraquecia as suas convicções laicas de integração – ora por escassez de verbas ora por métodos ultrapassados de coação. O corte, a redução e outros fatores que impediram mais investimentos à causa indígena estão registrados em, pelo menos, sessenta por cento dos documentos analisados, conforme o excerto infracitado:

Devido ao racionamento da gasolina, talvez não nos seja possível realizar, nos Postos, o pagamento de pessoal, relativo ao último semestre desde ano.

Deveis, por isso, constituir, imediatamente, procurador nesta Capital para o aludido fim.

A procuração pode ser coletiva, isto é, uma só, assinada por todos os servidores que tenham a receber.

Caso não tenhais pessoa de vossa confiança aqui, podeis passar a procuração ao Banco do Brasil ou ao Instituto do Funcionario Publico do Paraná, com sede nesta Capital.

A procuração deve estar aqui, o mais tardar, até fim de novembro próximo.¹⁵⁴

Em agosto de 1942 o Brasil declarou guerra à Itália e à Alemanha e entrou em combate somente depois de dois anos. Pode ser que o racionamento de gasolina tenha ocorrido por conta da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, no entanto, não há registros da crise do petróleo nesse ano. Conforme indicado, em carta datada de 1921, para o então Diretor Luiz Bueno da Horta Barbosa, Almeida afirma que não poderia efetuar o pagamento dos funcionários do Poinduca por causa da falta de gasolina no país. Hoerhann já havia

¹⁵³ Cf. SANTOS, S. . p. 273.

¹⁵⁴ ALMEIDA, Paulino. [memorando circular] 5 out. 1942, Curitiba. [para] HOERHANN, Eduardo. Ibirama. 1f. Burocracia para pagamento dos funcionários do Poinduca.

atentado para esta questão, a saber: os funcionários nunca sabiam quando receberiam os seus ordenados e isso acarretava a contratação de pessoas desqualificadas, sequer aceitas para a limpeza de estábulos, para trabalhar no posto. Na carta, Almeida ainda explica o procedimento, bastante burocrático, para efetivar os pagamentos devidos por meio de procuração, essa enviada a Curitiba. A carta é datada no mês de outubro e o missivista faz referência aos pagamentos do último semestre, ou seja, a previsão era de que o dinheiro chegaria logo, por isso Almeida resolveu alertar os encarregados da Inspetoria Sul de providenciarem as suas procurações até novembro. Durante vinte anos a situação das verbas destinadas ao SPI não foi regularizada – o que nos faz pensar que o presidente da República não estava preocupado com sua imagem de déspota de uma nação semianalfabeta, de modo que propositalmente cortava tais verbas, no intento de que o SPI fosse extinto de maneira gradual.

Permitido aos indígenas o trabalho remunerado, abre-se a possibilidade para que adquiram posses, muitas delas supérfluas e prejudiciais à saúde física e mental, e as quais sempre eram proibidas pelo SPI. Porém, não havia condições para uma fiscalização eficiente dentro dos postos que ajudasse a evitar o contato dos indígenas com o mundo externo. Se Hoerhann não permitia a entrada de estranhos no Poinduca e nem mesmo a saída de seus protegidos para além das áreas demarcadas por força de Lei, era porque acreditava que os Xokleng ainda não estavam preparados para lidar com as comunidades das áreas limítrofes. Ciente de que não poderia impedir a saída de todos, Hoerhann acabou por permitir o acesso de religiosos no posto – ao que tudo indica isso ocorreu em meados dos anos cinquenta. A interferência religiosa foi vista como último recurso para manter os indígenas livres do alcoolismo, da ganância, da prostituição e dos demais malefícios presentes nas sociedades urbanas desde suas origens. Seja por falta de investimentos suficientes seja por falta de vontade política em manter o órgão, o SPI foi enfraquecido em sua ideologia, e isso, posteriormente, promoveu aos seus dirigentes reflexões acerca do que havia sido feito até os anos quarenta. O *Serviço* estava moralmente abalado e restavam como opções de salvamento repassar a instituição para as mãos de cientistas especializados na questão da cultura indígena ou então entregá-la novamente aos religiosos. Apesar das disputas políticas e de muitas comunidades indígenas estarem convertidas religiosamente, o SPI foi por fim absorvido pela FUNAI, que permanece até os dias de hoje sob a direção de etnólogos e antropólogos.

Em Santa Catarina, o encarregado do Poinduca já havia recebido

a visita de inúmeros antropólogos e de outros especialistas que vieram estudar uma cultura indígena cuja extinção era iminente. A experiência de Eduardo com o antropólogo estadunidense Jules Henry e o etnólogo alemão Curt Nimuendajú ainda na década de 30, possivelmente lhe permitiu um novo modo de olhar: ao invés de erradicar, incentivar a preservação das culturas indígenas brasileiras – oposto do que o SPI almejava. Hoerhann insistia em suas missivas para que Henry voltasse à reserva a fim de completar os seus estudos e, principalmente, para nomeá-los “de uma maneira mais correta” conforme as regras antropológicas; além disso, insistia para que Henry estudasse o povo Kaingang do oeste catarinense antes que tal cultura desaparecesse por completo. Por outro lado, Nimuendajú instigava Eduardo Hoerhann a escrever sobre os Xokleng porque o considerava a pessoa mais indicada para fazer isso, pois convivia diretamente com esse povo. Tanto a segunda visita de Henry como a elaboração de um livro científico acerca dos Xokleng foram fatos que não se concretizaram por motivos desconhecidos.

No capítulo III será uma análise do processo de pacificação em Santa Catarina: as primeiras tentativas de aproximação com os indígenas, realizadas por funcionários do SPI, os primeiros Encarregados de Postos, o “sucesso” do contato amistoso e os primeiros anos dessa experiência e, finalmente, a criação da reserva em 1926.

CAPÍTULO III – AS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SERVIÇO DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS EM SANTA CATARINA

Cada pedaço desta terra é sagrado para meu povo. Cada ramo brilhante de um pinheiro, cada punhado de areia das praias, a penumbra na floresta densa, cada clareira e inseto a zumbir são sagrados na memória e experiência de meu povo. A seiva que percorre o corpo das árvores carrega consigo as lembranças do homem vermelho.

Do Cacique Seattle ao Governo dos Estados Unidos que tentava comprar as suas terras (1854)

O Serviço de Proteção aos Índios foi criado diante de uma situação específica: em pleno século XX a matança indígena era institucionalizada – empresas colonizadoras contratavam bugreiros para exterminar os indígenas; então, depois de quatro séculos de ocupação das suas tradicionais terras, os indígenas sobreviventes entraram em conflito com os colonizadores e novos ocupantes de seus territórios – isso aconteceu na época do desenvolvimento das colônias. Em Santa Catarina as agressões entre os Xokleng e os novos ocupantes de seu território eram recíprocas e não se sabe ao certo quem as começou. Viajantes falam dos indígenas e de seus ataques, também da impossibilidade de trânsito em algumas estradas. Quanto aos desbravadores paulistas, eles eram atuantes em de Santa Catarina desde o século XVI, as investidas visavam sempre a busca de riquezas e de novos espaços para explorarem, desde então eles promoviam caçadas. Essas incursões foram sequenciadas pelos colonos estrangeiros já no início das ocupações, na segunda metade do século XIX. Sobre isso, Doutor Hugo Gensch deixa o seu parecer:

O primeiro encontro sangrento se deu nas proximidades da Stadplatz e seu relato é muito instrutivo. Um dos brancos que dele participou, um velho senhor, publicou há pouco tempo os detalhes mais diretos. Também destes relatos consta tranquilamente que um punhado de índios pretendia roubar um par de cobertores e utensílios domésticos sem valor e que eles absolutamente

tinham¹⁵⁵ a intenção de matar. Ainda depois que os colonos abateram o cabeça, os índios poderiam comodamente ter morto seus adversários, mas não o fizeram. O atingido, um homem hercúleo, que se encontrava estirado no chão, sem se lamentar tamponava o ferimento abdominal com grama arrancada, e até momentos antes de morrer olhava com incomum interesse a arma de fogo que o tinha vitimado. O relato não menciona, mas eu sei que sua cabeça foi cortada do corpo e exibida dias a fio numa estaca. Mais tarde ela foi preparada e enviada para algum museu do governo do Rio. Aparentemente como represália, sucedeu-se então dois ou três assaltos pelos índios em outros locais da colônia, onde um camponês foi morto com seu próprio machado.¹⁵⁶

Em sua monografia, Dr. Gensch buscou desmistificar a “selvageria” indígena tão retratada naqueles jornais em língua alemã. Ele também levantou informações, através dos residentes alemães mais antigos da colônia, sobre os ataques e as mortes ocorridos. Dr. Gensch conversou com vinte e três anciãos e constatou haver uma grande discrepância em relação ao número de mortes relatado – fato que o levou à conclusão de que a fantasia dominara a realidade: “O resultado foi totalmente espantoso. Então a confissão de que eles não sabiam exatamente. Em muitos prevaleciam o extremo “6 – 200 – muitas centenas.”¹⁵⁷

Independentemente de quem deu início às agressões, a situação se agravou no princípio do século XX e parecia irreversível: os ataques e as retaliações eram resultantes do ódio, o qual crescia gradativamente entre ambas as partes a cada nova investida. A partir de 1850 as colônias no Alto Vale do Itajaí avançaram progressivamente para a ocupação das terras devolutas e os fazendeiros cada vez mais adquiriam grandes lotes de terras onde transitavam os indígenas. Em 1912, na área da Sociedade

¹⁵⁵ Ao traduzir *und das sie ganz gar nicht an Mord dachten* o tradutor esqueceu-se do *nicht* que promove sentido de negação à frase. Logo a tradução literal seria: “todos eles não pensam em assassinato.” Nota do autor.

¹⁵⁶ GENSCHE, Hugo. A adoção de uma criança indígena, contribuição prática para solução da questão indígena sul-brasileira. Berlim: Tipografia Gebr Unger, 1908. **Blumenau em Cadernos**, t. 53, n.2, p.1-128, mar-abr, 2012. p. 27. Trad. de Cezar Zillig.

¹⁵⁷ *Ibidem*.

Hanseática de Colonização – que abrangia os vales do rio Hercílio e do rio Itapocu com o centro em Harmonia, atuais municípios de José Boiteux e Ibirama – se estabeleceram setenta e três por cento dos colonos originários de outras regiões, porém já nascidos no Brasil. Em Blumenau, desde 1883 – durante o ato da criação da câmara municipal – até o ano de 1934 – quando diversos municípios se desmembraram da cidade – 20.733 colonos estrangeiros, entre eles: alemães, poloneses, austríacos, russos e italianos, ocuparam a região.¹⁵⁸ O fato é que os Xokleng rapidamente perderam grandes espaços territoriais para os colonos, de modo que a liberdade de caça, de coleta e, sobretudo, de ir e vir ficaram limitadas. Os Xokleng não consideravam sua gente aqueles que não pertenciam à sua comunidade. Para eles os colonos eram vistos apenas como obstáculos frente à aquisição de bens cobiçados, fossem esses: aço, ferramentas, cobertores e alimentos. Assim, a fim de que suas posses fossem tomadas, os colonos deveriam ser aniquilados. Por outro lado, o colono não percebia que disputava o mesmo terreno com o indígena. Esse conhecimento surgia quando os indígenas instalavam-se nas terras e nos territórios tradicionais que haviam sido adquiridos de forma legal. Uma vez devolutas, o Estado repassou as terras para fins de instalação de núcleos coloniais, mas, aparentemente, não divulgou o fato de que ali, nessas mesmas terras, os Xokleng transitavam há séculos. O viajante alemão Wilhelm Lacmann esteve no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina entre os anos de 1903 e 1904 para averiguar as regiões de colonização germânica e anotar suas impressões. Descreveu o desenvolvimento das colônias, a economia, a sociedade e as questões políticas, e também as suas populações. Ele comparou o alemão nato com o teuto-brasileiro e fez análises etnográficas do histórico da formação do povo brasileiro, entre outras anotações interessantes. No núcleo colonial de Hansa, Lacmann ouviu de seus conterrâneos muitas reclamações sobre o prospecto da Companhia Colonizadora, entre elas estava a queixa de que o prospecto não condizia com a realidade e, por isso, os desanimados retornavam à pátria mãe.

Muitos vieram imaginando encontrar o céu na terra ao lerem sobre a grande variedade de frutas, beleza da paisagem e abundância de caça na floresta. Esperavam encontrar bananeiras, melancias, ameixas em abundância, tucanos, jacutingas assadas e o ar perfumado por cheiro de

¹⁵⁸ FAUSTO, Bóris (org.). **História Geral da Civilização Brasileira: III O Brasil Republicano**. São Paulo: DIFEL, 1985. p. 126-127.

catchaça gostosa.¹⁵⁹

Era esse era o ideal germânico de paraíso. No entanto, quando o colono tinha recursos, saía imediatamente da inóspita floresta e, se soubesse escrever, denunciava à imprensa alemã para que a emigração fosse desencorajada. Lacmann havia comentado apenas sobre a localização e a qualidade dos terrenos, que já eram fatores nada estimulantes à ocupação estrangeira; ele finalizou o seu texto com as seguintes considerações:

Mas a floresta abriga ainda outros animais. Os mais ferozes não são os pumas, nem os jaguares que abatem de tempo em tempo animais das colônias. Mais perigosos que os animais ferozes são os indígenas selvagens, “os bugres”. O perigo que deles parte não deve ser subestimado. No ano de 1902, no distrito Hercílio, num choque entre eles foi morto um jovem e outro ficou gravemente ferido. Os indígenas da floresta de Santa Catarina pertencem ao grupo dos botocudos. Questiona-se se todos os assaltos havidos foram feitos pelos botocudos. Muitos afirmam, com razão, que um grande número de atrocidades foi feito pelos coroados, que foram assentados no município de Palmas, de onde empreendiam longas excursões de caça e pesca.

Em tempos passados grupos de bugreiros constantemente vigiavam as regiões limítrofes de Blumenau, a fim de proteger os povoados. Ainda agora de vez em quando, principalmente brasileiros realizam caçadas aos bugres. Geralmente nada consta os resultados, pois ainda não está decidido se a morte de um índio, não em defesa própria é considerado crime de morte. E o relacionamento entre branco e os de raça vermelha, deve ser considerado estado de guerra permanente.¹⁶⁰

Conforme Lacmann, em pleno século XX a “ferocidade” indígena havia superado a animosidade de bestas selvagens da mata sul-

¹⁵⁹ LACMANN, Wilhelm. **Cavalgadas e impressões no Sul do Brasil**. In: Blumenau em Cadernos. T. 38, nº11, nov./dez. 1997. p.p. 44-45. Trad. Curt Willy Hennings.

¹⁶⁰ Ibidem. p. 54-55.

brasileira. Nessa época, todas as tentativas amistosas de aproximação com os indígenas haviam fracassado. E, com a divulgação da imprensa acerca dos ataques e das falíveis aproximações, criou-se um misticismo em torno da “indomabilidade” dos Xokleng e daqueles outros indígenas, que, apesar de aldeados, eram suspeitos dos assaltos. Então para Lacmann, nem mesmo quando induzidos a uma condição sedentária, os indígenas abandonam as suas incursões pelo Alto Vale do Itajaí, o que pode ter reforçado a ideia da incivilidade. De acordo com Lacmann, o governo ainda não havia considerado a hipótese de criminalizar a morte de um indígena, caso a legítima defesa do atuante não fosse identificada. Embora, se o governo resolvesse definir um “estado permanente de guerra”, a legitimidade defensiva certamente seria ignorada pelos “civilizados”. De qualquer modo, a situação não foi definida até o surgimento do SPI. Contudo, é possível supor que, independentemente de qual fosse a decisão governamental, apenas o indígena seria prejudicado, porque, segundo o relato de Lacmann, ele aparecia no topo da lista de periculosidades que o colono deveria enfrentar para se apossar das terras.

É evidente que os “encontros” não podiam ser evitados. Em Santa Catarina os encontros foram registrados por viajantes que outrora aqui estiveram e não conseguiram ignorar a presença indígena. Em princípio, a Lei Provincial Nº 11 de 05 de maio de 1835 permitiu o estabelecimento de duas colônias nos rios Itajaí Grande e Mirim:

Esta Lei dando as mais acertadas providencias para o augmento e prosperidade assim da Provincia, como de quaesquer colonos no aproveitamento de mui fertes terras então incultas e devolutas, teve começo a sua execução em 1836, estabelecendo-se nas margens do Itajahy grande algumas pessoas. Aterradas estas com as incursões dos Gentios em Cambriú (sic), 3 ou 4 legoas ao Sul, desampararão muitas as suas lavouras, ficando apenas 6 estrangeiros e 2 nacionaes em 1837.¹⁶¹

Em seu extenso relato, intitulado *Memoria Histórica da Província de Santa Catarina*, o Major Manoel Coelho faz uma descrição

¹⁶¹ COELHO, Manoel, Joaquim d’Almeida. **Memoria Historica da Provincia de Santa Catarina**. Typ. Desterrense de J.J. Lopes, Rua da Trindade n.1, 1856, p.95. Disponível em: <www.mediafire.com/folder/3ms7vjdm58bst>. Acesso em: 12 fev. 2011.

apurada sobre os inúmeros núcleos coloniais existentes em nosso Estado no ano de publicação de seu relatório, em 1856. Entre esses núcleos temos a colônia de Itajaí em Tijucas, onde, segundo o relato, em 1839 oito pessoas haviam sido mortas pelos indígenas. No sertão próximo a atual cidade de Lages, através do Decreto do Governo Imperial Nº 1.266 de 08 de novembro de 1853, foi criada uma colônia militar que visava justamente proteger os moradores contra as investidas indígenas. Rapidamente essa região de Lages foi povoada pelos soldados e suas famílias e, em 1854, contava com pouco mais de cem indivíduos. O Major Coelho registrou que, na região do Arraial do Belchior do Itajaí, atualmente município de Gaspar, próximo a Blumenau, após uma tentativa frustrada de proteção pela Guarda Nacional, à unidade da Companhia de Pedestres, em 1843, se instalou naquela vila e conseguiu afugentar os indígenas para o interior do Estado, feito que motivou os novos ocupantes a promoverem a prosperidade no Arraial.¹⁶²

O imigrante Julius Baumgarten relatou ao seu irmão Hermann um ataque indígena acontecido na região da Velha, atualmente bairro de Blumenau, em março de 1855. Enquanto almoçavam, os proprietários de uma fazenda tiveram seu rancho saqueado e notaram que haviam sumido uma espingarda de cano duplo, quatro enxadas, quatro machados e diversos objetos de aço. Após a constatação do assalto, eles foram até um posto policial que ficava a duas horas de distância da fazenda e falaram com o responsável pela segurança dos colonos.

Estes soldados são entendidos em seguir o rastro dos selvagens pela floresta, o que os alemães desconheciam. Os bugres geralmente se locomovem sobre pés e mãos para despistar seus perseguidores, de seu acampamento. Quatro soldados brasileiros iniciaram a perseguição, mas depois de dois dias voltaram, quando foram impedidos por uma chuva intensa. Chegaram a seguir a pista certa, porque encontraram as espingardas quebradas como também o cabo das enxadas e dos machados. Isto mostra claramente que os bugres não sabem usar estes instrumentos e somente roubar o ferro para preparar as pontas de suas flechas.¹⁶³

¹⁶² Cf. *Ibidem*. p. 99-100.

¹⁶³ BAUMGARTEN, Julius. [carta] 10 jun. 1855, Blumenau. [para] BAUMGARTEN, Hermann. Alemanha. IN: Blumenau em Cadernos. t. XXIX,

A carta indica a assimilação da parte dos Xokleng do aço trazido pelos imigrantes alemães. E, talvez, os indígenas não conseguissem utilizar os machados porque ainda não necessitavam fazê-lo.

Conforme anotou o Major Coelho, os relatos mais antigos, datados no século XVIII, apresentam registros sobre as terras serranas – de quando uma parte dessas terras se tornou a povoação de Lages, então desmembrada do território de São Paulo e subordinada ao governo catarinense no ano de 1749. Muitos paulistas instalados ali permaneceram:

Forão estes Colonos obrigados a deffendererem os novos estabelecimentos contra as aggressões dos Indios selvagens, e os derrotarão em varios encontros, pondo-os em fuga, com o auxilio das armas de fogo, até que em 1771 o Governador e Capitão General de S. Paulo D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão mandou fundar a Villa de que tratamos.¹⁶⁴

O Major Coelho, em sua incursão na vila de Lages, foi informado acerca da situação decadente que acontecia na vila de Laguna: havia apenas uma via de comunicação entre as duas vilas e através dela o comércio era praticado; mas se tornara impossível transitar na via devido às novas investidas dos indígenas. Segundo o major, a situação era tão grave que das trezentas casas que lá foram construídas desde a fundação da vila, no século XVII, não restavam naquele momento mais de setenta residências – uma vez que os frequentes ataques desencorajavam a permanência de colonos.¹⁶⁵ Em 1890 alguns viajantes, esses, profissionais de obras e construções, observaram que a falta de estradas adequadas limitavam o comércio com outras regiões. Além disso, apontaram outro problema bastante conhecido:

E´ assaz conhecida a feracidade dessa importante região, onde a producção está quasi limitada ao consumo local. Situada a poucas leguas da costa e dos centros povoados, é ainda infestada pelos selvagens que, em suas correrias, vêm frequentemente até os nucleos coloniaes exercer toda a sorte de latrocinio contra o pacifico

fev. 1988, Ed. 373. Trad. de Edith Eimer.

¹⁶⁴ COELHO, Manoel, Joaquim d'Almeida. **Memoria Historica da Provincia de Santa Catarina**. p. 177.

¹⁶⁵ Cf. *ibidem*, p. 202.

colono.¹⁶⁶

Por meio desses e de inúmeros outros relatórios citados em obras publicadas, percebe-se que, após a Lei de Terras de 1850, houve, por um bom tempo, a tentativa de se ignorar a existência dos indígenas em Santa Catarina. Em virtude dos ataques relatados e das retaliações promovidas, o povo Xokleng se manteve isolado – talvez porque tivesse conhecimento do destino de outras comunidades indígenas que entraram em contato amigável com os portugueses, tanto no litoral como no interior de Santa Catarina. Logo, o interesse dos Xokleng consistia somente em se apropriar das produções dos colonos, sem tentativas pacíficas de aproximação.

De acordo com Silvio Coelho dos Santos, os territórios transitados pelas comunidades Xokleng e Kaingang já eram conhecidos pelos portugueses no século XVII, mas esses indígenas não interessavam aos bandeirantes, pelo fato de serem seminômades e viverem dispersos e em pequenos grupos. Além disso, falavam uma língua diferente dos demais povos contatados e eram descendentes dos célebres Tapuia, os quais apresentavam um histórico de complicada submissão¹⁶⁷ por parte dos colonizadores.¹⁶⁸ As empresas colonizadoras e o governo do Estado, em meados do século XIX, fizeram um verdadeiro encobrimento dos sertões de Santa Catarina: os sertões foram esboçados como uma região com muita terra onde não existia ninguém para habitá-la. Aqui pode ser feita uma alusão ao padre Bartolomeu Melià que considerou que Colombo fez o mesmo quando descobriu a América, mas não os americanos.¹⁶⁹ Durante a era colonial das

¹⁶⁶ Relatório apresentado ao Exm. Sr. General Francisco Glicerio Ministro da Agricultura, Commercio e Obras Publicas pelos Engenheiros Fabio Hostilio de Moraes Rego, Luiz Filipe Gonzaga de Campos, João Caldeira de Alvarenga Messeder. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1890. p. 24. Disponível em: <www.mediafire.com/folder/3ms7vjdms58bst>. Acesso em: 13 fev. 2011.

¹⁶⁷ O passado dos tapuios coincide com o da fundação da aldeia do Carretão, no século XVIII, quando partes de diferentes povos indígenas da região são ali assentadas e perdem sua autonomia tribal. A rainha Dona Maria I, o imperador Dom Pedro II, o presidente Getúlio Vargas, o interventor Pedro Ludovico e o inspetor Mandacaru são personagens benfeitores que revalidaram a posse do Carretão em diversas ocasiões. Esse assunto está disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/tapuio>>. Acesso em: 25 jun. 2012.

¹⁶⁸ Cf. SANTOS, Sílvio Coelho dos. p. 43.

¹⁶⁹ Cf. MELIÀ, Bartolomeu. “**El Encobrimento de America**”, **Razón y Fe** 1108. (Madrid febrero), 1991.

Américas os responsáveis por esse processo proporcionaram todas as barbaridades possíveis para os ameríndios que não aceitaram a condição de servilidade. Assim, conseguiram acabar com os impérios centenares dos Incas e dos Astecas e de uma infinidade de outras nações espalhadas por todo território americano. Dos Haida do Alasca aos Yagan de Ushuaia, todos sofreram as consequências das atitudes do colonizador; no entanto, em virtude de alguns trechos das matas amazônicas serem de difícil acesso, algumas sociedades indígenas continuam, até hoje, praticamente intocáveis. Os grupos que não tiveram o mesmo destino foram dizimados ou “encobertos” – seja pela terra em suas covas seja pela desconsideração de sua presença física e cultural. No século XIX a ideia do encobrimento se manteve, pois outros grupos chocaram-se com a presença imigrante, grupos que não haviam sido até então encontrados e dizimados pelos bandeirantes em tempos passados. Mas as companhias de colonização não almejavam essa descoberta, afinal se tratava de indesejáveis indígenas; donde: ser providenciado um novo “encobrimento”.

O imigrante alemão Theodor Karl Nikolaus Kleine, nascido na província de Posen, na época pertencente ao território da Prússia Oriental, veio para o Brasil com seus pais e irmãos aos sete anos de idade e em 1856 se estabeleceu em Blumenau. Kleine escreveu a sua trajetória por Santa Catarina, onde exerceu as funções de Emissário de Correio e aprendiz de jardinagem, em Florianópolis, e também de ajudante de demarcação de terras, no Vale do Itajaí – e foi por exercer esta última profissão que fez questão de registrar o seu pavor em relação aos indígenas. Kleine desde criança ouvia falar dos ataques indígenas, certa vez, ele e o seu pai, recém-chegados da Alemanha, visitaram um colono local em busca de trabalho e assim dialogaram:

- O senhor nunca tomou café de milho? Nós bebemos sempre desse caldo, o café é muito caro pra nós. Sim, sim, o senhor ainda não tem noção do que significa começar em meio à mata virgem.
- Os índios ainda não molestaram nenhum colono por aqui? – perguntou meu pai.
- Molestaram? Há pouco tempo, eles assaltaram dois novatos, meus vizinhos, massacrando-os horrivelmente. Se eu não estivesse tão bem armado, certamente também já teria nos visitado. Então, contou detalhadamente o infeliz ataque dos selvagens aos dois jovens alemães. Nós, meninos, escutamos a história apavorados e, volta e meia,

olhávamos para o mato para ver se não havia nenhum pele vermelha por ali.¹⁷⁰

Não era algo fácil aos emigrantes deixar parentes e amigos na pátria mãe para tentar uma nova vida em família no meio da selva, essa habitada principalmente por indivíduos que os europeus desconheciam e que possuíam hábitos muito distintos daqueles da cultura ocidental. Nessa época a Alemanha passava por conflitos internos que resultaram, em 1871, na unificação de vários estados germânicos. Quem a deixou durante esse período certamente vivia em condições precárias e buscava evitar o envolvimento nas frequentes guerras. Porém, essas pessoas, quando aqui chegaram, não esperavam se deparar com um povo belicoso que transitava livremente nas terras cedidas a elas pelas companhias de colonização. Talvez, se fosse possível prever todas as dificuldades que encontraria em Santa Catarina, o emigrante teria escolhido ficar em seu país e arcar com as consequências da unificação alemã – seus filhos assistiriam de perto a Primeira Guerra Mundial e seus netos, a ascensão de Hitler e os fatos daí advindos. Ora, a vida na mata Atlântica catarinense junto aos seus mais antigos habitantes nômades – e leia-se aqui: viver de um modo digno e conseguir prosperar – não poderia ser considerado um grande desafio, se atentarmos a tudo aquilo que o povo alemão sofreu nesse mesmo período em sua terra natal.

Entrementes, o aventureiro Karl Kleine deixou registrada a experiência de sua primeira expedição como auxiliar de agrimensura, ou melhor, cozinheiro, na região de Warnow, um afluente do Rio Itajaí:

Confesso que tive muito medo na minha primeira expedição e suspeitava haver um bugre ou uma onça pintada atrás de cada tronco de árvore. Para nosso azar, um veado grande veio em nossa direção, dentro da água, e depois que o abatemos, verificamos que havia uma flecha quebrada em seu ventre. Bem, então não me restava mais nada da pouca coragem que eu tinha. Para completar meu mau-estar, fui nomeado cozinheiro. Isso significava que precisaria ficar sozinho no rancho e preparar comida. Procurei desvencilhar-me desse cargo com inúmeras desculpas, tentando passá-lo para outra pessoa, pois o considerava de

¹⁷⁰ KLEINE, Theodor K. N. **Vivências e Narrativas de um blumenauense**. Blumenau: Ed. Cultura em Movimento, 2011. p.115.

alto risco. Mas ninguém caiu na minha conversa. Eu era o mais novo e, além disso, principiante, portanto, era natural que a cozinha sobrasse pra mim. Conformei-me com meu triste destino e me preparei para o pior. Contudo, lastimava pela minha vida tão jovem!¹⁷¹

Apesar de cômico, o relato de Kleine representa o temor presente na maioria dos emigrados quando tomava conhecimento que nas terras ocupadas existiam muitos perigos a enfrentar. Ainda mais quando o imaginário acerca dos “povos selvagens” dominava a razão desses primeiros colonos. Karl Kleine relatou muitas outras situações de pavor, o qual se manifestava apenas com o fato de pensar que poderia ser trucidado por indígenas enquanto exercia a sua função na cozinha. Sendo assim, ele cozinhava o mais rápido possível, a fim de não ficar, em um rancho, no meio do mato, à mercê dos indígenas. Kleine se servia de um esconderijo, às vezes durante horas, para esperar os seus camaradas. Isso deve ter acontecido entre os anos de 1860 a 1870, o que nos leva à suposição de que a maioria da população imigrante possuía conhecimento da presença indígena nas terras que habitavam.

A partir do momento que a existência dos Xokleng não pôde mais ser ignorada, começam as tentativas de uma aproximação amistosa com eles, no entanto muitas delas foram malogradas. Jeremias André Gonçalves, que quando criança foi sequestrado pelos indígenas, teve seus pais mortos e a sua vila saqueada por eles. Foi adotado por Kruuro, a esposa preferida do cacique (*pahí*, no idioma desses indígenas), e viveu por mais de um ano na comunidade Xokleng – onde obteve o aprendizado de seus hábitos e de seu idioma. Ele conseguiu fugir e retornar aos seus durante um ataque de bugreiros à comunidade e, no ensejo da ocasião, viu sua mãe adotiva ser morta ao receber um tiro pelas costas. O cacique imediatamente acusou Jeremias pela desgraça e aos berros a ele dirigia as seguintes palavras: “Menino achado, filhos dos ‘cocolés’¹⁷², inimigo traidor que até assassinou sua própria mãe! Volte e pague com seu sangue todo mal que nos fez”. Anos mais tarde, em 1877, ele foi contratado como intérprete por Frederico Deeke, que na época exercia a função de pacificador. Gonçalves atribui o fracasso das tentativas de reaproximação a si mesmo, pois não foram poucas as incursões com fins pacifistas que ele participou. O intérprete apelava aos gritos para tentar chamar os Xokleng quando encontrava nas matas

¹⁷¹ Idem. p. 184.

¹⁷² A saber: ‘inimigos’.

vestígios da presença dos mesmos, mas nunca recebeu uma resposta. Ele supunha que os indígenas chamados poderiam tê-lo reconhecido e, assim, por consequência, não confiavam nas intenções amistosas da turma de Deeke. Consta no depoimento de Gonçalves de que ele continuava a ouvir, em sua mente, as duras palavras proferidas pelo cacique.¹⁷³

O estabelecimento de uma unidade do SPI-LTN em Santa Catarina ocorreu no ano de 1910, sob o comando do Tenente José Vieira da Rosa, indicado pelo próprio Rondon para dirigi-la e para orientar os trabalhos de atração aos Xokleng.¹⁷⁴ No acervo pesquisado para o desenvolvimento desta tese, o único documento encontrado e assinado por Rondon, na qualidade de Diretor Geral, apresenta o registro da seguinte ordem:

Cidadão Inspetor do Estado de Santa Catharina,

Communico-vos, afim de poder esta Directoria ficar officialmente instruida a respeito da offerta que participastes vos haver sido verbalmente feita pelo Governo desse Estado, relativa a terras devolutas para a installação de nucleos coloniaes, torna-se necessario que esse offerecimento seja feito ao Cidadão Ministro do Agricultura, Industria e Commercio.

Outrossim levo ao vosso conhecimento que só deves proceder às medições das terras habitadas por indios, depois de uma visita geral de inspecção pelo Estado, que contate detalhadamente a situação em que ficão as mesmas localizadas e vos habilite a colher dados indispensaveis à confecção de um relatorio, o qual deve ser, para juizo deste Serviço, remetido a esta Directoria.¹⁷⁵

Assim, segundo as orientações, ao tenente Vieira da Rosa apenas restava esperar pelas inspeções oficiais do Estado, o que, de certa forma, resultou em burocratização, pois as verbas eram parcas e os meios de

¹⁷³ Cf. GONÇALVES, Jeremias André. Texto de DEEKE, José. **Blumenau em Cadernos**. t. XL, n. 4, abr. 1999. p. 43.

¹⁷⁴ Cf. SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Nova História de Santa Catarina**. 5ª Edição Revisada. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2004. p. 76.

¹⁷⁵ RONDON, Candido Mariano da Silva. [carta] 10 out. 1910, Rio de Janeiro. [para] VIEIRA DA ROSA, José. Florianópolis 1f. Instruções para medições das terras habitadas pelos indígenas.

comunicação deficientes – e isso prejudicava a velocidade de ação. Como a situação do Estado era gravíssima (uma vez que surgiu a denúncia internacional de 1908), excursões pela região do Alto Vale para fins pacifistas foram organizadas. Em uma das primeiras circulares da Ordem de Serviço a todos os Inspectores Regionais, elaborada pelo subdiretor José Beserra Cavalcanti, consta a orientação para requerimento de material de engenharia:

Cabendo a esta Sub-Directoria a responsabilidade de todos os trabalhos technicos deste Serviço, recommendo-vos que a ella deveis vos dirigir sempre que se tornar necessario qualquer instrumento de engenharia.

No entanto, si a inspectoria for obrigada por circunstancias excepcionaes, a fazer directamente as compras de que trata a presente circular, deveis logo informar-me do nome e numero dos instrumentos, seus autores, etc, afim de que se os possa lançar no livro competente, com carga á inspectoria. Deveis tambem informar-me quanto ao preço de cada um delles, afim de que esta Sub-Directoria tenha conhecimento exato do estado da verba destinada aos trabalhos technicos.¹⁷⁶

Em 1910, em Santa Catarina, as atividades do SPI-LTN basicamente estavam destinadas à organização de tarefas que incluíam todo o procedimento burocrático necessário para a instalação de sedes e a distribuição de materiais utilizados pelos funcionários nas incursões voltadas ao encontro com indígenas transeuntes. No ano de 1911, após poucos meses da criação dessa entidade protecionista, já circulavam, no Estado, ordens para evitar dispêndios em atividades não oficiais, pois as verbas somente seriam repassadas às ações de caráter técnico e administrativo:

Ao Snr. Inspector do Est^o. de Santa Catharina.

Para os devidos fins vos communico que todas as vezes que as excursões por vós levadas a effeito tenham um character ao mesmo tempo technico e administrativo, como foi o caso na vossa primeira expedição, só devem ser carregadas á 1^o Sub-Directoria, as despesas que seriam effectuadas se

¹⁷⁶ CAVALCANTI, José Beserra. [circular nº1] 11 dez. 1910, Rio de Janeiro. [para] Inspectores Regionais. 1f. Aquisição de equipamento de engenharia.

a excursão tivesse que ser realizada com um destino exclusivamente tecnico.

Assim, não devem ser levadas a conta desta Sub-Directoria as importancias despendidas com aquisição de brindes, para indios, muares e canastras para o transporte dos mesmos brindes, comedorias e outras despezas semelhantes

Os vossos vencimentos assim como os de qualquer funcionario do quadro devem ser excluídos do custo dos serviços technicos, cumprindo entretanto que se mencione nos relatorios quando o inspector ou um funcionario do quadro fôr o operador ou executor do serviço tecnico.¹⁷⁷

O inspetor Vieira da Rosa, que até o momento havia feito apenas uma excursão de “caráter técnico e administrativo”, estava impedido de gastar além do que o SPI considerasse funcional. Nada de almoços não oficiais, de presentes para os indígenas e de outros gastos que poderiam vir a prejudicar os cofres do governo. Enfim, não havia investimentos para nada que pudesse facilitar as estratégias de aproximação com os Xokleng. O subdiretor do SPI, José Cavalcanti, autor da missiva supracitada, enviou no mês de maio uma nova circular para informar a Vieira da Rosa que havia assumido o cargo de Diretor Geral Interino do Serviço. Ele foi nomeado em substituição do então tenente-coronel Candido Rondon que precisou partir junto a uma comissão governamental para finalizar a implantação de linhas telegráficas nos estados do Mato Grosso e Amazonas.¹⁷⁸

Enquanto se organizavam em Santa Catarina, os dirigentes do SPI-LTN tomaram a iniciativa de buscar dados sobre a região, principalmente acerca da questão indígena brasileira. A ordem é de Manoel Miranda novo subdiretor do Serviço:

Recommendo-vos envieis a esta Sub-Directoria, afim de reunir neste Serviço uma bibliotheca de assumptos indianistas, os relatorios e outras publicações da antiga

¹⁷⁷ CAVALCANTI, José B. [circular nº 2] 11 mar. 1911, Rio de Janeiro. [para] VIEIRA DA ROSA, José. Florianópolis. 1f. Controle de caixa do SPI.

¹⁷⁸ CAVALCANTI, José B. [circular] 15 mai. 1911, Rio de Janeiro. [para] VIEIRA DA ROSA, José. Florianópolis. 1f. Novo cargo no SPI-LTN de Cavalcanti.

Provincia e do actual Estado em que se acha situada a Inspectoria a vosso cargo, bem como todos os trabalhos que conseguirdes obter, desde que contenham dados sobre a questão indigena brasileira.¹⁷⁹

O despreparo dos dirigentes de uma instituição que visava contatar e proteger grande parte das comunidades indígenas do país está presente no conteúdo de boa parcela dos documentos verificados. A maioria dos seus diretores, entre os anos de 1910 a 1967, possuía formação militar, enquanto que outros eram advogados, médicos e engenheiros. Com a exceção de Rondon, poucos servidores do SPI possuíam informações precisas sobre os indígenas. E em relação aos Xokleng nem mesmo o experiente Rondon poderia ajudar, uma vez que o seu conhecimento limitava-se em saber que esses indígenas promoviam ataques aos núcleos coloniais e às suas estradas e que eram perseguidos e mortos, conseqüentemente, precisavam ser contactados. Assim, em uma primeira instância, o que os pioneiros servidores deviam fazer era adquirir informações a respeito dos Xokleng. Essa seria uma iniciativa mínima. No entanto, a falta dessas informações ocasionou um atraso imenso para o desenvolvimento das atividades do *Serviço* quando o mesmo entrou em contato com as comunidades indígenas. Situação que já estava prevista em Decreto:

Art. 15. Si nas áreas da reserva existirem indios vivendo em sociedade com a exclusão absoluta de individuos de outras raças, a Inspectoria fará um estudo sobre os mesmos, que remetterá á Directoria Geral do Serviço de Protecção aos Indios e Localização de Trabalhadores Nacionaes, a julgar da necessidade ou conveniencia de promover a sua mudanca, de conformidade com o art. 2º, n.13, do decreto n. 8.072, de 20 de junho de 1910.¹⁸⁰

Em uma circular destinada ao estado de Santa Catarina, sob autoria do subdiretor Manoel Miranda, os funcionários do *Serviço* estavam autorizados pelo governo a exercer o poder de polícia em caso

¹⁷⁹ MIRANDA, Manoel. [circular nº 5] 3 ago. 1911, Rio de Janeiro. [para] VIEIRA DA ROSA, José. Florianópolis. 1f. Obtenção de informações sobre SC e questão indígena nacional.

¹⁸⁰ DIARIO OFFICIAL. 29 de agosto de 1912.

de crimes contra os indígenas. Conforme a gravidade do ocorrido o inspetor responsável deveria dirigir-se à cena do crime ou enviar até lá um funcionário da inspetoria ou, ainda, por meio de ofício, solicitar à autoridade local que apurasse o acontecido e tomasse as devidas providências. Ademais, enquanto órgão público de reconhecida legitimidade, o SPI poderia requerer auxílio das autoridades estaduais competentes, incluindo aqui o próprio governador do Estado. Devido à garantia desse amparo, Miranda dispensa a contratação de advogados: “amparada desse modo vossa acção, certo, não se tornará necessaria a intervenção de advogados, pois o inspetor é o protector, o defensor e o curador dos indios, com competencia, exclusivamente elle, para represental-os”.¹⁸¹

Coelho dos Santos descreve que, em meados de 1912, a Direção Geral do *Serviço* reconheceu que a situação do Sul do país carecia de novas medidas. O sistema precisou ser reorganizado e houve uma reunião entre as inspetorias de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Vieira da Rosa recebeu a patente de Capitão e, em seguida, foi exonerado do seu cargo: pois a Inspeção Regional sob seu comando limitava-se às andanças pelos sertões em busca dos Xokleng a cada vez que surgiam notícias de ataques, mas as providências eram tomadas tardiamente – isso em decorrência das dificuldades de locomoção existentes na época. Entre as novas medidas do SPI-LTN para 1912 estava a proibição das atividades praticadas pelos bugreiros em seus procedimentos de vigilância e proteção aos colonos, sob a responsabilidade do capitão Euclides de Castro em parceria com a Polícia Estadual. Vieira da Rosa foi substituído pelo chefe da inspeção do Rio Grande do Sul, Raul Abbott, que logo providenciou a fixação de uma base de atração em Ibirama, na época distrito de Blumenau no Vale do Itajaí.¹⁸² O memorialista Plínio Moser, genro de Eduardo Hoerhann, deixou registrado o encontro de Vieira da Rosa com Rondon no Rio de Janeiro. Vieira da Rosa proferiu:

Esse serviço não é mais para mim. O meu serviço eu já concluí. A pacificação desses índios é uma coisa muito difícil, porque eles são andarilhos, não param. Antes de mim houve várias tentativas de pacificação e ninguém conseguiu. E digo mais: esta tarefa precisa ser realizada por um homem de

¹⁸¹ MIRANDA, Manoel. [circular n° 7] 21 ago. 1911, Rio de Janeiro. [para] VIEIRA DA ROSA, José. Florianópolis. 1f. Dos crimes contra os indígenas.

¹⁸² Cf. SANTOS, S. p. 136.

sangue nas veias e com muita fibra.¹⁸³

O memorialista Moser informou em seu texto, escrito com o auxílio do jornalista Paulo Roberto Peyerl, que todas as informações escritas vieram diretamente da pessoa de Eduardo Hoerhann. De qualquer modo, o *Serviço* nem havia completado dois anos de atuação e o seu primeiro Inspetor Regional, Vieira da Rosa, foi substituído. Raul Abbott assumiu o cargo em 23 de janeiro de 1912, conforme a carta que acusa o recebimento de tal informação, escrita pelo Delegado Fiscal do Tesouro Nacional em Santa Catarina, Augusto Rangel Alvim.¹⁸⁴ Abbott fez o comunicado de sua posse às diversas autoridades civis e militares do Estado, as quais o parabenizaram e se colocaram ao seu dispor caso precisasse de auxílio.

Com a chegada de Abbott no distrito de Ibirama, o *Serviço* tornou-se mais fiscalizador em relação à proteção aos indígenas, o que acarretou na proibição de qualquer violência contra os acautelados, o que limitava em muito as possibilidades de legítima defesa e de apropriação de terras por parte dos colonos. Evidentemente essa nova situação causou revolta na opinião pública de Blumenau: a recusa de aceitar as intenções da entidade protetora decorria da própria inoperância da mesma. Antes da defesa institucionalizada havia uma maior liberdade para os colonos responderem aos ataques indígenas. Assim, mesmo com temor à presença indígena, os colonos conseguiam, com certa eficiência e com o auxílio das tropas de bugreiros, manter a segurança sobre si mesmos e sobre suas terras, pois abriam fogo quando as propriedades eram atacadas. Em uma carta, Raul Abbott solicita a Alvim mais verbas para a continuidade dos seus serviços:

Tendo por ordem superior transferida a séde desta Inspectoria para Hammonia, Municipio de Blumenau, para onde seguirei na primeira oportunidade, partindo em seguida em serviço da redução de indios. Peço-vos mandeis dar-me como adiantamento a quantia de 20:000\$000, vinte contos de reis, sendo 10:000\$000 pela verba material e 10:000\$000 pela verba Indios.¹⁸⁵

¹⁸³ MOSER, Plínio & PEYERL, Paulo R. **O Pacificador de Índios Xokleng**. Disponível em: <www.estudosabc.blogspot.com.br>. Acesso em: 23 abr. 2010.

¹⁸⁴ Cf. ALVIM, Augusto Rangel. [carta] 24 jan. 1912, Florianópolis. [para] ABBOTT, Raul. 1f. Acusação de recebimento de ofício.

¹⁸⁵ ABBOTT, Raul. [carta] 10 abr. 1912, Florianópolis. [para] ALVIM, Augusto

Importante destacar que no mesmo documento também consta esta observação manuscrita: “Não foi atendido por falta de ordem do Ministro”. O *Serviço*, na época subordinado ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, estava sob a administração de Pedro Manuel de Toledo – isso durante os anos de 1910 a 1913.¹⁸⁶ Não somente em resposta a Raul Abbott, mas a todos aqueles que solicitavam investimentos para a promoção de uma maior operacionalidade nas atividades, Toledo justificou o indeferimento de verbas através de uma circular, em acordo com o Aviso Nº 2.165 de 12 de setembro de 1910, alegou que nenhuma atividade prevista fora desse regulamento receberia a quantia solicitada:

De conformidade com as citadas instruções os pedidos de autorização para execução de serviços que possam dar lugar a despesa extraordinária devem ser convenientemente fundamentados e indicar sempre, ainda que aproximadamente, o prazo de duração do serviço e a importância a despende-se. Tais pedidos só poderão ser feitos por meio officio, salvo tratando-se de repartições, estabelecimentos ou serviços fóra da Capital Federal, que em casos urgentes, poderão fazel-os por telegramma.¹⁸⁷

Supostamente, Abbott ainda não possuía conhecimento da responsabilidade que havia assumido em Santa Catarina. Na sua comunicação destinada a Augusto Alvim, Abbott não justifica o pedido de maneira coerente, apenas afirma que metade da verba solicitada seria para a aquisição de material e que os outros cinquenta por cento seriam para os indígenas, sem discriminar aqui os gastos de seu orçamento. A “verba índios” não foi convincente para a obtenção de fundos. Fazia-se

Rangel. Repartição Geral de Telegrafos. 1f. Pedido de verbas.

¹⁸⁶ Pedro Manoel de Toledo foi Ministro da Agricultura, Indústria e Comércio de 16 de novembro de 1910 a 18 de novembro de 1913. Foi também Delegado, Chefe da Polícia de São Paulo, Comandante (interino) da Guarda Nacional e Deputado, quando fundou a Academia Paulista de Letras. Ademais, foi Comandante Civil da Revolução Constitucionalista de 1932. Toledo nasceu em São Paulo no ano de 1873 e faleceu em 1935, no Rio de Janeiro. Disponível em: <www.agricultura.gov.br/ministerio/historia/galeria-de-ministros>. Acesso em: 11 jan. 2012.

¹⁸⁷ TOLEDO, Pedro de. [circular] 26 abr. 1912, Rio de Janeiro. [para] Diretores de repartições ou estabelecimentos e chefes ou encarregados de serviço deste ministério. 1f. Negação de verbas não justificadas.

necessário justificar o dinheiro solicitado em qualquer atividade que os inspetores pretendiam promover. Mas não havia nenhuma experiência para ser seguida pelos funcionários do SPI, pois, em outros tempos, os jesuítas retiravam os indígenas de seus territórios para que construíssem as missões que eram dirigidas pelos padres; de modo contrário a isso, o SPI, deveria assumir-se laico e manter o indígena em sua localidade, garantindo-lhe ferramentas, alimentação, vestuário e, sobretudo, a posse das terras em que transitavam, conforme a Lei Nº 8.072 de 20 de junho de 1910. Segundo Antonio de Souza Lima as expedições eram realizadas em locais onde se sabia, por meio de levantamentos anteriores, da presença de povos em conflito, isto é, que se defendiam das invasões em seus territórios. Onde ficava decidido se as pacificações deveriam ou não proceder. Sendo assim, toda pacificação implicava um conhecimento prévio acerca do povo que se visava abordar; e, além disso, era imprescindível fazer uma avaliação sobre as possíveis vantagens políticas e simbólicas que seriam obtidas pelo SPI-LTN ao levar a cabo a execução do grande cerco de paz.¹⁸⁸

Manoel Miranda, então Chefe da 2ª Seção, havia reputado o novo plano operacional de Abbott e deu-lhe todo o apoio necessário ao escrever que esperava por mais uma vitória do *Serviço*. Ansioso Miranda aspirou legalizar um espaço para o futuro aldeamento:

A respeito da cessão de terras que pretende fazer ao Governo da União a Companhia Hanseatica, solicito-vos informações sobre o modo porque la pretende effectuar a entrega das mesmas terras, se é sem onus para o Governo Federal, si se trata de doação a titulo precario ou não, bem como qual a forma legal para se tornar effectiva a cessão, doação ou outro meio de transmissão das referidas terras ao Governo da Republica.¹⁸⁹

A “vitória” que Miranda faz menção pode ter relação com o caso, já descrito aqui, de Fioravante Esperança – o sertanista funcionário do SPI – que morreu flechado com as munições intactas em sua arma. A aproximação de Fioravante com os Xokleng indica que os indígenas estavam a adquirir certa confiança no *Serviço* e que uma relação de amizade começava a acontecer. Como os dados não são precisos existe como suposição de que esse fato possa ser considerado como o primeiro

¹⁸⁸ Cf. LIMA, Antonio Carlos de Souza. p. 168.

¹⁸⁹ MIRANDA, Manoel. [carta] 23 set. 1912, Rio de Janeiro. [para] ABBOTT, Raul. Ibirama. 1f. Plano operacional e negociação de terras para os Xokleng.

contato amistoso entre os funcionários do SPI e os Xokleng, ocorrido entre 1911 a 1912. Contudo, de acordo com Coelho dos Santos, certa vez Fioravante sentou-se à mesa com fazendeiros – os mesmos que em outros tempos perseguiram e mataram vários indígenas; e o sertanista confirmou para os Xokleng a sua amizade com os antigos inimigos. Esse teria sido o motivo para que os indígenas resolvessem atacar e matar a todos.

Depois do acontecido, os Xokleng foram recontatados somente no ano de 1918, dessa vez por João Serrano.¹⁹⁰ Então, temos que Fioravante morreu assassinado por desconhecer os hábitos culturais do povo que protegia, afinal, não houve tempo hábil para que um aprendizado fosse construído. Ele confiou totalmente nos indígenas e nas boas intenções do *Serviço*, tanto que morreu crédulo em sua nobre causa, no decorrer do ano de 1912. Podemos também supor que quando Miranda escreveu a Abbott, no mesmo ano, a morte de Fioravante Esperança ainda não tinha acontecido, pois, caso contrário, não haveria razão para expressar, na missiva citada, tanto otimismo e entusiasmo. Contudo, o inspetor Abbott também não possuía nenhum conhecimento, mesmo que mínimo, a respeito dos indígenas que pretendia encontrar e aldear.

No mês de agosto, ao completar seis meses como Inspetor Regional, Abbott foi solicitado pelo engenheiro chefe da Repartição Geral de Telégrafos, Adolpho Goeldner, para tomar providências em relação às investidas indígenas nos arredores de Pouso Redondo, naqueles tempos distrito de Blumenau:

Solicito-vos em nome do Snr. Director Geral as providencias que julgardes necessarias, afim de cessarem os constantes assaltos de indios pelas immediações da estação telephonica de Pouso Redondo conforme a seguinte comunicação que recebia a 25 de Julho ultimo, do encarregado da estação de Indayal: “ Os indios estiveram tres dias pelos arredores de Pouso Redondo. Mataram diversos animaes pertencentes aos guarda-fios Petters e Knoblauch, levando toda a carne, temendo estes que lhe assaltem tambem suas casas. Há muitos vestigios de indios. O encarregado da estação telephonica pede communicar e solicitar providencias Inspectoria

¹⁹⁰ Cf. SANTOS, Silvio Coelho dos. p.158.

Índios para garantir vida e propriedade.”¹⁹¹

Sobre esse fato, e diversos outros, o periódico *Der Urwaldsbote* (“O Mensageiro da Selva”) lançou críticas contundentes: alegava que a administração do *Serviço* nada fazia para impedir que os ataques indígenas ocorressem; questionava a impunidade garantida aos indígenas; e colocava em evidência a dificuldade dos colonos para se defender dos ataques. O jornal colocou em xeque a administração de Abbott em relação ao mesmo caso citado pelo engenheiro Goeldner:

É inegável o fiasco da catequese e torna-se cada vez maior a indignação do povo contra os catequistas. Com a exceção de poucos indivíduos que tiram proveito da proteção dos índios ou apresentam sintomas de anormalidade mental, tôda a Blumenau está convencida de que a catequese não só é inútil bem como produz maus efeitos. Os catequistas obstinam-se em alegar serem botocudos selvagens os índios que encenam os assaltos. Mas de todos os indícios resultam que são coroados meio civilizados que do Paraná vagueiam para Santa Catarina, bem sabendo que por aqui ninguém os impede de roubar e matar impunes. No inquérito policial, a que em 2 de setembro de 1912 se procedeu no Pouso Redondo, a requerimento do Superintendente de Blumenau, tôdas as testemunhas – entre elas algumas bem familiarizadas com os costumes dos índios – depuseram unanimes terem sido coroados os matadores do gado, que lá se demoraram por quatro meses, depois contestado pelo Inspetor dos Índios, Abbot, embora êste não tivesse visto índio algum e se tivesse negado a acompanhar aqueles que o quiseram conduzir para o acampamento da horda. Também mais tarde reparou-se, em quase todos os assaltos, que os índios falavam português.¹⁹²

A recusa de Abbott em acompanhar o grupo, na finalidade de

¹⁹¹ GOELDNER, Adolpho Alfredo. [carta] 6 ago. 1912, Repartição Geral de Telegrafos. [para] ABBOTT, Raul. Ibirama. 1f. Providências contra ataques de indígenas.

¹⁹² Blumenau em Cadernos, nº 10, tomo IX, p. 192. Trad. SILVA, José Ferreira da. Out. 1968. Apud: SANTOS, Silvio C. p.137.

averiguar sobre a que comunidade indígena pertenciam os autores daqueles ataques, auxiliou a imprensa a afirmar, de modo muito claro, que o sistema protecionista não era bem-vindo e que a sua inutilidade estava comprovada em decorrência das investidas contra os núcleos coloniais, fossem essas de autoria dos Kaingang do Paraná, ou dos Xokleng da região – conforme já havia observado o viajante alemão Lacmann. No relatório de Raul Abbott sobre os trabalhos prestados no ano de 1912, tem-se descrito que: vários picadões foram abertos com finalidade de facilitar o transporte ao distrito de Ibirama; um posto de atração foi montado às margens do rio das Pombas, atual município de Rio do Oeste, onde roças foram feitas e ranchos construídos sob a guarda do capitão Euclides de Castro – Abbott pretendia atrair os indígenas até lá e facilitar o tráfego para os moradores de Pouso Redondo que usavam a estrada para ir a Curitiba; e também outro posto de atração foi montado na barra do rio Plate – seguindo os mesmos moldes do citado anteriormente – com a intenção de nele concentrar os indígenas que fossem contatados, para tal fim, expedições eram necessárias. Abbott, em seu relato, discorre a respeito de uma dessas expedições:

Esta inspeção levou em Setembro uma expedição, que partindo da linha Moema desceu pelo vale do rio do Bispo affluente do Itajahy do Norte, atravessou este e com o rumo de S.SO; foi ter ao lendario morro Itayó onde supunha-se o reducto dos humildes Botocudos. Infelizmente não foi encontrado vestigio algum que demonstrasse existencia de numerosos indios nessa região, nem mesmo por alli houvesse transitado nestes ultimos annos. Encontramos acampamentos provisorios todos nas margens do rio Hercilio e de seus affluentes, o que demonstra que os indios que aqui aparecem são indios nomades, caçadores.

Embora não encontramos as (sic) de indios como desejavamos não foi de todo improficuo o nosso exforço por termos desbavado (sic) uma grande facha de sertão inteiramente virgem encontrando terras uberrimas, proprias para a agricultura, grandes hervae, e diversos affluentes do rio Hercilio de longos cursos, qualquer delles mais volumosos do que os já conhecidos Denek, Plate,

Lais, Vigan, etc.¹⁹³

Assim, através do que relatou Abbott, as atividades de sua equipe, no ano de 1912, resumiram-se em abrir picadas, instalar um novo posto de atração às margens do rio Plate bem como descrever recursos naturais e aspectos geográficos da região. Todavia, a equipe e o seu inspetor acabaram por andar na contramão dos Xokleng, pois eles não foram encontrados, fisicamente, mas apenas vestígios de suas andanças. O método de Abbott mostrava-se ineficiente para conseguir promover o encontro com os indígenas e, por isso, em seu relatório, o inspetor justificava que apesar de tal situação, o *Serviço*, de certo modo, estava presente para demonstrar sua atuação. Então, os levantamentos geográficos foram apontados como novidade pois se tratava de porções de terras pertencentes a uma extensa e pouco explorada Mata Atlântica, onde há poucas décadas Fritz Müller divertiu-se por anos a colher cupins e escrever relevantes e empíricos estudos ao seu colega inglês Charles Darwin. Em áreas inexploradas, sempre haverá descobertas e novidades.

Talvez Abbott, por estar habituado com os Kaingang semi-integrados de sua terra – o Rio Grande do Sul – tenha ficado abismado ao constatar que a comunidade Xokleng era nômade, caçadora e coletora, e que, por isso, os Xokleng não permaneciam por muito tempo em uma localidade específica. Conforme a denúncia do jornal *Der Urwaldsbote*, Abbott não se mostrava nem um pouco disposto em ir, de fato, ao encontro dos indígenas quando eles promoviam as investidas: era praticamente impossível não encontrá-los, uma vez que, em certos casos, os indígenas permaneciam por meses a saquear as mesmas fazendas de uma determinada região. As causas que desestimulavam a ousadia de vários inspetores para realizar o contato com os Xokleng, possivelmente fossem a falta de um conhecimento preciso acerca dos costumes desses indígenas, a fama de implacáveis atribuída aos mesmos e a proibição feita ao SPI para não revidar aos seus ataques. Então, as ações dos inspetores ficavam limitadas a abrir quilômetros de picadas e a admirar a abundância de recursos naturais – isso irritou, em muito, a opinião pública da região do vale catarinense: afinal, os inspetores não conseguiam cessar as agressões praticadas pelos Xokleng.

Abbott não teve problemas somente em Santa Catarina. No Rio Grande do Sul, ele também ocupava o cargo de Chefe de Inspetoria e,

¹⁹³ ABBOTT, Raul. Relação dos serviços materiaes feitos pela Inspectoria de Protecção aos Indios em 1912. 2f.

em maio de 1913, precisou prestar esclarecimentos ao Chefe de Seção Manoel Tavares da Costa Miranda sobre o caso de um indivíduo contratado pelo SPI local em 1911. Esse indivíduo, Miguel de Souza Lima, estava desempregado e em condições precárias de sobrevivência, quando foi apresentado a Abbott por Rodrigo Silva, escriturário da Repartição de Obras Públicas do Estado do Rio Grande do Sul. Abbott contratou Souza Lima como professor de música e combinou com ele um salário de quatro mil réis diários. Depois de alguns dias Souza Lima solicitou dinheiro ao seu patrão para liquidar algumas dívidas. Abbott não fez o contrato por escrito e o professor alegou aos superiores do contratante que nunca havia recebido seus ordenados. Sobre Miguel de Souza Lima Abbott afirma que:

Foi pago pontualmente pelo Capataz Apolo, até dezembro de 1911 [sic] e isso se depreende de seu requerimento feito em 9 de Abril (documento n 1) no qual solicitava pagamento de seus vencimentos de Janeiro e Fevereiro de 1913, e no entanto na sua petição os Snr. Ministro fez crer, que nada houvesse recebido até então!

Souza Lima, a principio portou-se bem, cuidando de instruir as meninas ensinando-lhes canto coral, leitura e contagem, com muito aproveitamento, mas, isso durou pouco. Amaziou-se com uma india; fazia constantes passeios a villa onde permanecia 3 e mais dias, em tacatas (sic) e bailes incorporando-se aos muitos que ali receberam mal o Serviço de Protecção aos Indios, por interesses mal contidos; fazendo contas em nome da Inspectoria na casa commercial dos snrs. Guilherme Luiz Soarrys pharmacia do Dr. Walter Bobrick e por conta propria em muitissimas outras como verificasse pelos documentos nos. 2 e 3 juntos a este.¹⁹⁴

Antes mesmo do encontro do SPI com os Xokleng, os inspetores, além de enfrentar problemas típicos da burocracia brasileira, precisavam ainda resolver empecilhos causados por maus funcionários que se aproveitavam dessa instituição idealista. Ocorrências como a de Souza Lima prejudicavam todo o empenho das pessoas que acreditavam na

¹⁹⁴ ABBOTT, Raul. [carta] 25 abr. 1913, Florianópolis. [para] MIRANDA, Manoel T. da Costa. 3f. Explicações sobre dívidas contraídas do funcionário Miguel de Souza Lima.

ação missioneira do *Serviço* e que lutavam para conquistar os seus objetivos. O governo era inerte: pouca diferença fazia se o SPI estava ou não cumprindo suas metas. Já para os servidores do SPI engajados em um objetivo comum acontecia justamente o contrário: eles confiavam numa obra patriótica e nobre que, uma vez cumprida, poderia fazer grande diferença à nação. Esse era o motivo que os impulsionava a encontrar energia para suportar a imprensa pessimista, conquistar populares desacreditados, excluir servidores estelionatários e, por fim, encontrar os Xokleng – para então “começarem” a trabalhar!

Não obstante, em julho de 1913, o Capitão Euclides de Castro, que ocupava o cargo de Auxiliar da Inspetoria de Índios, sendo ele e sua tropa os responsáveis pela segurança dos serventuários, recebeu o seu pedido de exoneração, concedido diretamente pelo ministro da Agricultura, Pedro de Toledo. Embora o documento não apresente preservada a assinatura de quem o registrou, é possível supor, pela escrita e pelo cargo que ocupava na época, que o próprio Abbott o assinou. Além disso, ele fez mais alguns pedidos ao exonerado militar: “Me prestaríeis especial obsequio, informando-me do destino dado aos vencimentos do trabalhador Nilo José de Abreu, que antes de haver sido pago, fugou perseguido pela policia deixando seus credores em falta alguns segundo consta, afiançados por vós”.¹⁹⁵ Ao que parece, o capitão solicitou sua retirada do *Serviço* porque percebeu que promover o encontro com os Xokleng seria apenas o início de um grande problema; afinal a própria formação estrutural do SPI contava com funcionários inadequados, muitas vezes civis, o que leva a supor que os mesmos não estavam sob as ordens hierárquicas do Exército.

O capitão Euclides de Castro, segundo o próprio Tenente José Vieira da Rosa, era conhecido como “O Canudinho”. Quando serviu num Posto de Atração nas proximidades do atual município de Rio do Sul, o capitão Canudinho todas as noites instalava um gramofone nas árvores próximas ao posto a fim de atizar a curiosidade dos Xokleng embrenhados na selva, uma vez que a principal ideia era atraí-los. Para não correr riscos de uma flechada traiçoeira, nas noites escuras e muitas vezes tempestuosas, o militar utilizava, no interior de seu esconderijo, uma longa vara oca, ela atravessava a parede, para que pudesse realizar suas necessidades mictórias. Apesar de esse relato ser de autoria do tenente Vieira da Rosa, o mesmo considerava injusto chamar o capitão Euclides dessa maneira, querendo dizer que a pessoa responsável por tal

¹⁹⁵ ABBOTT, Raul? [carta] 07 jul. 1913, Hamonea. [para] Capitão Euclides de Castro. 1f. Informe do pedido de exoneração e problemas de dívidas.

alcunha certamente nunca precisou permanecer no meio do mato à espera de indígenas.¹⁹⁶

Em agosto de 1913 novos ataques aconteceram no Posto Krauel e um indígena foi baleado, o que causou extrema irritação aos Xokleng. Dr. Manoel Miranda, Inspetor Raul Abbott e Eduardo Hoerhann foram até ao posto para tentar estabelecer o primeiro contato amistoso com os indígenas atacantes. Quando lá chegaram se depararam com uma turma de funcionários revoltados e apavorados que exigiam melhores condições de trabalho. Mesmo com o aumento da diária oferecido por Abbott na ocasião, muitos funcionários resolveram deixar o *Serviço*, e essa teria sido a verdadeira intenção do protesto. Entre esses funcionários estava um alemão de nome Johann Horak, ao qual Hoerhann havia aconselhado a partir à noite, uma vez que os ataques na escuridão eram raros. Horak não atendeu ao pedido e partiu com mais dois colegas que eram irmãos, Hermann e Max Hoppe. Passados cerca de vinte minutos após a retirada, os irmãos retornaram totalmente aterrorizados e informaram que Horak havia sido alvejado no peito pelos indígenas. Somente à meia-noite três funcionários do posto – totalmente cercado pelos Xokleng – saíram em busca de auxílio para o resgate do corpo. Eduardo Hoerhann anotou que, apesar de fortemente armados, os funcionários estavam em pânico e muitos confeccionaram armaduras com latas de querosene. O corpo de Horak só foi resgatado após a chegada da comitiva – ele havia sido despido pelos atacantes, com a exceção dos sapatos, possuía um ferimento de 5,5cm entre as costelas esquerdas e a flecha atingira diretamente o coração. Sobre o fato, Eduardo Hoerhann escreveu:

Estando tudo pronto pusemo-nos em caminho, sendo eu o último a deixar o Posto, pois ainda uma vez quis ver o interior da casa, que causava melhor impressão. A viagem era vagarosa e maçante, pois os dois homens que carregavam o corpo eram constantemente substituídos, não aguentavam muito, não só por ser o cadáver de um homem gordo e muito pesado, como também por ser o caminho péssimo, cheio de altos e baixos. Afinal chegamos às 4 horas da manhã seguinte em casa de um colono onde deixamos o corpo e pernoitamos. Mandou-se encomendar um caixão, avisar a viúva, arranjar carroças, etc.

¹⁹⁶ SANTOS, Silvio Coelho dos.. p.136.

Às 10:40 chegou o caixão, acomodamos o corpo, pusemos flores, Etc. Às 11 horas chegaram a viúva e o filho de Horak. A autoridade tomou conhecimento do fato; e, em seguida, partimos para o cemitério onde o Sr. Miranda com toda sua bondade, procurou acalantar a viúva, e rendeu todas as homenagens ao morto.

Todas as despesas foram pagas pela Inspetoria.¹⁹⁷

Segundo um levantamento feito pelo *Der Urwaldsbote*, em três anos os indígenas mataram oito pessoas – entre elas uma mulher e duas crianças – e feriram nove; abateram cerca de setecentos animais; saquearam sete residências, sendo que algumas foram incineradas; e por duas vezes atacaram os postos de atração. Além disso, o pavor em relação a novos ataques fazia com que os fazendeiros se mantivessem, durante meses, distantes de suas plantações, o que acarretava um prejuízo incalculável para a produção agrícola:

Eis o ajuste de contas dos três anos de atividade de catequese em Santa Catarina.

Todos estão de acôrdo conosco que disso ninguém se pode pavonear. Está palpável o mais completo fiasco, e o governo bem fará em tomar outro rumo para domesticar e civilizar os índios. Êsses resultados da catequese apenas podem comprometer a boa fama do país e diminuir a imigração.¹⁹⁸

De acordo com Coelho dos Santos, as pesadas críticas proferidas pelo periódico abalaram a moral dos funcionários do SPI. Não obstante, os Xokleng recém haviam atacado um dos postos de atração e matado um trabalhador, o alemão Horak. Então, os funcionários foram retirados do Posto Plate e, na sequência, o mesmo foi destruído pelos atacantes. Em seguida, Manoel Miranda viajou para o Rio de Janeiro, enquanto Abbott e os seus principais auxiliares solicitaram as devidas demissões.

¹⁹⁷ HOERHANN, Eduardo. [carta] 1913, Hammonia. [para] HOERHANN, Miguel. Rio de Janeiro. In: WIESE, Harry. **De Neu-Zürich a Presidente Getúlio. Uma História de Sucesso**. Rio do Sul: Empresa Editora Jornal Nova Era Ltda, 2000. Em contato com o autor desta tese, Wiese afirmou ter conseguido a carta através de Vitor Lucas, escritor de Rio do Sul, que a transcreveu.

¹⁹⁸ **Blumenau em Cadernos**. t. IX, n. 10, out. 1968. p. 192. Trad. José Ferreira da Silva. Apud: SANTOS, Silvio C dos.. p. 142.

A inspetoria foi incorporada à do Paraná e em Hansa permaneceram apenas três funcionários: Eduardo Hoerhann,¹⁹⁹ talvez Hugo Straube e Mancio Ribeiro.²⁰⁰

Hoerhann foi admitido no *Serviço* em 16 de maio de 1912 como auxiliar de fotografia,²⁰¹ na diretoria, com quinze anos de idade – embora na ficha funcional²⁰² conste como data de seu nascimento 29 de agosto de 1892. O ano indicado na certidão de nascimento original é 1896, ele foi modificado para que Hoerhann pudesse ingressar no SPI na condição da maioridade penal. No mesmo documento, consta apenas *Eduardo Hoerhann*, posteriormente foi adicionado o sobrenome materno *Lima e Silva*. Em torno de 1930, Eduardo passou a assinar em seus documentos *Eduardo de Lima e Silva Hoerhan*, sendo que, por motivos desconhecidos retirou um *n* do apelido austríaco de família e dessa forma repassou-o aos seus descendentes. Contudo, alguns deles preferiram manter o apelido em sua forma original, a saber: conforme fôra registrado pelo patriarca Miguel Hoerhann quando chegou ao Brasil, na segunda metade do século XIX.²⁰³ Quanto à pronúncia, temos *Rêr-ran* – essa germânica, ou *Óérran* – esta ao modo florianopolitano de Sílvio Coelho dos Santos, como pude observar quando o entrevistei em 1999.

Sendo assim, Eduardo Hoerhann ingressou no *Serviço* com apenas 15 anos de idade. Vivia num ambiente urbano e sua família possuía tradição militar que ligava o Brasil à Áustria. Ele admirava seu tio-bisavô Luis Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, e com isso, possivelmente, almejou uma vida diferenciada – leia-se aqui: em prol de uma causa – distante do conforto de sua residência em Petrópolis no Rio

¹⁹⁹ SANTOS, Sílvio Coelho dos. p. 142.

²⁰⁰ As duas missivas de julho de 1914 de Straube para Hoerhann mostram os fortes laços de amizade existente entre os dois, e também apresentam as atividades prestadas por Straube ao *Serviço*. Ribeiro fotografou Hoerhann, o Kaingang Preyê, sua esposa e filha em uma expedição à canoa, em fevereiro de 1914. As informações repassadas aqui constam no verso dessa fotografia.

²⁰¹ De acordo com os anexos da obra **Um grande cerco de paz** de Souza Lima, não existe o cargo “Auxiliar de Fotografia” em nenhum momento da trajetória do SPI.

²⁰² MINISTERIO DA AGRICULTURA, SERVIÇO DE PROTEÇÃO AOS INDIOS, 7º INSPETORIA REGIONAL. Ficha funcional de Eduardo de Lima e Silva Hoerhan. Sem data.

²⁰³ Optou-se aqui, quando citamos Eduardo Hoerhann, em manter o sobrenome com as duas letras *n* – por assim constar em suas originais certidões de nascimento e batismo.

de Janeiro. Coelho dos Santos afirmou em entrevista que Hoerhann havia atirado em uma pessoa na época em que vivia no estado fluminense e que a família, para encobrir o episódio e através de influências particulares com Rondon, o engajou no SPI.²⁰⁴ Apesar de ser uma versão interessante, registros que pudessem confirmá-la não foram localizados. Para José Deeke – então diretor das Colônias Hanseáticas em Hamônia, além de uma figura importante no contexto colonial – Eduardo Hoerhann entrou no SPI por puro amor à causa, ao contrário da maioria dos demais funcionários que entravam para o *Serviço* apenas interessados no ordenado²⁰⁵ – embora, haja inúmeras reclamações da parte de quem o recebia, supondo que o mesmo nunca chegou a ser, de fato, um fator estimulante. Em entrevista à Rádio Estadual de Ibirama e à Rádio Blumenau, Eduardo Hoerhann contou que seu ingresso no SPI foi motivado pelo espírito de aventura.²⁰⁶ Independentemente das versões, Hoerhann partiu de sua terra natal em busca de um estilo de vida distinto: de início, ele seguiu para o Mato Grosso e, depois, decidiu radicar-se definitivamente nas selvas de Santa Catarina, onde permaneceu até o fim de seus dias. Tão interessante quanto tentar entender o ingresso de Eduardo Hoerhann em uma causa por mera questão de aventura é dissecar a sua personalidade, a qual pode ser interpretada através de suas ações, descritas por aqueles que o conheceram ou que ouviram falar dele. Desse modo, muitas informações sobre Hoerhann foram adquiridas a partir desses relatos, feitos por memorialistas descompromissados, profissionais da História e antropólogos. Silvio Coelho dos Santos foi uma dessas pessoas que almejou compreender a personalidade de Hoerhann e buscou explicá-la:

À consciência de que não alcançou os êxitos que desejava, que não pôde controlar vários fatores que escapavam à sua ação, chegaram não só a desanimar o pacificador. Em certos momentos, ainda enquanto administrador do PI, alterações psicológicas de seu caráter levaram-no a tomar

²⁰⁴ SANTOS, Sílvio Coelho dos. Entrevista concedida a Rafael Hoerhann, 23 jul. 1999. **Blumenau em Cadernos**. t. 50, n. 5, set/out. 2009. p. 92.

²⁰⁵ Cf. DEEKE, José. **O município de Blumenau e a história do seu desenvolvimento**. Nova Letra: Blumenau, 1995. p. 95.

²⁰⁶ Cf. HOERHANN, Eduardo de L. e S. Entrevista concedida à Rádio Blumenau e à Rádio Estadual de Ibirama nas comemorações do 70º aniversário de Ibirama. Ibirama, 1968.

atitudes drásticas contra os índios.²⁰⁷

Alexandro Namem interpretou Hoerhann da seguinte forma e fez questão de grifar a palavra abaixo: “Hoerhan foi um dos personagens-agente de uma dessas agências tutelares e por extensão da sociedade nacional, homem que **parece** ter agido a seu bel-prazer e, nesse sentido, contribuinte de uma história genocida e etnocida que não escolheu, e não escolhe, idades.”²⁰⁸

E, por último, indicamos o relato de Pedro Martins acerca das facetas do trabalho compulsório sofridas pelos cafuzos durante o “regime de Hoerhann”: “A pior delas, no entanto, ocorreu ainda nos primeiros anos da entrada da área, durante a administração de Eduardo Hoerhan. Sob o regime de Hoerhan o trabalho compulsório tinha todas as características do trabalho escravo.”²⁰⁹

Esses três antropólogos estudaram com muito afincio essa pequena parte da história catarinense e, curiosamente, apresentaram considerações semelhantes quando, em algum momento de suas obras supracitadas, falaram a respeito das consequências da exoneração do Encarregado, ocorrida no ano de 1954. Coelho dos Santos afirma que:

Com a exceção de Eduardo Hoerhan, vimos que os chefes dos Postos Indígenas, exerciam suas funções de acordo com os interesses da sociedade regional.

[...] Foi o único encarregado que se preocupou com o processo de interação entre índios e brancos e que, por isso mesmo, chegou a esboçar uma crítica de toda a atividade do Serviço de Proteção aos Índios, a partir da condenação de sua empresa de pacificação do Xokleng.²¹⁰

E Alexandre Namem que:

Uma coisa é certa: apesar de precária, a assistência do SPI é vista como honesta, a despeito de Hoerhan, na medida em que, pelo menos, os índios não eram roubados, enquanto

²⁰⁷ SANTOS, Sílvio Coelho dos. **A integração do índio na sociedade regional**. UFSC: Florianópolis, 1969. p. 69.

²⁰⁸ NAMEM, Alexandre Machado. **Botocudo: Uma história de contato**. Florianópolis: Ed. Da FURB, Ed. Da UFSC, 1994. p. 70.

²⁰⁹ MARTINS, Pedro. **Anjos de cara suja**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995. p. 167.

²¹⁰ SANTOS, Sílvio Coelho dos. p. 75-76.

que a assistência da FUNAI é visto sob o signo do desvio de verbas e da espoliação dos recursos naturais.

[...] Com a saída de Hoerhan da área indígena, os funcionários que o sucederam na chefia da mesma passaram a facilitar o ingresso de brancos no local, o que tornou possível a exploração dos seus recursos naturais por parte de empresários regionais.²¹¹

E, para finalizar, segue as considerações de Pedro Martins:

Com a queda de Eduardo Hoerhan, em 1954, e a conseqüente abertura da estrada Ibirama-Barra do Prata – que atravessou a AI pela margem direita do Rio Itajaí do Norte – a cobiça dos empresários transformou-se em atentados contra a floresta, configurados por diversas invasões do território indígena.²¹²

Informantes detêm o direito de falar o que bem entendem, principalmente quando percebem os interesses do entrevistador, os quais podem vir a influenciar o teor das respostas. Mesmo assim, a figura de Eduardo Hoerhan impressionou os três antropólogos acima citados, de modo que eles buscaram compreender a sua personalidade. Isso motivou Hoerhan a tomar certas decisões e executar diversas atitudes, as quais não foram aprovadas por aqueles que, supostamente, as sofreram. Muitas vezes as informações sobre as ações de Hoerhan são obtidas através dos filhos ou dos netos de uma testemunha ocular. Tentar entender as várias ações do pacificador pode ser considerado como dispêndio de tempo, pois possivelmente nem mesmo Hoerhan compreendeu-as. Hoerhan deve ser interpretado como um personagem daquela história, um interlocutor – uma vez que ninguém além dele produziu tanta massa documental acerca do SPI e dos Xokleng; ademais, ele não somente testemunhou, mas por algumas vezes se dispôs a refletir acerca de quem foram os Xokleng antes de 1914 e de quem se tornaram durante a gestão do SPI. Assim, temos que Hoerhan foi um homem do seu tempo e que julgamento sobre suas ações não muda em nada o curso dessa história. Logo, suas ações devem ser analisadas a partir do contexto em que viveu, qual fosse: as orientações positivistas e a realidade sofrida pelos Xokleng. Até mesmo nos dias de

²¹¹ Idem. p.31.

²¹² MARTINS, Pedro. p.174-175.

hoje, entrar em contato com comunidades indígenas isoladas no meio da floresta Amazônica não seria uma tarefa para qualquer indivíduo, mesmo com todos os recursos atuais, como por exemplo: os meios de transporte, de comunicações e um maior conhecimento acerca das sociedades indígenas. Em nossas confortáveis poltronas, podemos apenas nos imaginar naquela condição de cem anos atrás: viver entre indígenas difamados pela imprensa, com recursos precários e sem modelos para seguir, encontrar uma companhia igualmente disposta a viver esse desafio, e então constituir família e passar o resto da vida no meio da floresta enfrentando tudo quanto é tipo de adversidades.

Pois bem, um pouco antes da demissão de Abbott, no rascunho de um telegrama direcionado ao chefe Manoel Miranda, existe uma comunicação de Humberto de Oliveira, Primeiro Oficial da Diretoria do SPI-LTN – ela informa que até o momento não havia sido constatada a presença de indígenas nos Postos de Atração do Plate, onde se encontravam Hoerhann e outro funcionário chamado Correia, baseado no rio Krauel. Humberto estava à espera de Mancio Ribeiro, a quem fez menção na sua mensagem.²¹³ No dia seguinte, outro telegrama foi elaborado por Humberto noticiando a Manoel Miranda que indígenas haviam aparecido em um rancho localizado em Canoinhas, no norte do Estado: trabalhadores ouviram vozes e Mancio Ribeiro, que estava no local, pôde constatar a retirada dos presentes lá deixados. Humberto, através do funcionário Francisco Vidal, ainda ficou sabendo que a presença indígena também havia sido constatada na picada de Moema.²¹⁴ Pode-se perceber que vários Postos Indígenas de Atração (PIA) estavam espalhados pela região do vale. Uma estratégia adotada por Raul Abbott que, apesar de sua recusa em ir ao encontro dos indígenas, possibilitou a aproximação dos Xokleng nos postos existentes, pois os indígenas vez ou outra visitavam os postos e deles tiravam parte de seu sustento.

²¹³ OLIVEIRA, Humberto de. [telegrama] 24 jan. 1914, Hammonia. [para] MIRANDA, Manoel. Rio de Janeiro. 1f. Informações sobre a localização de funcionários e liquidação das contas contraídas pelo SPI no Alto Vale.

²¹⁴ OLIVEIRA, Humberto de. [telegrama] 25 jan. 1914, Hammonia. [para] MIRANDA, Manoel. Rio de Janeiro. 1f. Presença indígena nos Postos de Atração.

Figura 5 - Posto Plate.



Fonte: Acervo do autor.

Com a saída do Inspetor Abbott, Hoerhann assumiu a chefia do Posto Indígena de Atração São João, em três de julho de 1914. Quem o comunicou através de uma missiva, foi José Maria de Paula, responsável pela Inspeção Regional n. 7, essa com nova sede em Curitiba:

Ilmo Snr. Eduardo Hoerhann
Diarista do Serviço de Protecção aos Indios.
Posto São João

Communico-vos para os devidos effeitos, que esta Inspeção em data 3 do corrente mes, resolveu designar-vos para o cargo de Encarregado do Posto de S. João, recentemente installado. Assim é que, d'essa data até nova determinação d'essa Inspeção respondereis pelos serviços d'esse Posto, de conformidade com as instrucções que em todo detalhe vos foram dadas, pessoalmente por mim, e que para maior claresa junto a este, em resumo e em suas linhas geraes.

Com estima e consideração desejo-vos

Saude e Fraternidade

O Inspector José Maria de Paula.²¹⁵

As instruções recebidas eram basicamente para que o encarregado do posto utilizasse de todos os meios ao seu alcance para manter a tranquilidade dos colonos, uma vez que viviam em uma das regiões mais atacadas pelos indígenas. Esses moradores estavam aterrorizados e

²¹⁵ PAULA, José Maria de. [carta] 7 jul. 1914, Hammonia. [para] HOERHANN, E. Ibirama1f. Eduardo Hoerhann torna-se inspetor do Posto de Atração São João.

ameaçavam abandonar suas moradias. As picadas que eram abertas na mata virgem pelos colonos ficavam sob a fiscalização do SPI para evitar, ao máximo, possíveis atritos com os Xokleng. De Paula salientou em sua carta que expedições precisavam ser promovidas visando fins imediatos de pacificação, no entanto precisavam ser realizadas com muita cautela para que as intenções do *Serviço* não fossem perdidas, assim como a vida de seus funcionários. E ao encarregado do posto cabia ainda a função de orientar a população local a respeito dos ideais pacifistas do *Serviço* e, sobretudo, pedir a cooperação da população regional para que os trabalhos fossem bem sucedidos.²¹⁶

Outro funcionário do SPI e também amigo de Eduardo Hoerhann era Hugo Straube. Apesar de não constar seu nome nas instruções supracitadas, Straube aparece a partir de 1916 em alguns documentos oficiais na qualidade de Encarregado do Posto Indígena Plate, cargo que exercia em parceria com Hoerhann. Porém, Straube era funcionário do *Serviço* desde o ano de 1914, conforme o conteúdo das cartas trocadas com seu colega e amigo. Há outra versão do memorialista Plínio Moser:

O tenente José expôs à diretoria da Colonizadora Hansa o motivo dele estar naquela localidade, que era formar grupos de apoio e pacificação. E na mesma hora formaram um grupo de apoio, que era o senhor tenente José da Rosa, Dr. Raul Abott, Dr. Hugo Strauber (sic) e senhora (ele farmacêutico formado) e Dr. Maurício, que ficaram na linha de frente. A Colonizadora Hansa tinha construído uma casa grande para abrigar os colonos que vinham para comprar as terras, a uma distância já rio acima de uns 15 a 20 km. Isto era no distrito de Nova Brehmen, município de Amônia (na época), depois Dalbérgia, hoje Ibirama. Como a companhia Hansa não estava usando a casa, cedeu – a, para a comissão de pacificação se instalar.²¹⁷

Essa versão leva à suposição de que Straube já estava vinculado ao SPI desde 1910, quando o tenente José Vieira da Rosa assumiu a missão de encontrar os Xokleng. Todavia, em 1908 ocorreu em Viena o

²¹⁶ PAULA, José Maria de. [carta] 7 jul. 1914, Hammonia. [para] HOERHANN, E. Ibirama. In: Instruções fundamentais para o Serviço do Posto São João.

²¹⁷ MOSER, Plínio & PEYERL, Paulo R. **O Pacificador de Índios Xokleng**. Disponível em: <www.estudosabc.blogspot.com.br>. Acesso em: 23 abr. 2010.

XVI Congresso Internacional de Americanistas, no qual estavam presentes Dr. Hugo Gensch, Albert Fric e, na plateia, Hugo Straube, na época estudante de filosofia em Dresden:

O auge do congresso foi a palestra de Fric sobre os Xokleng e as companhias de colonização. Fric, repito: positivista, criticou severamente o tratamento dado aos índios de SC e o massacre movido pelos bugreiros, contrapondo-se às opiniões de Hermann von Blumenau e do naturalista Hermann von Ihering que defendiam a mortandade. Fric teria discutido na própria sessão com outro etnógrafo, Eduard Seller (Museu de Berlim), em uma situação que foi mediada por Karl von der Steinen, o papa da etnografia da época, que presidia a sessão. Essa denúncia de Fric se disseminou por toda a Europa e, no Brasil, também teve uma grande repercussão. De um lado os desenvolvimentistas que defendiam a expulsão do Xoklengs; de outro, os positivistas. A queda de braço foi ganha pelos últimos que, por meio de Rondon, chegaram à criação do SPI, graças à palestra de Fric, alimentada pela opinião pública alemã e italiana, que vinha de países que tinham especial relação com a emigração incentivada.

Depois disso, o assunto voltou a ser levantado em várias edições do Congresso de Americanistas. Em uma dessas sessões estava José Maria de Paula que apresentou o primeiro estudo conhecido - devidamente aprofundado - sobre os Xoklengs. 1922 é a data do estudo. Então, muito do que se falava sobre os Xoklengs, estará nos Anais desses congressos. Uma boa parte está disponível no www.archive.org.

Me refiro a esse assunto porque você, em sua dissertação, escreveu que não sabe porque Eduardo teria ido parar em Ibirama. A própria literatura insiste em vinculá-lo a uma pessoa urbana, criada na aristocracia e não se trata dos porquês dele ter optado por esse destino. Quanto ao Hugo, pensava-se o mesmo. Porque um jovem recém-doutorado foi cair na Hammonia, um lugar onde não havia nada? Mas, agora – à luz dessas informações – estou certo de que ele foi incentivado pelo contato direto com Fric em

Viena e principalmente pela intervenção de Dario Vellozo (seu confrade na Maçonaria e no INP) e especialmente do José Maria que, além de confrade em ambas as associações, ainda era Inspetor do SPI.²¹⁸

A nova equipe²¹⁹ sob o comando de Hoerhann conseguiu travar relações amistosas com um dos principais grupos que formavam a comunidade dos Xokleng. Isso aconteceu em 22 de setembro de 1914 no interior de Ibirama, atualmente cidade de José Boiteux. De acordo com Coelho dos Santos, Hoerhann atravessou o rio nu e desarmado e conseguiu uma confraternização com os índios.²²⁰ Talvez, para os dias de hoje, a intenção de obter uma confraternização estando molhado e sem roupas e em meio de indígenas eufóricos pareça algo estranho. Na versão do próprio Hoerhann, ele teria apenas se despido de seu paletó e se despojado de suas armas, permanecendo com o tronco nu. Então, ofereceu seu facão ao guerreiro mais exaltado, que havia confundido o cabo dessa ferramenta com uma arma de fogo. Os Xokleng durante dias ocuparam-se de ir buscar os presentes que lhes eram deixados pelos funcionários do SPI – eles transportavam os brindes nas canoas e seguiam a orientação do cativo Hoerhann, a saber: que fosse permitido aos guerreiros agir como bem entendessem. Souza Lima escreveu que os presentes possuem forte representação de uma tecnologia muito superior à nativa no que diz a respeito ao poder de destruição e de resistência militar e fazem parte, também, de uma tática de atração.²²¹

Assim, os Xokleng gozaram a liberdade de praticar o seu estranhamento, inclusive quando trataram duramente todos os funcionários do SPI e obrigaram-os aos mais pesados afazeres, à luz do dia e, às vezes, à noite, no intento de reafirmar quem estava no

²¹⁸ STRAUBE, Fernando. Sobrinho-neto de Hugo Straube. Fernando enviou essas informações através de meu endereço eletrônico em 21 de maio de 2011. Fernando Straube é biólogo e também pesquisador de suas relações familiares com o Serviço de Proteção aos Índios. Seu pai também possui extensa pesquisa acerca do tema, sequenciada por muitos anos.

²¹⁹ “Na grande Expedição, do Benedito ao Rio-Plate, Éramos seis... Amáro, apelidado de “Mula de Cargueiro”, pelo que é capaz de carregar, Célsio Mateus, Eduardo (eu), Lourenço Barcélos, Luís Alípio e o índio paranáense de nome: Preiyê”. Informação contida em um pedaço de papel avulso escrito à máquina em tinta vermelha, encontrado no livro do Doutor Hugo Gensch.

²²⁰ Cf. SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Os índios Xokleng – Memória Visual**. Florianópolis: UFSC, Itajaí: UNIVALI, 1997.

²²¹ Cf. LIMA, Antonio Carlos de Souza. p.170.

comando. Hoerhann registrou que quase foi morto pelos Xokleng após terem descoberto uma grande caixa com provisões e perguntado aos Kaingang do que se tratava. Os Kaingang originários do Paraná foram trazidos ao posto para atuarem como intérpretes e um deles, Preiê, contou aos Xokleng que Hoerhann havia subtraído aquela caixa por ganância e que planejava matá-los a facão quando finalmente estivessem todos reunidos. Até Hoerhann conseguir explicar-se os Xokleng ameaçaram-no de morte com os seus facões no pescoço e espancaram-no com suas armas. Resultado: além das escoriações obtidas por causa da surra, Hoerhann passou a ser vigiado dia e noite. Hoerhann, aos poucos, recuperou a confiança dos indígenas, conforme registrou: “Desde então tornou-se sua confiança e deram então a primeira prova de verdadeira amisade: Como já tivesse nome indígena baptizaram-no, mais uma vez em atenção á sua coragem e grande destreza, dando-lhe o novo nome, sobre modo honroso, de ‘Méng-lêe’, isto é, onça negra”.²²² Nesse mesmo documento consta também registrado que ele já havia recebido a alcunha de “Katanghara” – espécie de madeira muito rija, porém flexível, que era usada na confecção dos arcos. Katanghara é o que consta na placa fixa em seu túmulo na cidade de Ibirama, ao invés do nome de batismo. Ele mesmo mandou fazer a placa e a lápide em forma de ponta de flecha. A seguir, os Xokleng abatem um boi:

²²² HOERHANN. Eduardo. [carta] 25 jan. 1921, Ibirama. [para] BARBOSA. Luiz Bueno da Horta. Curitiba. 14f. Situação do Posto Plate.

Figura 6 - Boi abatido nos primeiros anos da pacificação. Note a presença do Exército no centro.



Fonte: Acervo EKS.

No norte e no sul do Estado, duas outras ramificações da comunidade Xokleng continuaram na floresta. A facção do norte, aquela cujos integrantes mataram Fioravante Esperança, foi novamente atraída em 1920, desta vez por João Gomes Pereira, mais conhecido como João Serrano, também funcionário do SPI. Na época da publicação da obra *Nova História de Santa Catarina* de Coelho dos Santos, existiam remanescentes da facção sul na região da Serra do Tabuleiro²²³, os quais

²²³ É a maior unidade de conservação no Estado. Ocupa aproximadamente 1% do território de Santa Catarina, com uma extensão de 87.405 hectares. Foi criado através do Decreto N° 1.260/75 e abrange áreas de nove municípios: Florianópolis, Palhoça, Santo Amaro da Imperatriz, Águas Mornas, São Bonifácio, São Martinho, Imaruí, Garopaba e Paulo Lopes. Engloba também as ilhas de Fortaleza/Araçatuba, Ilha do Andrade, Papagaio Pequeno, Três Irmãs, Moleques do Sul, Siriú, Coral, dos Cardos e a ponta sul da ilha de Santa Catarina. Disponível em: <www.praiadapinheira.com>. Acesso em: 18 maio 2011.

nunca foram atraídos e aldeados.²²⁴

Quando Hoerhann e a sua equipe convenceram aos Xokleng em permanecer localizados no Posto Plate para que “aprendessem” a se autossustentar, livres da atuação dos bugreiros, deu-se início ao complicado processo de nacionalização. Em carta, o pai de Eduardo contou que o *Der Urwaldsbote* no dia 30 de setembro publicou um artigo em alemão intitulado “O sucesso da catequese leiga”, que enfatizava a coragem do jovem responsável pelo aldeamento dos indígenas:

Parecia que desta vez se havia consummado o irremediável fracasso da tentativa pacificadora do Serviço de Protecção, e certamente que assim seria, si o administrador do Posto, o jovem Eduardo de Lima e Silva Hoerhann, não acudisse ao local do ataque a salvar a situação com a sua attitude corajosa e interemeratta.²²⁵

Hoerhann pai citou ainda os jornais *Blumenauer Zeitung* e *O Paiz*, do Rio de Janeiro – ambos também apresentavam publicações referentes ao acontecido; e afirmou na missiva que seu filho havia salvado o SPI, uma vez que, segundo ele, tramitava na câmara dos deputados uma proposta para a extinção do Serviço.²²⁶ A princípio, o encontro de 22 de setembro pode ser considerado amistoso, pois ninguém morreu nesse dia. No entanto, com o passar dos meses, nem os indígenas nem os funcionários do SPI talvez conseguissem entender, exatamente, o que estava acontecendo. Ainda não era possível dizer com precisão o número exato de Xokleng localizados no Posto Plate a partir de 1914. Henry registrou no prefácio de sua obra a existência de trezentos a quatrocentos indivíduos contatados nesse ano, os quais, com o passar do tempo, foram vitimados por epidemias, de modo que em 1932, quando esteve no local, restavam apenas cento e seis indivíduos.²²⁷ Interessante que: no relatório de 1916, no mês de janeiro,

²²⁴ Cf. SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Nova história de Santa Catarina**. Florianópolis: Edição do autor, 1974. p. 88-89.

²²⁵ *Der Urwaldsbote*, 30 set. 1914. IN: MAGALHÃES, Basílio (Discursos pronunciados). **Em Defesa do Índio e das Fazendas Nacionaes**. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, de Rodrigues & C., 1925. p.78.

²²⁶ HOERHANN, Miguel. [carta] 2 nov. 1914, Rio de Janeiro. [para] HOERHANN, Eduardo. Ibirama 3f. Periódicos discorrem sobre a pacificação dos Xokleng pelo SPI-LTN.

²²⁷ Cf. HENRY, Jules.

foram mencionados cento e cinquenta indivíduos; em setembro de 1925, o número de frequentadores Xokleng chegou a duzentos e cinco; e em dezembro de 1927, cento e noventa e cinco almas. Infelizmente não há nenhum relatório referente aos anos trinta; mas em 1943, temos o seguinte:

Número de índios

O Posto Indígena de Atração “DUQUE DE CAXIAS”, abriga, atualmente, a seguinte população indígena:

Homens:..... 59

Mulheres:..... 66

Crianças do sexo masculino: 56

Crianças do sexo feminino: 68

TOTAL: 249 ²²⁸

Através desses dados é possível perceber que o número de crianças é quase igual ao número de adultos e que representam a maioria os indivíduos do sexo feminino. Donde se tornou possível sugerir um aumento na qualidade de vida dos Xokleng, o que possibilitou uma maior quantidade de filhos por casal. A permanência no Poinduca parecia transmitir mais segurança aos acautelados e, apesar da assistência precária, parecia haver a crença em um futuro melhor às crianças lá nascidas. Entre 1916 e 1927 tornou-se comum o registro de mortes de indígenas por causa da gripe. Contudo, nos relatórios pesquisados e referentes há esses anos, com exceção aos de 1923 e 1926 – que foram destruídos na enchente que atingiu a casa onde estavam arquivados – os óbitos não ultrapassam a média de dez indivíduos por ano. É provável que no decorrer dos trabalhos de integração regional, principalmente nos primeiros anos dessa experiência, dos trezentos ou quatrocentos Xokleng contatados em 1914, muitos deles voltaram às matas e possivelmente foram extintos. De 1916 até 1943 diversas crianças nasceram no posto e a população aumentou em mais de cem almas. Henry quis dizer que as enfermidades acometidas ao longo de vinte e oito anos (de 1914 a 1932) exterminaram quase dois terços da população Xokleng. Tal informação foi repetida inúmeras vezes pelos sucessores de Henry que também abordaram o tema, no entanto, esses estudiosos não mostram preocupação em realizar uma pesquisa mais apurada acerca dos fatos – faremos isso no capítulo seguinte.

²²⁸ HOERHANN, Eduardo. Relatório dos trabalhos realizados em 1943 pelo Posto Indígena de Atração Duque de Caxias, Estado de Santa Catarina.

Straube em uma carta a Eduardo demonstrou a sua preocupação no tocante a esses primeiros meses da nova experiência: “Lembre-se sempre disto: não adianta nada o sacrifício da tua vida, melhor é vir embora, si tu estas convencido de um desenlace funesto. Estou te dizendo isto de verdade. Não esqueça”. Straube continuou a carta dizendo que havia telegrafado ao Inspetor Regional para pedir recursos e que desde a partida de Eduardo Hoerhann até o momento não tinha recebido nenhuma ordem e nem telegramas. Straube tentava providenciar uma vaca e uma porca com filhotes para enviar aos Xokleng. Ele finaliza sua missiva pedindo novamente ao amigo que tivesse muito cuidado:

[...] pelo que Hans me contou a questão é toda contigo e muito perigosa. Tu não podes deixar ahi o Feitor e sahir até que a suspeita desapareça! Pense bem, sacrificar tudo não adianta nada.

Telegraphiei tambem ao Gensch, que visse já, naturalmente acompanhado, pela Da. Koricrã, caso quizesse vêr os indios. Elle ainda não respondeu.²²⁹

Infelizmente não há no documento a data, a origem do endereço e para onde o mesmo foi remetido. Apenas é possível inferir que o contato havia acontecido recentemente e que os dois amigos trocavam cartas. Straube deveria estar em alguma base com meios de comunicação próximos; Hoerhann, ora no Posto Plate, ora no meio da selva com os indígenas, ora em trânsito, dirigindo-se para outros postos. Nota-se ainda a preocupação em promover o encontro de Maria Korikrã e seu povo recém-contatado. Quiçá esperavam travar boas relações com os Xokleng ao apresentarem a eles Maria, resgatada dos bugreiros, incorporada a uma boa família alemã – na finalidade de demonstrarem toda a ternura e as boas intenções do *Serviço*.

Já deixamos exposto aqui que os servidores do SPI-LTN não possuíam exemplos de outras instituições que pudessem ser seguidos, pois aquilo que faziam era algo inédito no país e, quem sabe, no resto do mundo. Logo, as circunstâncias nem sempre eram assimiladas nessa primeira fase de convivência entre os Xokleng e os seus acauteladores: “Prezado amigo tenho esta afim de lhe participar sobre os indios que estão fazendo muito danno aqui nas cásas tenham roubado muito milho e

²²⁹ STRAUBE, Hugo [carta] sem data e sem local, [para] HOERHANN, Eduardo. 2f. Pedidos e cuidados com os Xokleng.

peço o amigo tomar alguma providencia hurjente por que não tem mais jeito”. Francisco Vidal, autor de tal epístola, termina a mesma dizendo que o Dr. Manoel Miranda lhe dissera que, quando os indígenas chegassem à civilização, o governo restituiria todos os prejuízos causados.²³⁰ Era uma política inicial que deveria permitir que os indígenas realizassem todos os seus caprichos para se acostumarem com a presença de pessoas estranhas em suas terras, sem que houvesse a necessidade de matá-las para conseguir alimentação facilitada e objetos cobiçados. Abaixo, Eduardo Hoerhann na época em que conviveu diretamente entre os indígenas, caracterizado ao estilo “tradicional” dos Xokleng:

Figura 7 - O Katanghara em 1915.



Fonte: Acervo do autor.

Em uma missiva para seu pai, de 1915, Hoerhann conta as dificuldades decorrentes do não repasse de verbas necessárias para manter os projetos de pacificação. Isso em apenas cinco meses após o primeiro contato amistoso entre Xokleng e agentes do SPI:

Meu querido Pae. Recebi hoje sua de 14 ultimo.

²³⁰ VIDAL, Francisco. [carta] 26 jan. 1915, Rio Preto. [para] HOERHANN, Eduardo. Ibirama 1f. Chamado para contenção dos feitos indígenas.

Quanto ao meu trabalho, pelos telegramas que tenho recebido, devo continuar actualmente aguardar a vinda do dinheiro para fazer o pagamento do pessoal, fornecedores, etc, liquidando isto irei novamente ao Plate afim de continuar o serviço de pacificação aos botocudos. Não posso abandonar de um momento para outro uma aspiração tamanha e que tanto esforço e sacrifício me custou.

Essa pobre raça está condenada ao extermínio, é só lembrar que há 14 annos atrás habitavam isto aqui, (Ham^a) e, hoje onde já estão...

Empreguei toda a minha affeição, bondade e paciência para com elles coitados que não souberam reconhecer, talvez não por maldade, mas por ignorar o tremendo fim que os ameaça a civilização.²³¹

Afeição, bondade e paciência eram as palavras de ordem desses primeiros anos do SPI. Ironicamente, os funcionários precisavam assimilar essas qualidades tão presentes na sociedade nacional e ausentes em seus corações. É possível verificar a obstinação da maioria dos funcionários do *Serviço*, nos primeiros anos das atividades, em resguardar os indígenas de uma iminente extinção. Como se esses funcionários tivessem poderes premonitórios ao afirmarem que a civilização se apresentava como ameaça aos indígenas, qual fosse: a de um trágico fim. Civilização essa da qual o SPI parecia não participar, porque a sua função residia, sobretudo, em resguardar fisicamente os indígenas, uma vez que a condição humana e harmoniosa com a natureza seria extirpada dos mesmos. Os sentimentos de piedade e de compaixão aparecem bem presentes nas cartas destinadas à Inspeção de Santa Catarina e, também, nas circulares – principalmente entre os anos de 1910 a 1930. Segundo Roberto Cardoso de Oliveira:

“Civilização” que, paradoxalmente, impõe-se diante das populações aborígenes através de sua face predatória, pois ocupa-se basicamente, com a apropriação dos territórios indígenas e, quando possível, da mão-de-obra indígena; quando não com a pura e simples eliminação de seus

²³¹ HOERHANN, Eduardo. [carta] 26 fev. 1915, Hammonia. [para] HOERHANN, Miguel. Rio de Janeiro. 1f. A experiência de pacificação nos primeiros meses.

primitivos ocupantes. Tal quadro, ainda que permeado pela ação de instituições mediadoras – como as missões religiosas (católicas ou protestantes) ou o Estado –, exprime a essência do contato entre índios e brancos no Brasil de ontem e de hoje.²³²

A “civilização” sempre foi espoliadora para o indígena, independentemente da intenção de quem a introduziu: com a finalidade de proteger o indígena, o SPI o desembrenhou para que não mais se autoextinguísse nas constantes guerras pelos melhores espaços para a coleta do pinhão e caça, e, ao mesmo tempo, impediu a sequência de mortes promovidas pelos bugreiros e colonos. Mas em troca a “civilização” ensinou ao indígena a ganância e a cobiça, além de desintegrar o seu organismo despreparado com inúmeras enfermidades desconhecidas, as quais acarretavam o sepultamento de muitos corpos. E isso porque o *Serviço* pretendeu apenas ajudar a salvar um povo ameaçado pelo próprio progresso – uma das divisas do positivismo – dos núcleos coloniais. Nessa época os servidores não imaginavam que eles mesmos figurariam como mais um entre os grandes males “civilizatórios” e, assim, em pleno século XX, mesmo com as melhores das intenções, conseguiram deteriorar diversas comunidades até então isoladas e autossuficientes. Comunidades essas, vale dizer, que se bastavam e não necessitavam do mundo exterior nem, muito menos, da ordem e do progresso oferecidos por uma nação pouco interessada na causa indígena, mas que sempre vestiu uma máscara humanitária.

Em 1915, uma das preocupações do Inspetor Regional José Maria de Paula era providenciar plantações de cereais e afins no PIA Plate. Por esse motivo enviou uma mensagem, via telégrafo, para Hugo Straube, um dos encarregados daquele posto. De Paula também questionou o preparo das plantações com apenas dez trabalhadores e a possibilidade de adquirir novos funcionários que labutariam conscientes da condição de atrasos salariais que o *Serviço* oferecia. O inspetor ainda informou que haveria corte nas verbas de todos os Ministérios pelo Governo Federal.²³³ Começou assim a trajetória da instituição pioneira no amparo

²³² OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Teses sobre o indigenismo brasileiro. In: BOSI, Alfredo (org). **Cultura Brasileira – Temas e situações**. São Paulo: Ed. Atica. p. 191.

²³³ PAULA, José Maria de. [telegrama] 31 ago. 1915, Curitiba. [para] STRAUBE, Hugo. Hammônia. 1f. Ordens para efetuar plantações no posto e aquisição de trabalhadores.

ao indígena para contratar funcionários “amantes da causa” que não tivessem pressa em receber seus ordenados.

Nas folhas de pagamento referentes aos meses de outubro, novembro e dezembro Hugo Straube e Eduardo Hoerhann aparecem na mesma função de encarregado do Posto Plate ²³⁴, onde há dois anos havia acontecido o primeiro encontro amistoso. Eles recebiam a mesma diária, no valor de 8.000 contos de réis, e trabalhavam todos os dias, sem folga. Nessas folhas de pagamento também há registros de três operários indígenas – provavelmente contratados inicialmente como intérpretes e depois incorporados à labuta do posto. Seus nomes: João Priprá, João Kriíri e Olympio Páara. As folhas não apresentam o registro do nome Preiê, indígena supostamente responsável pelo ardiloso golpe descrito acima. Podemos deduzir que o indígena tenha sido desligado do *Serviço*, uma vez que o seu nome aparece citado somente nos documentos compartilhados e no decorrer da pesquisa ele não foi mais referenciado. Constam ainda nas folhas, além dos encarregados e do feitor, os nomes de dezoito trabalhadores.

Figura 8 - Intérpretes Kaingang, (com roupas claras) parte dos Xokleng, Straube e Hoerhann à direita.



Fonte: Acervo Fernando Straube (FS).

Obviamente, a pacificação não aconteceu em apenas um dia. Foi um processo longo que levou muitos anos, pois não era possível, nem mesmo pela força bruta, manter todos os indígenas confinados. Em

²³⁴ STRAUBE, Hugo. Folha de pagamento do pessoal operário em serviço no Posto Plate, 1916.

outras palavras: era impossível controlar as idas e vindas dos Xokleng, a fim de que o contato com os fazendeiros locais fosse evitado. Os bugreiros ainda eram atuantes nas redondezas e não abandonariam o seu ofício de imediato, até porque a demanda pelos seus serviços continuava. Além disso, os Xokleng, há muito tempo habituados em promover suas investidas nas fazendas locais em busca de carne e objetos cobiçados, não se importavam se as fazendas estivessem localizadas em áreas cercadas com arame farpado. Afinal se tratava de um povo venatório, ou seja, com tradição em caçadas, característica tal que não pode ser extirpada tão facilmente – e é fato que, em dias atuais, essa prática ainda acontece, mesmo que clandestina. As atividades dos bugreiros estavam proibidas desde 1912 na região, isso é certo, mas ao que parece, é certo também que a lei não era respeitada por eles. O memorialista Moser registrou que em 1916 na região de Papanduva, mesorregião do norte catarinense, guerreiros Xokleng mataram algumas reses. O proprietário das mesmas enviou uma carta a Eduardo Hoerhann para lhe informar dos prejuízos; Hoerhann imediatamente se dirigiu ao local. Mas o proprietário também contratou Martinho Bugreiro e seus sequazes, os quais ainda não haviam falado com o descontente fazendeiro, pois se encontravam em um bar no centro de Canoinhas, cidade próxima a Papanduva. O suposto encontro foi assim narrado:

Chegando no local Eduardo perguntou por Martinho e disseram que ele estava ali. Mandou chamá-lo para conversar e apeou do cavalo, ficando em pé ao lado deste. Então Martinho veio de dentro do bar e como também estava com seu cavalo, imitando Eduardo, ficou ao lado do seu cavalo. Ambos estavam separados, por uma distância de cerca de oito metros, e entre eles tinha apenas os dois cavalos.

Então Eduardo disse a Martinho:

“Eu fui lá, onde os índios mataram os bois e já acertei tudo com o dono e continuou ainda: “Martinho, uma coisa eu vou te pedir, não mate mais índios, porque o governo já proibiu esta matança”. Tu bem sabes disso. Já te escapastes da mão do tenente José. Mas se tu matares, só mais um índio e eu souber, venho a tua procura, e sabes que te encontro. Podes pensar o que vais te acontecer? Vou te buscar nem que seja no

inferno. Acho que estás bem avisado!²³⁵

Não há como saber acerca da veracidade desse encontro, pois Moser infelizmente não referenciou a informação, exceto que é oriunda de seu sogro. Sabe-se, sim, através dos relatórios pesquisados, que o último ataque registrado contra indígenas (não necessariamente Xokleng) aconteceu no fim do ano seguinte. No mês de dezembro de 1917 foi feita uma apuração para levantamentos de dados a respeito de um ataque contra esses indígenas, acontecido no mês anterior em Anitápolis²³⁶. O feitor do Posto Plate, Germano Rigo, no mês de novembro realizou uma expedição aos distritos de Lontras, Rio do Sul, Serra Negra, Barracão, Rancho Queimado, Teresópolis e Anitápolis. Dentro do núcleo colonial o feitor não havia adquirido dados necessários para apurar o caso devido à resistência dos populares em fornecer esclarecimentos. Mais tarde, depois de muito esforço, obteve informações acerca do criador de gado Bernardo Vianna, morador das proximidades do Rio Chapéu. Testemunhas contaram que Vianna, no mês de outubro, havia notado a falta de algumas reses de sua propriedade e logo conseguiu encontrar, próximo à sua propriedade vestígios aparentemente deixado pelos indígenas: uma vaca e uma novilha carneadas. Vianna voltou para a sua comunidade e reuniu uma turma de sertanejos experientes. Eles chegaram a Anitápolis na noite do dia 25 de outubro e seguiram os rastos até que encontraram os indígenas repousando no acampamento. Sem perder tempo, atiraram com suas carabinas Winchester. Ao término da munição, atacaram os indígenas com golpes de facões e conseguiram matar dezenove indivíduos entre homens e mulheres, além de uma criança que executaram também com golpes de facão. Os chacinadores se dispersaram para outro local distante, de modo que Germano Rigo não conseguiu mais informações para acusar Vianna da sua condição de cúmplice, o que lhe garantiu impunidade. No relatório, Hoerhann registrou que as pessoas assassinadas pertenciam a uma comunidade estranha aos indígenas aldeados no Posto Plate²³⁷ – talvez fossem ancestrais daqueles que viveram até os anos sessenta na Serra do Tabuleiro. Essa chacina não pode ser atribuída à turma de Martinho Bugreiro, mas certamente foi

²³⁵ MOSER, Plínio. **O Pacificador de Índios Xokleng**. Disponível em: <www.estudosabc.blogspot.com.br>. Acesso em: 23 abr. 2010.

²³⁶ Pertencente à região da Grande Florianópolis e localizada a 85 km da capital do Estado.

²³⁷ Apuração do genocídio indígena. In: HOERHANN, Eduardo. Relatório do Serviço de Proteção aos Índios. Mês de dezembro, 1917.

realizada por indivíduos que se locomoviam muito bem dentro das matas e que conheciam os hábitos daqueles indígenas, foi isso que permitiu aos assassinos surpreender os indígenas durante o sono – estratégia essa semelhante à empregada pelos bugreiros. Contudo, até o momento não foram localizadas notícias de etnocídios posteriores no estado de Santa Catarina. Coelho dos Santos fez referência a isso, buscando explicar o porquê daquele grupo indígena não ter sido atraído para o Plate:

E naturalmente às vezes, ou eram atraídos por brancos que queriam ver, os índios inclusive cair, no caso da bebida, por exemplo, davam bebida, há relatos dessa natureza, ou daqui a pouco por o índio numa incursão dessa entrava na propriedade de um branco, para se apropriar de alguma coisa na roça, ou de alguma ferramenta, etc., e lá vinha o branco reclamar. Que o Serviço de Proteção aos Índios não estava protegendo a propriedade dos brancos. Bom isso foi tão grave, que o grupo indígena Xokleng que ficou aqui na região sul, nas mediações de Rancho Queimado, Bom Retiro, Anitápolis, e aí pelos anos 20, que estavam aí, e o Eduardo sabia, que a situação estava tão ruim aqui. “Que eu não me animei ir lá buscar aqueles outros.” Catequizar aqueles outros, submeter, ou digamos, pacificar. Então quer dizer, ele foi gradativamente sofrendo uma série de decepções.²³⁸

Voltemos ao ano de 1916, quando no mês de outubro, De Paula telegrafou ao Encarregado Straube que o mesmo providenciasse o regresso dos intérpretes Kaingang ao estado do Paraná, pois no Plate ficariam apenas Jango e Amendosina. De Paula salientou que o retorno dessas pessoas deveria ser feito desde que não causasse transtornos ao *Serviço*. Desse modo, Straube foi orientado a seguir com eles até o porto de Itajaí, para que lá embarcassem em um navio a vapor, que tinha como destino final de viagem a capital Curitiba.²³⁹ Não se pode afirmar a razão que motivou tal ordem: se foi pelo escasso investimento federal

²³⁸ SANTOS, Sílvio Coelho dos. Entrevista concedida a Rafael Hoerhann, 23 jul. 1999. **Blumenau em Cadernos**. t. 50, n. 5, set/out. 2009. p. 92.

²³⁹ PAULA, José Maria de. [telegrama] 19 out. 1916, Curitiba. [para] STRAUBE, Hugo. Hammônia. 2f. Retorno dos intérpretes Kaingang ao Estado do Paraná.

destinado ao *Serviço* ou se De Paula tinha outros planos para os Kaingang, uma vez que auxiliaram na pacificação nos primeiros anos de atividades do Posto Plate. É provável que De Paula nesse telegrama tenha cometido um erro de grafia ao se referenciar à esposa de Jango. No *Calendário para alemães no Brasil*, Paul Aldinger descreveu suas impressões sobre os indígenas e se referiu àquela senhora:

Êles são ávidos por roupas e cobertas, mas fazem, com estas, como as crianças: despresam nas logo e as deixam, preferindo andar à sua moda: os homens com um cordel rodeando os quadris e as mulheres com uma espécie de avental de fibra. Só u'a mulher, com sonoro nome de Anosima, vestia-se seguidamente como as brancas, depois que ela se casara com um bugre manso. Ela teve que fazer também uma viagem de núpcias até Hammônia. Acompanhada de Eduardo, ela não estranhava nada, mostrando-se corajosa. Assim, embarcou na carroça, entrou em casas e quartos, viu e até embarcou num vagão do trem de ferro. Entretanto, essas coisas tôdas não a impressionavam muito, pois tinha pouco entendimento para compreendê-las. Entretanto, não escondia o seu contentamento quando via o muito gado nos pastos dos colonos e não podia compreender como é que por todo aquele paraíso de gado, não via gente esfolando bois e comendo lhes a carne.²⁴⁰

Provavelmente Aldinger e De Paula fizeram refências a mesma pessoa. Paul Aldinger preparou uma espécie de manual para deixar os alemães a par, do que iriam encontrar na grande região de Blumenau. É perceptível notar que o autor comparou os indígenas com crianças, na maneira de tratar as roupas e cobertas e igualmente por não compreender o mundo no qual seriam incorporados, sempre com vigília e a proteção estatal. Era presente a ideia do estágio *fetichista* que os indígenas aos poucos abandonariam, em virtude da interferência governamental guiada pelas diretrizes positivistas. Todavia, no sul do país a atuação do *Serviço* não foi criticada somente pela mídia. Num periódico, um cidadão denominado de Pedro Mendes escreveu suas impressões sobre os Xokleng e se intitulou de representante do povo, na

²⁴⁰ ALDINGER, Paulo. Originalmente publicado em *Kalender fuer Deutschen in Brasilien*, 1918. **Blumenau em Cadernos**. t. X, n.2, fev. 1969. Trad. José Ferreira da Silva.

região de Vicentópolis, em Palmas, município pertencente ao Estado do Paraná, que faz fronteira sul com Abelardo Luz, cidade de Santa Catarina. Assim proferiu o sacerdote:

Em nome de quasi a totalidade da população dos distritos Vicentópolis e São Bento, que venho, pela presente declaração, levar ao conhecimento, não só do diretor chefe da catequese dos índios botocudos do Estado do Paraná, com também do govêrno, que a mesma população, para que deixe de haver vítimas, feitas pelos sanhudos botocudos, a bem do desenvolvimento da lavoura, para garantia e socego dos moradores désta zona, maximé das famílias, e até para a garantia dessas féras terríveis; exigem que até o dia 20 de junho próximo sejam as mesmas feras retiradas para fóra do município, que, digo: os do Posto de catequese sob a direção do Sr. João Serrano.

Posto de catequese?! Não!

Centro de assassinos, paradeiro de horrendos ceifadores de vidas precíósas, de assaltantes á propriedade alheia, garantidos e sustentados pelo Govêrno é o nome digno desse lugar.²⁴¹

Mendes terminou sua comunicação ao dizer que se o governo não tomasse uma providência, o povo agiria. Mas o povo não agiu, ou pelo menos, não foram encontradas notícias de um levante popular contra os acautelados de João Serrano. Entretanto, Serrano já havia conseguido em 1917, a atração dos Xokleng, ou seja, três anos antes do que afirmou o antropólogo Sílvio Coelho dos Santos, em sua obra supracitada. Pedro Mendes deveria estar apavorado com as frequentes correrias que estes indígenas promoviam em sua região e talvez, tivesse ciência das mortes de Fioravante Esperança, funcionários e amigos acontecidas em 1912. Para ele estava claro que o *Serviço*, representado por Serrano, não era bem-vindo, e como porta-voz do povo, exigia a retirada imediata dos “sanhudos botocudos”. Além do mais a catequese era laica, positivista, logo novas almas não seriam convertidas à cristandade, ao oposto dos jesuítas que há séculos promoveram um árduo trabalho social e religioso junto aos Guarani. Enquanto que Mendes representante do povo, incapaz de amar o próximo, a Sociedade Civil Lelio Piza e Irmãos,

²⁴¹ MENDES, Pedro. Correio do Paraná. 01 de junho de 1917.

representada pelo sócio Lelio de Toledo Piza e Almeida²⁴², doou ao SPI na cidade de Bauru, Estado de São Paulo, duzentos e cinquenta alqueires, cada um com 24.200m² para o usufruto dos Kaingang. O documento apócrifo foi direcionado ao diretor José Bezerra Cavalcanti e faz menção desta escritura registrada no livro 3º D de Transcrição de Imóveis, número 4.104, página 199 da Comarca de Bauru. O relator deixou claro ao Diretor Cavalcanti que, apesar neste registro constar a venda no valor de 3.250,000 réis, os irmãos Piza não receberam nenhuma quantia pelas terras e ainda pagaram todas as despesas feitas no tabelião.²⁴³ Interessante é perceber que esta doação partiu de uma empresa particular sem nenhuma ligação aparente, com instituições religiosas ou filantrópicas.

No mês de maio de 1918 poucos indígenas puderam auxiliar nas atividades diárias do Posto. Todos estavam preocupados unicamente em conseguir mantimentos para a realização de sua grande festa ritualística, acontecida ao final deste mês. Com duração de cinco dias, onze crianças tiveram seus lábios perfurados e Hoerhann registrou que o Posto não pôde atender todos os pedidos feitos pelos Xokleng durante as festividades. Após o evento, muitos indígenas passaram mal devido aos excessos cometidos, mas se reestabeleceram em poucos dias.²⁴⁴ Um dos rituais é a preparação da bebida embriagante em cochos, para ser sorvida por todos, principalmente pelos meninos que irão receber os botoques e as meninas que terão seus joelhos tatuados:

Repetem-as dansas, durante algumas horas, só depois das quaes abrem os cochos, começando então a tomar a bebida.

Tomam-na, desbragadamente os homens e também as mulheres, enquanto que as creanças por baptizar, só depois são obrigadas a tragal-a. A viva força fazem os guerreiros engolir esse liquido ás creanças, que repugnadas o rejeitam, mas que, forçadas, engolem até ficarem completamente

²⁴² Lélío de Toledo Piza, possivelmente filho do bom samaritano Lelio de Toledo Piza e Almeida, foi presidente da Vemag (Veículos e Máquinas Agrícolas S.A.) e durante sua gestão em 1966 anunciou a imprensa a absorção da Vemag pela Volkswagen, que encerrou a produção de veículos DKW (*Dampf Kraft Wagen*). Disponível em: <<http://www.saopauloantiga.com.br/vemag-uma-fabrica-que-agoniza-no-tempo/>>. Acesso em: 26 jun. 2012.

²⁴³ Ministério da Agricultura. R. D. – 1917 – fls. 33 e 34. Apócrifo.

²⁴⁴ HOERHANN, Eduardo. Relatório do Posto Plate. Mês de maio, 1918.

atordoadas.

Assim as creanças já quasi insensíveis, são ainda pelos paes e parentes, sacudidas de todos os modos para accentuar ainda esse atordoamento. Fazem-no de um modo brutal, segurando os meninos pelas pernas, atirando-os para o ar e de um homem para outro, até tornar completa a insensibilidade.

Finalmente, procedem (sic) então a perfuração dos lábios dos neophytos, o que executam com um furador especial feito de madeira muito rija e ainda endurecida no fogo.

Praticado o orifício, collocam, immediatamente, um pequeno botoque, “Ngrókozúdma”, que com a idade, é gradativamente substituído por um mais grosso, que dilata o orifício.

As creanças do sexo feminino, não recebem botoque porem duas incisões, logo abaixo da rotula, na perna esquerda. Incisões estas, feitas com o mesmo instrumento acima descripto. –

Terminada estas cerimoniaes, redobra a bebedeira dos guerreiros, que depois recomeçam as duas dansas apoz as quaes, encetam diversos jogos.²⁴⁵

Aqui mostra que os Xokleng faziam uso de bebida alcoólica em demasia em suas festividades, inclusive como anestésico para as crianças que receberiam o Ngrókozúdma, nome bastante distinto de *xokleng*, que supostamente batizou essa comunidade indígena. A ingestão excessiva dessa bebida fermentada e da comida servida, que muitos indivíduos adoeciam e pelo mesmo motivo vinham a falecer. Talvez por esses resultados considerados um tanto desastrosos a uma entidade protecionista, essas festas aos poucos sumiram dos relatórios oficiais do SPI, que possivelmente acarretou em diversos casos de alcoolismo no Poinduca, anos mais tarde, conforme veremos adiante.

Um dos grandes problemas, principalmente nos primeiros anos da pacificação, era o controle de moléstias, por exemplo, a gripe *influenza*. Era complicada a aquisição de vacinas para o Posto Plate, nem sempre existiam medicamentos eficientes. Não se sabia como lidar com epidemias indígenas, pois nas épocas da colônia e império, pouco se

²⁴⁵ HOERHANN, Eduardo. Aspectos culturais dos Botocudo.p.p. 22-23. Citado por PAULA, José Maria de. **Memoria sobre os botocudos do Paraná e Santa Catharina organizada pelo serviço de protecção aos selvicolas**, 1924. Disponível no sítio: <http://biblio.etnolinguistica.org/paula-1924-botocudos> .

podia fazer no restabelecimento dos enfermos, o que resultou na extinção de muitas comunidades. Mas no século XX a ordem era salvá-los, mantê-los vivos:

Numa época também que a Antropologia em particular e a ciência em geral, não oferecia conhecimento. A Biologia não sabia o que acontecia numa situação dessa de contato entre grupos diferentes e com grupos vulneráveis, como no caso, que era o problema epidêmico aí da passagem, etc. Se tinha uma notícia ou outra, isso era tão sério, que num certo momento, lá por 1918, por aí, estava correndo uma epidemia de varíola no Vale do Itajaí e o Eduardo se candidatou a pegar...Adquirir as vacinas, etc., e mandou pedir por telegrama, recursos, no SPI do Rio de Janeiro e nunca veio respostas. Aí ele conseguiu as vacinas por um superintendente em Blumenau, vacinou os índios, etc., e alguns meses depois ele vai ao Rio de Janeiro e num certo momento uns dos diretores lá, chama ele e dá uma reprimenda, dizendo: *Você tá louco cara, você tá querendo vacinar esses índios, sem inocular lá o vírus nesses índios que não têm resistência nenhuma, você ia matar todo mundo.* E o Eduardo vira para o cara, provavelmente de uma maneira bem malcriada, que era o temperamento dele e diz o seguinte: *Pô seu filho da p., pois tu sabes que eu vacinei todo mundo e ninguém morreu, pelo contrário, salvei o pessoal.* Quer dizer, isso dá uma idéia da falta de conhecimento do próprio SPI tinha, a respeito desse processo.²⁴⁶

Em maio do ano seguinte, os Xokleng haviam se recusado a trabalhar no Posto e pretendiam se apropriar de toda a colheita de milho, que pela sua argumentação, era seu direito, uma vez que fizeram todo o serviço do plantio à coleta. Como não conseguiram o seu intento, se isolaram na floresta e segundo o Encarregado Hoerhann, nada foi feito para impedi-los, pois ciente de suas privações, logo retornariam ao Posto. De fato, o retorno aconteceu no mês de junho, e devido ao mau tempo, muitos Xokleng apareceram gripados, com sintomas de

²⁴⁶ SANTOS, Sílvio Coelho dos. Entrevista concedida a Rafael Hoerhann, 23 jul. 1999. IN: Blumenau em Cadernos. T. 50, nº 5, set/out. 2009. pp. 95-96.

reumatismo e por este motivo o encarregado registrou que não pediu para que trabalhassem enfermos. Porém, os funcionários do Posto foram auxiliados nos serviços de capinação, por mulheres indígenas, que de livre vontade se ofereceram para ajudar, de acordo com o relatório. Nestes trinta dias que estiveram ausentes do Posto, não construíram bons ranchos e ficaram a mercê de chuvas constantes, o que acarretou no agravamento sanitário de três mulheres idosas e cinco crianças, que foram medicadas trivialmente.²⁴⁷ Abaixo, alguns indígenas trabalham a terra:

Figura 9 - Indígenas limpam terreno por volta da década de vinte.



Fonte: Acervo EKS.

Nesse ínterim, no mês de julho, houve uma exposição agrícola em Hamônia, cujas personalidades locais e estaduais se fizeram presentes para prestigiar o evento. Entre elas, Alfredo Luz, Secretário da Fazenda e filho do governador em exercício, Hercílio Luz em seu segundo mandato, e, Adolfo Konder, secretário da Fazenda e Obras Públicas. Hoerhann aproveitou a ocasião para levar ao local cerca de cem indígenas a fim de serem apresentados ao governador, que de última hora cancelou sua vinda. Apesar disto, o encarregado conseguiu transmitir boas impressões do que tinha realizado até o momento, o SPI em Santa Catarina:

Optima foi a impressão que tiveram todos os

²⁴⁷ HOERHANN, Eduardo. Relatório do Posto Plate. Mês de maio, 1919.

presentes, manifestando francamente a sua admiração pelo grande numero de indios de compleição phisya robustissima, existentes no Estado, despertando-lhes enthusiastico interesse a obra de pacificação realizada, e o futuro de uma raça que mais tarde tornar-se-há, incontestavelmente, um elemento de grande proveito para o progresso de Santa Catarina.²⁴⁸

No mesmo mês registrou-se grande epidemia gripal e apesar de todo o tratamento, o número de doentes atingiu noventa e seis indivíduos. Entre os mortos, três mulheres, quatro homens e seis crianças. Ainda digno de nota, morreram pelo mesmo motivo os indígenas João Priprá e seu filho Olympio Páara, funcionários presentes nas folhas de pagamento do ano de 1916. Hoerhann também quase foi vitimado pela pneumonia e aproveitou para informar que o tratamento realizado com os indígenas, não se mostrava eficaz, na maioria das vezes, por causa do medicamento de baixa qualidade e até mesmo falsificações, que eram repassadas ao SPI: “Como já ha tempo foi relatado, medicamentos de boa qualidade agem prompta e energicamente sobre o organismo dos índios”.²⁴⁹

Quatro folhas rascunhadas, aparentemente serviram para um discurso, é prestada uma homenagem ao primeiro ano do falecimento de João Priprá aos sessenta anos de idade. Nestas páginas há o relato de como se conheceram no Paraná em 1912, as expedições com Raul Abbott no ano seguinte e o retorno para sua terra natal muito saudoso e a fim de encontrar seus entes queridos. Por este motivo ele não estava presente no contato de 1914, mas a pedido de Hoerhann, retornou ao Posto com sua família:

E, uma vez ao par da situação e depois de bem conhecer, o mecanismo interno do Serviço aqui, tornou-se o Capitão Jango um optimo auxiliar que, com habilidade e persistente tenacidade, sempre se esforçou afim de e encaminhar, para o bem, os nossos indios. Auxiliar-me déssa forma, na medida de suas forças, a completar a pacificação dos mesmos.

Que o procedimento deste homem, ajuizado e sensato sirva de exemplo e seja imitado pelos seus

²⁴⁸ Idem, mês de junho, 1919.

²⁴⁹ Idem.

é o que eu mais posso desejar.²⁵⁰

Priprá era um Kaingang “manso” que conforme relatado, foi servir o SPI na condição de intérprete, mas devido ao seu saudosismo, não participou do primeiro encontro. Todavia, através desta homenagem prestada pode-se supor que Priprá era muito valoroso e prestativo, que poderia servir de um exemplo de que a integração dos Xokleng também era possível. A morte foi lamentada não somente pelos fortes laços de amizade, mas igualmente por sua integridade do caráter e disposição disciplinar, que deveria ser seguido pelos Xokleng e, sobretudo, por aqueles que deveriam instruí-los.

Os Kaingang paranaenses liquidados pela gripe, outrora contratados para atuarem como intérpretes no primeiro contato, serviam o SPI com funcionários não indígenas. Por este exemplo era possível à crença de que os Xokleng poderiam ser preparados a seguir um caminho semelhante. Nos escritos de Hoerhann não há rancor em relação à cilada mal sucedida de Preiê, mas um pesar acerca das mortes acima mencionadas. Talvez por valorizar aqueles que bem serviam o posto do qual era um dos responsáveis. No relatório de maio de 1919 existe a nítida ideia da preparação dos acautelados para bem servirem à comunidade catarinense. Uma meta que deveria acontecer gradativamente com muita paciência, dedicação e esforço.

No mês de setembro o Inspetor De Paula telegrafou para o Encarregado Straube a fim de delegar providências aos responsáveis pelo Posto Plate, ou seja, ele e Hoerhann, a respeito de um suposto assalto a uma fazenda de gado localizada na cabeceira do Rio Preto²⁵¹ de propriedade da família Olsen. O Inspetor exigiu empenho da parte de Hoerhann de resolver o contratempo e de mantê-lo informado da resolução.

Em dezembro de 1919²⁵², após cinco anos de permanência com os indígenas, o SPI ainda permitia a realização de festas tradicionais e a continuidade do ritual de perfuração dos lábios dos meninos à inserção dos botoques. Características primordiais desta sociedade que foram repassadas às novas gerações nascidas e criadas no Posto Plate. Possivelmente estas foram as últimas crianças que receberem os botoques, pois não existem mais referências deste rito nos relatórios

²⁵⁰ HOERHANN, Eduardo. **Homenagem ao servidor João Priprá**. 17 jul. 1920.

²⁵¹ Localizado no município de Rio Negrinho, 260 km ao norte da capital Florianópolis.

²⁵² *Ibidem*, mês de dezembro, 1919.

seguintes, apenas a menção de uma festa no ano de 1920, cujos rituais não foram relatados. Aos poucos os Xokleng pereciam fisicamente através das moléstias viróticas recebidas da civilização que os acolhia, ou culturalmente, por assimilação de outros valores incutidos e a perda permanente de seus costumes.

Figura 10 - Festa tradicional Xokleng. Acervo do autor.



Ainda em dezembro o Inspetor José Maria de Paula telegrafou para Hugo Straube, para saber sobre o recente atentado contra Eduardo Hoerhann, se havia ocorrido por questões pessoais ou relacionadas ao SPI.²⁵³ Pergunta que fez depois de quase dois meses do ocorrido, sendo que este havia sido informado à Inspetoria Regional:

Foi neste mez, o Encarregado Eduardo Hoerhann, por ocasião de uma viagem que fazia do Posto ao rio Scharlach, victima de um infame attentado à sua vida.

Tratava-se de uma questão particular antiga sem importancia, e que só mesmo por um assassino nato podia servir de motivo para tão ignobil acto, perpetrado como foi o crime, covarde e traiçoeiramente.

Recebei o Encarregado, dous ferimentos, um dos quaes gravissimo, sendo o seu estado desesperador por bastante tempo felismente

²⁵³ PAULA, José Maria de. [telegrama] 19 dez. 1919, Curitiba. [para] STRAUBE, Hugo. Hamônia. 3f. Tentativa de homicídio contra Eduardo Hoerhann.

melhorando depois de duas intervenções cirúrgicas, sendo contudo (sic), muito lenta a sua reconvalescença.²⁵⁴

De Paula deve ter ficado aliviado com a o restabelecimento de seu subalterno e mais ainda, que lamentável ocorrido não possuía ligações diretas com o *Serviço*, pois se tratava de assunto pessoal, e quem sabe, por questões passionais. O fato é que se o atentado tivesse sucesso, o SPI perderia uma de suas peças-chave, na integração social do Xokleng, que estava em pleno andamento e ainda havia a crença no bem-estar promovido neste altruísmo social.

Todavia ainda não estava resolvida a questão das terras para os indígenas. Não havia a possibilidade de evitar contatos com o mundo externo, caso a área onde estavam aldeados não fosse adquirida legalmente. A Companhia Hanseática, responsável pela preparação dos terrenos, pedia preços exorbitantes pelas áreas ocupadas. Sem levar em consideração que a continuidade de seus negócios, somente foi possível com a interferência estatal em aldear os Xokleng, para que não mais criassem pânico nas zonas coloniais e enfim, novas negociações sobre a posse de terras não fossem consumadas. Ciente da grave situação, o Inspetor De Paula enviou tais informações ao Diretor Interino do SPI, Luiz Bueno Horta Barbosa, e exigiu que providências deveriam ser tomadas. As terras já haviam sido pagas pela Companhia, mas em breve prescreveria o contrato e seriam repassadas ao patrimônio estadual. O Estado deveria ceder aos Xokleng um terreno de 30.000 hectares, aproximadamente das terras onde estavam aldeados. Mas havia a necessidade de mais espaços, pois muitas culturas, como aipim, feijão e milho estavam feitas no Posto e outras áreas cobiçadas eram pastagens aos animais que serviriam de alimento aos acautelados. Quem auxiliava o SPI e lhe fornecia mapas das áreas demarcadas, era o próprio Diretor da Sociedade Colonizadora Hanseática, José Deeke. Estas terras já ocupadas pelo Posto deveriam ser legalizadas a sua posse e De Paula tentou convencer o Diretor Barbosa com a seguinte argumentação:

Precisa mais esta Inspectoria assentar com a mesma Directoria da alludida Companhia, e até mais em beneficio da mesma, a condição da mesma não se utilizar dos terrenos em ambas as margens do rio Hercilio, acima do salto grande (que fica a cerca de 6 kilometros abaixoe (sic) a

²⁵⁴ HOERHANN, Eduardo. Relatório do Posto Plate. Mês de outubro, 1919.

S.E. do Plate) adjacentes ao Posto do Plate, até que pelo Serviço seja julgada oportuna a utilização de taes terrenos para o estabelecimento de colonos, visto ainda por algum tempo ser absolutamente inconveniente, não só para o Serviço, como também para a propria Companhia (sic) Hanseatica, o estabelecimento de colonos naquelles terrenos annexos ao Posto e constantemente percorridos pelos indios botocudos, sem o mesmo que a parte fronteira ao Posto, na margem direita do rio Hercilio, è passagem habitual dos referidos indios.²⁵⁵

Estava claro que novos encontros não eram desejados e por tal motivo, quanto mais espaço à futura reserva indígena, mais perto estariam da almejada integração social. Era muito recente o primeiro contato de 1914, alguns progressos estavam em andamento. Numa época em que todos os esforços deveriam se concentrar a fim de não se perder estes pequenos progressos, que em médio prazo fariam toda a diferença para as comunidades em vias de integração. Os representantes idealistas do SPI estavam tão certos de sua responsabilidade em escrever o futuro de seus protegidos, que ao menos uma vez, e ao que parece, pela primeira vez, foi registrado o matrimônio de dois integrantes Xokleng. Infelizmente não foi possível descrever com exatidão os nomes dos noivos, mas está descrito o pertencimento de ambos à “tribu de índios Botocudos.”²⁵⁶ Não há como saber a intenção de registrar este episódio na história do então Posto Indígena Duque de Caxias e os noivos foram representados em suas assinaturas, por outras pessoas, possivelmente trabalhadores daquele local. Ao que parece, ainda não existia o interesse de alfabetizar os indígenas, apenas fazê-los registrar o evento ao modo da cultura ocidental. Enquanto que os idealistas servidores do SPI se esforçavam para dar bons exemplos aos acautelados, outros não estavam muito interessados:

Nestas condições, os soit disant trabalhadores, que nada valem, não se submetem mínimas exigencias concernentes pessima conducta, inobservancia regimen ordem disciplina imprescindivel Posto. –

²⁵⁵ PAULA, José Maria de. [carta] 3 mar. 1920, Curitiba. [para] BARBOSA, Luiz B. H. Rio de Janeiro. 3f. Questão das terras para os Xokleng.

²⁵⁶ **Registro de casamento, 14 de maio de 1922.** Assinaram como testemunhas os funcionários Otto Metzger, José de Almeida e Eduardo Hoerhann.

Estes pssimos exemplos estão incutindo insubordinação espirito indios quaes se mostram rebeldes indisciplinados, tendo disso dado provas bem desagradaveis.²⁵⁷

Nesta carta, com grafia semelhante a de um telegrama, expõe novamente a dificuldade em encontrar gente decente para bem servir o Poinduca. De preferência, pessoas que tivessem boa índole, disposição em viver sem conforto algum fora de centros urbanos, e, sobretudo, não ter pressa em receber seus salários. Uma oferta que só poderia atrair fugitivos da lei, andarilhos e gente da pior estirpe, frutos de uma civilização nem um pouco desejada aos protetores dos indígenas. Por conseguinte, tal qual deveria ser selecionada antes de ser oferecida aos Xokleng, pois na maneira que estava a acontecer, tudo se perderia e esforços seriam em vão, na concepção do encarregado daquele posto.

Em vias da negociação de um espaço legalizado para os indígenas, os limites do Posto deveriam ser respeitados em virtude de uma instituição federal estar lá baseada. Era proibida a entrada de quaisquer pessoas estranhas ao Serviço, sem a prévia autorização, porém moradores locais, um deles José Manoel Thomaz e seus amigos, residente na barra do Rio Dollmann, insistia em realizar caçadas no local. Eduardo Hoerhann comunicou, primeiramente os praticantes das atividades ilegais de caça, mas como continuaram a exercê-la sorrateiramente, o encarregado resolveu denunciar a Paulo Krause, delegado em exercício. De acordo com o denunciante, a intenção do veto às atividades nas áreas comuns ao Posto, era impedir a todo custo futuros entraves entre os Xokleng e esses caçadores clandestinos.²⁵⁸ Evitar o que tem acontecido com frequência em nossos dias, dos eternos conflitos em nível nacional, entre indígenas e ocupantes ilegais de suas terras, sempre motivados pelo enriquecimento rápido, em decorrência da exploração de recursos naturais e minerais preciosos. Igualmente naquela época, o contato prematuro deveria ser evitado para que os indígenas sob a proteção estatal não se desvirtuassem caso tivessem acesso a itens “maléficos” da sociedade próxima, como por exemplo, o abuso das bebidas alcoólicas, que a maioria dos povos indígenas

²⁵⁷ HOERHANN, Eduardo. [carta] 20 set. 1921, Hammonia. [para] PAULA, José Maria de. Curitiba. 1f. Situação precária do Posto Indígena Duque de Caxias e pedido de materiais.

²⁵⁸ HOERHANN, Eduardo. [carta] 27 dez. 1922, Hammonia. [para] KRAUSE, Paulo. 5f. Denúncia ao delegado em exercício para inibir entrada de estranhos no Poinduca.

conhece e fabrica, mas não as usavam fora de seus ritos. Com a perda iminente do “sentimento de tribo” e da razão de viver, o alcoolismo facilmente teria espaço num indivíduo desamparado de seu *ethos*.

Aparentemente, Eduardo Hoerhann possuía boas relações com o Diretor da Sociedade Colonizadora, pois o primeiro foi padrinho de casamento de Hugo Straube e o segundo de Igenes Dias Patrício, a noiva.²⁵⁹ Além disso, trocavam favores. Numa das cartas para Deeke, Hoerhann solicitou o término das obras de uma estrada que faria a travessia do rio Dollmann. Tal obra facilitaria os transportes, ora penosamente realizados em pequenas embarcações.²⁶⁰ Em julho Deeke já havia resolvido a construção da estrada do Veado e foi agradecido pelas imediatas providências. Em troca, Hoerhann combinou com uma pessoa referenciada apenas como Sr. Weber, que ficaria com a responsabilidade de capitanear nas redondezas de seus domínios. Foi constatado que muitos dos “descuidados empreiteiros,” como assim está escrito, não cumpriam suas devidas obrigações e isso impossibilitava aberturas de novos trechos. Um dos empreiteiros era justamente José Thomaz, o inconveniente caçador ilegal:

Luciano Ferreira, Pedro Cardoso, José Thomaz, empreiteiro de uma das freguezias. Ezequiel e José Salvador, empreiteiros de um dos lotes de José Possamai, até hoje, não estão fazendo a estrada. Ora, se isto assim continuar, não a teremos com a brevidade que esperavamos. Tudo, de novo, adormecerá, e os responsáveis por este atrazo, uma vez chamados á ordem, terão logo mil desculpas com as quaes procurarão justificar a sua má vontade ou condenável preguiça.²⁶¹

Deeke respondeu que lamentavelmente, Sr. Weber ainda não pode se fazer presente, até o momento, mas faria o possível para resolver tais contratempos e contratar outros empreiteiros.²⁶² Conforme a citação, podemos perceber que SPI e Companhia Colonizadora disputavam terrenos de qualidade, mas também trabalhavam em

²⁵⁹ **Ata de fastos ou crônica familiar.** [Ata de núpcias] Blumenau, 4 out. 1919.

²⁶⁰ HOERHANN, Eduardo. [carta] 28 mai. 1923, Hammonia. [para] DEEKE, José. 1f. Construção de estradas.

²⁶¹ HOERHANN, Eduardo. [carta] 9 jul. 1923, Hammonia. [para] DEEKE, José. 1f. Construção de estradas.

²⁶² DEEKE, José. [carta] 30 jul. 1923, Hammonia. [para] HOERHANN, Eduardo. 1f. Construção de estradas.

parceria. Ao considerar que os Xokleng foram confinados num território em comum, o temor em relação a eles diminuiu o que possibilitou a retomada das ocupações, outrora abandonadas por colonos desistentes, e também a preparação de um número cada vez maior de hectares. A empresa nada devia ao SPI, pois este deveria se concentrar em seu trabalho, mas é possível que diretores como Deeke reconhecessem a vantagem de manter indígenas aldeados, de preferência sem contato com “civilizados” fora dos perímetros do Posto. A liderança do Poinduca desejava o mesmo, em acordo com os documentos analisados. Enquanto estradas eram abertas para a facilidade nos transportes e chegada de mantimentos, os serviços com os indígenas continuavam. Embora lamentavelmente nada poderemos expor com mais detalhes, ao considerar que relatórios do ano 1923 estão incompletos e praticamente ilegíveis. Sobre este ano temos o relato de Eugen Fouquet, na época redator do jornal *Urwaldsbote*:

Mas agora o serviço ao índio está enfrentando um período crítico por culpa do governo, que não lhe repassa as verbas necessárias. Há muito tempo os pagamentos estão sendo feitos de forma irregular e às vezes nem chegam, e isto está resultando numa grande desordem. Para o sustento da estação, o governo federal concedeu uma verba de cinco Contos e o governo estadual um complemento de três Contos anuais. A soma não é muito alta, considerando a desvalorização da moeda. Apenas serve para o mais urgente, como o modesto salário do dirigente da estação, os salários dos empregados, que são em media doze, o abastecimento de mantimentos, vestimentas e utensílios para os índios que somam trezentas pessoas, e o que é necessário para a conservação do empreendimento.²⁶³

Fouquet esteve no Posto em 1915, poucos meses após o primeiro encontro, a fim de constatar que o SPI de fato, havia iniciado seus trabalhos na região com os Xokleng. A fotografia de Eduardo caracterizado como indígena, provavelmente foi de sua autoria. No ano

²⁶³ FOUQUET, Eugen. **A decadência da prestação do serviço ao índio em Blumenau**. IN: Blumenau em Cadernos – t. XL, n. 4, abr. 1999. p. 9. Originalmente publicado em língua alemã no jornal *Der Urwaldsbote* em 28 jul. 1923. Trad. de Annemarie Fouquet Schüncke.

de 1923 escreveu o artigo no qual estão registradas as dificuldades em manter a ideologia trabalhista do SPI no posto Poinduca, em virtude das promessas governamentais dificilmente serem cumpridas. Registrou que em 1919 Hoerhann levou alguns indígenas a Florianópolis para apresentá-los às autoridades. Igualmente ficaram impressionados e logo, muitas promessas foram feitas. Os Xokleng foram autorizados a irem nas lojas locais e escolherem artigos de sua necessidade. Caixas foram utilizadas para empacotar a mercadoria, mas nunca chegaram ao seu destino: “A alegria dos índios era igual a de crianças esperando o Papai Noel. Mas a decepção foi enorme após a espera de semanas, meses e anos sem que os esperados presentes viessem”.²⁶⁴ E Fouquet contou que por esse motivo as promessas do encarregado caíram em descrédito, ao chamarem todos os brancos de mentirosos. Isso resultou em mau humor constante e nenhuma vontade de trabalhar, que até a data do presente artigo do redator, os indígenas ainda lembravam a situação de Florianópolis. Entretanto, a situação no Poinduca continuava a mesma no ano seguinte, ou seja, precária:

Hugo.

Os nossos abraços.

Acabo de receber a tua carta, com a recommendação de “observar a maxima economia.” Torna-se curiosa esta recommendação, si neste Posto, como tu muito bem sabes, se pratica uma economia absoluta. Peço-te que me digas o que devo “economisar”. Economisar o que? A agua? A luz solar? O ar? O brilho offuscante do Cruzeiro do Sul, em noites limpas? “Os gastos deverão ser exclusivamente, forem absoluta=te (sic) indispensaveis e inadiaveis”. Pois não é assim que se vive neste Posto, na realissima realidade, miseravelmente, de mez para mez, e de anno para anno, de olho pregado no feixinho de capim do padre Anselmo? Diz você que é “um tresloucado propósito” eu querer (!!!!!!!!!!!!!!!) comprar milho (!!!), agora, que se obtia facilmente, o sacco, á 6\$000. Agora, ficar a turma, todos os índios, etc, sem a base de sua alimentação, o que é?²⁶⁵

²⁶⁴ Ibidem. p. 9.

²⁶⁵ HOERHANN, Eduardo. [carta] 29 fev. 1924, Hammonia. [para] STRAUBE, Hugo. 3f. Precariedade no Poinduca.

Na mesma missiva houve a previsão de ficar sem milho, devido o plantio não ser suficiente para abastecer todas as pessoas viventes no Posto. Por exemplo, em fevereiro de 1924, no local foi frequentado por cento e oitenta e nove indígenas, e colhidos novecentos e oitenta quilos de milho.²⁶⁶ Também dependiam dessa alimentação todos os trabalhadores e suas famílias, cuja folha de pagamento de 1922, contava com vinte e cinco pessoas.²⁶⁷ O grande problema é que os indígenas passaram a conhecer e apreciar o milho:

Conheciam antes da pacificação o milho, aboboras, e a farinha de mandioca, alimentos estes que obtinham por ocasião dos assaltos, que perpetravam contra o civilizado. Desconheciam porem, inteiramente as batatas, aipim e mandioca, feijão, arroz, taiá, inhame etc. , alimentos estes que hoje conhecem e muito apreciam.²⁶⁸

Nesta ocasião o Poinduca sofria por ter incrementado a dieta dos indígenas que reclamavam quando algum item lhes faltava:

Ainda agora mesmo fui interrompido por uma representação de índios botocudos, que veio “novamente” corroborar a velha reclamação da “boia”.

[...] Agora os bots, á lança, querem: banha, arroz, cáriné²⁶⁹, café, assucar ás toneladas. etc. etc. etc.

... Repetem sempre que estão mais do q. fartos e enojadissimos (imagine bugre enojado) da sempiterna “polenta, que é de e para cachorro comer” (ipsis verbis).

[...] Peço-te o favor de, em Ctba, pedir ao nosso Chefe pa. que tenha a bondade de me telegraphar o “quantum” que se tem p^a gastar mensalmente, com este Posto, neste “novo” regimem de

²⁶⁶ HOERHANN, Eduardo. Relatório do Posto Indígena Duque de Caxias. Mês de fevereiro, 1924.

²⁶⁷ Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio. **Folha de pagamento do pessoal operário em serviço no mez de Agosto**, 1922.

²⁶⁸ HOERHANN, Eduardo. [Carta] 25 jan. 1921, Blumenau, distrito de Ibirama. [para] BARBOZA Luiz Bueno da Horta. Curitiba. 14f. A parte anexa a esta carta possui 23 folhas que discorrem sobre os aspectos culturais dos Xokleng. p.7.

²⁶⁹ Palavra não decifrada.

“economias”.²⁷⁰

Naquele momento clamavam exatamente pelo que o SPI na figura de Hoerhann havia introduzido na dieta alimentar destes indígenas, o que possibilitou certa dependência do açúcar e do café, que não são alimentos indispensáveis, mas que para eles havia se tornado em tão pouco tempo de contato. Não obstante, em agosto alguns trabalhadores foram ao encontro de Hugo Straube para receber seus atrasadíssimos ordenados. A reprimenda, embora leve, foi direcionada para José de Almeida:

Só me resta agora, aconselhar a Você, para reunir a turma e, uma vez comprovada a bôa vontade de cada homem de se submeter ao regimem de ordem e de disciplina deste POSTO, reconduzil-os, todos, então para aqui.

É absolutamente necessario que toda a turma aqui, ordeiramente continuando a trabalhar, espere calmamente pelo menos o tempo necessario para que eu conjuntamente com o Sr. Dr. Straube, possa organizar os pagamentos, como sempre se tem feito.

Espero que Você, actualmente o mais antigo do Posto, bem comprehenda o que lhe escrevo, se esforce por tomar já as providencias que lhe aconselho, fazendo assim no POSTO, reentrar em seu velho e habitual regimem de ordem e de trabalho.²⁷¹

Percebe-se que tudo foi “aconselhado”, houve somente uma leve admoestação ao trabalhador Almeida para a retomada ao “Posto” em letras maiúsculas, no bom e velho regime de ordem, trabalho e disciplina. Na história da humanidade as relações entre empregados e empregadores nunca foram um mar de rosas, principalmente quando os salários atrasam em demasia e bocas anseiam por alimentação. Vivia-se no Posto em uma constante angústia entre inúmeros descontentes: sejam Xokleng ou servidores, uns por comida outros por dinheiro, o SPI este ano de 1924 castigou o Poinduca severamente. Hoerhann na missiva apelou sutilmente na questão de Almeida ser o mais antigo funcionário.

²⁷⁰ HOERHANN, Eduardo. [carta] 29 fev. 1924, Hammonia. [para] STRAUBE, Hugo. 3f. Precariedade no Poinduca.

²⁷¹ HOERHANN, Eduardo. [carta] 7 ago. 1924, Hammonia. [para] ALMEIDA, José. Curitiba. 1f. Reivindicação salarial dos funcionários do Poinduca.

Por outras fontes, essas condições precárias do Poinduca acarretaram numa rebelião dos trabalhadores e resultou na morte da esposa de Hugo Straube, Dona Ignês. Não há referências deste caso em todo o relatório de 1924, o que nos fez pensar, que conflitos internos, principalmente quando resultassem em homicídios, numa hipótese, não deveriam ser informados – pelo menos de forma escrita – ao alto escalão do *Serviço*. Mais uma vez, recorremos ao memorista Plínio Moser:

Os canoieiros não gostavam muito da senhora do doutor Strauber (sic), porque ela era muito enérgica, em certos pontos muito ruim. (Era o que todos unanimemente contavam). Certo dia em mais uma discussão com um canoieiro, ela estava com o revólver em cima do balcão. Segundo me contaram muitos, ela sempre estava armada, foi quando o canoieiro pediu para que ela lhe entregasse determinado litro de bebida, que estava em cima da prateleira. Quando ela se virou um pouco e levantou o braço para pegar o litro, o canoieiro deu-lhe um tiro de pistola, que a atingiu bem embaixo do braço, e ela caiu semi - morta, vindo a falecer mais tarde. Então o senhor Hugo Strauber, com a morte da esposa, ficou muito decepcionado, e se demitiu do cargo, indo embora, deixando novamente tudo por conta do senhor Eduardo.²⁷²

E a Fernando Straube:

Você sabe que entre 1918 e 1924 os salários atrasaram e houve uma rebelião geral entre os funcionários do SPI. Também sabe que eles, saindo de um bar - em agosto de 1924 - foram à casa do tio Hugo e tiveram uma discussão, que culminou com o assassinato de minha tia Ignês, sua esposa. Talvez por esse motivo é que tenham saldado as dívidas com os funcionários, exatamente no ano de 1924. Será?

Bom, mas vamos ao que importa. Com a morte da tia Ignês, Hugo passou a beber compulsivamente. E mais, tornou-se dependente de morfina, que era

²⁷² MOSER, Plínio & PEYERL, Paulo R. **O Pacificador de Índios Xokleng**. Disponível em: <www.estudosabc.blogspot.com.br>. Acesso em: 30 abr. 2011.

enviada para o posto. Estava em uma situação deplorável que quem é humano saberia compreender. Afinal, além das dificuldades financeiras [ele emprestava - tenho cartas sobre isso - dinheiro do seu irmão Guido, que era professor da UFPR], ele perdera a esposa, com quem havia casado 4 anos antes e, pra piorar, tinha de cuidar - agora - de dois filhos: Alice com 4 anos e Huguinho, com 5.²⁷³

A tragédia direcionou o afastamento e a autodestruição de um valoroso servidor do SPI, inicialmente engajado pelo espírito de aventura e depois, por uma causa humanitária. Straube era um cidadão qualificado em nível universitário e era possível que viveria em melhores condições financeiras se nunca tivesse se envolvido com os trabalhos do *Serviço*, mas sua vida foi traçada por suas próprias escolhas. Em pouco tempo após a fatalidade ter sido consumada, que até mesmo o pai de Eduardo, lá do longínquo Rio de Janeiro se mostrou interessado em ocupar o lugar de Straube:

Consta aqui que o Dr. Straube pretende deixar o lugar que ahi occupa; e, tendo sido ha 2 annos extinto o lugar de mestre de gymnastica no Collegio Militar, estou a disposição; e, portanto, poderia eu ser apresentado para servir em qualquer outro ministerio. Ora o meu mais ardente desejo é ver nossas familias em relações directas e em máxima harmonia, dahi resultarão apreciáveis vantagens recíprocas.

E, por essa razão, venho pedir-te participar-me, quanto antes, se achar conveniente que eu me esforce para obter o lugar do Straube.²⁷⁴

Contudo, Hoerhann filho não deve ter aprovado a vontade paterna. Era apenas um anseio de Hoerhann pai em reunir a sua família recém-constituída com a segunda esposa - pois havia perdido a primeira mulher Carolina, em 1918²⁷⁵ - com aquela formada por seu primogênito

²⁷³ STRAUBE, Fernando C. Informações contidas no e-mail enviado em 11 fev. 2011.

²⁷⁴ HOERHANN, Miguel. [carta] 26 fev. 1925, Rio de Janeiro. [para] HOERHANN, Eduardo. Hammonia. 1f. Pedido para ocupar o lugar de Hugo Straube.

²⁷⁵ De acordo com um jornal do Rio de Janeiro, Carolina foi morta a machadadas pelo empregado cafuzo Francisco Marcellino que aproveitou-se da

no Poinduca. Hoerhann pai possuía três filhos, Miguelzinho (falecido aos dois anos) Paulo e Arria com sua segunda esposa de origem cearense a quem ele chamava de Dondon. Eduardo estava com um casal de filhos e sua esposa Francisca estava grávida de Setembrino, falecido em 2006. De acordo com Edeli Kubin Sardá, neta de Eduardo pelo lado materno, a babá Xokleng Tan-ndu-Leê-Nandjá, também esperava um filho dele. Ao nascer recebeu o nome de Adolfo em homenagem a Adolpho Konder e o sobrenome Brasil, em virtude da fusão étnica, característica da maioria dos brasileiros. Edeli sabe destas informações porque Ilca, a neta de Adolfo, reside com a família Sardá há muitos anos e em sua certidão de nascimento há o nome de sua avó, a babá Xokleng. Entretanto a vontade de Hoerhann pai que ficou explícita em sua carta era reunir as duas famílias com muita alegria e harmonia. Em nenhum momento demonstrou interesse na causa e em assumir o cargo com a mesma responsabilidade de Hugo Straube. Porém ele não se desligou de imediato do *Serviço* e ainda tentou se encontrar com De Paula em Blumenau. O comerciante Fritz Schmidt enviou uma carta a Eduardo Hoerhann sobre o que ele havia se informado do episódio, por um amigo seu, Sr. Berg: “No domingo próximo passado esteve aqui em Hammonia o Dr. Hugo Straube, Inspector Índios eleito por Deus no caminhão do Vanselow, o qual me disse que o Dr. Queria ir á Blumenau (sic), mas que tendo tomando em viagem do Carapato até aqui um formidável porre, não pode seguir viagem á Blumenau”.²⁷⁶ Schmidt admirou-se com o decadente estado de Straube que não havia conseguido se encontrar com o Inspetor De Paula. Além disso, por motivos desconhecidos ele não avisou Hoerhann de sua estada em Blumenau, segundo o próprio Schmidt. Straube somente se desligou do Serviço, pouco antes de seu falecimento em fins de 1930, pois De Paula no seu relatório de abril do mesmo ano, ainda fez referência a ele e sua nova família constituída, conforme veremos no capítulo seguinte.

Entretantes, a labuta diária no Posto deveria ser continuada e, poucos dias após o lamentável acontecido, Hoerhann manteve sua correspondência com o diretor colonial José Deeke, para que ambos, em curto prazo, resolvessem a exaustiva questão das invasões recíprocas, mais acirrada pelo lado indígena, justificada porque agora eles poderiam saciar sua curiosidade sem o risco de serem alvejados. Mas isso não

ausência de Miguel para praticar latrocínio. IN: Correio da Manhã, 2 nov. 1918. p. 4.

²⁷⁶ SCHMIDT, Fritz. [carta] 10 mai. 1925, Hammonia. [para] HOERHANN, Eduardo. Hammonia 1f. Vinda de José Maria de Paula a Blumenau.

significava que alguns colonos deixassem de se incomodar de serem visitados pelos indígenas. A preocupação maior era com aqueles que não se importavam e com tal motivo, se interessassem em travar relações, inclusive comerciais, com os Xokleng. Hoerhann salientou que havia enviado emissários pra que os convencessem a sair das proximidades do Alto Rio Krauel, onde novas colônias estavam a se estabelecer:

Convêm, no entretanto, consignar aqui, terem-me, todos os índios que estiveram no Alto-Rio Krauel, asseverado repetidas vezes, que elles, absolutamente, em nada tocaram que pertencesse aos mencionados colonos, que não entraram nas casas destes, (com excepção de duas ou trez mulheres, que, dizem elles mesmos, o fizeram), e que, os colonos, por varias vezes, lhes offertaram alimentos diversos, como assucar, farinha de mandioca, pão de milho, carne, fubá, cachaça (!!!), diversos pequenos objectos e até dinheiro, sem que elles, apezar das instancias dos colonos, tivessem recebido estes presentes.

Como eu mesmo já tive occasião de verificar, em outras regiões desta colônia, os habitantes brancos têm procurado entabolar (sic) relações e negociações com os índios, tendo mesmo realisado diversas, de pouca monta, mas que nem porisso (sic) deixam de abrir precedente e de inicial-os nestas practicas, para as quaes os botocudos ainda não se acham preparados, nem têm a necessaria comprehensão.

No Rio-Dona-Emma, os novos immigrantes, conseguiram até, effectuar, mediante pagamento feito com farinha e pequenos objectos sem valor, diversas photogaphias, em as quaes os immigrantes apparecem ostentando grande familiaridade com os “bugres”.

Em geral, todos os immigrantes, têm um especial pendôr para um encontro, uma “aventura”, que lhes faculte estar em presença de um authenticico “selvagem” e lhes proporcione todas as sensações d’ahi decorrentes.²⁷⁷

²⁷⁷ HOERHANN, Eduardo. [carta] 16 mai. 1925, Hammonia. [para] DEEKE, José. Ibirama. 4f. Tentativas de não aproximação entre indígenas e colonos.

O Encarregado, em mais de uma página além desta citação, pediu a Deeke que orientasse os colonos, para que, de que maneira alguma, entrassem em contato com os acautelados, em virtude que não se colheria bons frutos, destas relações precipitadas. Apesar de passados quase dez anos do primeiro encontro, Hoerhann considerava que seus protegidos ainda não se encontravam preparados à integração regional, talvez por considerá-los um tanto ingênuos e os colonos, inescrupulosos, pois sabe-se lá por quais intenções, foram presenteados com cachaça. Permitir que apenas algumas mulheres pudessem entrar em uma das casas, faz sugerir que havia curiosidade demais em ambas as partes.

O ano de 1926 começa com a visita do deputado Adolpho Konder²⁷⁸ e sua comitiva ao Posto Indígena Duque de Caxias, no início do mês de março. Quando chegaram ao local foram recebidos por guerreiros que os cercaram armados de flechas e tacapes. O guerreiro mais idoso quebrou uma flecha de guerra (ponta de metal) e uma de caça (ponta de madeira) em um gesto simbólico que significa: “Fazemos a paz contigo, submetemo-nos ao teu poder”. Em seguida, a comitiva partiu para a sede do posto ao encontro de Eduardo Hoerhann, para oficializar o recebimento de mais vinte mil hectares destinados aos indígenas. Orestes Guimarães, jornalista que estava presente na comitiva do candidato à presidência de Santa Catarina, Adolpho Konder, pôde fazer suas observações acerca do que testemunhou no Poinduca:

O Posto “Duque de Caxias” é sem contestação, uma fazenda modelo, trabalho do selvicola, trabalho de um brasileiro illustre e abnegado, Eduardo de Lima e Silva que livrando os colonos das arremetidas selvagens dos botocudos, os aldeou no Plate, onde em menos de um decennio, demonstrou, praticamente, o que é tudo, a possibilidade da civilização do aborigene mais atrasado da selva brasileira. Mais atrasado sim, porque entre os tupys-guarany não existe tribu como a dos botocudos, cujo rudimentar modo de viver, chegou ao ponto de desconhecer a pesca, as IGARAS (canoas).

Disse-nos o sr. Lima e Silva que, não obstante conhecer algumas línguas dos Tupy-guarany,

²⁷⁸ Assumiu o governo em 28 de setembro. Governou até 19 de fevereiro de 1929, quando candidatou-se ao Congresso Nacional e passou o governo para o Presidente do Congresso Estadual, Antônio Vicente Bulcão Vianna. Disponível em: <www.sc.gov.br>. Acesso em: 20 abr. 2012.

encontrou grande dificuldade para aprender a língua dos botocudos, a qual differe, em absoluto das línguas dos grande ramos das demais tribus indígenas do paiz²⁷⁹

Aos poucos se adquiria e divulgava conhecimentos acerca dos Xokleng. Constatou-se uma “nova” língua no século XX que divergia dos troncos linguísticos conhecidos até o momento. Sobre os indígenas, o jornalista os classificou em dois grupos distintos: o dos moços trabalhistas e o dos velhos antitrabalhistas. O primeiro era formado por um grupo de aproximadamente setenta rapazes, na faixa etária entre de catorze e dezoito anos, criados e educados no aldeamento. Tal grupo realizava todos os trabalhos no Posto: roçadas, capinações, plantios e outras ocupações da vida agrícola e pastoril. Os seus integrantes usavam roupas somente dentro do Posto e as abandonavam quando seguiam para os acampamentos. O segundo grupo era formado por cerca de trezentos indivíduos que de com acordo com o jornalista não exerciam nenhuma atividade para o sustento, mas o encarregado os mantinha aldeados nas vizinhanças do Poinduca.²⁸⁰ Vale destacar que a observação do jornalista acerca do número de indivíduos no Posto, supera em muito aquele que Henry registrou em 1932, quando contou cento e seis integrantes da comunidade Xokleng. Abaixo a visita do Deputado Adolpho Konder e sua comitiva no Poinduca.

²⁷⁹ GUIMARÃES, Orestes. Aldeamento “Duque de Caxias” Echos da visita do deputado Adolpho Konder. **A Cidade**. Blumenau, n. 26. 18 mar.1926. p. 1.

²⁸⁰ Idem.

Figura 11 - Almoço de confraternização.



Fonte: Acervo do autor.

O periódico *O Tempo* também fez uma reportagem a respeito da visita de Adolpho Konder, e descreveu sua penosa viagem até o Posto, a qual levou duas horas de canoa pelo rio. Na ocasião, após receber os agradecimentos do chefe do Posto pela visita, o deputado fez seu pronunciamento que assim foi transmitido pela imprensa:

Levantou se então o dr. Adolpho Konder para responder, começando por referir-se longamente ao problema da pacificação dos indios brasileiros, estudando-o sob todos os seus aspectos político, econômico, moral e social.

Continuando, s. exa. disse, que constata com satisfação os excellentes resultados obtidos pelo Serviço Federal, em Santa Catharina, resultados que são devidos quazi que exclusivamente á intelligencia e dedicação apostolar e ao superior patriotismo do sr. Eduardo Lima e Silva chefe desse serviço. O illustre orador prosseguiu dizendo que o sr. Lima e Silva fez uma obra altamente patriótica e profundamente humana, sendo sob muitos aspectos a sua acção evangelisadora comparavel a de Nobrega e Anchieta, apóstolos do gentio brasileiro. A seguir o dr. Konder condemnou as batidas feitas antigamente, as quaes qualificou de crime sem perdão, e que tanto depõem contra os nossos fóros

de povo civilizado.

Relembrou a campanha nesse sentido feita por S. Exa: no *Novidades* de Itajahy, campanha em que foi auxiliada pelo dr. Aldinger, pioneiro daquelle sertão e alli presente.²⁸¹

O que Hoerhann havia feito desde 1914, foi em função de sua ideologia em proteger os indígenas fisicamente e não os seus espíritos, pois essa era a tarefa da Igreja Católica foi representada pela presença do Padre Komineck em 1923. O encarregado podia crer na condição de missionário, mas não no sentido religioso de resguardar os indígenas através da catequese, da devoção em Deus e do temor escatológico. A motivação de Hoerhann se baseava, sobretudo, na disciplina, na ordem e no trabalho. Ele realizava seus feitos pela força de vontade e crença na construção de uma “grande obra patriótica”, talvez inspirada pela doutrina positivista, os feitos de Rondon e de seu tio-bisavô, o Duque de Caxias. Dr. Aldinger era pastor e estava presente no evento, o que pode sugerir que o SPI não se apoiava somente na ideologia positivista e laica. Necessitou em alguns períodos de sua atuação, de todo apoio possível, inclusive espiritual. Porém não se pode afirmar com certeza se Aldinger pertencia a comitiva de Konder, ou se continuava os trabalhos do padre Komineck.

O Decreto nº 15 de três de abril de 1926, assinado pelo governador em exercício, Bulcão Vianna, regulamentou quase cinco mil hectares para a utilização do SPI e dos indígenas. Agora o território estava protegido por lei e os indígenas teriam maior liberdade de mobilização. Aqui destacamos os artigos deste decreto, todavia o primeiro foi resumido devido a sua longa extensão:

Artº 1º - Fica reservado para o usufructo dos indígenas aldeados no valle do Rio Plate, Districto de Hammonia, Municipio de Blumenau, o territorio comprehendido dentro do perímetro abaixo escripto:

Partindo do meio da medição das terras sob Nº 1701, na linha colonial do rio Itajahy-Hercilio, collocado no travessão dos lotes do rio Dollmann: pelo mesmo travessão até o marco de canto entre os lotes 1713 e 1714; pleo travessão dos fundos da linha colonial acima referida até o ultimo marco

²⁸¹ RAMOS, O. A excursão do dr. Adolpho Konder ao Rio do Sul. Visita ao aldeamento dos índios botocudos. **O Tempo**. Florianópolis: 17 mar. 1926. p. 1.

de canto do lote 1725...

Artº 2º - O Governo do Estado entrará oportunamente em accordo com os proprietários cujas terras, porventura, ficarem encravadas dentro do perimetro descripto no Artigo anterior.

Artº 3º - Nenhuma medição poderá ser effectuada no valle do Alto-Itajahy-Hercilio, antes de ser concluida definitivamente a medição e demarcação das terras a que se refere o presente decreto.

Artº 4º - Os processos das medições já effectuados, mas ainda não legalizados e que se reafirma a concessões feitas dentro da area reservada, pelo presente decreto, não poderão ter andamento sem o “Visto” da Inspectoria Geral do Patrimonio do Estado.²⁸²

O artigo primeiro descreve todas as áreas demarcadas e suas fronteiras com terras das empresas colonizadoras, que serviriam para o “usufructo dos indigenas.” Ainda se fazia necessário negociar com proprietários, caso estes lotes demarcados passassem dos limites previstos. Em suma, o decreto só significou até o momento, uma boa intenção governamental. Entretanto, no relatório do mês de janeiro de 1927, encontra-se registrada a visita do engenheiro Alberto Knoepe ao Posto Indígena Duque de Caxias, a fim de efetuar a demarcação das terras para os Xokleng. Mesmo com a legalização dessas terras, os trabalhos de medição, ora ou outra, eram interrompidos por numerosos pretendentes dos terrenos, como assim podemos observar:

Acresce ainda que, esses mesmos açambarcadores insolentes, cubiçosos de mais terras, foram, effectivamente, os mais tenazes perseguidores dos botocudos, ainda há bem poucos annos; temíveis “Bugreiros”, sujo inveterado ódio contra o aborígene persiste feroz e profundamente arraigado. Já de muito tempo tornava de absoluta necessidade fixar a divisa das terras deste Posto, afim de impedir continuassem avançando sobre o mesmo, os especuladores até o perímetro das plantações. Com a demarcação do grande território reservado aos índios deste Posto, ficará,

²⁸² BULCÃO VIANNA, Antonio Vicente, COSTA, Ulysses Alves da. Decreto Nº15. 3 abr. 1926.

ipso facto, traçada e aberta uma linha divisória, definitiva e legal, por todos conhecida, o que evitará a invasão da peor casta de intrusos, assegurando-nos tranqüilidade e acabando de vez com possíveis, inconvenientes e perigosíssimos atritos com os botocudos.²⁸³

Pelo excerto pode-se observar a ganância de alguns indivíduos para tentar adquirir as poucas terras restantes, as quais seriam destinadas aos Xokleng. Os gananciosos não aceitavam o fato de que boas porções de terrenos cultiváveis e valiosos teriam este fim. Hoerhann ficava indignado com tal comportamento e buscava esforços para auxiliar o engenheiro nas medidas, a fim de se evitar interrupções possíveis, dos trabalhos agrimensores. Em fevereiro de 1927, Hoerhann fez uma observação a respeito das terras indígenas:

Desde a pacificação e localização nos valles dos rios Plate e Itajahy, os Botocudos, dentro das terras que lhes pertenciam desde tempos imemoriaes, não dispunham de terreno que não fosse de facto considerado “devoluto”, presa fácil, portanto, do primeiro explorador afouto ou ganancioso especulador que do mesmo se apossasse.

Na verdade, as terras ora demarcadas, já estavam perdidas para os índios deste Posto, pois que, não haviam surtido effeito as longas e trabalhosas diligencias por parte de vossa Inspectoria, visando obter do Governo Hercílio Luz, um território, com amplitude sufficiente que fosse definitivamente reservado aos índios Botocudos.

Não só deixou esse Governo de attender a todas as vossas démarches officiaes, com ainda – afim de despudoradamente favorecer um apaniguado político – cedeu ao mesmo todas as terras ainda “devolutas” ATÉ ÀS ROÇAS DO POSTO. Indubitavelmente foi este o segundo grande triumpho que o Serviço, depois da pacificação, conseguiu aqui no Estado, em prol da magna causa indígena. Até esta data, a pacificação dos botocudos, de facto, estava por assim dizer “no ar”: o que fazer com os índios pacificados, si não

²⁸³ HOERHANN, E. **Relatório do Posto Indígena Duque de Caxias**. Mês de janeiro, 1927.

havia lugar certo e definitivo no qual pudessem ser localizados!

Deprimente de vergonhosa situação á qual finalmente veio por termo, para sempre, o generoso e patriótico Decreto Estadual N. 15, -- que delimita uma área de nada menos de VINTE MIL a TRINTA MIL HECTARES – destinada aos índios botocudos.²⁸⁴

Além de não ter ido prestigiar o evento agrícola, em junho de 1919, no qual perdeu grande oportunidade de conhecer pessoalmente integrantes da sociedade Xokleng, Hercílio Luz em seu segundo mandato, por atender outros interesses políticos não especificados no relatório, ainda conseguiu prejudicar e legalização das terras indígenas, acontecida somente em 1927. As demarcações para delimitar as áreas escolhidas, prosseguiram durante todo o mês de fevereiro deste ano. Porém neste relatório, nada mais foi anotado sobre a questão, nem mesmo nos meses seguintes até o final de 1927. Estavam assim definidos, vinte a trinta mil hectares para os indígenas, cuja área de Posto, tornou Reserva Indígena Duque de Caxias. Tudo indicou que o processo de integração regional seria continuado de maneira progressiva, no qual o contato com gente não indígena seria retardado ao que parece, estaria sob o amparo da lei. Um recém comprador de um terreno local, Seraphim José Portes, “produtor e exportador de erva mate e madeira do Paraná,” como assim consta na arte de sua carta personalizada, intentava abrir uma estrada até os domínios de sua nova aquisição e por tal motivo solicitou um pequeno favor:

[...] devera ir ate o fim do mez um meu filho com uns 15 ou 20 homens para comessar os serviços, rogo-lhe a gentileza em scientificar ao (sic) Indios que estão sob sua competente direção, para que elles vão conhecer os meus camaradas e mesmo meu filho que é encarregado do serviço, convindo V.S. diser a elles que as pessoas que vão pra lá são todas muito boas que não irão perturbar elles em nada podendo elles ir nos nossos acampamentos que só encontrarão gentileza, e mesmo algumas (sic) cousa que precisarem, bem como V.S. tendo ocasião e queira honral-os (sic) com sua visita ao acampamento deles será um praser e la estarão a seu dispor para qualquer

²⁸⁴ Idem. Mês de fevereiro de 1927.

coisa que V.S. desejar.²⁸⁵

Em resposta:

Accuso o recebimento de vossa carta datada de 15 de dezembro próximo passado; em resposta, communico-vos que tomei immediatamente, as necessarias providencias afim de que vosso filho, bemcomo (sic) os homens que compõe vossa turma, em serviço á noroeste deste POSTO, não sejam, absolutamente, molestados ou encarados como inimigos, pelos botocudos. E, uma vez, que nada de anormal succeda, vossos emprehendimentos se realizarão sem a minima perturbação por parte destes indios.

Com maxima estima e apreço, subscrevo-me

Vosso

E. de L. e S. H.,

Pacif. d. B. e E. d. S. F. de P. aos Indios.²⁸⁶

Não há como ter certeza se a missiva do senhor Portes, foi inspirada pela lei da criação da reserva, por educação ou por simples pavor de seu filho e sua turma, serem encontrados e hostilizados pelos Xokleng. A ponto de oferecer-lhe o qualquer coisa que pudessem necessitar, caso viessem visitar aqueles homens que abriam estradas. A criação da reserva pode ter estimulado a desvalorização das terras circundantes, cujos antigos donos, ao exemplo, da pessoa que vendeu ao senhor Portes, possivelmente acreditaram que os indígenas lá estavam de maneira provisória e que um dia seriam transportados para os confins de Santa Catarina. Como está registrado numa das citações, ainda existiam aqueles que não possuíam quaisquer simpatias com os aborígenes, inclusive perpetuavam o ódio desde os tempos dos primeiros colonos e das caçadas bugreiras. O novo proprietário, exportador de erva mate queria facilitar o acesso a sua terra e pelo teor de sua carta, quem sabe, estava receoso de que os indígenas pudessem interpretar que aqueles homens lá estavam para praticar atividades ilegais. Frente às suposições não se pode negar que os indígenas sempre

²⁸⁵ PORTES, Seraphim José. [carta] 15 dez. 1927, São Miguel. [para] HOERHANN, E. Hammonia. 1f. Pedido para informar os Xokleng sobre a presença de trabalhadores nas proximidades da Reserva Indígena Duque de Caxias.

²⁸⁶ HOERHANN, Eduardo [carta] 1 jan. 1928, Hammonia. [para] FORTES, S. J. São Miguel. 1f. Resposta aos pedidos solicitados.

causaram fascinação, por representarem, grosso modo, o primitivismo humano, a intrínseca origem de nossa espécie, sem contar com o êxtase do estranhamento, quando representantes de culturas distintas se encontram.

Neste mesmo ano de 1928, o marinheiro e explorador alemão, Gunther Plüschow, acompanhado por seu amigo Garibaldi, esteve de passagem por Blumenau, cujo destino era a Terra do Fogo e resolveu fazer uma visita à Reserva Duque de Caxias. Lá foram recebidos por Eduardo Hoerhann, que segundo o viajante, seria a última visita que ele permitiria. No meio de possíveis encenações e narrativas para impressionar os visitantes, Plüschow, fazia perguntas constantemente para conseguir o máximo de informações daquele que chamou de “Dom Eduardo”:

Toda a floresta ao redor ouviu o meu apelo e eu espero ainda viver o dia em que todos os bugres, perfeitamente civilizados, não se constituam em perigo para os demais homens.

- E os indígenas ficaram-lhe gratos por isso?

- Gratos? E Dom Eduardo me olhou-me admirado dessa pergunta. Gratos? Não, o contrário. Eles puseram em mim toda a culpa de não poderem hoje mais caçar, saquear e matar, como nos bons tempos – e isso, infelizmente é a verdade. Não conheciam a malária, não precisavam trabalhar mais do que ir á caça. No fundo eles têm razão. Só que hoje ganham o necessário para seu sustento, sem precisar para isso caçar; eles sabem trabalhar, sabem que estão em território seu, livres de qualquer ataque, garantidos pelo governo e que, se assim não fosse, o último dos botocudos já teria sido eliminado da face da terra.

- E o senhor se sente seguro dos seus protegidos?

- Ao contrário! Absolutamente não! Por tudo isso eu fui obrigado a construir casa pra mim e minha família, um pouco afastada, lá onde os senhores pernотaram ontem. Eu nunca sei se retornarei com vida quando vou até os botocudos. Mas isso a gente se acostuma. Ao todo, uns 300 botocudos vivem ainda hoje, 50 deles, por assim dizer, amansados na Estacao; os outros perambulam pelas matas, todos homens, mulheres e crianças

completamente nus.²⁸⁷

A população aproximada de Xokleng descrita por Hoerhann se equipara com o que observou e registrou o jornalista Orestes Guimarães, quando no local esteve a dois anos da visita destes viajantes. Estimava-se na época, cerca de trezentos e cinquenta indivíduos, sendo que a maioria perambulava livremente pelos limites da reserva em suposta condição tradicional. A menor parte, conforme anotou Guimarães, era composta pelos jovens trabalhistas que haviam nascido pós 1914, logo na condição de uma comunidade agropastoril. Pela primeira vez esta comunidade receberia o Inspetor José Maria de Paula, responsável pela 7ª Inspetoria Regional, baseada em Curitiba. Ao saber da notícia em sete de abril de 1929, o Encarregado apressou-se em escrever ao inspetor das vultosas dívidas contraídas pelo *Serviço* naquele local, e que com a sua visita, todos os cobradores iriam ao encontro do Inspetor De Paula, que uma vez cientes de que não seriam pagos, o posto perderia imediatamente seus créditos, sem contar com possíveis atos violentos contra os servidores do SPI. Além destes fatores, havia ainda nas proximidades, a construção da Estrada de Ferro Santa Catarina (EFSC), que reuniu trabalhadores mais qualificados, enquanto que para as construções de estradas sob o patrocínio e administração do *Serviço*, outras pessoas lá se apresentaram para trabalhar. Pessoal descrito por Eduardo Hoerhann como extremamente violento, que há poucos dias, um dos trabalhadores esfaqueou e matou outro, por motivos fúteis²⁸⁸. Em suma, para o ano de 1929, recomendou-se que o Inspetor José Maria de Paula permanecesse seguro em seu gabinete. A visita do inspetor ficou para o ano seguinte, cujas impressões foram registradas e resultaram em um relatório para o Diretor Interino, José Bezerra Cavalcanti, como analisaremos no capítulo seguinte. No início da década de trinta, Eduardo Hoerhann recebeu o candidato ao doutoramento em antropologia, da Universidade de Columbia, Jules H.Blumensohn, mais conhecido como Jules Henry:

²⁸⁷ PLÜSCHOW, Gunther. Com os Botocudos, 1928. **Blumenau em Cadernos**. t. XXXVIII, n. 10, out. 1997. p. 22. Trad. José Ferreira da Silva.

²⁸⁸ HOERHANN, Eduardo [carta] 7 abr. 1929, Hammonia. [para] PAULA, J. M. Curitiba. 6f. Precariedade no Posto Indígena e desestímulo à visita do Inspetor José Maria de Paula.

Figura 12 - Jules Henry (montado à esquerda) entre os Apache, 1930.



Fonte: Disponível em: http://sirismm.si.edu/naa/landes/photographs/friends_family/landes_photo_friends_family_01.jpg. Acesso em: 30 jun. 2012.

Com ele Hoerhann começou a perceber que a desintegração cultural dos indígenas brasileiros, em grande escala foi promovida pelo SPI e seus servidores. Além do contato com Henry, veremos que o encarregado do Poinduca, começou na mesma década a trocar cartas, informações e pensamentos com o etnólogo alemão de nacionalidade brasileira, Curt Nimuendajú, homem possuidor de vasto conhecimento das comunidades indígenas do Brasil. Na década de 40 foi fundada a Escola Getúlio Vargas com o propósito de instruir a nova geração de Xokleng, filhos de funcionários do SPI e de jovens moradores locais. A escola de caráter primordialmente agrícola foi utilizada como auxiliar no processo de nacionalização dessas novas gerações indígenas. Por fim, será visto que na década de 50 as decepções se acumularam e aumentou a consciência do equívoco do SPI que por decênios, insistiu na integração sistemática do povo Xokleng, que resultou na exoneração de Eduardo Hoerhann em 1954, pelo seu envolvimento na morte de Basílio Priprá, filho de pai Kaingang e mãe não indígena. Hoerhann foi inocentado do caso após cumprir dois anos em regime fechado, na cadeia pública de Ibirama.

CAPÍTULO IV – DO POVO DA SELVA À CIDADANIA BRASILEIRA

Aqui existe uma jovem índia que foi roubada das selvas ainda lactente. Ela está nos seus vinte, foi criada por pais inteligentes e humanos e hoje ela é uma dama com formação irrestrita dominando o alemão, o francês, o inglês e o português, tanto na palavra como na escrita. O tipo da jovem é exatamente o mesmo como da criança que eu crio e seus familiares. Também há aqui um rapaz grande, capturado já meio crescido há uma série de anos e que foi criado pelos religiosos católicos; ele não demonstra saudade alguma da selva e vive como trabalhador.

Dr. Hugo Gensch, 1908.

Inicia-se este capítulo com a visita de inspeção do Chefe José Maria de Paula, Inspetor da 7ª Inspetoria Regional, região sul, no Posto Indígena Duque de Caxias, que apesar de estar na condição de uma Reserva, ainda era referenciado como Posto. Suas observações foram repassadas ao Diretor Interino do SPI, José Bezerra Cavalcanti, e uma cópia do seu relatório foi preservada por Eduardo Hoerhann. De Paula iniciou sua fala ao descrever as estradas, cujas construções haviam sido iniciadas em 1928. E quando os trabalhos avançavam, houve interrupções ocasionadas pela falta de recursos e de homens, devido a construção da Estrada de Ferro Santa Catarina (EFSC), que absorveu trabalhadores mais qualificados. As obras foram retomadas somente em 1929 através de novos recursos orçamentários e teve de ser penosamente reorganizados, pois novamente o inspetor salientou o problema de conseguir operários especializados, igualmente em funções menores, como por exemplo, marreteiros que não eram encontrados com facilidade. Conforme o inspetor se informou por entrevistas feitas aos trabalhadores da EFSC, eles recebiam além da alimentação, uma diária de 8\$000, (sendo que uma saca de farinha com 45 kg, custava em torno de 40\$000)²⁸⁹, contra 5\$000, pagos ao um servidor braçal do SPI, em

²⁸⁹ PAULA, José Maria de. [relatório] 5 abr. 1930, Curitiba. [para] CAVALCANTI, José Beserra. Rio de Janeiro. 15f. Relatório sobre o Posto

1932²⁹⁰ sem considerarmos os reajustes anuais e a inflação da década de trinta. De Paula inspecionou as culturas plantadas e constatou que o fumo era cultivado não somente como um produto lucrativo, mas porque também não era saqueado pelos Xokleng que faziam com outros produtos na intenção de vendê-los a estranhos. Sobre eles o Inspetor não teve boas impressões, que citarei apenas uns trechos de sua fala, por ser extensa:

Se o que vi no Posto foi de molde a causar-me grande satisfação, em compensação, foi de verdadeira magua, a impressão que tive do estado de animo dos pobres indios, profundamente trabalhados e formidavelmente suggestionados pelos ignobeis inimigos do Serviço, que, miseravelmente, os tem incitado contra todo o nosso pessoal.²⁹¹

[...] Fallei, em primeiro lugar ao indio Ganhequê, muito inteligente, expressando-se bem em portuguez; sendo mesmo um dos que tem servido de interprete aos outros, nas suas excursões pelas localidades do campo.

[...] Um outro indio disse que ha pouco tempo, estando numa certa casa dum morador do campo, ali tambem se achava um outro individuo, que elle não conhecia e que dissera a todos os seus companheiros (indios), que me conhecia, pessoalmente, em Curityba, e que, de mim ouvira dizer que elles, indios, não valiam nada e que deviam ser tratados como cachorros. Tratei de desfazer, immediatamente, essa mentira infame e ignobil intriga. Indaguei dos signaes ou indicios, pelos quaes pudesse vir a descobrir, não só o tal descarado mentiroso e caluniador como tambem o individuo em cuja casa se passou o facto; mas os indios nada mais adiantaram, e ao contrario, exaltados e irritados, disseram-me, que devia ser assim mesmo, visto como eu não queria que elles

Indígena Duque de Caxias. p.4.

²⁹⁰ Ministerio do Trabalho, Industria a Comercio. Relação do pessoal mensalista e diarista que deve servir no Posto de Índios Duque de Caxias. 7 mai. 1932.

²⁹¹ PAULA, José Maria de. [relatório] 5 abr. 1930, Curitiba. [para] CAVALCANTI, José Beserra. Rio de Janeiro. 15f. Relatório sobre o Posto Indígena Duque de Caxias. p.6.

andassem pelo campo, em passeios pelas casas dos seus amigos, como dizia o tal telegramma, que estava pregado naquella venda.²⁹²

José Maria de Paula abismou-se com a propaganda negativa feita, acerca de sua pessoa e não somente da instituição a qual servia. Com esforços em vão para explicar aos Xokleng que os indivíduos que lhes falaram tais injúrias fingiam ser seus amigos e há pouco tempo eram seus mais implacáveis e sanguinários inimigos. Por tal motivo queriam contaminá-los com seus vícios para vê-los cair em desgraça. Aqueles indígenas argumentaram que deveriam ser livres, para andar por onde gostariam, se embriagar à vontade, não trabalhar no Posto, com a exceção de serem bem pagos, uma vez que o governo detinha a obrigação de sustentá-los e vesti-los. O Inspetor ficou estupefato com tamanha eloquência, como escreveu, não imaginava que os indígenas tivessem essa capacidade oratória. Não somente isso o impressionou:

[...] fiquei verdadeiramente pasmo, de todo o miseravel trabalho de demolição e de perversão que, esses bandidos, pois outro nome não merecem, desenvolveram junto a estes pobres indios; fingidamente os agradando e lisongeando as suas tendencias grosseiras, principalmente para a beberagem, que com tanto esforço verdadeiro sacrificio, o Snr. Eduardo e seus companheiros de Serviço, vem pacientemente procurando combater, durante tantos annos.²⁹³

De Paula se prolongou por muitas linhas na indagação dos vários “porquês” multiplicados por cada constatação no Poinduca. Foi mencionado no capítulo II que o trabalho remunerado de alguns destes indígenas, empregados em obras nas proximidades não receberiam nenhum ato fiscalizador do *Serviço*. A precipitada integração ocorria por iniciativa dos próprios acautelados e aos poucos, descobriam os prazeres do mundo externo: as bebidas alcoólicas, jogos de azar e prostituição, males dos quais não tinham a mínima condição de arcar com as consequências. Quando eram contaminados por enfermidades venéreas, a medicina tradicional não possuía tratamento, logo precisavam do subsídio do SPI. Essa assimilação descontrolada era um dos fatores que mais temia os encarregados, cientes de que estavam cercados por gente

²⁹² Idem. p.p.7-8.

²⁹³ Idem. p.8.

trabalhadora e honesta, como também fanfarrões da pior estirpe, e eram estes últimos mais facilmente encontrados. Pois como sabe-se, eles igualmente fazem parte da “civilização”.

Para os inspetores e encarregados o preparo para o mundo “civilizado” deveria acontecer somente no interior do Poinduca: “Artº 5º A capacidade, de fato, dos índios, sofrerá as restrições prescritas nesta lei, enquanto não se incorporarem êles, à sociedade civilizada”.²⁹⁴ No Poinduca funcionavam pequenas indústrias, como a de olaria para a confecção de telhas e tijolos. A madeireira, com fins de gerar matéria-prima para as obras internas e externas do Posto. No momento, se construía um novo estábulo e estradas eram abertas com frequência, logo, trabalho era algo que não faltava. De Paula observou também as culturas praticadas, com especial atenção ao fumo, que continham mais de mil pés plantados, enfim, foi observada uma comunidade ativa, assemelhada às antigas missões jesuítas que apesar de suas constatações negativas, o Inspetor de Paula concluiu seu relatório:

CONCLUSÃO – Pelo que vi e observei, cheguei á conclusão de que, apesar de todos os contratempos, embaraços e perturbações, de diversas origens e especies, o Posto de Indios “Duque de Caxias”, continua prosperando sempre e mantendo no Estado de S. Catharina o justo nome, com toda a justiça conquistado, de ser uma verdadeira estação experimental e demonstrativa dos modernos processos agricolas.

Devo salientar o esforço e dedicação, aliás já comprovadas em tantas occasiões, do seu digno Encarregado, Snr. Eduardo de Lima e Silva Hoerhan sempre o mesmo funcçionario, inteiramente devotado á sua nobre e patriotica missão, e que ali fui encontrar, com a sua Exmª Senhora e seus filhinhos, luctanto contra a formidavel infecção malarica, que, aos poucos lhes vai minando as forças e a resistencia organica...

O mesmo tambem succedeu ao funcionario daquelle Posto, Snr, Dr. Hugo Straube e sua Exmª Familia; sendo que tambem este funcçionario se tem esforçado para auxiliar, efficientemente, o Snr. Encarregado, nos diversos e arduos misteres

²⁹⁴ Decreto nº 5.484, de 27 de junho de 1928.

da administração daquele Posto.

Termino essa breve exposição do que vi e observei...²⁹⁵

Então estava finalizado o relatório sobre as impressões do Poinduca. Citou-se uma pequena parte apenas porque o relator se estendeu em demasia para repetir o que já foi descrito. Impressionado também deve ter ficado De Paula com a condição de Hugo Straube, que nas últimas linhas, é referenciado como *funcionário*, uma vez que ele, junto de Hoerhann, possuía o cargo de *encarregado de posto*. Straube passava por problemas pessoais, havia se entregado ao uso abusivo do álcool e se viciado em morfina. Dr. Hugo Straube faleceu em Ibirama, em 14 de novembro de 1930, aos quarenta e dois anos de idade. Saía de cena, um dos grandes idealistas, em nível nacional, do Serviço de Proteção aos Índios. Em carta ao seu irmão Guido, Eduardo Hoerhann descreveu suas últimas considerações sobre o amigo:

[...] E, também, vez por vez, creia-me, que – com maior das tristezas n’alma – automática – instintivamente, traço paralelo entre a sua pessoa e a do nosso querido irmão, o qual – obstinadamente resolvido a enganar-se a si proprio – aqui, sempre viveu do expediente de “ganhar tempo”, paradoxalmente esbanjando com isso, todo o seu precioso tempo, e, ainda, dissipando – no modo mais estúpido e lamentável – a sua vida.

Quantas e quantas obras novas, e de incontestável valor científico, poderia ter elle já há muitos annos, publicado e, quantas outras, deviam estar agora em franca elaboração!...

Sejamos, comtudo, justos.

E; já que o nosso querido irmão, tanto apreciava os adágios, os brocardos, os proverbios, os anexins, os rífões, paremias, preceitos, axiomas, aforismos, apophtegmas, proloquios, conceitos, pensamentos, etc., etc. lancemos mão, de um destes preciosísimos rebentos da sabedoria popular, para, -- com a “Vox Dei” – provarmos que, de facto, existe, neste cháos de paradoxos,

²⁹⁵ PAULA, José Maria de. [relatório] 5 abr. 1930, Curitiba. [para] CAVALCANTI, José Beserra. Rio de Janeiro. 15f. Relatório sobre o Posto Indígena Duque de Caxias. pp. 14-15.

uma certa coerencia.

Lá diz o ditado: -- “Em casa de ferreiro, espeto de pau.”

E, ahí está, porque o criador da grande sciencia denominada “Ganhar Tempo” – o homem que, vivendo nos paroxysmos da super-torturante psychose do “ganha tempo” – o perdeu, como ninguem.²⁹⁶

Eduardo Hoerhann possuía apenas ensino médio, mas era um grande entusiasta no aprendizado de línguas e um apreciador de boas leituras. Sua biblioteca contava com cerca de cinco mil volumes e algumas obras datam do século XVIII. Os livros que não foram destruídos nas duas enchentes que atingiram sua casa estão espalhados entre seus decendentes e englobam os mais variados temas: medicina, matemática, botânica, história, engenharia e mais de oitenta tipos de dicionários. Muitas destas obras foram conseguidas através de seu pai que trouxe da Áustria e outras adquiridas no próprio Estado do Rio de Janeiro, conforme informações de inúmeras cartas trocadas. Seu pai Miguel foi um militar culto, sempre citava poetas renascentistas e outros escritores eruditos em suas missivas e publicou um livro sobre técnicas de esgrima com baioneta²⁹⁷, logo apesar da pouca convivência física com seu filho, conseguiu fornecer boa base educacional. Aos quinze anos de idade Eduardo saiu do conforto familiar para seguir uma causa na qual dedicou toda a sua vida. Na carta acima, estava com trinta e quatro anos e com uma boa experiência de vida e bagagem cultural que o fazia refletir em momentos de adversidades e de perdas. Straube provavelmente foi o primeiro e melhor amigo de Hoerhann no SPI e este não conseguiu evitar seu trágico fim. A perda da esposa foi um grande golpe que a vida lhe deu e que o impediu de levar adiante seu trabalho e seus projetos. Abaixo Hugo Straube na época em que estudava em Dresden:

²⁹⁶ HOERHANN, Eduardo. [carta] 14 dez. 1930, Hammonia. [para] STRAUBE, Guido. 1f. Lamentações sobre a morte de Hugo Straube. Obs.: Carta escaneada e repassada por e-mail em 21 mai. 2011. Originalmente pertence ao acervo de Fernando Straube.

²⁹⁷

Disponível

em:

<<http://www.cultura.ma.gov.br/porta/bpbl/acervodigital/Main.php?MagID=37&MagNo=68>>. Acesso em 11 abr. 2010.

Figura 13 - Hugo Straube.



Fonte: Acervo (FS).

Neste começo do ano de 1930, não se pode precisar exatamente em que mês, esteve no Posto o médico Simoens da Silva, para produzir uma etnografia sobre os Xokleng, que resultou no livro *A Tribu Caingang – Indios Bugres-Botocudos*:

Resultado de algumas das observações, por mim feitas, pessoalmente, no princípio do corrente anno, na região dos rios: Plate, Itajahy e outros, em grande parte, Municipio de Hammonia, do Estado de Santa Catharina, entre os Indios da – Tribu Caingan – vulgarmente, conhecidos por: “Bugres” ou “Botocudos”, internando-me o quanto possível pelo centro federal de protecção aos mesmos, denominado: Posto Duque de Caxias.²⁹⁸

Simoens da Silva realizou medições físicas dos indígenas, altura, crânio, caixa torácica, e também, hábitos e costumes, lendas, e economia. Escreveu um pequeno histórico da doutrinação, dos hábitos alimentares, do território tradicional e do idioma. Dentre suas anotações elegemos duas um tanto interessantes:

Não consentem que, quem quer que seja bata nas crianças da tribu, inclusive, as proprias mães, que

²⁹⁸ SILVA, Simoens da. **A Tribu Caingang. Indios Bugres-Botocudos. Estado de Santa Catharina – Sul do Brasil.** Rio de Janeiro: Officinas Alba Graphicas, 1930.p.9.

ficam proibidas pelos maridos, que as castigam, com severidade: pois dizem ser os filhos dos Paes, por sahirem d'elles primeiramente e depois das mães, que os parem. (É o principio do *semen* a prevalecer); isso observado entre os chamados “selvagens”!

Não dão a menor importancia a dinheiro, d'isso sabendo e podendo eu affirmar, porque dei a diversos d'elles, tanto a homens como mulheres, moedas de prata dourada dos valôres de 500 réis e 1\$000 réis e de nickel, de 200 réis e 400 réis, que foram recebidas sem o menor agrado e conservadas nas mãos, com certo espanto ou desconfiança, sem saberem o que fazer das mesmas; passando-as, em seguida, a outros companheiros de tribu.²⁹⁹

Anotou-se uma versão bastante avançada da concepção *entre os chamados selvagens*, que por ela formulavam a base da educação em seus filhos, sem a necessidade de castigos físicos. Por outro lado, Simoens da Silva escreveu sobre a não valorização do dinheiro por parte daqueles indígenas testados. A seguir o médico Simoens Silva entre os indígenas que observou.

Figura 14 - Médico Simoens da Silva ladeado por duas moças sob a observação de Hoerhann, ao fundo.



Fonte: Acervo EKS.

Exatamente como Bartomeu Melià escreveu a educação indígena não necessita de alfabetização, pois os ameríndios se autoeducaram por

²⁹⁹ Idem. p.15,

séculos, e mantiveram sua forte herança cultural através da oralidade.³⁰⁰ Esta educação desenvolvida por gerações torna-se imprescindível para manter o entendimento com a natureza sem agredir o meio-ambiente e viver em harmonia numa sociedade cooperativa. Sociedade na qual os mais jovens desde tenra idade se ajustam sem sofrer castigos físicos, sobretudo porque aprenderam desde cedo a respeitar todos os mais velhos, caso contrário, a convivência social entre os indígenas jamais atingiria o equilíbrio. Décadas atrás, Jeremias Gonçalves quando sequestrado e adotado pelos Xokleng, presenciou sua mãe indígena ser repreendida por seu marido, o cacique. Este a julgou incompetente porque não conseguia educar o menino cativo para que se tornasse um verdadeiro membro daquela sociedade.³⁰¹ Ou seja, Gonçalves necessitava da educação de sua mãe, aprendida e repassada há gerações para que ele se tornasse um autêntico Xokleng, logo, deveria esquecer suas origens no povoado onde nasceu. Resquícios desta educação puderam ser observados e analisados por Simoens da Silva no início da década de trinta, o que nos mostra que a eficiência da tradição oral se mantinha presente. Num dos povos americanos que por centenas de anos foram descritos como sem fé, sem lei e sem rei. Segundo Marilena Chaui foi entre 1920 e 1930 que o Brasil entrava no primeiro momento da industrialização em São Paulo, no qual forças dominantes foram compostas e entrou em cena a burguesia industrial. No mesmo tempo um grupo modernista criou um novo movimento cultural e político verdeamarelista e dele foi gerado o apoio ao nacionalismo da ditadura de Getúlio Vargas, como é o caso da obra de Cassiano Ricardo e do fascista e romancista brasileiro, Plínio Salgado.³⁰²

Simoens da Silva esteve presente no Poinduca no tempo em que o povo observado não possuía nomenclatura definida cientificamente: “Tribu Caingang, bugres, botocudos, índios,” utilizou toda taxionomia existente até o momento. Isto pode ter sido realizado propositalmente para que seu livro chamasse a atenção da comunidade científica, que ele tratava de um grupo ainda não estudado, o qual necessitava de análises mais apuradas, com metodologia antropológica. Afinal, Simoens da Silva era médico e por tal motivo, empenhou-se em registrar medições

³⁰⁰ MELIÀ, Bartomeu. **Educación Indígena y alfabetización**. Assunção: CEPAG, 2008. p. 7.

³⁰¹ GONÇALVES, Jeremias André. Texto de DEEKE, José. Sob o domínio dos Botocudos. **Blumenau em Cadernos**. t. XL, n. 4, abr. 1999. p. 38. Trad. de Edith Eimer e Niels Deeke.

³⁰² CHAUI, Marilena. **Brasil. Mito fundador e sociedade autoritária**. p. 35.

físicas e anatomia indígena, principalmente fotos dos corpos femininos, que podem ser vistas na obra *Xokleng – Memória Visual*, de Coelho dos Santos.

Nos relatos do viajante alemão Plüschow está descrito que existiam dois grupos distintos: dos em via de integração e daqueles que se mantinham semi-isolados, do mesmo modo que anotou o jornalista Guimarães em 1926, daquela classificação de *trabalhistas* e *antitrabalhistas*. De Paula relatou em 1930 a incorporação de indígenas nos trabalhos braçais nas áreas limítrofes do Poinduca e agora Simoens da Silva descreveu que o grupo observado, não sabia valorizar as moedas que receberam. Este desprezo às moedas nos faz pensar que os semi-integrados só interessavam ao SPI, porque eram estes que, supostamente, estavam mais dispostos ao contato com o mundo externo. Pelo relatório elaborado por De Paula, muitos Xokleng possuíam contato com dinheiro e por consequência sabiam o seu valor. O antropólogo Jules Henry, quando lá esteve, entre dezembro de 1932 a janeiro de 1934 anotou em seu prefácio:

*Since 1914 when de Kaingang were pacified and localized at Duque de Caxias epidemics have reduced their number from between and three and four hundred, and a number of changes come over their culture. Until 1914 the Kaingang robbed and killed the Brazilian colonists, but now they live in peace. Under government instruction they have learned till the soil. Both men and women have adopted the clothes of the whites and the men have cut their hair and discarded their typically male ornament, the lip plug. The young men use fire arms exclusively; one man about sixty uses only bow and arrow; the other men over forty alternate between bow and arrow and gun.*³⁰³

Jules Henry deve ter contado este número de 106 indivíduos, entre os que estavam aldeados no Posto e recorria aos mais velhos quando almejava estudar resquícios da cultura dita tradicional. Na citação acima, ele percebeu através da opção em usar armas de fogo, arco e flecha ou alternar ambas, pela questão da idade. Muitos indivíduos se mostravam dispostos em manter o máximo possível do que consideravam como “tradicional”, outros mais simpáticos ao “novo mundo” em que nasceram, ou seja, na condição agropastoril incentivada

³⁰³ HENRY, Jules. Prefácio de sua obra *Jungle People*.

pelo governo. E aqueles, que talvez vivessem em conflito de identidade, pois ora optavam em se “sentirem índios”, ora preferiam ser “civilizados”. Quanto ao número de frequentadores do Posto, já vimos que há contradições, entre os viajantes alemães, jornalistas, relatórios do SPI e o que ficou eternizado por Jules Henry: entre 300 e 400 indivíduos³⁰⁴ contatados em 1914. Coelho dos Santos confirmou:

Bem, há referências que ele contatou com cerca de 400 índios. Era informação dele, aproximadamente. Porque os índios iam e vinham e tal ele também não podia botar numa fila e mandar contar cada um. Acontece que em 1932 quando esse americano fez a pesquisa, ele aí pegou uma convivência de 14 meses, ele pôde fazer um levantamento de quantos índios realmente existiam. Ele encontrou 106 índios Xokleng. Então veja de 400 para 106 no espaço de 14-15 anos, quer dizer, as epidemias especialmente de gripe, varíola e coisas do gênero, liquidaram com essa população em mais de dois terços.³⁰⁵

Agora, aos dados dos relatórios pesquisados³⁰⁶ para este fim: No relatório de 1916 estão anotadas as mortes pela gripe de três adultos e uma menina de oito anos. Pela disenteria uma menina, e de tétano uma mulher com idade aproximada de quarenta anos e totalizou seis óbitos. Em 1917 uma criança faleceu por mordedura de cobra e, em 1918, uma menina de dez anos aproximados, cuja *causa mortis* não foi anotada. No mesmo ano, faleceu também um indígena com idade avançada e uma mulher por acidente ofídico. Em 1919 foram vitimados pela gripe quatro homens, duas mulheres e seis crianças. A doença também matou o capitão João Priprá (comumente chamado de Jango) e seu filho. No ano de 1920, faleceram duas mulheres, uma delas idosa e duas crianças do sexo feminino, mas os motivos que as mataram não estão descritos. Pela gripe faleceram cinco indígenas, quatro homens e uma mulher. Em 1921

³⁰⁴ 300 a 400 indivíduos é uma margem confusa que dificulta precisar qualquer resultado.

³⁰⁵ SANTOS, Sílvio Coelho dos. Entrevista concedida a Rafael Hoerhann, 23 jul. 1999. **Blumenau em Cadernos**. t. 50, n. 5, set/out. 2009. p. 90.

³⁰⁶ HOERHANN, Eduardo. Relatórios do Posto Plate: 1916, 1917, 1918, 1919 e 1920 e relatórios do Posto Indígena Duque de Caxias: 1921, 1922, 1924, 1925, 1927 e 1943.

uma criança morreu em virtude de uma queda. Não há mais detalhes sobre este acontecido. Em 1922 faleceram quatro crianças, uma mulher e uma idosa aparentemente por broncopneumonia. Em agosto um rapaz de nome Rexá afogou-se ao tentar atravessar o rio Itajaí em frente à barra do rio Plate. Há a observação que Rexá sempre foi muito obediente e trabalhador, o que nos faz pensar que o Encarregado lamentava com maior pesar, mortes de pessoas trabalhadoras e obedientes. No mês seguinte, faleceu uma criança de seis anos. O relatório de 1923 está em condições precárias e de complicada leitura e, portanto resolvemos ignorá-lo neste necrológio. No ano de 1924 faleceram três idosos vitimados pela gripe, dois homens e uma criança do sexo feminino. Em 1925 morreram onze Xokleng em decorrência da gripe e João Ribeiro, funcionário não indígena. No mês de setembro uma criança indígena foi assassinada pela própria tia, pois na ocasião comia barro o que fez a homicida perder sua sanidade e sufocá-la com o material argiloso. Está anotado que a indiferença demonstrada pelos Xokleng sobre este crime assustou muito o Encarregado do Posto. O relatório de 1926 não foi preservado, porém em 1927, não está registrada nenhuma morte. No relatório de 1943, ou seja, dez anos após a estada de Henry no Poinduca, registrou-se a presença de duzentos e quarenta e nove indígenas e nove mortes por diversas doenças. Registrou-se o comparecimento e não a totalidade dos indígenas acampados nas redondezas do Posto. Ou seja, mesmo com os óbitos houve um considerável aumento populacional desde 1927, em virtude dos nascimentos ocorridos no Posto.

Em fevereiro de 1916, por exemplo, anotou-se a estada máxima de cento e cinquenta almas. Em agosto de 1927 registrou-se a presença de duzentos e dois indivíduos. Nestes relatórios pesquisados, cujos anos foram citados acima, raramente o número de frequentadores indígenas no Poinduca ultrapassou a duzentas pessoas. Com exceção de setembro de 1925 no qual registrou-se o comparecimento de duzentos e seis Xokleng e em agosto de 1927. Digamos que foram contatados cerca de trezentos indivíduos em 1914, pelos dados de 1916, um terço já havia sido “dizimado”. Mais próxima da chegada de Jules Henry em fins de 1932, aquele viajante alemão constatou um número aproximado de trezentos indígenas viventes nas condições já explanadas. Em 1939: “[...] desde sempre conhecida pelos nomes de “Bugres” ou “Botocudos” de Santa-Catarina. Atualmente seu número atinge a 366 indivíduos, de ambos os sexos e de todas as idades.”³⁰⁷ Entre 1916 e 1943 dentro dos

³⁰⁷ HOERHANN, Eduardo. [carta] 17 ago. 1939, Ibirama. [para] Encarregado

anos analisados, houve um total de sessenta e um óbitos, entre Xokleng, Kaingang e um trabalhador não indígena, das mais variadas enfermidades, acidentes e homicídios. Pode-se supor que um grande grupo de quatrocentos indígenas aproximadamente, em vias de fato, foi contatado em 1914, mas contaram-se apenas os adultos, ou suas mulheres e crianças também? Coelho dos Santos, já devidamente citado, escreveu que existiram outras facções de Xokleng que se dispersaram. As afirmações nos levam a pensar que poderiam essas facções em algum momento ter se reunido no ano de 1914, o que fez supor aquele valor numérico eternizado por Henry, que, possivelmente repassado e até mesmo aumentado pelo próprio Eduardo Hoerhann. Em tese, maior número de indígenas aldeados significava menor possibilidade de contatos com o mundo externo, e o SPI naquela fase de descrédito pela opinião pública, precisava ter o moral recuperado para dar continuidade ao seu projeto de nacionalização.

Jules Henry registrou apenas cento e seis (quarenta crianças, nove homens e quinze mulheres acima de trinta anos, vinte e sete homens e quinze mulheres acima de cinquenta anos.)³⁰⁸ Será possível que pereceram noventa e seis indígenas por moléstias num espaço de cinco anos (1928 – 1933) e que dez anos após a visita de Henry a população do Posto aumentou em mais de cento e quarenta almas? Não, a população indígena do Poinduca aumentou entre 1927 a 1943, dentro das condições possíveis de qualquer grupo humano, sem uma “explosão” de nascimentos, nem decréscimo populacional. Seus descendentes superaram em dias atuais, mais de dois mil indivíduos. Este “genocídio” anotado por Jules Henry, repetido por décadas e por gerações de antropólogos, etnólogos e historiadores é mais passível de especulações do que por conferência de dados. Bastava ir à reserva em qualquer período da época de Hoerhann ao advento da FUNAI e perceber que a população Xokleng aumentou consideravelmente.

Jules Henry chegou ao Posto Duque de Caxias em fins de 1932. Sua presença pode ser reafirmada pelo teor do documento abaixo:

C E R T I F I C A D O, que o portador dêste, Senhor Dr. Jules H. Blumensohn, cientista norteamericano, enviado ao Brasil pela COLUMBIA UNIVERSITY, da cidade de Nova-York, com a devida permissão do Governo da

do expediente do SPI em Curitiba. 1f. Informações acerca dos indígenas no Poinduca.

³⁰⁸ HENRY, Jules. Prefácio.

República, há seis meses se acha neste POSTO, em missão científica, realizando acurados estudos etnográficos acêrca dos indios Botocudos deste Estado.³⁰⁹

Desta estada no convívio com os indígenas, resultou na obra *Jungle People* e no artigo *A preliminary sketch of the kinship and social organization of the Botocudo indians of the Rio Plate in the municipality of Blumenau, Santa Catarina, Brazil*.³¹⁰ Nesta tese não iremos nos ater a tais escritos para podermos melhor explorar, a troca de cartas após a sua estada no Posto, com Curt Nimuendajú, Eduardo e Francisca Hoerhann.

Na época deste “certificado” Henry trocava cartas com Nimuendajú, mas não podemos saber quem iniciou a correspondência. Todas as cartas estão em língua portuguesa, que vez ou outra aparecem expressões ou frases, tanto em alemão como em inglês. No entanto, já nas primeiras missivas, Henry decepcionou-se ao encontrar os Xokleng em um avançado estágio de ‘perda cultural’ como Nimuendajú, considerou:

Lamento muito que os estado de deculturação dos Botocudos de Santa Catarina não lhe permita mais um estudo completo como o Snr. Desejava. Acho, porém, difícil encontrar uma tribu nas condições exigidas pelo Snr., que conserve viva a sua cultura em toda linha. Hoje, no Brasil, os indios ainda assim conservados, ou se encontram em alguns poucos pontos de difficilimo acesso, -- a região fronteira com aa Venezuela e as Guyanas estrangeiras -- e, alguns centros no Norte de Mato grosso, por ex. --ou, eles mantêm-se numa atitude francamente hostil a todo e qualquer estranho. Todas as tribus pacificas e de facil acesso que eu conheço, estão, mais ou menos, deculturadas. [...] O encarregado de um destes postos, Miguel Silva, tem, por sua vez, feito duas entradas até as aldeias dos Urubús, que se acham em tres grupos, entre os rios Gurupy e Pindaré. As aldeãs, são

³⁰⁹ HOERHANN, Eduardo. “Certificado” de presença do cientista Jules Henry no Posto Duque de Caxias”. 23 mai. 1933.

³¹⁰ BLUMENSOHN, Jules H. Um esboço preliminar da organização de parentesco e social dos índios Botocudos do Rio Plate, no município de Blumenau, Santa Catarina, Brasil. **Boletim do Museu Nacional**. Rio de Janeiro, 1936.

pequenas, mas, o numero total de Urubús parece consideravel. Ésta tribu, seria, talvez, a unica, do meu conhecimento, que eu lhe poderia recomendar para um estudo, com alguma probabilidade de exito.³¹¹

Jules Henry não imaginava o nível de integração que parte dos Xokleng sofria no início da década de trinta e por tal motivo buscava outras opções de estudo em comunidades “menos contaminadas” e recorria aos informes de Nimuendajú, o responsável desta desestimulante missiva.

Figura 15 - Curt Nimuendajú.



Fonte: Do sítio: <http://www.etnolinguistica.org/imprensa2003>. Acesso em 11 jul. 2012.

Em 1933 os meios de transportes de Santa Catarina até o Pará, não eram muito rápidos, confortáveis e baratos. Só este fator, já poderia ter servido de argumento a Henry, de permanecer onde estava, ou seja, no Poinduca. Os indígenas do Brasil passavam por um processo de integração a aos poucos abandonavam seus costumes. Principalmente na década de trinta, a vanguarda nacionalista de Vargas estava por se formar³¹². A comunicação entre esses dois cientistas fez com que

³¹¹ NIMUENDAJÚ, Curt. [carta] 17 jul. 1933, Maranhão. [para] HENRY, Jules. Ibirama, 2f. Situação dos indígenas brasileiros.

³¹² Em três de outubro deu início da Revolução de 1930, movimento político e militar com adesão popular que resultou na deposição do presidente Washington Luis e na ascensão de Vargas à presidência. Levantes militares ocorreram em

Nimuendajú alimentasse sua curiosidade acerca dos Xokleng e que voltasse suas perguntas a Hoerhann. E este, talvez sem a ciência de Henry, apostava no êxito do antropólogo e seus estudos com os Xokleng, para que ao menos ele os nomeasse devidamente, antes do desaparecimento desta sociedade indígena:

É minha opinião, que, enquanto foram mantidos os hábitos primévos, a Paz e Harmonía, reinávam, entre os “Botocudos”; e, realmente, também ésta então vultuosa tribo, “vivia econômica e socialmente bem equilibrada”. Entre os três grandes grupos origináis, havia, reciprocamente, acato, respeito, simpatia. Estou hoje, convicto, de que a decadência e o extermínio da grande Nação Botocuda, não coube ao máldito “Civilisado”. É inegável, que – acidentalmente – este, cooperou, apressou, mesmo, a chegada do “finis”. Também é dura verdade, que, escolhidamente, o maior, o mais terno, sincero, e dedicado AMIGO dêles, obsequiou-os com o TIRO DE MISERICORDIA! (Refiro-me á pacificação.) Quer me parecer, que, com as transformações supra-citadas, verificou-se um completo abastardamento da raça. Fato, mais que provado, é que desapareceu inteiramente, o sentimento de tribo. Sumiu-se a estima e o respeito mútuos. Os grupos, subdividiram-se em bandos. Logo em seguida, êsses bandos, começaram a guerrear-se, entre sí. Dentro em pouco, a matança de “Botocudo” por “Botocudo”, tomava proporções inacreditáveis. Tornaram-se seus maiores, os seus mais ferózes inimigos.³¹³

Segundo a opinião de Hoerhann, os grupos de Xokleng começaram a entrar em decadência quando desrespeitaram as regras exógamas, ou seja, os casamentos entre grupos distintos foram abandonados e isso gerou a perda do “sentimento de tribo”, no qual os Xokleng não se reconheciam mais como grupos irmãos e passaram a se exterminar, o que lhes fez perder também, a variedade genética de seus

diversos estados do país. Tropas partiram do Rio Grande do Sul em direção ao Rio de Janeiro. In: D'ARAÚJO, Maria Celina. (org). **As instituições brasileiras da era Vargas**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999, p.191.

³¹³ HOERHANN. Eduardo. [carta] 1933, Ibirama. [para] NIMUENDAJÚ, Curt. Belém do Pará. 7f. Aspectos culturais dos Xokleng.

descendentes. Fato este que Hoerhann chamou de “abastardamento da raça.” Nimuendajú deu seu consentimento sobre o assunto:

O Snr pelo menos conseguiu reunir todos esses bandos hostis num só nucleo; a hostilidade entre os mencionados seis bandos dos Nyakfã-téye-agn de São Paulo, pelo menos entre certos delles, era tão profunda que o Serviço de Protecção aos Indios não julgou conveniente fazer com elles o que o Snr fez com os Botocudos, e foi preciso estabelece-los em dois nucleos separados.³¹⁴

Aqui se mostra claramente que o SPI não obtinha nenhum conhecimento do que se prestou a realizar. Não se possuía o conhecimento, ou talvez se ignorasse que os Xokleng eram subdivididos em grupos hostis e, portanto, não deveriam ser aldeados no mesmo local. Contudo, na visão do encarregado, a pacificação e todo o processo integracionista promovido pelo SPI, pode ser considerado um mal necessário, uma vez que integravam indivíduos já desintegrados de sua própria sociedade. Nimuendajú destacou seu próprio conceito de civilização:

Que os indios do Brasil fossem uma grande desillusão para o Snr. Blumensohn eu acho muito natural: Elles o são para os proprios brasileiros, quanto mais para um estrangeiro.

... Nunca vi nelles “os nossos infelizes irmãos das selvas” nem esperei de encontrar Perys. Sempre achei que elles tinham pleno direito de ser assim como elles são. Vou para o meio delles não para ensinar mas para aprender, porque sou sobretudo ethnologo. Para mim a cultura humana pode tomar – enquanto as culturas das diversas tribus de indios são outratantas (sic) formas diferentes apenas. Estou portanto isento do fanatismo por aquillo que vulgarmente por aquillo que vulgarmente se chama “A” civilização, e em consequência olho com mais carinho e comprehensão as culturas primitivas dos indios. Nisto não ha nem pieguice nem sentimentalismo. A verdade dura é para mim que uma cultura, mesmo que primitiva mas nascida do character

³¹⁴ NIMUENDAJÚ, Curt.[carta] 16 dez. 1933, Pará. [para] HOERHANN, Eduardo. Ibirama. 6f. Questões sobre identidades indígenas.

mais íntimo de uma tribo é mais estética que uma civilização criada e mantida a força de decretos.³¹⁵

Se Rondon tivesse conversado com Nimuendajú de criar o SPI-LTN, provavelmente muitos dos esforços não teriam sido em vão. Cada fragmento de suas cartas tornam-se verdadeiras aulas de humanidade, de compreensão e respeito às sociedades indígenas. Certamente o SPI teria tomado outro rumo, com orientação profissional de quem realmente saberia lidar com culturas distintas. Um personagem que saiu de seu país para se dedicar às comunidades indígenas brasileiras, que em cartas falava do seu cansaço em relação a Europa e suas “civilizações”. É provável que buscasse no Brasil o contato com povos mais próximos da humanidade, que não foram contaminados pela civilização competitiva e individualista. Curt Nimuendajú não fez questão de eternizar seu nome de batismo, pois assinava sempre em suas cartas a alcunha recebida dos Guarani-Nhandeva, que deveria fazê-lo sentir quase um membro das sociedades contatadas e estudadas por ele. Sociedades que para o etnólogo deveriam se manter isentas de qualquer alteração cultural que pudesse gradativamente extingui-las. Bastava apenas protegê-las sem a necessidade de conversão. Afinal:

Nimuendaju é mais do que pioneiro da Antropologia indígena brasileira, pois, desde o início de suas pesquisas, se pautou por um método de observação participante e atuante que até antecede a pesquisa de campo de Malinowski, que lhe rendeu justa fama. Nimeunedaju é, se puder haver alguém assim, o pai da Antropologia brasileira dedicada aos estudos dos povos indígenas nos últimos cem anos.³¹⁶

Ao mesmo tempo Hoerhann preparava terreno para Henry, a fim de ser recebido por Miguel Silva, Encarregado do Posto Felipe Camarão em Belém do Pará:

Assim que terminar todos os seus importantíssimos trabalhos aqui, Mr Blumensohn, seguirá para os Estados Unidos, onde permanecerá, talvez, um ano. Voltará, depois, ao Brasil, especialmente, para visitá-lo, aí, entre os

³¹⁵ NIMUENDAJÚ, Curt.[carta] 14 out. 1933, Pará. [para] HOERHANN, Eduardo. Ibirama. 5f. Questões sobre identidades indígenas.

³¹⁶ GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia**. p.184.

seus URUBUS. Verificámos um fato assáz interessante: Quando mostrei sua valiosa carta, Mr. Blumensohn, que de résto – é de uma impassibilidade a toda a próva—perdeu a calma! (O que, verifiquei, pela primeira vez!) Em vóz alta, disse-me, que iria para aí... já, imediatamente! Admiradissimo, perguntei-lhe, porque. Respondeu-me: --“ Porque, de um momento para outro, póde irromper uma epidemia de gripe, e os indios, ficárem reduzidos á metáde. E, eu quéro, preciso, conhecer o maior número possível, -- TODOS!”^{317,}

Henry deveria estar impressionado com a gripe genocída que segundo lhe contaram, havia dizimado boa parte dos Xokleng entre 1914 a 1933 e por isso almejava conhecer o maior número possível de Urubu-Kaapor³¹⁸. Em vésperas de partir do Poinduca, Jules Henry recebeu uma resposta de etnólogo alemão, em referência aos Kaingang do Paraná:

A situação exacta o Snr vê na pequena copia do levantamento do meu itinerario de 1912. Estes toldos e aquelle do Salto da Ubá estavam naquelles tempos ainda relativamente bem conservados. Há uns quatro anos atraz, si bem me lembro, teve justamente este grupo dos Kaingang um grave conflicto armado com as forças da policia do Estado, por causa de uma colonia de Allemães que o governo estabeleceu nas terras delles. Muitos indios foram mortos á bala, e o que foi do resto eu não sei. Provavelmente hoje pouco subsistirá.³¹⁹

Apesar de mais próximos dos Urubu-Kaapor, os Kaingang passavam por complicados conflitos relacionados com suas terras, ou seja, não era um bom momento para um estranho chegar ao local com fins de levantamentos etnológicos. Henry a esta altura, já devia ter

³¹⁷HOERHANN. Eduardo. [carta] 20 nov. 1933, Ibirama. [para] SILVA, Miguel. Maranhão. 3f. Arranjos para a viagem de Jules Henry ao Posto Felipe Camarão.

³¹⁸*Kaa é mata e Por*, morador. IN: RIBEIRO, Darcy. **Diários Índios os Urubu-Kaapor**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 204.

³¹⁹NIMUENDAJÚ, Curt. [carta] 7 jan. 1934, Belém do Pará. [para] HENRY, Jules. Ibirama, 1f. Sobre os Kaingang.

colhido dados suficientes sobre os Xokleng e estava com as malas prontas para retornar a sua terra natal, onde elaboraria sua tese de doutorado. Aparentemente, pretendia retornar ao Brasil, com informações de outras comunidades indígenas e continuar seus estudos, segundo o que Hoerhann falou de Henry para Nimuendajú:

Depois de ser DOUTOR, formado pela COLUMBIA UNIVERSITY, e conveniente descansado e erfrischt³²⁰, o que êle, espéra, acontecerá, dentro de um, --no maximo-- dois anos, voltará para cá, afim de prosseguir e concluir, definitivamente, os seus conscienciôsos trabálhos. --³²¹

Mas, para concluir trabalhos acadêmicos, os estudiosos deparavam-se com a política indigenista brasileira³²² e a triste realidade da decadência moral dos servidores idealistas do SPI e, sobretudo, a desintegração do indígena. Conforme comentado anteriormente, o Serviço de Proteção aos Índios iniciou seus trabalhos de forma conturbada: em apenas oito anos de atuação perdeu parte de sua função ao retirar o quesito *localização de trabalhadores nacionais*. Uma vez criado para fins de proteção e tutela ao indígena, os *trabalhadores nacionais* permaneceram em seu lugar de origem: se eram nacionais, não foram transferidos para nenhum outro local, a fim de “localizá-los”. Se, tratavam de indígenas, estes ainda passavam por uma complexa transição à nacionalidade, e transformá-los em soldados defensores das fronteiras brasileiras era uma missão militar muito mais complicada e, novamente, sem moldes práticos e eficientes a seguir. Assim como no Posto Felipe Camarão no Pará, no Poinduca em Santa Catarina, as realizações sob as diretrizes do SPI foram, em grande parte, decorrentes daqueles chefes de postos. Ambos sofriam com a falta de investimento adequado e o descaso governamental. Miguel Silva do Posto Felipe Camarão, deixou seus comentários a respeito de sua situação:

³²⁰ Literalmente “refrescado”. Nota do autor.

³²¹ HOERHANN, Eduardo. [carta] 24 jan. 1934, Hamonia. [para] NIMUENDAJÚ, Curt. Belém do Pará. 4f. Jules Henry, Hugo Gensch, Maria Korikrã, entre outros.

³²² Três condições eram indispensáveis à plena aplicação desta política indigenista: verbas suficientemente avultadas para financiá-la; pessoal altamente qualificado para tarefa tão delicada, seja a de controlar um processo social complexo como aculturação e assimilação; suficiente autoridade e poder para se impor aos régulos locais. IN: RIBEIRO, Darcy. op. cit. p. 163.

Como acima ficou dito, desde 1911, que venho lutando pelos nossos selvicolas, vinte e poucos anos de serviço não é tão pouco (uma existencia) e, dos encarregados dos Postos deste serviço, eu sou o menos contemplado, avalie pois, o caro coléga, que meu ordenado é igual aos dos capatazes, dos Postos de Maracassumé, Pedro Dantas e do Tocantins. Eu que tenho toda a responsabilidade sobre os ombros, que muito tenho me esfocado e lutado para o bem estar dos nossos selvicolas, ganho somente 400\$000 mensaes igual a um capataz de outros Postos, ao paço que, encarregados dos ditos Postos, com menos de 10 anos de serviço, sem nenhum serviço prestado a nossa causa, ganham 500\$000 mensaes.³²³

Percebe-se na missiva citada que alguns postos de atração nas regiões do Maranhão e do Tocantins apresentam situações melhores na visão de Miguel Silva. Exatamente para alguns funcionários que em sua opinião, não possuíam *amor à causa*, que pouco ou nada fizeram por ela. Em Santa Catarina a substituição de funcionários com a exceção da liderança, era uma prática muito presente nas correspondências analisadas. Não eram muitos os candidatos dispostos a conviver com indígenas, distantes dos centros urbanos, deveriam trabalhar pesadamente e ainda esperar meses para receberem seus salários. Frente a isso, as reclamações de maus exemplos de funcionários aconteciam constantemente. Eram substituídos todos aqueles que bebiam em demasia, não executavam seu trabalho de forma ordeira e útil e, sobretudo, que pudessem transmitir hábitos comportamentais negativos aos indígenas. Os Xokleng como novos cidadãos brasileiros, deveriam ser trabalhadores agrícolas autossustentáveis, livres do alcoolismo, banditismo e demais mazelas presentes nas cidades.

Enquanto isso no Poinduca, conforme está descrito num documento, as reivindicações gerais da década de trinta assolam aquele local. Basicamente os protestos eram os mesmos desde a instalação do SPI em Santa Catarina, a mal fadada falta de verbas:

Já de longa data, as escássas vérbas que têm sido destinádas a este estabelecimento, vêm sendo

³²³ SILVA, Miguel. [carta] 30 jan. 1934, Pará. [para] HOERHANN, E. Ibirama, 3f. Situação do Posto Indígena Felipe Camarão.

diminuídas de ano para ano. Isso, lhe tem acarretado os maiores prejuízos. Prejuízos irreparáveis, que se fazem notar por toda parte e sob todo e qualquér ponto de vista se o encáre. A falta de recursos financeiros, nos tem tolhido, por completo, a possibilidade de ação.

Esperamos e confiamos mesmo, que, com a passágem do S.P.I. para o Ministerio da Guérria, já em 1935, êsse grande mal seja remediádo e o Posto Duque de Caxias, passe, novamente, a ser contemplado com os recursos financeiros indispensáveis, para que póssa, condignamente, realizar seus altos designios.³²⁴

Com a situação ruim no Poinduca e no Posto Felipe Camarão, Hoerhann manteve correspondência com Jules Henry, que já estava a elaborar a sua tese nos Estados Unidos e Curt Nimuendajú, a quem absorvia boas aulas de etnologia. Se por um lado quando falava dos problemas políticos a assolavam a sua função de encarregado, por outro, sua escrita era deveras sarcástica e descontraída ao mesmo tempo, quando direcionada a Jules Henry. Nesta missiva o Inspetor do Ministério do Trabalho, havia solicitado a presença de Hoerhann em Florianópolis para combinar a sua ida aos Postos, Pardo e Chapecó, com fins de inspeção. Hoerhann transmitiu suas impressões ao amigo Jules Henry:

Decididamente, êsse cavalheiro, quer me passár, á mim, a sua investidura de “Inspetor” ... Háí-ángn-ló... só mesmo, para... ir aos Pardos e ao Chapecó... –á minha própria cústa, possivelmente. Terei prazer de ir ao Chapecó, mas, em sua Companhia, Jules. Se o “Glourious”, passou ou não passou, si pássa ou não pássa, para o Ministerio da Guérria ou para a Secção de Submarinos da Esquadra Nacional, não sei e não súbé mais nada.

Na Assembleia Constituinte, o Sr. Alvaro Maia, defendeu uma emenda, relativa á situação dos indios. Mostrou a necessidade de se estabelecer na futura Constituição um regimen de assistencia permanente aos indios. Depois de largas considerações sobre o assunto, em que o orador

³²⁴ HOERHANN, Eduardo. Situação do Posto Duque de Caxias. Sem data.

defendeu o elemento indígena, apresenta uma emenda a respeito, pedindo para a mesma o apoio da Assembleia.³²⁵

Seção de submarinos pode ter sido uma analogia sobre “afundamentos”, situação que se encontrava o SPI na década de trinta. Mas ainda havia esperança tanto nesta mudança de ministérios, quanto a própria constituição de 1934. Porém, os indígenas só tiveram seus direitos garantidos por lei no Estatuto do Índio, de 1973, e o direito à demarcação das terras indígenas, na Constituição de 1988:

Se a partir da Constituição de 1934 passam a haver disposições no sentido de reconhecimento dos direitos nativos à terra, o que por si só tornaria a atribuição de indianidade matéria a demandar maiores cuidados, tais referências não ganhariam, entretanto, um peso instrumental. Só viriam a ser regulamentadas com o *Estatuto do Índio* em 1973, prevalecendo até aí a necessidade da doação jurídica de terras consideradas como devolutas pelas unidades da federação, para que fossem definidas *reservas indígenas*.³²⁶

Jules Henry pretendia retornar ao Brasil no ano de 1935, porém não se mostrava muito disposto em viajar para locais com situação conflituosa. No entanto, ele era a sensação da universidade de Columbia:

Meu caro Eduardo,
Estou cansado de ser “O HOMEM QUE VOLTOU DO BRASIL” Assim sou aqui – o homem que visitou os Índios. Que coisa caccete! E as perguntas! Faz calor no Brasil? Os Índios não podem escrever?! Não teve medo dos Índios? Que comia? Ha mosquitos? A que idade vivem os Índios? Havia acasos perigosos? Que come os Índios? Quantas mulheres tem? Gostavam de V? Quanta gente havia junto com V? Quem pagou as despesas? Ficou doente?
[...]Sabe que ao voltar ao Brasil (e voltarei no ano que vem porque ja tenho o dinheiro) faz

³²⁵ HOERHANN, Eduardo. [carta] 25 abr. 1934, Ibirama. [para] HENRY, Jules. Nova Iorque. 2f. Ida a Chapecó e questões políticas sobre os indígenas.

³²⁶ LIMA, Antonio Carlos de Souza. op.cit. p.215.

questão de dois lugares: O Chapecó, o Maranhão e os Urubus. O mais lógico é o Chapecó assim posso continuar a investigaco (sic) na mesma região. Mas si as condições não permitão – si os Indios estão ainda brabos, ou pacificado há muito pouco tempo; si a situação entre os Brasileiros e os Indios está ainda difficil – não puderia ia ao Chapecó.³²⁷

Na epístola de maio de 1934 Hoerhann contou que no dia 13, foi instalada a Comarca de Dalbérgia: “Estamos, pois, definitivamente, independentes. Nada mais nos prende ao famoso Plumenau! (sic) (Grosste Weltstadt in Sued-Amerika³²⁸). E novamente: Acêrca do “Glorious”, tambem nada. Creio que passará para o Côrpo de Escafandristas da Marinha de Guerra...³²⁹ Em meio a notícias desagradáveis da política nacional, Henry finalmente defendeu sua tese para se tornar Philosophiae Doctor:”

Depois de duas horas deante os meus professores sahi completamente axhausto da sala para esperar a decisao. Depois de poucos minutos me chamaram para dar-me o “good news”. Os professores foram muito agradaveis durante do exame. O Professor Boas³³⁰ foi o ultimo que me perguntou – mas fui tao cansado de tanto pensar e fallar que so por meio dum esforço grande consegui responder-lhes com phrases coerentes. Mas foi um esforço stupendo! Sabe com e, nao e? E preciso dizer uma coisa exactamente como e, com exactamente as palavras proprias. Si se usa

³²⁷ HENRY, Jules. [carta] 1 jun. 1934, Nova Iorque. [para] HOERHANN, Eduardo. Ibirama. 2f. Planos para 1935.

³²⁸ “Maior metrópole da América do Sul.” Tradução do autor.

³²⁹ HOERHANN, Eduardo. [carta] 20 mai. 1934, Ibirama. [para] HENRY, Jules. Nova Iorque. 1f. Criação da comarca de Dalbérgia entre outras questões políticas brasileiras.

³³⁰ Franz Boas, orientador de Jules Henry nasceu na Alemanha em 1858, onde em 1877 começou a estudar física. Com o passar dos anos, Boas interessou-se por geografia, mudou-se para Nova Iorque e logo e foi para a ilha de Baffin no Canadá, onde passou um ano com os esquimós. Foi nos Estados Unidos que Boas se aprimorou como antropólogo ao estudar grupos indígenas e ajudar na fundação da revista acadêmica *American Anthropologist*. IN: CASTRO, Celso (Org). **Franz Boas Antropologia Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010. Páginas 7,8,9 e 10. Nota do autor.

uma palavra que não pertence a phrase perde sentido completamente. Imagine fazendo isso sob o chicote ! Agora compreendo o “cross-examination” (não sei a palavra portuguesa: “cross-examination” e o processo de perguntar ao testemunha num processo).

Ha uma mulherona, professora no Collegio Barnard, o collegio feminino de Columbia. Aquelle bocadodeleitavel (sic) de femininidade, com cara de pedra -- não marmore.... GRANITO! -- tem o talento especial de fazer perguntas estupidas. Ella entrou numa discussao comigo e ficou tao confuso que o Professor Boas e o assistente delle entraram no meu lado CONTRA ELA ! Imagine so! Que vergonha!³³¹

Ainda em agosto Hoerhann enviou outra carta a Henry sempre para mantê-lo informado das situações políticas do país, e claro, para desabafar suas angústias, ao considerar que, nunca escondeu as saudades do amigo estadunidense. Hoerhann foi informado – mas não contou quem o informou – da substituição do Diretor Bezerra Cavalcanti em 25 de maio de 1934. Ao escrever, imediatamente, para o Rio de Janeiro em busca de mais informações, recebeu a seguinte resposta:

O S.P.I. está se escangalhando aos poucos. O tal Gegê prometeu ao Góes Monteiro (General, Ministro da Guérria) na presença do Rondon, fazer a passagem do S.P.I. para a Guérria, mas até agora nada. O tal Otavio Pacheco, que foi nomeado para o lugar do saudoso Bezerra, é pouco menos que um imbecil...³³²

Hoerhann confessou a Henry que de início ficou perplexo com o juízo de seu informante em respeito ao novo diretor. Mas depois que recebeu um questionário *ultraoficial* da nova diretoria, ele se convenceu que o informante havia sido generoso. Entre as perguntas consta:

ESTADO SANITARIO: Mencionar qual o estado

³³¹ HENRY, Jules. [carta] 21 mai. 1935, Nova Iorque. [para] HOERHANN, Eduardo. Ibirama. 2f. Defesa da tese e problemas com verminoses adquiridas no Brasil.

³³² HOERHANN, Eduardo. [carta] 10 ago. 1934, Ibirama. [para] HENRY, Jules. Nova Iorque. 2f. Questões políticas acerca dos indígenas e luto da morte de Hindenburg por parte dos imigrantes alemães.

e as providências que foram tomadas para a sua salubridade e suas necessidades. (Traduza, palavra por palavra para o inglês e meu Amigo terá um exemplo vivo do “estado sanitário mental” do homem!) Páro aqui, para evitar o perigo iminente de me bestificar inda mais.³³³

Entretanto, Henry não era o único que estudava grupos indígenas do sul do país. Esta temática parecia que ganhava mais espaço na cientificidade estrangeira e nacional, e muito disto foi possível pelo interesse de cientistas internacionais escreverem sobre:

[...] foi-me remetido o córte abaixo, de uma Revista alemã de Berlim.

Como se vê, trata-se de uma verdadeira revelação, que muito nos vem instruir acêrca do caráter, dos úsos e costumes do indios Botocudos. Ouso crêr, não ter sido V. o fornecedor dessa preciosa e interessantíssima informação.

Pelo valôr intrínseco da nóta e, também, pela redação, parece-me, tratar-se de mais uma autentica baldusite.³³⁴

Sabe Deus, o que êle, já divulgou, á respeito désta famósa tribu, -que êle, aqui, “im lócus hammoniensis”... tanto estudou!

Para organizar a gramática da língua destes indios, V. dispõe, aí, de todos os recursos? E, a sua tése, foi impréssa? Porque não nos mandou um exemplar? Não o merecemos, por ventura?³³⁵

Na carta de outubro³³⁶, Hoerhann afirmou que Jules H. Blumensohn havia reduzido seu nome para *Jules Henry*, como posteriormente ficou conhecido no meio científico. Também há informações do seu casamento com “Dona Zunia” a quem fez referência no seu *Jungle People*. Henry escreveu que sua dedicação à tese havia

³³³ Idem.

³³⁴ Herbert Baldus foi um antropólogo alemão radicado no Brasil. Estudou vários grupos indígenas e foi diretor do Museu Paulista. In: www.carlosbranco.jor.br. Acesso em 23 nov.2011.

³³⁵ HOERHANN, Eduardo. [carta] 29 set. 1934, Ibirama. [para] HENRY, Jules. Nova Iorque. 1f. Estudos publicados sobre aspectos culturais dos Xokleng.

³³⁶ HOERHANN, Eduardo. [carta] 25 out. 1934, Ibirama. [para] HENRY, Jules. Nova Iorque. 5f. Sobre mudança de nome, Kaingang, Nazismo em Blumenau, etc.

diminuído, devido a empolgação do casamento e por lecionar aulas de lingüística na universidade, que agradavam tanto seus alunos como o professor Boas.³³⁷ Hoerhann comentou sobre as informações obtidas acerca dos Kaingang de Chapecó, cujo levantamento que fizeram, em 1928, o aldeamento constava com 521 almas, que estavam a se dizimar pela varíola, sarampo e gripe, além de alcoolismo presente naquela comunidade. Os Kaingang na época passavam por um processo para se tornarem “pacíficos” definitivamente, pois há poucos anos da data desta missiva, eles ainda praticavam assaltos e dizimavam tropas que ousavam atacá-los. Não há a informação se tais tropas eram de bugreiros ou governamentais. No entanto:

V. querendo ir ao Chapecó, no próximo ano, ainda será possível. Mais tarde, será inútil. As condições atuais lá, não são mais instáveis que em outras partes. Interessante é que na Revista do Museu Paulista, Vol. 6º, consta: -- “Quanto aos Soklengs (sic), não os conhecemos, nem deles temos notícia; sabemos, entretanto, que os selvagens bravios de Santa Catarina, são conhecidos pela denominação de BOTOCUDOS; desconfiamos que falem algum dialeto Guarani: Kaingangues é que eles não são; pois estes, temem-nos POR SUA VALENTIA E BRAVEZA, e deles são inimigos. (Esta informação, foi publicada, por volta do ano de 1900.) V. me desculpe, mas, eu acho que V. deve, tem o dever, de completar o importantíssimo estudo aqui começado. Isso alias, foi o que eu, aqui, sempre lhe disse. Não é, pois, novidade. --³³⁸

Eduardo Hoerhann ainda discorreu sobre inúmeros outros assuntos, pois a carta conta com seis páginas. Falou também das possibilidades de Henry ir ao encontro dos *Urubu-Kaapor*, e lhe contou da burocracia que enfrentaria até a autorização do Diretor do SPI. Na verdade, Hoerhann demonstrava mais entusiasmado do que o próprio Henry, em concluir seus estudos sobre os Xokleng, iniciar outro com os Kaingang e, se houvesse oportunidade e disposição, igualmente estudar

³³⁷ HENRY, Jules. [carta] 5 out. 1935, Nova Iorque. [para] HOERHANN, Francisca. Ibirama. 1f. Assuntos pessoais e profissionais.

³³⁸ HOERHANN, Eduardo. [carta] 25 out. 1934, Ibirama. [para] HENRY, Jules. Nova Iorque. 5f. Sobre mudança de nome, Kaingang, Nazismo em Blumenau, etc.

os *Urubu-Kaapor*. O Encarregado sempre se manteve instruído e íntimo do ato de escrever, mas talvez não se considerava capaz de realizar uma etnologia a respeito aos indígenas sob sua cautela. Nimuendajú o provocava com perguntas e, mais de uma vez o instigou a publicar um livro. Hoerhann estava empolgado com o possível respaldo da tese de Henry, pois o jovem antropólogo era orientando de Franz Boas e havia sido aluno de Ruth Benedict, renomada antropóloga estadunidense. A ciência o manteve vivo, pois do SPI nada mais poderia esperar conforme seu desabafo ao amigo *Julinho*, como, vez ou outra era assim referenciado:

A grande ciência denominada Biologia, nos ensina que – adaptar-se ao ambiente, é condição de vida. Mas, aqui, ao meu vêr, não se trata propriamente de adaptar-se a um novo ambiente, para Vivêr.

Trata-se, positivamente, de mudar de Cemitério, para continuar Môrto. Evidentemente, éssa “adaptação”, não passa de mera formalidade de caráter essencialmente burrocático. Será, talvês, o ressurgimento de uma intenção saturada de pieguice: - a ressurreição de um projéto, já de si fallhâdo, que no país, oficialmente, recebeu o pômposo nome de Serviço de Proteção aos Indios. Esternando nóssas condolências à grande Nação Brasileira, - ao póbrezinho, - ao infeliz defuntinho – desde já, compungidos, podemos dizer: -- Requiescat in pace!

Résta-nos, contudo, um grande – um reconfortante cônsole.

É que, mais tarde, quando alguém, muito interessado, perguntar:

-- Que fim levou o S.P.I.?

Contristadíssimos, os Brasileiros dirão:

-- “Áh!!!..... Morreu na Guérria.”³³⁹

Silvio Coelho dos Santos percebeu em poucas frases, no depoimento a Darcy Ribeiro nos anos cinquenta, que Hoerhann soube avaliar a sua “empresa” de pacificação e integração regional e, além de tudo, se autocriticar.³⁴⁰ Nesta época da década de trinta, o SPI não era

³³⁹ HOERHANN, Eduardo. [carta] 25 nov. 1934, Ibirama. [para] HENRY, Jules. Nova Iorque. 3f. Desabafo a Henry e sobre o Circo Sarrasani.

³⁴⁰ SANTOS, Silvio Coelho dos. op.cit. pp. 75-76.

mais uma inspiração aos seus atos “missioneiros”, a ideologia positivista, tão cegamente seguida, aos poucos foi substituída pela cientificidade vigente. O que ainda não era perceptível, ou talvez negasse tal fato, Eduardo Hoerhann se perceber como representante da política indigenista em Santa Catarina, reflexo direto de suas ações junto aos Xokleng, que os afastou quase que plenamente de sua cultura e ainda não havia conseguido a integração da maneira imaginada no início do século XX. Porém o SPI passou para o Ministério da Guerra, no mesmo ano de 1934, através do Decreto nº 24.700.³⁴¹

As cartas para Henry serviam como terapia para as decepções de Hoerhann. Aparentemente ele encontrou uma pessoa que conhecia a situação nacional da proteção do indígena, em condições de avaliá-las, criticá-las e por fim fazer reflexões que pudessem chegar num mesmo pensamento: os grupos indígenas brasileiros estavam em processo de nacionalização e suas tradições seriam desintegradas. Aprovado o orçamento pela Câmara de Deputados e pelo Senado Federal, imprescindível à sobrevivência do SPI, só faltava a aprovação do presidente da República, mas:

[...] o Sr. Gegê, muito sanfisticamente, VETOU, êsses créditos, sob o pretexto de que O! WUNDER!!! – “a Nação, precisa, tem, que economisár.” – Veja, só, que asnice! O Gegê, que duas semanas antes pompósamente decretára a famosa e rebrilhante Passágem do S.P.I. para a Guéria, mata-o, impiedósamente, “na cabeça”... Para que fez, então, a suntuosa, “Passágem”? Se a Nação precisa economisár, e o deixará, fatalmente, morrer á mingua?³⁴²

Todavia, Eduardo Hoerhann em abril de 1935 entrou em contato com o professor Richard Thurnwald da universidade de Berlim, na intenção de se informar sobre os requisitos necessários para se doutorar. Para isso, enviou inúmeras questões acerca deste doutoramento e explicou a sua condição de viver por mais de vinte anos com um “pôvo nomade e selvagem, uma tribo,” que há pouco tempo, “completamente desconhecida e ignoráda da ciência.” Almejou o Encarregado, escrever sobre a vida e os costumes sexuais daquele povo e também havia solicitado ao professor alemão a opinião sobre o tema proposto e

³⁴¹ LIMA, Antonio Carlos de Souza. op.cit. p.267.

³⁴² HOERHANN, Eduardo. [carta] 19 fev. 1935, Ibirama. [para] HENRY, Jules. Nova Iorque. 3f. Negação de verbas ao SPI, assuntos pessoais, etc.

bibliografia existente sobre esta temática.³⁴³ Possivelmente continuava entusiasmado com a cientificidade que chegou ao Poinduca e com a demora de Henry em se organizar para continuar seus estudos seja com os Kaingang ou com os Urubu-Kaapor. Hoerhann pretendeu se doutorar, uma vez que vivia em pleno “trabalho de campo.” Uma suposição dele nunca ter publicado uma obra referente aos seus protegidos, apenas alguns artigos em periódicos, pode estar diretamente ligada à inexistência de vida acadêmica, uma titulação, que a seu ver, poderia dar um respaldo maior à sua obra. Ou quem sabe, doutorar-se era apenas uma questão de vaidade. Infelizmente não podemos saber se Thurnwald respondeu a carta de Hoerhann, pois até o fechamento dessa tese, o documento não foi localizado, nem ao menos confirmada a sua existência.

Nesse ano de 1935 foi constatado que Henry não viajaria para o Brasil: “Sabemos, agóra, positivamente, que V. não virá em 1935, para cá. O que, entretanto, desde já, V. aí deve assentar, é que, além de terminar os estudos aqui, V., em 1936, seguirá a CHAPECÓ.”³⁴⁴ Essa sugestão pode ter desestimulado a volta de Henry para o Brasil, uma vez que Hoerhann não deveria ter conhecimento, que projetos acadêmicos dependem de trâmites burocráticos e de investimentos. Henry não deveria naquela ocasião dispor de recursos para dar continuidade aos seus estudos, ou aquilo Eduardo considerava merecedor de continuidade. Em fevereiro de 1936 Henry informou que havia recebido uma carta do Miguel Silva, na qual estava descrita um surto de malária e gripe que vitimaram muitos indígenas Urubu-Kaapor.³⁴⁵ Tal tragédia não deve ter lhe chamado muita a atenção, pois na linha seguinte, contou que havia terminado o capítulo sete de sua tese e que um artigo seu “a expressão linguística as emoção” seria publicado no *American Anthropologist*.³⁴⁶

Mas a notícia que desanimou Hoerhann foi constatar por Henry que ele e sua esposa não viriam ao Brasil, também no ano de 1936, pois

³⁴³ HOERHANN, Eduardo. [carta] 22 abr. 1935, Ibirama. [para] THURNWALD, Richard. Berlim. 2f. Informações sobre doutoramento na Alemanha.

³⁴⁴ HOERHANN, Eduardo. [carta] 26 jun. 1935, Ibirama. [para] HENRY, Jules. Nova Iorque. 2f. “Intimação” para Henry vir ao Brasil e comentários elogiosos sobre suas publicações.

³⁴⁵ HENRY, Jules. [carta] 22 fev. 1936, Nova Iorque. [para] HOERHANN, Eduardo. Ibirama. 2f. Miguel Silva e elaboração da tese.

³⁴⁶ Idem.

seus caminhos o direcionaram para a região do Chaco, na parte Argentina com fins de estudar indígenas que lá viviam. Ao receber a carta, Hoerhann respondeu: “-- a área fatal de 12 de Abril! – em que V.nos diz ser mais uma vez necessário mudar de plano... de modo que... – NÃO NOS VISITARÃO! Que pena! Que tristeza inaudita!!”³⁴⁷. Ele escreveu que vivia na pior fase de sua vida, com perseguições políticas e inúmeros pedidos de seus superiores, de providenciar o cessamento dos ataques de supostos indígenas nas regiões de Bom Retiro, informados no telegrama de 30 de janeiro de 1936, e diversos ataques em Anitápolis, descritos no telegrama de 28 de março.³⁴⁸ O Encarregado logo solicitou o SPI no Rio, para que averiguasse a veracidade dos relatos, mas ninguém no alto escalão se mostrou interessado. Em 20 de abril, recebeu outro telegrama que constava a notícia que os colonos Virgílio Oenning e Germano Hincker haviam assassinado um indígena no núcleo colonial e permitiu constatar que, realmente, tratava-se de um guerreiro Xokleng. Hoerhann contou a Henry que o SPI não possuía verbas – grande novidade – para realizar a pacificação deste grupo indígena. O Encarregado lamentou a falta de interesse da instituição a qual servia, que não respeitava nem o próprio decreto³⁴⁹:

Nas zonas habitadas por indios serão instalados Postos que além do amparo e mais funções consignadas neste e no seguinte Capitulo, procurarão especialmente, por meios brandos, atrair os indios que viverem em estado nômade, pacificar os que se mantiverem hostis, reeducar os habituados ao nomadismo pelas cidades e povoados e nacionalizar os indios em geral, especialmente os das regiões de fronteiras.³⁵⁰

Os dirigentes militares do SPI decretavam suas inúmeras normas para manter ocupados os seus subordinados. Em quase vinte anos do desuso da *localização* na sigla SPI-LTN, ainda se mostravam preocupados em nacionalizar indígenas errantes “localizados” nas fronteiras, para que tivessem acesso a uma “reeducação”. O *Serviço* não possuía condições de continuar todo o seu trabalho, em especial aquele

³⁴⁷ HOERHANN, Eduardo. [carta] 2 mai. 1936, Ibirama. [para] HENRY, Jules. Nova Iorque. 3f. Mudança de planos de Jules Henry, ataques de indígenas aos colonos em Anitápolis.

³⁴⁸ Idem.

³⁴⁹ Ibidem.

³⁵⁰ Decreto N. 736, de 6 de abril de 1936.

iniciado na década de dez, como no caso do Poinduca. E com o retorno da instituição ao Ministério da Guerra, ao que parece, reativou-se o espírito militar desbravador em encontrar mais comunidades indígenas que não estavam subjugadas pelo Estado. Ou seja, para produzir decretos o SPI provia de recursos financeiros, mas para buscar aqueles Xokleng em atrito com os moradores locais, os militares não dispuseram de interesse. Souza Lima registra que este período de transição do SPI ao Ministério da Guerra entre os anos de 1934 e 1936, e seu lugar no organograma do Exército, pode ser considerado alicerce de uma estrutura que projetaria os militares na linha de frente das decisões dos poderes estatizados,³⁵¹ logo detinham voz ativa e forte nos assuntos indígenas. Em 1936, Hoerhann lamentou a perda da oportunidade em estudar uma facção Xokleng, relativamente isolada:

Alí (em Anitápolis) com meu concurso, V. poderia do modo mais intenso e eficiente, “GOZAR O ESPETACULO DA VIDA”, observando e estudando de primeira mão, uma parte conserváda e saníssima da tribo que V. aqui estudou e tao bem conhece. Imagine! Poder estudar agora, gente da mesma nação, que se manteve incólume, seguindo á risca, seus modos de vida, habitos e tradições primévas!³⁵²

Mais uma vez Eduardo Hoerhann tentou seduzir Jules Henry ao informá-lo desta situação em Santa Catarina. Principalmente por se tratar de um povo que ao antropólogo conhecia a língua e muito do seu modo tradicional, que poderia facilitar a aproximação para uma pesquisa de campo. Percebe-se que Hoerhann acreditava numa espécie de imobilidade cultural, ou seja, que povos supostamente isolados manteriam suas tradições estáticas, sem qualquer tipo de interreferência ou assimilação. Porém, Henry e sua esposa Zunia, se encontravam nos preparativos para a viagem na região do Chaco. A fim de agradar o amigo, Hoerhann resolveu construir uma caixa enorme de madeira (*caixão*, como está referenciado) para que Henry pudesse levar na sua viagem todos os seus pertences e da esposa. Na mesma carta há a instrução para efetuar a abertura do avantajado baú, e só era possível se tudo fosse seguido passo a passo. O *caixão* seguiu para o Rio de

³⁵¹ LIMA, Antonio Carlos de Souza. op.cit. p. 269.

³⁵² HOERHANN, Eduardo. [carta] 2 mai. 1936, Ibirama. [para] HENRY, Jules. Nova Iorque. 3f. Mudança de planos de Jules Henry, ataques de indígenas aos colonos em Anitápolis.

Janeiro no vapor Carl Hoepecke e foi entregue ao seu destinatário,³⁵³ cuja reação abaixo compartilhamos:

Meu caro Eduardo:

Hontem vi o caixãozãozão (sic). Que maravilha! E que conforto será para nos no Chaco. Servirá para guardar muita coisa! E é forte como um forte mesmo. Sabia que o Eduardo faria uma coisa boa mesmo. Direi-lhe mais uma vez o que já lhe diz muitas vezes: a razão de que V. é tão nervoso, tão desgosto com o seu destino é que está num lugar onde não sabem como usar uma pessoa tão inteligente; uma pessôa que sabe tão bem como fazer uma coisa BEM; como fazer um caixãozão! Só nos Estados Unidos ou na Europa poderiam usar um homem como V. Sinceramente!

Cuando paremos na Bahia apreciei para a primeira vez a sua imitação do sotoque (sic) bahiano. Que sotoque ingraçado! No Rio falam como si tivessem a bocca cheia de ameixas; mas na Bahia fallam como si tivessêm a bocca cheia de batata quente.

Bahia de certo é lugar de negro mesmo. Que multidão de negros tem aí! Há muita gente pobre aí também. Parece ser um lugar muito mais pobre do que o Rio. Muita gente aí tem os machos da varíola também.

As ruas aí são muito exquisitos – Gostamos muito dos burros e dos negros e negras carregando grutas, doces, e mais um mundo de coisas nas cabeças. Bahia é uma cidade tipicamente provincial. Rio é mais lindo do que Bahia mas Bahia é mais sincero, não é tão mudada pela influencia estrangeira. Gostamos muito da gente também. Parece uma gente mais alegre do que a gente no Rio. Parece um povo mais simpático.³⁵⁴

A carta serviu para mostrar um pouco de uma personalidade mais conhecida, pelas suas obras relacionadas as comunidades indígenas. Um antropólogo estadunidense que se dedicou a estudar os Xokleng, mas

³⁵³ HOERHANN, Eduardo. [carta] 24 jun. 1936, Ibirama. [para] HENRY, Jules. Rio de Janeiro. 2f. Entrega do caixão para Jules Henry.

³⁵⁴ HENRY, Jules. [carta] 18 jul. 1936, Santos. [para] HOERHANN, Eduardo. Ibirama. 1f. Recebimento do caixão, impressões sobre o Rio e a Bahia.

que, aparentemente se admirou muito mais com o choque de culturas em cidades antigas como a Bahia e o Rio, do que com os indígenas na quase inexpressiva região do Alto Vale do Itajaí da década de trinta. Suas observações acerca destes povos e seus costumes nas capitais visitadas poderiam lhe render uma nova tese sobre grupos humanos das cidades brasileiras. Igualmente a carta serviu para levantar o moral do seu amigo, sempre tão pessimista, triste e adepto do sarcasmo. Em setembro de 1936 Hoerhann recebeu a seguinte notícia:

Pelo menos hoje posso transmitir ao bom Amigo, uma notícia boa, ha tanto tempo esperada pelo Amigo e por mim, a chegada do dinheiro avisado milhares de vezes.

Recebi por intermédio do Banco do Brasil, a importância de

Rs. – 33:600\$000.

ficando por tanto a disposição Sua, Rs. – 10:000\$000, mais ou menos.

Eu não remetto nenhum dinheiro, hoje, porque não conheço o portador, mas, caso Você tem algum pagamento a fazer, eu daqui, mediante ordem, poderei effectuar os mesmos. Por exemplo o Amigo Berg, que deve uma conta de uns 300\$000, me disse que esperava receber dinheiro da Bugerkomission, para liquidar a sua divida para commigo.³⁵⁵

Frederico Schmidt, ou somente Fritz, era um amigo de longa data que recebia o dinheiro do governo destinado ao SPI. Atuava também como um contador que sugeria a condição de como o dinheiro deveria ser gasto, conforme podemos ver na citação. Mal chegava a verba, e parte dela já desaparecia. Sem contar as outras dívidas contraídas pelo Posto. Em 1925, Schmidt possuía o seguinte negócio: *F. SCHMIDT Casa de Fazendas e Miudezas, Ferragens, Loucas, Seccos e Molhados. Torrefação de Café*. E em 1937: *F. SCHMIDT Fabrica de Lacticinios “Margarida”*. Então Fritz pode ter servido a Hoerhann e seu Poinduca, como uma espécie de credor.

Ainda em 1936, provavelmente no mês de setembro, pois Hoerhann comentou de como foi sua chegada aos quarenta anos, Julinho

³⁵⁵ SCHMIDT, Fritz. [Carta] 17 set. 1936, Hamonia. [para] HOERHANN, Eduardo. Caminho dos Caçadores. 1f. Recebimento de verbas pelo Banco do Brasil e surto de tifo.

já se encontrava na cidade de Buenos Aires e de lá enviou suas impressões da cidade, comentadas pelo amigo missivista:

“Vem, muerte, tan escondida,
Que no te sienta venir,
porque el placer de morir
no me vuelva á dar la vida.”
E, assim foi, que, para mim, a “VIDA”... começou aos quarenta!
[...] Gostamos imenso, do seu retrato tirado no trombadilho do Troubadour, com o CAIXÃOZÃO. Você saiu muito bem. O outro, tirado em umas das ruas de Santos, também está bom. Quanto às suas impressões acerca de Buenos-Aires, ainda lhe escreverei. Não posso crer que seja uma cidade tão feia e tão suja, como V. diz ser! Está claro, falta a única coisa que nós, macaquitos de mierda, aqui, temos à beça: La Naturaleza. Mas, é só isso. De resto, Buenos-Aires ES uma cidade formidable.³⁵⁶

Hoerhann filho comentou com Hoerhann pai o seu acidente no dia em que completou quarenta anos de idade. Caiu do terceiro andar de um andaime, no qual escorregou e depositou todo seu peso numa tábua, feita com o miolo do tronco, logo, não propícia para suportar corpos pesados em queda. O resultado disso foi fratura do crânio, do antebraço direito, múltiplas fraturas da mão esquerda, fratura no antebraço esquerdo, contusão e luxação no joelho esquerdo, ferimento por perfuração na perna direita, torção nos pés direito e esquerdo, entre outras escoriações: “Nestes meus 40 anos de existencia, pela primeira vez, perdí, por completo, os sentidos”.³⁵⁷

Em 1937 o Encarregado Eduardo Hoerhann foi solicitado para auxiliar na construção de uma escola na localidade do rio do Palmito, no alto rio Dollmann. Sua função na qualidade de funcionário federal era contatar o prefeito Frederico Schmidt (que não é o Fritz da fábrica de laticínios), explicar a situação de se encontrar no local, quarenta e seis crianças em idade escolar. Assim foi feito e o político prometeu tomar

³⁵⁶ HOERHANN, Eduardo. [carta] 1936 Ibirama. [para] HENRY, Jules. Buenos Aires. 2f. Impressões de Henry sobre Buenos Aires.

³⁵⁷ HOERHANN, Eduardo. [carta] 29 ago. 1937, Hammonia. [para] HOERHANN, Miguel. Rio de Janeiro. 5f. Detalhes mórbidos de seu acidente acontecido exatamente há um ano e sobre livros e revistas recebidos.

todas as providências necessárias para este fim.³⁵⁸ Monczewski respondeu:

Respondido (sic) na sua carta do dia 2 de Maio comunico: que a carta resebi dia 2 de julho. E o que tem mandada nella comuniquei aos moradores e em nome deles agradezo o V.S. por ter trabalhado em nosso favor.

Terminando mais uma veis pedimos V.S. continual aquela acção.

Subscrevo-me com alta estima e consideração.³⁵⁹

Foi solicitado a Ladislau que fizesse um levantamento detalhado das crianças em idade escolar, nomes de seus pais e tudo o que pudesse ajudar na instalação da escola. No dia 13 do corrente mês de julho iria partir de Hamonia com destino a Florianópolis, o deputado Abry Junior e Hoerhann deveria preparar toda a documentação e demais explicações para o político. Hoerhann também pediu para escrever o nome do professor sugerido, de origem polonesa, que se encontrava em Curitiba para uma possível nomeação e também a fotografia da casa na qual iria ser instalada a escola.³⁶⁰ Com o deputado ele lamentou não acompanhar com afinco as licitações, pelos problemas de saúde dos três filhos, mas deixou ao político a seguinte mensagem: “Estou certo de que Você se interessará e garantidamente conseguirá a criação das escolas na já famosa ‘terra que Deus esqueceu’ e que a prefeitura detesta..”³⁶¹

Em outubro, o Encarregado transmitiu a mensagem do deputado Abry Junior de Florianópolis que havia conseguido com o governador Nereu Ramos, a instalação das escolas em janeiro, pois naquele ano a verba estava esgotada. Além disso, foi pedido a Ladislau para comunicar o professor Bolesláu Cwik que em breve ele seria nomeado professor.³⁶² “Imediatamente” Ladislau respondeu a carta ao dizer que

³⁵⁸ HOERHANN, Eduardo. [carta] 2 mai. 1937, Hammonia. [para] MONCZEWSKI, Ladislau. Rio da Prata. 1f. Construção de escola a localidade de Palmitos.

³⁵⁹ MONCZEWSKI, Ladislau. [carta] 4 jul. 1937, Rio da Prata. [para] HOERHANN, E. Hammonia. 1f. Agradecimentos.

³⁶⁰ HOERHANN, Eduardo. [carta] 6 jul. 1937, Hammonia. [para] MONCZEWSKI, Ladislau. Rio da Prata. 1f. Solicitação de informações.

³⁶¹ HOERHANN, Eduardo. [carta] 12 jul. 1937, Hammonia. [para] ABRY JUNIOR, Luiz. 1f. Instalação da escola e problemas pessoais.

³⁶² HOERHANN, Eduardo. [carta] 27 out. 1937, Hammonia. [para] MONCZEWSKI, Ladislau. Rio da Prata. 1f. Notícias da instalação da escola e

havia comunicado o professor Cwik em Curitiba e aguardava a resposta. Aproveitou a ocasião para agradecer: “Em fim, in nome de tuda colonia agradezo a Vs. Senhoria pello serviço a favor do nosso lugar.”³⁶³

Pelo que se consta na documentação analisada, esta foi a segunda vez que populares solicitaram a interferência de Eduardo, na instalação de uma escola. No ano de 1927 na localidade de Caminho dos Caçadores, um paranaense radicado em Santa Catarina desde 1913 contou que havia fundado diversas escolas na região e que necessitava de auxílio para a oficialização de mais uma:

Senhor Eduardo, os vossos méritos descriptos: já pelos jornaes, já pela trajetoria laboriosa, da vossa vida honrosa, de proto-tipo dos humanitários o Patriareha (sic) dos deffensores dos irmãos das selvas, leva-me a confessar-me muito humilde dos vossos amigos e daqui de minha escola, partirei para fazer breve visita a vossa pessoa me sendo permitido.³⁶⁴

Em janeiro do ano seguinte recebeu os agradecimentos abaixo: “Auxiliando-nos na criação da escola de Caminho dos Caçadores, tendes deixado gravada em nossos corações, como nos dessas creanças, a memória de um prestimoso patriota, através dos tempos”.³⁶⁵ Estas experiências serviram para que em fins da década de trinta houvesse um interesse em também proporcionar educação “civilizada” à nova geração de crianças nascidas no Poinduca. Mesmo assim, no ofício circular nº 472 de 10 de agosto de 1937 a única “educação” prevista pra os acautelados, independente do seu grau de assimilação cultural era:

- a) – Dar ao índio habitos de atividade sistemática ou ocupações reguladas e incentivadas pelas contingencias das relações expontaneas ou procuradas com os outros homens com que vivem ou desejam conviver.
- b) - Dar-lhe a noção de comercio, isto é, do modo pelo qual

nomeação do professor Cwik.

³⁶³ MONCZEWSKI, Ladislau. [carta] 12 dez. 1937, Rio da Prata. [para] HOERHANN, E. Hammonia. 1f. Agradecimentos e comunicação ao professor Cwik.

³⁶⁴ SANT’ANNA. Henrique José de. [carta] 31 dez. 1927, Caminho dos Caçadores. [para] HOERHANN, E. Hammonia. 1f. Pedido de ajuda à oficialização de uma escola local.

³⁶⁵ SANT’ANNA. Henrique José de. [carta] 18 jan. 1928, Caminho dos Caçadores. [para] HOERHANN, E. Hammonia. 1f. Agradecimentos.

as trocas das utilidades ou suas aquisições são feitas na sociedade onde vão integrar-se e, completando;

- c) - convem explicar-lhe sempre, que nessa sociedade somente as pessoas invalidas, fracas ou imbeles, e nunca os homens perfeitos, recebem cousas inteiramente gratuitas, ensino muito facilitado por ser o nosso selvicola expontanea e notavelmente muito cioso de sua dignidade de homem.³⁶⁶

O Tenente-Coronel Vicente Vasconcelos foi diretor do SPI entre 1937 e 1943, na qualidade de militar, deve ter auxiliado na elaboração dessas ordens, em apelar para o “orgulho indígena” em não aceitar *cousas inteiramente gratuitas*, do seu maior protetor o Estado. Este acúmulo de conhecimento no tratamento dos acautelados provém de anos de experiências e de relatórios elaborados pelos inspetores regionais, a partir dos seus subordinados, os encarregados de postos indígenas. Em 1930 foi constatado pelo Inspetor De Paula, que alguns indivíduos Xokleng, que deveriam estar internados na reserva, estavam bastante experimentados no uso do dinheiro. Sabiam que os trabalhos no Poinduca não eram remunerados ao contrário da labuta externa. Ao mesmo tempo estavam cientes de que existia a “proteção indígena”, ou seja, que havia o reconhecimento por parte deles, que a União, era obrigada a dar-lhes todo o sustento necessário. Situações como esta podem ter estimulado a feitura destas novas ordens, que deveriam servir de orientação aos encarregados dos postos, sob o olhar supervisionado dos inspetores. Estas seriam a única educação até o momento destinada aos povos indígenas sob a tutela do Serviço.

De volta a correspondência com Nimuendajú, em 1938, Hoerhann o agradeceu por ter enviado um exemplar do *American Anthropologist* que contém um artigo do etnólogo alemão. Nesta carta há a exposição dos possíveis nomes dos grupos Xokleng, que estavam separados na época pré-pacificação, assim como considerável estudo das línguas Kaingang e Xokleng. Apesar de rica discussão o Encarregado não conseguiu esconder seu desânimo em relação a entidade na qual servia:

Éssa dróga, chamada S.P.I., vái de má a pior. Não tem recursos pra náda.

Esse negócio pomposo, MINISTERIO DA GUÉRRRA e ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO,

³⁶⁶ VASCONCELOS. Vicente de Paulo. T. da F. Officio Circular N. 472 de 10 de Agosto de 1937.

é só encenação, -- fitologia. Sérve, exclusivamente, para economizar a táxa postal – de résto... – só para inglês (embriagádo) ver! – Quem fizer o histórico – ou necrológico – do famoso S.P.I., em muito em breve, o poderá resumir, dizendo:

“Coitádo! Vegetou na Agricultura, esfalfou-se no Trábalho e... – morreu na Guérria.”³⁶⁷

Antes que viesse a resposta de Nimuendajú a carta acima, Eduardo deixou registrado contar um pouco do seu cotidiano ao confidente amigo Jules Henry:

Aqui, os últimos meses do ano findo, foram de SÊCA formidável. Toda a plantação de milho, feijão, batátas, aipim, mandioca, etc. etc. ficarám, por isso, p e r d i d a s . Nêste ano, os nossos “botânicos” passarão ainda piór do que habitualmente. Com enorme esforço, eu tinha conseguido que plantassem excepcionalmente MUITO milho; justamente nêssa vez, vem a grande sêca que destrói a produção. Agora eles vingam-se falando mal de mil (sic)...

Dizendo que eu sempre digo que eles não trabálham, são preguiçosos, etc., “mas agora está aí: de que valeu trabalhar tanto, se ainda vão colher muito MENOS do que nos anos anteriores?” Mutatis mutandis, é o clássico (e brasileiríssimo) Prá quê trabaiá...

O “Glorious”... aaah! Nêm queira saber! Es una hermosura, una BELLESA!!! Não gásta UM vintem e, exige cada coisa inverossimil, que só visto!³⁶⁸

O SPI na figura de Hoerhann não estava equilibrado com o que se almejava neste processo nacionalizador. O Encarregado citou o Boletim nº 19, de 10 de agosto de 1937, no 12º artigo, que disserta sobre a criação de uma polícia composta de indígenas, com autoridade de soldados internos detentores de poderes especiais, responsáveis pela

³⁶⁷ HOERHANN, Eduardo. [Carta]1938, Ibirama. [para] NIMUENDAJÚ, Curt. Belém do Pará. 4f. Nomenclatura, questões culturais dos Xokleng e Kaingang e desabafo.

³⁶⁸ HOERHANN, Eduardo. [carta] 11 fev. 1938, Ibirama. [para] HENRY, Jules. Nova Iorque. 3f. Situação do Poinduca,

manutenção da ordem, prisão de embriagados, ladrões e vigilância geral na povoação indígena, como assim já ocorria nos Postos Indígenas do Bananal e Águas Belas: “Formidável não?? Búgre transformado assim, de uma hora pra outra, em ‘Gerdame’...”³⁶⁹ Parecia que os militares no comando do SPI, com receio dos postos entrarem em desordem, pela maioria estar sob a responsabilidade direta de civis, intencionavam criar verdadeiros “quarteis indígenas”, fortemente fiscalizados por estes gerdames. Não era o bastante construir colônias autossuficientes que aos poucos seriam absorvidas pela sociedade local, mas para os militares do SPI, subordinados ao Ministério da Guerra, soldados indígenas eram necessários para manter a ordem. O *Serviço* nesta condição, admitiu sua falibilidade em reconhecer que as próprias reservas criadas, com todos os esforços, em vinte sete anos de atividades, contavam com indivíduos que necessitavam de vigilância e punição para bem viverem de forma harmoniosa. Souza Lima enfatiza que a nacionalização dos indígenas significava um conjunto de ações, inclusive procedimentos pedagógicos com treinamento militar que implicasse uma situação de vigilância.³⁷⁰ Talvez os militares temessem perder o controle sobre os acautelados, pois muitos indígenas absorviam o comportamento de muitos servidores do SPI, que não praticavam o trabalho regrado e não estavam propensos aos esforços físicos. Estava a se formar o tipo de brasileiro caricaturizado por Monteiro Lobato quando criou Jeca Tatu, caboclo paulista representante do indivíduo abandonado pelo Estado, sem saneamento básico e a mercê das mais variadas enfermidades.³⁷¹ Mantê-los sob vigilância e doutriná-los militarmente, parecia ser mais eficaz do que confiar na competência dos chefes de postos integrantes da sociedade civil. Segundo Alcir Lenharo, anos mais tarde Getúlio Vargas em clima de guerra, proclamou no comício de 1942 a seguinte frase: “Soldados, afinal somos todos, a serviço do Brasil.” Era uma estratégia de militarização psicológica, na conversão de trabalhadores em soldados da pátria, que na época havia um significado político se levarmos em consideração a economia de guerra, a qual ocasionava grandes prejuízos aos trabalhadores. Logo, a condição de soldado era prioritária a de trabalhador.³⁷² E por que não utilizar a mesma estratégia aos indígenas? Afinal, eles estavam em vias de se tornarem cidadãos brasileiros e os

³⁶⁹ Idem.

³⁷⁰ LIMA, Antonio Carlos de Souza. op.cit. p.280.

³⁷¹ Disponível em: <<http://www.infoescola.com/biografias/jeca-tatu/>>. Acesso em: 28 jun. 2012.

³⁷² LENHARO, Alcir. op.cit. p.86.

militares possivelmente viram neles ótimas opções para aumentar o contingente das Forças Armadas.

Não obstante, Nimuendajú respondeu a missiva recebida:

Mesmo si os Botocudos no seu actual estado tenham abandonado toda e qualquer organização original e sejam realmente assim com J. Henry os pinta, este tinha a obrigação de expôr que este estado foi precedido por outro caracterizado por aquellas organizações que o Snr esboçou. Não o fazendo, qualquer leitor tem a impressão que os Botocudos sejam um povo em condições sociaes tão primitivos como ainda não foram verificados em caso nenhum até hoje..

... O que não seria uma monographia sobre os Botocudos, si o Snr quizesse empregar em semelhante trabalho com seus conhecimentos adquiridos durante 25 annos de convivencia com essa gente!? – Eu queria ter a eloquencia para convencer o Snr da sua obrigação moral de deixar para a sciencia a documentação deste tezouro!...

... Insisti com o Dr. Herbert Baldus – S. Paulo para que elle fosse fazer um estudo profundo e demorado dos Kaingang, como a ethnologia moderna o exige. Elle já nos deu bons trabalhos sobre os indios do Chaco, mas parece pouco disposto a dedicar-se aos Kaingang.

O pouco que eu mesmo sei delles foi aprendido durante a pacificação dos Kaingang de São Paulo em 1911- 1912 e só serve para atrapalhar. O egualmente pouco que Baldus traz sobre essa tribu no seu “Ensaio Ethnologico” pecca pela fonte duvidosa, pois foi colhido entre uma fracção da tribu já extremamente deculturada...³⁷³

Os escritos que estavam em mãos de Nimuendajú, provavelmente deram origem ao *Jungle People*, que ainda não havia sido publicado e já sofria pesadas críticas. De fato, na obra de Henry, há um pequeno histórico da pacificação, da figura de Eduardo Hoerhann, entre outros aspectos, mas os Xokleng – por ele chamados de *Tribo Kaingang* – foram descritos como se vivessem na cultura tradicional “imóvel”, pré

³⁷³ NIMUENDAJÚ, Curt.[carta] 19 fev. 1938, Pará. [para] HOERHANN, Eduardo. Ibirama. 3f. Ministério da Guerra, Henry (Blumensohn), línguas indígenas, etc.

1914. Novamente Nimuendajú clamou por estudos mais aprofundados sobre os grupos indígenas do sul do país. Apostava no amigo de correspondência, que por motivos excusos, nunca o fez. Nimuendajú comentou o célebre Herbert Baldus ao sugerir que o cientista alemão, não fez um trabalho sob o ponto de vista da etnologia moderna, logo estava a dever uma pesquisa mais apurada, de preferência numa comunidade Kaingang menos contaminada pelo SPI.

No ano das “Bodas de Prata” da pacificação, nove indígenas saíram do Poinduca e se dirigiram a um grande baile no alto Rio Dollmann. Ao final do evento entraram em conflito físico com os colonos presentes. Os colonos acusaram os Xokleng de terem feito no baile um verdadeiro assalto com seus arcos e flechas, saquearem e destruírem tudo, que só não derrubaram o prédio porque os colonos dispararam suas armas. E como salientou o Encarregado, os colonos inventaram essa versão, para se insentarem das responsabilidades da balbúrdia. O resultado, além de inúmeros feridos de ambos os lados, foi a intimação dos nove rapazes para prestarem depoimento. Na comunicação ao Diretor Cel. Vasconcelos, o Encarregado que já havia ouvido a versão dos indígenas no Poinduca, afirmou que a história era a mesma contada na presença do delegado, que descartava a possibilidade de maiores alvoroços em torno deste *pavoroso assalto de bugres*. Hoerhann terminou seu relato e solicitou verbas para sanar estas despesas imprevistas, de hospedagem, medicação e transporte.³⁷⁴

O relato mostra um pouco do controle na liberdade humana de ir e vir. Muitos antropólogos, historiadores e ensaístas escreveram que a Reserva Indígena Duque de Caxias era semelhante a uma prisão, com regime semi-escravocrata. Todavia não contaram que não há referências da proibição aos acautelados de abandonarem o Posto, e, em nenhum momento de sua história, houve controle total das idas e vindas. Primeiro porque tal ato não pertencia à política positivista do SPI. E segundo, mesmo que assim almejassem um encarregado não teria condições de segurar à força mais de duzentos indivíduos armados com lanças, arcos e flechas, porretes e até armas de fogo, como Jules Henry registrou o uso. Não há relatos nem documentos comprobatórios que o SPI desarmou os indígenas. Seus servidores provavelmente sabiam que esta privação poderia gerar revolta. Hoerhann sempre deixou claro em seus relatórios que nunca impediu evacuações de grandes grupos ou

³⁷⁴ HOERHANN. Eduardo. [carta] 10 mar. 1939, Ibirama. [para] VASCONCELOS, Vicente. Rio de Janeiro. 2f. Conflito entre Xokleng e colonos em um baile no Dollmann.

indivíduos que em algum momento de suas vidas se revoltaram com o regime instalado no Posto. Não os impedia porque, sabia que no meio da floresta iriam sofrer privações e, em pouco tempo retornariam, geralmente gripados e famintos. Nunca os proibiu de saírem, também, as suas caçadas, e ao retorno aos pinheirais: “...não convém que seja feita uma visita a este POSTO; e isto, pelos motivos que passo a expor: 1º - Não há índios nos acampamentos. Encontram-se atualmente, nos pinheirais, caçando e colhendo pinhões, que como o Sr. sabe, agora é o melhor tempo.”³⁷⁵ A recusa de uma visita foi direcionada ao representante de Sociedade Colonizadora, que devia estar curioso em conhecer os indígenas. Não era comum toda a comunidade deixar o Posto, então é provável que o Encarregado não estivesse disposto a receber o senhor Aurich. Mas como foi relatado, eles praticavam tais atividades anualmente e jamais foram impedidos de sair do Poinduca para exercer suas atividades de caça e coleta nos pinheirais. Existiram formas de persuadí-los para que não entrassem em contato com moradores locais, principalmente aqueles de má conduta.

Pode-se até supor que algumas situações eram negociadas. A festa tradicional, por exemplo, de perfuração dos lábios dos meninos à inserção do botoque, e a feitura da tatuagem no joelho esquerdo das meninas, não sobreviveu na década de vinte. E não há registros encontrados até o momento, que pudesse sugerir o veto desta festa. Mas as caçadas sempre foram praticadas, pelo menos uma vez ao ano na época da coleta dos pinhões. Uma coisa levava à outra. É possível que esta fosse a tradição mais intensa que lhes restaram, pois esta “Tradição seria uma dimensão temporal da cultura, que se reporta à sua formação no passado. Tradição seria tudo aquilo cultural que uma coletividade reconhece como sendo essencial para sua identidade, e que vincula sua existência atual com o seu passado”.³⁷⁶ Ainda em 1943 está registrado que: “Desde sempre o pinheiral exerceu poderosa influência sobre a psique botocuda. Deixou de ser ‘Pátria’ e passou a concretizar todas as sublimidades paradisíacas”.³⁷⁷

Nas “comemorações da Semana da Pacificação” o credor Fritz Schimdt informou que enviaria a última remessa ao Poinduca, ao considerar que o mesmo estava em débito com ele há três anos e por tal

³⁷⁵ HOERHANN, Eduardo. [carta] 21 mai. 1937, Ibirama. [para] AURICH, João. Ibirama. 1f. Impedimento de visita ao representante da Sociedade Colonizadora Hanseatica.

³⁷⁶ GOMES, Mércio Pereira. op.cit. p. 48.

³⁷⁷ HOERHANN, Eduardo. Histórico do Posto Duque de Caxias. 12 jun. 1943.

motivo, não tinha mais condições de fornecermos mantimentos: “Peço vir aqui o quanto antes para providenciarmos urgente, sobre a liquidação da dívida, passando telegramma até ao Presidente da Republica si necessario for. Acharia bom telegrafar tambem ao General Rondon, pedindo providencias”.³⁷⁸

Aparentemente tranquilo Eduardo Hoerhann respondeu:

Meu caro Fritz

Um forte e cordial abraço.

Sua carta-ultimatum absolutamente não me impressionou, Tout comprendre c'est tout pardonner! Já tomei todas as providencias preliminares, no sentido de que seja liquidada 'in piu presto tempo possibile', éssa dívida.

[...] Não se póde, absolutamente, forçar isso assim, de um momento para outro. Tenho o plano de ataque perfeitamente elaborado espéro, confiante, no seu resultado.

Como homem inteligente que Você, incontestavelmente é, deve porém, compreender, que suspender sem mais aquélas os fornecimentos, na delicadíssima situação em que me encontro, não viria, de modo algum, “melhorar” a situação do seu caso.

[...] Estou certo de que, como sempre, V. ordenará o fornecimento habitual.

Telegrafar, agora, ao Senhor Presidente da República, seria inutil. Teremos, ainda, talvez, de nos dirigir a sua Ex^a, mas com extenso MEMORIAL EXPLICATIVO; só depois disso, poder-se-á, com vantagem, telegrafar ao Exmo^o e Onipotente Senhor Getúlio Vargas.

Rondon, idem. --Néto do Principes (sic) dos Observadôres, não póde ser toupeira.³⁷⁹

“Príncipe dos Observadores” é a alcunha dada ao naturalista Fritz Müller por Charles Darwin.³⁸⁰ Hoerhann evocou o ancestral do amigo

³⁷⁸ SCHMIDT, Fritz. [Carta] 15 set. 1939, Hamonia. [para] HOERHANN, Eduardo. If. Pedido urgente para pagar dívidas.

³⁷⁹ HOERHANN, Eduardo. [carta] 16 out. 1939, Ibirama. [para] SCHMIDT, Fritz. If. Persuasão ao amigo credor.

³⁸⁰ IHERING, Hermann. Fritz Müller. Necrológio. Revista do Museu Paulista, São Paulo, v3, p.17-29, 1898. In: MÜLLER, Fritz. **Para Darwin**. Florianópolis: Ed. da UFSC. Trad. De Luiz R. Fontes e Stefano Hagen, 2009. p.227.

para persuadí-lo a manter o fornecimento de mantimentos ao Posto. Sem o fornecimento de gêneros alimentícios os Xokleng internos passariam por graves problemas, mas o Encarregado confiava em seu plano de ação que falaremos adiante. Há pouco mais de um mês ele havia recebido uma advertência do próprio Cel. Vasconcelos:

Entretanto é lamentável e estranhável que justamente posto Duque Caxias, dispondo excelentes terras e de cinco serventários permanentes á sua disposição, além do seu esforçado e ardoroso encarregado, ainda se encontre, após vinte cinco anos de sua fundação, em estado de penúria e crivado de dividas, dividas essas contraídas sem audiência e autorização desta Chefia.³⁸¹

Realmente nos faz pensar que com a visita do Inspetor De Paula no Poinduca em 1930, o local parecia, apesar do descontentamento de alguns indígenas, bastante promissor e autossuficiente. Mas pelas observações do jornalista Guimarães, a maior parte daqueles que dependiam do Posto para sobreviver, era adepta ao “Partido dos Anti-Trabalhistas.” Ou seja, a maioria dos indígenas não auxiliava nos trabalhos agrícolas, pastoris e nas construções. E aí poderia justificar-se o constante pedido do Encarregado por mais verbas para conseguir sustentar centenas de indivíduos. No mesmo dia do envio da missiva a Fritz Schmidt, Hoerhann despachou um telegrama a Paulino de Almeida que dividia o mesmo cargo de Inspetor Regional, com José Maria de Paula desde 1931.³⁸² Nele consta o seguinte:

Desde que o S.P.I. esteja disposto antender e resolver de módo expedito, eficiente e satisfactório esse vélho problema, seria aconselhavel seguisse e empregásse outros métodos que nos garantiriam pacificação dentro de bréve tempo e dos quaes, baseado minha experiência e conhecimento de causa poderei elaborar todo o plano de ação se o S.P.I. o desejar. pt. É, comtudo, elemental, inelutavelmente, implica despesas pt. Despesas éssas, para as

³⁸¹ VASCONCELOS. Vicente de Paulo. T. da F. [ofício n. 199] 14 set. 1939, Rio de Janeiro. [para] HOERHANN, Eduardo. Ibirama 1f. Chamada à atenção do Encarregado Poinduca.

³⁸² LIMA, Antonio Carlos de Souza. Caderno iconográfico.

quais não me consta existam (sic) verbas pt. --
³⁸³

Não disponibilizavam verbas aos indígenas, contatados há décadas, como era bem sabido, mas o missivista fez questão de escrever ao seu chefe que estava disposto a elaborar um plano de ação para sanar este problema, de longa data, de indígenas errantes nos territórios de Santa Catarina, dentre dos quais, remanescentes foram vistos nas redondezas da Serra do Tabuleiro até meados da década de setenta, conforme Coelho dos Santos publicou³⁸⁴. Sobre o plano de ataque, referenciado ao infeliz Schmidt, Hoerhann contactou um intermediário que enviou uma carta com “memorial explicativo”, ao Gal. Rondon. Esta pessoa era Adolpho Konder ex-governador de Santa Catarina, na ocasião, residente no Rio de Janeiro: *Quando no govêrno de Santa-Catarina, procurei defender éssa póbre gente contra a ganância do colono invasor*³⁸⁵. Aproveitou aqui para fazer um pouco de sua propaganda política em prol do *nóbre amigo* (como ele referenciou o Encarregado), e de sua condição deplorável:

O Dr. Lima e Silva e um homem providencial!
 Tenho por ele verdadeira admiração.
 Com escássos recursos, vái atendendo as necessidades do aldeamento do Rio-Pláte, exercendo, com brandura e inteligência, a tutéla oficial que lhe foi destinada.
 Falta-lhe quasi tudo: pessoal auxiliar, alimentos, vestuários e até medicamentos para acudir e curar os enfêrmos.
 ...Os núcleos apontados estão ainda desprovidos de aparelhamento educacional, que permita educar e instruir os selvícolas.
 Do terreno da catequese oficial tem se feito muita literatura e pouca coisa prática.
 As vérbas destinadas ao serviço vêm sofrendo pódas sucessivas, a ponto de ficárem reduzidas a

³⁸³ HOERHANN, Eduardo. [telegrama] 16 out. 1939, Ibirama. [para] ALMEIDA, Paulino. Curitiba. 1f. Novas pacificações a grupos arredios.

³⁸⁴ SANTOS, Silvio Coelho dos. **Nova História de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC. 5ª Edição revisada, 2004. p. 76.

³⁸⁵ KONDER, Adolpho. [carta] 16 jan. 1940, Rio de Janeiro. [para] RONDON, Candido. 1f. Pedidos para assistência aos Xokleng.

importância irrisória.³⁸⁶

Uma cópia desta carta foi enviada ao Encarregado, conforme o próprio Adolpho Konder informou: “Junto envio-lhe cópia dessa missiva. Com nomeação do General Rondon para presidir o novo Departamento, renasçam as esperanças de melhores dias para nosso infeliz indígena”.³⁸⁷ Após linhas e mais linhas para elogiar a pessoa de Adolpho Konder, Hoerhann terminou sua carta-resposta um tanto entusiasmado: “Admiro, devéras a acuidade, o profundo descortínio, revelando, ao General Rondon, a verdadeira situação deste POSTO, do seu pessoal, e dos índios em geral; tudo focalizado com precisão e rigôr surpreendentes”.³⁸⁸

Na missiva para Rondon, Adolpho Konder escreveu que o Posto estava privado de unidades educacionais. O Encarregado experimentado em ajudar a construir dois núcleos escolares ainda não havia colocado em prática esses conhecimentos na própria reserva indígena. Todavia construção de escolas exigem dinheiro e vontade política, e o SPI carecia de ambos. O Decreto n. 736 – de 6 Abril de 1936 determinou que os indígenas deviam ser reeducados, no sentido de fazê-los perder o nomadismo. As pessoas que o elaboraram, colocaram todos os indígenas no mesmo patamar, no mesmo grau de integração. No Poinduca, onde os Xokleng estavam localizados desde 1914, em 1940 existiam gerações de jovens e crianças nascidas naquele local e o decreto ainda estava preocupado com nomadismo. Estes jovens precisavam, para se integrar, da educação formal, daquela que existia nos centros urbanos e rurais. No Artigo 10º deste mesmo Decreto diz: “Os índios trabalharão livremente e terão plenos direitos ao produto integral de seu trabalho e de suas propriedades, ressalvadas as restrições do decreto n. 5484 de 27 de junho de 1928”. O artigo separava os indígenas em quatro categorias: *nômades, arranchados ou aldeados, pertencentes a povoações indígenas e pertencentes a centros agrícolas* ou que *vivem promiscuamente com civilizados*. Somente o Inspetor teria condições de dizer em qual qualificação estaria o indígena, independente da categoria que se encontrava. No Posto Duque de Caxias, o Encarregado comunicou ao seu chefe Paulino de Almeida, que desde janeiro do ano de 1940, havia empregado seis funcionários Xokleng que recebiam

³⁸⁶ Idem.

³⁸⁷ KONDER, Adolpho. [carta] 16 jan. 1940, Rio de Janeiro. [para] HOERHANN, E. Ibirama. 1f. Aviso do envio da carta para Rondon.

³⁸⁸ HOERHANN, E. [carta] 5 mar. 1940, Ibirama. [para] KONDER, Adolpho. Rio de Janeiro. 1f. Agradecimentos a Adolpho Konder.

200\$000 mensais:

Figura 16 - Indígenas e não indígenas são funcionários do Poinduca. Década de 40.



Fonte: Acervo EKS.

Justificou seu ato pela dificuldade em conseguir servidores não indígenas. Depois porque empregar indivíduos Xokleng seria mais uma forma de protegê-los e ampará-los ao invés de fazer isso com gente estranha só pelo fato de ser “civilizada”. E a terceira e mais interessante justificativa:

3º - Porque uma vez admitidos como trabalhadores da turma do POSTO e ganhando, melhormente nos é dado instruí-los e educá-los convenientemente, corrigindo e modificando tanto quanto possível a arraigada inconstância (sic) no trabalho pertinaz e contínuo, aperfeiçoando-os paulatina e sistematicamente, o que também nos parece ser medida pedagógica de alto alcance não só para os indivíduos em questão, como também para influenciar o modo decisivo e benéfico todos os demais membros da tribo.³⁸⁹

No mesmo texto, retornou a intenção de pacificar aqueles outros indígenas vagantes pelo sul do Estado. Para a realização da tarefa era necessário o preparo de no mínimo quatro trabalhadores indígenas

³⁸⁹ HOERHANN, Eduardo. [carta] 20 abr. 1940, Ibirama. [para] ALMEIDA, Paulino. Curitiba. 1f. Nova tática de integração regional.

nomeados para auxiliarem no serviço de pacificação. Hoerhann solicitou os trâmites exigidos para a concretização dessas nomeações. Em 1940 é possível que ainda não houvesse perdido as esperanças na continuidade dos trabalhos integracionistas. Pode ser, que na busca daqueles indivíduos Xokleng, Hoerhann almejasse tratá-los de uma maneira diferenciada daquela que fez dos contatados no início do século XX. Espantosamente, em julho deste mesmo ano, encontram-se referências sobre uma escola no Posto Duque de Caxias:

Pedindo seja imediatamente nomeado Professor Escóla “GETÚLIO-VARGAS”, que, há já vários meses , com setenta alunos, funciona, exemplarmente neste POSTO, apresento-vos nome provecto, profisisonal, Senhor Professor MIECZISLAU BRZEZINSKI pt. Urge notável professor perceba vencimentos aos quais faz pleno jus pt. Ao Senhor Diretor Geral, com ofício nº 31, de 31 de Julho último, em duas vias, remeti relação material escolar absolutamente imprescindível ao alúnos indígenas, matriculados nessa Escóla, que aqui, está funcionando admiravelmente pt.³⁹⁰

A história deste professor foi pesquisada por Ricardo Goulart, que em 1998 era mestrando em antropologia pela UFSC e pretendia dirigir um filme sobre a vida de Brzezinski. Esta história foi ouvida através de uma idosa Xokleng, Yokoo Téie, quando Goulart visitou a Terra Indígena. Brzezinski era um homem muito culto, músico erudito, bailarino clássico, folclorista mestre em teatro de sombras, poliglota, o que justificaria seu interesse pelos Xokleng. Ele chegou ao Poinduca em fins dos anos trinta e logo Hoerhann lhe proporcionou uma moradia entre os indígenas, segundo os levantamentos de Goulart.³⁹¹ O polonês auxiliou na construção de uma escola no Posto, mas em 1943 ouviu dos próprios indígenas que não poderia lecionar para eles, talvez pelo fato de ser estrangeiro, conforme especulou Goulart. Esta notícia, a perda de contato com parentes na Polônia e o amor não correspondido por uma jovem Xokleng, o levaram a uma depressão profunda. Em 24 de junho do ano seguinte, Brzezinski foi encontrado morto por enforcamento na

³⁹⁰ HOERHANN, Eduardo. [telegrama] 31 jul. 1940, Ibirama. [para] VASCONCELOS, Vicente. Rio de Janeiro. 1f. Escola Getúlio Vargas.

³⁹¹ RODRIGUES, Tania. **A Tragédia de um polonês**. IN: Jornal Santa Catarina. 12. Mai. 1998.

porta de uma escola em construção.³⁹² Infelizmente, não encontramos referências de que este projeto se concretizou e a história do professor polonês, carece de mais dados.

Contudo, a escola Getúlio Vargas estava em pleno funcionamento: “Para a Escola ‘Getúlio Vargas’, que funciona na Séde deste POSTO indígena, com mais de 60 alunos, peço mandar-me pelo mesmo portador, 15 exempláres da Cartilha POPULAR, de Júlio de Faria e Sousa”.³⁹³

Figura 17 - Estudantes na Escola Getúlio Vargas. Década de 40.



Fonte: Acervo EKS.

Parecia que Hoerhann estava orgulhoso com a criação desta escola ao solicitar material didático para mais de sessenta alunos. A construção e organização desta escola, possivelmente foi por iniciativa e estímulo do próprio Brzezinski. Apesar da década de 1940 ser considerada desanimadora para muitos líderes do SPI, a escola ainda foi uma ferramenta para dar continuidade ao processo de integração dos

³⁹² Idem.

³⁹³ HOERHANN. Eduardo. [carta] 23 set. 1941, Ibirama. [para] METZGER, Ingo. 1f. Pedido de Cartilhas aos alunos as Escola Getúlio Vargas.

jovens indígenas à sociedade regional:

A escola começará a funcionar às 9 horas e se prolongará até as 17. Ao meio dia será fornecida uma refeição (almoço) aos alunos, com um intervalo de duas horas.

Isto é conveniente para atrair os meninos indígenas e facilitar-lhe a freqüência, pois em geral moram distante da casa escolar.

A escola deve ser organizada tipo de uma escola-granja, onde se ministrará as crianças, além do ensino de leitura, escrita e contas, rudimentos de agricultura e pecuária.

Para estimular as crianças, será fundada uma sociedade agrícola-escolar da qual podem fazer parte todos os alunos de ambos os sexos, e até pessoas estranhas, residentes nas vizinhanças do Posto, como os pais dos alunos não índios e outros.

A sociedade será dirigida por uma diretoria, eleita anualmente entre os alunos, composta de membros que forem necessários inclusive o orador.

O encarregado do Posto será o presidente-tesoureiro perpetuo, e o professor e secretario geral permanente.

Isso porem não impedira que os alunos elejam um presidente, um secretario e um tesoureiro.

Os associados não terão que pagar jóias nem mensalidades, mas devem prestar serviços a granja escolar, cultivando a terra, cuidando dos animais etc.

Os sócios estranhos á escola, que não quizerem e não poderem prestar serviços, poderão fazer donativos.

Anexo á escola serão construídas as internada e lavouras, com os requisitos indispensáveis para nelas serem praticadas a criação de gados e todas as culturas possíveis.

Aí, sob a direção de um professor diligente, os alunos aprenderão á trabalhar de verdade, podendo receber o mesmo tempo ensinamentos práticos de historia natural, geografia, física,

química, etc...³⁹⁴

Nesta época, pouco se podia fazer mais pela geração de Xokleng contatada em 1914 e que ainda resistia em manter firmemente a sua cultura tradicional. Muitos indivíduos adultos e velhos insistiam em manter alguns traços étnicos como o uso do botoque, pouca vestimenta e a recusa em trabalhar de forma regrada. Àqueles indígenas que nasceram no Posto, já na condição de uma comunidade agro-pastoril, seria mais simples mantê-los longe da cultura nômade, caçador-coletora da qual descendiam. Portanto, a escola passou a ser utilizada como a peça-chave da continuidade ao processo de nacionalização do indígena em torná-lo de maneira gradual, cidadão brasileiro autossuficiente. E um dos componentes para a formação da brasilidade eram o ensino e a prática do civismo, do amor á Pátria e aos seus símbolos:

Como sempre, também este ano, aqui, neste Estabelecimento Federal, será solenemente comemorado o próximo dia 19 do corrente – DIA DA BANDEIRA.

Com esse objetivo, -- para o hasteamento da Bandeira Nacional – resolvemos erigir um novo, grande e bélo mastro, bem acabado, para o qual já foi, aliás, escolhido, cortado e também transportado o competente madeiro.

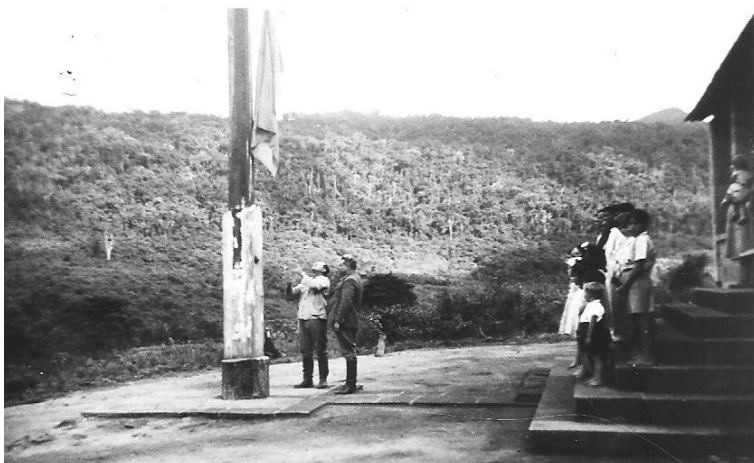
Estou céрто que désta vez, não deixareis de atender ao meu apêlo: venho solicitar vóssos serviços profissionais para o modelamento e ereção deste novo mastro, que, como já ficou dito, deverá ser obra muito bem feita.³⁹⁵

Adiante, a escola recebe seu novo mastro no ano de 1942, que possibilitou maior incentivo do patriotismo aos alunos nacionalizados:

³⁹⁴ ALMEIDA, Paulino (inspetor do SPI na região Sul). Plano para organização e funcionamento das escolas indígenas. 1º de jan. de 1941.

³⁹⁵ HOERHANN. Eduardo. [carta] 12 nov. 1942, Ibirama. [para] KEMMEL, Ricardo. 1f. Confecção do novo mastro para a bandeira brasileira.

Figura 18 - Hasteamento da bandeira sob a inspeção de Hoerhann e aos olhares curiosos dos alunos.



Fonte: Acervo EKS.

O Posto Indígena desde sua criação às margens do rio Plate, sempre dispôs de um grande mastro com a bandeira nacional hasteada. Porém, as comemorações em dias cívicos só aparecem relatadas após a criação da Escola Getúlio Vargas. Provavelmente não havia o ensino de civismo aos Xokleng em processo de integração, pois não recebiam qualquer educação formal, além do trabalho disciplinado. A escola conseguiu juntar o ensino teórico de disciplinas ministradas igualmente em outros colégios, e também o aprendizado da agricultura, trabalhos manuais, canto, civilidade e higiene pessoal entre outros fatores que eram considerados imprescindíveis à educação proporcionada pelo SPI. Lenharo destaca que a militarização do corpo higienizado e eugenizado, era percebido enquanto instrumento de modificação do corpo social, como instrumento de trabalho. Seus cuidados com a militarização do corpo que labuta forma a base das preocupações dos que almejavam a própria corporização da ordem social, que os direcionava a reescrever intelectualmente a condição de quem trabalha para reverem as suas consequências sociais mais amplas. Era interessante transformar o trabalhador num protótipo de soldado para atender aos objetivos da ampliação progressiva da produtividade.³⁹⁶

A seguir podemos visualizar AP participação dos alunos, em sua

³⁹⁶ LENHARO, Alcir. p. 83.

maioria meninas, no momento em que recebiam aulas sobre o cultivo de plantas e hortaliças:

Figura 19 - Crianças aprendem a cultivar o próprio alimento na Escola Getúlio Vargas



Fonte: Acervo EKS.

A iniciativa da criação desta escola teve apoio e incentivo do Departamento Estadual de Educação quando direcionou uma circular aos funcionários e professores de escolas isoladas. Resta-nos saber se tal instituição conseguiu se manter adequadamente durante os anos seguintes, pois nada sobrevive somente de elogios:

No limiar do ano de 1941 a Superintendência Geral do Ensino vem trazer aos que trabalham pela Educação na terra catarinense os seus melhores votos por que o ano letivo a iniciar-se seja todo êle pleno de realizações, no preparo da Infância sob os nossos cuidados, cinzelando-a animados pelo nosso ideal, de forma a torna-la útil ano nosso estremecido Brasil, nossa grande e idolatrada Pátria.

Com essas esperanças, e porque vê no coração dos mestres de Santa Catarina inscrita a frase síntese do nosso mister: - “MISSÃO E NÃO PROFISSÃO”, transcreve a Superintendência palavras Exmo. Sr. Dr. Nerêu Ramos, digníssimo Interventor Federal, extraídas do formoso discurso proferido por S. Excia., no Colégio “Coração de Jesus”, como paraninfo da turma de normalistas de 1940, e que merecem lidas e meditadas continuamente, pois são elas, pela justeza dos conceitos, o melhor breviário do mestre catarinense:

É pela educação, processada na harmonia dos seus aspectos intelectual, moral e físico, que incorporaremos na marcha ascensional do Brasil, gerações capazes, altivas, fortes e felizes.

É objetivo primordial da escola-instituição social “preparar para a vida e pela vida”.

Relevam desse conceito, que deve ser mandamento e dogma dos mestres, as dificuldades e a importância do seu papel no envolver da nacionalidade...³⁹⁷

O Poinduca continuava, no ano de 1940, repleto de débitos, principalmente ao fornecedor Fritz:

Li com om maior interesse a tua carta do dia 5 do corrente, que infelizmente não me traz nada de positivo sobre o pagamento, com o qual contei, com toda certeza, até o fim deste ano, prazo em que devo pagar o meu automovelzinho, e isto sem falta alguma.³⁹⁸ Eu peço ao velho Amigo, escrever-me com toda atrazadas, visto que, em caso negativo eu tenho de procurar resolver os meus pagamentos atrazados de qualquer outra maneira.³⁹⁹

A pressão para sanar as dívidas era grande e o Encarregado tentou resolver isto num extenso comunicado de duas páginas ao seu chefe direto Paulino de Almeida:

Solicító, encarecidamente, vóssas imediatas providências, no sentido de que -- de qualqué modo -- seja saldada a dívida contraída por este POSTO, na casa comercial do seu antigo, paciente honrado e boníssimo fornecedor, Senhor Frederico Schmidt, na praça de Hamônia, no Estado de Santa Catarina.

[...] O Serviço de Proteção aos Indios, deve, pois, á firma F. SCHMIDT, de Hamônia, no Estado de Santa Catarina, por fornecimentos feitos no Posto

³⁹⁷ BARBOSA, Elpídio (Superintendente Geral Interino de Ensino), 6 de jan. de 1941.

³⁹⁸ SCHMIDT, Fritz. [Carta] 11 dez. 1940, Hammonia. [para] HOERHANN, Eduardo. Ibirama. 1f. Dívidas 1.

³⁹⁹ SCHMIDT, Fritz. [Carta] 10 abr. 1941, Hammonia. [para] HOERHANN, Eduardo. Ibirama. 1f. Dívidas 2.

Indígena “Duque de Caxias”, a importância total de Réis: 54:230\$500 ---- (Cincoenta e quatro contos, duzentos e trinta mil e quinhentos réis), cuja liquidação se impõe como medida de reabilitação não só do Serviço, como, também, dos seus representantes em Santa-Catarina.⁴⁰⁰

Esta dívida iniciada no ano de 1936 chegou ao conhecimento do Diretor: “Somente agora, por não ter sido possível antes, vamos lhe dizer algo sobre a cobrança do fornecimento feito aos índios... Esses assumptos são de fato demorados”.⁴⁰¹ “Dizer algo”, significou que o alto escalão do SPI não iria pagar naquele momento, pois ainda havia a necessidade da informação chegar ao Ministério da Guerra, para que o senhor ministro Augusto Inácio do Espírito Santo Cardoso, assinasse a autorização do pagamento. Tãmanha burocracia existente na época, que os débitos contraídos numa pequena empresa do Alto Vale do Itajá, chegassem aos ouvidos do ministro.

Ainda 1942 Hoerhann acusou o recebimento da obra *Jungle People*⁴⁰² de Jules Henry: “Com enórme satisfação recebi seu magnífico ‘JUNGLE PEOPLE’, pelo qual efusivamente o felicito e sinceramente agradeço. *I thank you very so much* também e sinceramente pela cordialíssima dedicatória com que nos distinguiu e honrou”.⁴⁰³ Esta foi a última carta encontrada e enviada ao antropólogo, e aqui se encerrou a epistolografia dos dois amigos.

No relatório deste ano, no qual lamentavelmente, faltam as páginas 5, 6 e 7, o Encarregado não somente expôs as culturas praticadas, consertos, colheitas, entre outras coisas, como relatou também sobre a escola Getúlio Vargas e fez reflexões acerca dos indígenas acautelados. Constou a presença de duzentos e cinquenta e seis indivíduos. Hoerhann observou que dificilmente estes indígenas

⁴⁰⁰ HOERHANN, Eduardo. [telegrama] 23 abr. 1940, Ibirama. [para] ALMEIDA, Paulino. Curitiba. 1f. Pedido de medicações aos indígenas e saneamento das dívidas com Fritz Schmidt.

⁴⁰¹ VASCONCELOS, Vicente de Paulo. T. da F. [carta] 13 nov. 1942, Rio de Janeiro. [para] SCHMIDT, Fritz. 1f. Considerações do SPI sobre a dívida com Fritz.

⁴⁰² Esta obra não foi melhor analisada porque descreveu o povo Xokleng com se ainda estivesse a viver pelo modo tradicional antes do primeiro contato de 1914. Praticamente desconsiderou a ação governamental que aldeou e modificou este povo.

⁴⁰³ HOERHANN, Eduardo. [carta] 29 mar. 1942, Ibirama. [para] HENRY, Jules. Nova Iorque. 1f. Recebimento do livro de Henry.

abandonariam o hábito da caça, pois em sua cultura medular, vivam desta prática, da coleta e da pilhagem:

Verificou-se revelarem estes índios maior atidão (sic) para as artes da péscia que para as da agrcultura.

Coisa, aliás, muito natural e lógica, por se tratar, como já ficou dito, de uma casta de insupereráveis caçadores nomades, que jamais plantaram ou pensaram em criar o que quér que fosse.

Seguindo os velhos habitos da tribo, o fato mais importante e sensacional do ano, é a época em que começa e perdura a colheita dos pinhões.

... Assim é, que, ano por ano, embrenhando-se nos pinheirais, os botocudos realizam temporaria volta á vida primitiva, vida da qual, aliás, sentem grande, profunda nostalgia.

... Empregando, pacientemente, meios suasórios, tudo temos feito para encaminha-los no trabalho continuo, metódico, produtivo e remunerador, procurando sempre, por meio de exemplos bem claros e positivos, pôr á evidencia nossas boas intenções.

Tomando-se em concideracao seus antigos habitos e costumes, o grau de cultura, a mentalidade dominante nesta tribo, e, por nossa parte, a fiél observância das diretrizes do nosso Serviço, podemos afirmar terem sido satisfatórios os resultados até hoje obtidos com nossa ação junto aos botocudos.⁴⁰⁴

Quase trinta anos passados do contato o SPI ainda se esforçava para mostrar suas boas intenções. Intenções em continuar a política de integração. Os indígenas que eram adultos ou jovens em 1914, ao que parece, não abandonaram por completo a sua cultura medular e jamais a abandonariam, na opinião do Encarregado. Conforme registrado nos relatórios, eles sentiam necesssidade de praticar algo que fazia parte de seus antigos costumes, e no caso, a caça e a coleta anual dos pinhões. “Nada é capaz de os reter no Posto ou em qualquer outra parte impedindo que se mude para os pinheirais”⁴⁰⁵. Mesmo com essa

⁴⁰⁴ HOERHANN, Eduardo. Relatório do Posto Indígena Duque de Caxias, relativo ao ano de 1942. 5 jan. 1943.

⁴⁰⁵ Idem.

consciência o Encarregado cumpria as ordens maiores, fazia-se necessário manter a ideia do trabalho e disciplina. Com os jovens nascidos na reserva, a situação seria mais razoável, porque da cultura tradicional só haviam ouvido falar através dos membros mais velhos de sua comunidade. Na escola Getúlio Vargas, em 1942, estavam matriculadas cinquenta e duas crianças Xokleng e seis não indígenas: “Os jovens e as crianças constituem objeto de nossa maior atença e preocupação máxima. Cumpre-nos instruí-los e educá-los convenientemente, salavando para sí própria e para a Pátria a geração nóva, da qual, aliás, tudo nos é lícito esperar”.⁴⁰⁶

Um professor, José Manoel Balbino de Andrade e sua esposa Maria, eram os responsáveis pelas aulas ministradas, e não consta o nome do professor Brzezinski, neste documento, o que nos leva cogitar a possibilidade dele não ter sido contratado oficialmente. Segundo o relatório citado acima, os alunos eram vestidos e calçados pela escola, que além das disciplinas ministradas, expostas no segundo capítulo, recebiam lições de higiene pessoal e preparação para a vida rural. Às meninas recebiam também, aulas de costura e eram instruídas à vida doméstica. Os dias cívicos eram comemorados todos os anos e os alunos e professores de três escolas regionais (Escola Estadual de Alto Caminho dos Caçadores, Escola Estadual do Rio Dólman e Escola Municipal do Salto do Rio Dólman) também foram convidadas no ano de 1942 para se juntar às festividades. No mesmo relatório existe uma linguagem muito forte com discursos patrióticos, do empenho em se construir o cidadão perfeito útil a sua comunidade e a pátria: “As datas nacionais são condignamente festejadas, servindo cada qual de têma do dia para explicações minuciósas feitas aos alunos”. Reflexo de uma política nacionalista, do auge do getulismo. Segundo Alcir Lenharo para fazer a nação o Estado é projetado como seu interior, para resgatar e confirmar sua brasilidade. O discurso do poder reduz brasilidade em parâmetros geográficos e econômicos. Povoamento, ocupação e integração fazer parte dos novos movimentos nacionais em busca de sua plenitude. “O espaço físico unificado constitui o lastro empírico sobre o qual os outros elementos constitutivos da Nação se apoiam: a unidade étnico-cultural, a unidade econômica, política, o sentimento comum de ser brasileiro”.⁴⁰⁷

⁴⁰⁶ Ibidem.

⁴⁰⁷ LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. São Paulo: Papirus, 1986. p. 57.

Figura 20 - Alunos de várias escolas para comemoração de data cívica. Prof. José Balbino no centro



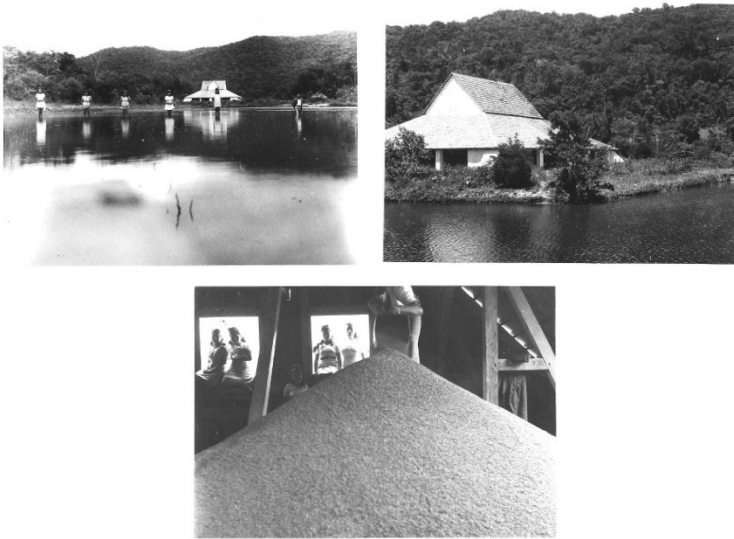
Fonte: Acervo EKS.

Os relatórios eram enviados primeiramente a Curitiba e depois seguiam à capital federal da época, cidade do Rio de Janeiro. A escrita patriótica poderia sugerir uma atenção maior dos dirigentes do *Serviço*, em prol do Posto Duque de Caxias e seus protegidos. Era igualmente dever dos encarregados imbuírem sentimentos pátrios a estes estudantes que carregavam, sem saber, a responsabilidade de se tornarem bons cidadãos brasileiros, fato que garantiria a boa imagem por longos anos, do amparo ao indígena, sob a gestão do SPI. Era uma época classificada por Marilena Chauí de *verdeamarelismo*, do culto obrigatório à bandeira e aos hinos nacionais nas escolas de todos os graus. Inclusive nas escolas de samba que deveriam explorar temas nacionais em seus enredos. Neste governo de inspiração fascista e populista o Estado interferiu nos meios de comunicação ao comprar rádios e jornais, como por exemplo, a Radio Nacional do Rio de Janeiro para a transmissão da Hora do Brasil. Esta rádio possuía três finalidades: informativa, cultural e cívica. Fazia a divulgação dos discursos oficiais e atos do governo, estimulava o apreço às artes populares e exaltava o patriotismo ao rememorar fatos gloriosos do passado. As transmissões deveriam também se ater em divulgar as belezas naturais do país, descrever as curiosas particularidades das regiões e cidades, irradiar cultura, exaltar as conquistas do homem em todas as atividades, com maior atenção ao homem do campo, para seu desenvolvimento e sua integração na coletividade nacional. Dessa época getulista surgem músicas como *Brasil brasileiro*, *Aquarela do Brasil*, obras com *Marcha para Oeste*

com forte exaltação à Pátria ao descrever a natureza e a população brasileira.⁴⁰⁸ O Poinduca deveria seguir com sua escola essas diretrizes divulgadas pelos meios de comunicação em todo o território nacional. Afinal, crianças indígenas em breve se tornariam cidadãs da pátria, preparadas para bem servi-la, logo não poderiam depender o resto de suas vidas da tutela estatal. A comunidade construída no Posto conquistaria em médio prazo, sua autossuficiência, com avanços gradativos, dos quais a casa do arroz se inclui cuja finalização da obra dependia ainda de recursos do SPI.

Este assunto está registrado em uma missiva, com fins de informação ao chefe Almeida, que traz o levantamento de todas as atividades do Posto e das pendências, como por exemplo, a casa do arroz, que só foi possível finalizar sua construção no final dos anos quarenta.

Figura 21 - Casa do arroz.



Fonte: Acervo EKS.

A produção desta gramínea crescia a cada ano, e não havia mais espaço para comportar o estoque.⁴⁰⁹ Muitos anos foram necessários para

⁴⁰⁸ CHAUI, Marilena. p. 37.

⁴⁰⁹ HOERHANN, Eduardo. [carta] 21 mai. 1942, Ibirama. [para] ALMEIDA, Paulino. Curitiba. 5f. Assuntos do Poinduca.

que o Poinduca conseguisse desenvolver este cultivo e infelizmente, não sabemos o ano em que isso começou. O maior problema era manter a área úmida onde o arroz seria plantado, e para isso havia a necessidade da instalação de diques. Era um investimento que aos poucos seria recompensado, pois este alimento era diariamente consumido e seu preço aumentava com frequência. Cultivá-lo traria economias consideráveis ao Poinduca e a intenção desta cultura existia:

Desde o ano de 1917, pretendia o Encarregado fazer o plantio de arroz no Posto; atendendo á enorme alta do preço deste genero alimenticio, o qual não só para a turma, como tambem para os indios se tornára imprescindível. Até agora não foi viavel uma tentativa neste sentido, unicamente por não se dispor de nenhum recurso para o fazer de accordo com as necessidades.⁴¹⁰

Em 1942 constataram-se entre homens e mulheres trinta e seis casos de moléstias venéreas, cujo isolamento dos infectados havia sido providenciado, assim como o tratamento com vacinas apropriadas e lavagens locais com permanganato de potássio: “Trata-se do famigerado ‘Presente da Civilização’, a terrível... BLENORRAGIA, cujos pavorosos danos ao homem, à mulher, e à criança, torna-se perfeitamente obvio enunciar”.⁴¹¹ Em suma, igualmente para os indígenas, existia convivência promíscua com “civilizados”. Civilização pode ser sinônimo de *sifilização*, não somente para os indígenas, mas para todos de quem dela participam levemente.

No relatório de 1943, elaborado pelo encarregado do Poinduca, aparece a reclamação inconformada do mesmo ao descrever que os Xokleng mais velhos não estavam dispostos a aceitarem o incremento da soja em sua dieta. A soja era considerada um alimento de fácil adaptação ao solo, o que facilitava o cultivo, ao oposto de outras culturas que fracassaram nas tentativas de produção. Além de possuir alto teor nutritivo era relativamente barato a sua produção. A questão é que os indígenas, que pela primeira vez haviam visto e auxiliado no cultivo deste alimento, observavam desconfiados a comida nova. O Encarregado resolveu adiciona-la também na alimentação dos funcionários do Posto, que resistentes, evitavam comer as pequenas e

⁴¹⁰ HOERHANN, Eduardo. Relatório do Posto Plate. Novembro, 1920.

⁴¹¹ HOERHANN, Eduardo. [carta] 21 mai. 1942, Ibirama. [para] ALMEIDA, Paulino. Curitiba. 5f. Assuntos do Poinduca.

desconhecidas bolinhas amarelas. Observadores como de praxe, os indígenas seguiram o mesmo caminho de recusa. Ao colocar uma porção de soja na boca e cuspir logo em seguida, fato que foi irritante ao extremo para o encarregado Eduardo Hoerhann. Em suma, para os alunos da escola o novo alimento, de acordo com este relatório, estava sendo bem aceito nas refeições colegiais:

Desde o início do ano letivo de 1943, passou a soja a figurar no cardápio e, -- o que é mais importante -- na mesa dos alunos da Escola Getúlio Vargas. A princípio receberam eles dois dias de feijoada e um dia soja. Depois, em dias alternados soja e feijoada. A seguir, um dia soja amarela, outro feijoada, no terceiro dia: soja preta. Após dois meses deste regime, passou-se a servir só uma vez por semana a feijoada. Ultimamente, só soja. Soja amarela e soja preta, pra variar -- de gosto e de aspecto. A idéia parece ter sido boa. Vejamos: Máu grado a forte e assídua campanha difamatória feita pelos pais, C O N T R A, temos hoje a grande satisfação de constatar não só que os alunos apreciam muito a soja como alimento, como já descobriram seu alto valor nutritivo. Perguntados “porque” gostavam de comer a preciosíssima leguminosa os alunos responderam:
 -- “porque” é gostoso. E, quando nós comemos soja (em geral eles pronunciam “chôsa” ou “chôja”), podemos passar tempo, mas muuuuito té-e-e-mpo, sem comer de novo. Não sentimos fome logo, como quando comemos feijão.”
 C’est la chose...⁴¹²

Este relato comprova, como comentado anteriormente: era mais acessível adaptar as novas gerações à ideologia de integração do SPI, do que aquelas que tiveram a experiência dos anos iniciais após o primeiro contato pacífico. Mércio Pereira Gomes defende que independente da política pública favorável, a integração e o processo de homogeneização são inevitáveis aos povos indígenas. O estabelecimento de escolas nas aldeias que promovem desde a alfabetização até o ensino médio, mesmo ministrado por professores indígenas, não evita o condicionamento

⁴¹² HOERHANN, E. Relatório do Posto Indígena Duque de Caxias, relativo ao ano de 1943.

dessas sociedades ao estudo formal da sociedade brasileira, que permite ao aluno novas visões de mundo as quais muito diferem de seus conhecimentos tradicionais. Isso acarreta ao indígena moderno que foi educado nessas fases da educação escolar brasileira, um dilema pessoal que pode ser resolvido pelo abandono da vida na comunidade pela integração à vida urbana. Ele voltará a sua terra para repassar o que aprendeu, como se fosse um servidor do seu povo, mas garantido pelo trabalho assalariado. Em contrapartida, a maioria dos indígenas que vivem nas aldeias em constante batalha para sobreviver em acordo com suas culturas tradicionais e que se sustentam com pouca ajuda das entidades governamentais, no entendimento de Mércio Gomes, permanecerão mais fieis às suas culturas e, portanto, mais resistentes às mudanças. São eles que serão o amparo da diversidade cultural que pretende se manter preservado no mundo atual pós-moderno.⁴¹³

Não obstante, na rememoração dos trinta anos do contato, Hoerhann, em carta, agradeceu os cumprimentos do Capitão Euclides de Castro, o Canudinho. Na mesma há a indignação que foi compartilhada com o amigo militar, que ainda não havia sido promovido a major, sobre o artigo do periódico *O Jornal* de 4 de agosto de 1944. Nele estava transferida a responsabilidade da pacificação dos Xokleng, ao seu antigo chefe e amigo, José Maria de Paula. Canudinho igualmente comentou que a “descoberta” havia chamado a atenção das comunidades científicas da América do Norte e Europa. E assim, o velho Katanghara desabafou ao militar: *Et voilà, mon cher ami, justement comme on écrit l'histoire!*⁴¹⁴ Mesmo diante de tantas adversidades e a falta de um mínimo reconhecimento aos trinta anos de dedicação recém-completados. O Encarregado procurava fazer o seu trabalho, descrevê-lo minuciosamente, tanto em palavras quanto em fotografias anexas, ele se preocupava em perguntar ao seu chefe, se havia recebido seus relatórios: “Estou certo de que compreenderéis que se eu assim procedo, é simplesmente em interesse do Serviço ao qual procuro servir do melhor modo. Aguardo, contudo, vossas prezadas instruções”.⁴¹⁵ Se Eduardo Hoerhann pudesse prever o quanto ele seria execrado pelos dirigentes do SPI, por alguns indígenas e moradores locais, pela própria história no decorrer das décadas, não teria se

⁴¹³ GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia**. pp. 213-214.

⁴¹⁴ HOERHANN, Eduardo. [carta] 30 set. 1944, Ibirama. [para] CASTRO, Euclides de. If. Agradecimentos e indignações.

⁴¹⁵ HOERHANN, Eduardo. [carta] 14 dez. 1944, Ibirama. [para] ALMEIDA, Paulino. Curitiba. If. Acusação do recebimento de relatório enviado.

incomodado com o equívoco daquele periódico. No entanto, os trabalhos no Poinduca deveriam e continuavam dia após dia. Em 1946, nasceram treze crianças e o Posto contava com a população de duzentos e cinquenta e oito Xokleng. No mês de maio, no distrito de José Boiteux,⁴¹⁶ três padres fizeram suas pregações pelas redondezas, fato que gerou imenso fervor nos moradores: abandonaram seus afazeres e foram ao encontro destes “ministros do Senhor”, como Eduardo assim registrou. Assim também seguiram, mediante autorização do Encarregado, os trabalhadores “civilizados” do Duque de Caxias. Depois de dez dias da sacra visita, os indígenas, por não possuírem imunidade em seus organismos, adquiriram varíola dos funcionários que foram prestigiar aqueles religiosos: “E aqui está um dos muitos momentos críticos, em que se faz imprescindível intervenção direta do nosso Serviço, prestando-lhes verdadeira assistência e eficiente PROTEÇÃO”.⁴¹⁷ A falta de resistência orgânica dos Xokleng às enfermidades adquiridas do mundo externo, era um dos motivos que o SPI insistia em desestimular seus protegidos do contato externo. Inclusive, por medidas de precaução e até o restabelecimento sanitário dos doentes, a Escola Getúlio Vargas, permaneceu fechada de 27 de maio até primeiro de agosto:

Estamos convencidos de que temos o devêr de despertar, de criar, no índio, a consciência do valôr da sua saúde. Aproveitámos, por isso, o surto de varíola, para fazer uma série de paléstras educativas, nas quais elucidámos, da maneira mais fácil e compreensiva, os têrmos básicos de higiene pessoal e coletiva, e, de defesa da saúde.

[...] Da educação escolar da saúde, tudo depende, pois que, adquirindo os alunos hábitos sadios e benéficos, é crêr que estes, paulatinamente, se infiltrem em suas famílias e, conseqüentemente, também em o résto da comunidade, dada a grande capacidade de observação, a inteligência, e pronunciada tendência à imitação, características de nossos índios.⁴¹⁸

Agora o papel se inverteu e as crianças em idade escolar possuíam a responsabilidade de educar seus pais. Estes pais, adultos ou

⁴¹⁶ Desmembrou-se de Ibirama em 1989.

⁴¹⁷ HOERHANN, E. Relatório do Posto Indígena Duque de Caxias, 1946.

⁴¹⁸ Idem.

jovens em 1914, por muito tempo, foram considerados incapazes para o governo. Alguns deles se rebelaram, enquanto que outros foram mais maleáveis à adaptação nova ordem governamental imposta pela ação protecionista do *Serviço*. Porém, para seus filhos agora alunos da Escola Getúlio Vargas, seria uma tarefa menos árdua inculcar os valores da educação de primeira linha, que os preparasse ao mundo externo com responsabilidade, ao se esquivar dos males da “civilização,” conforme o idealismo elaborado pelo líder do Poinduca:

“A Escóla déve ser, -- tem de ser – em nössos Postos, o meio propício, por excelência, para a educação sanitária das tribos, para a salvaguarda, a manutenção e o revigoramento da saúde das populações indígenas, quase sempre aniquilada pela falaz ‘civilização’.”⁴¹⁹ Em resumo, a escola era o local onde a integração nacional poderia ser mantida mediante aos esforços dos responsáveis à nova geração indígena e evidente, com o apoio governamental. Complicado imaginar essa manutenção ideológica e ao mesmo tempo reconhecer as ações espoliativas da “civilização”, desintegradora e causadora de malefícios aos indígenas. A educação sanitária que precisavam aprender e manter quando se tornaram sedentários e passaram a ingerir alimentos destrutivos da saúde, como café, açúcar e sal, e conviver com esgotos: “Quando as crianças precisavam fazer suas necessidades, as mães não deixavam que isso se desse no próprio paiol da caserna. Bastava conduzi-las para longe em um matagal vizinho [...]”⁴²⁰ Situação observada pelo Dr. Gensch em indígenas capturados e amontoados em um barracão. Uma vez aldeados, careciam de locais adequados para as suas necessidades fisiológicas. Aprenderem a ter higiene bucal e lavar as mãos para o impedimento da propagação de enfermidades desconhecidas dos tempos que seus pais e avós eram adeptos ao nomadismo. Para Alcir Lenharo é uma época em que se imprimia um sentido de consciência social através do aprimoramento físico, pois a nova higiene desenvolvia a percepção de bem-estar coletivo. Era pela participação decorrente das atividades físicas e a amplitude coletiva que proporcionavam a formação de novos condutores sociais para cooperar com a comunidade.⁴²¹

Isso em virtude de que parte da geração nômade antecessora ter respondido ao “chamado à nacionalidade” através do alcoolismo e da marginalização, ao deixar de ser indígena e incapaz de se tornar cidadão

⁴¹⁹ Ibidem.

⁴²⁰ GENSCH. Hugo. p. 39.

⁴²¹ LENHARO, Alcir. p. 78.

brasileiro. O etilismo, constantemente combatido pelo *Serviço* era um dos principais motivos do isolamento destes indígenas. Se, em alguns momentos comemorava a sua não constatação, em outros relatórios, manteve-se presente em 1946:

Infelizmente, porém, qual a Hidra de Lerna, as sete (senão setenta-e-sete...) cabeças deste flagélo, renascem à medida que são cortadas. Ainda há poucos dias, mais uma vez, tivemos de repreender servéramente e de tomar providências enérgicas contra nada menos de três comerciantes desta zona, que, clandestinamente, forneciam consideráveis quantidades de cacháça aos índios.⁴²²

Em junho, uma turma de vinte e cinco indígenas, liderada por Ndíli Nucreán, resolveu descer a confluência dos rios Itajá do Norte e Deneke, com a intenção de retornar dos pinheirais aos seus lares no Duque de Caxias. Com fortes chuvas, durante a noite e uma considerável melhora no tempo na manhã seguinte, apesar da recusa de boa parte da turma, Nucreán e um companheiro conseguiram que embarcassem na sua bateira, três mulheres e cinco crianças. Devido às chuvas, o rio havia aumentado seu volume, o que resultou em fortes movimentos de onda:

[...] num ápice, se encheu d'água e virou, despejando toda a carga. O pânico foi indescritível. Impetuosa, a torrente a todos levou de roldão para o fundo.

Felizmente, os tripulantes de outras bateiras que vinham a curta distância, tudo observaram e, alijando a carga que traziam, -- com grandes esforços e sério perigo de vida -- conseguiram prestar o eficiente socorro, salvando-se sete, dos nove índios.

Nas águas turvas daquela cheia insperada, desapareceram para sempre a índia Cundín Mácfá, de sessenta anos de idade, presumíveis, e seu queridíssimo néto Uvanhecû, de sete anos de idade, com o qual ela se agarrou no sossobrar.⁴²³

⁴²² HOERHANN, E. Relatório do Posto Indígena Duque de Caxias, 1946.

⁴²³ HOERHANN, E. Relatório do Posto Indígena Duque de Caxias, 1946.

A tragédia se sucedeu pela necessidade destes indígenas irem todos os anos aos pinheirais e não somente pelo SPI ter-lhes ensinado a navegação fluvial. Além da língua e dos nomes, precisavam desta atividade para preservar o que lhes restou da própria identidade. Uma tolerância observada no SPI de Santa Catarina, na qual não há registros proibitivos destas práticas tradicionais, o direito de ir e vir e a manutenção de nomes Xokleng⁴²⁴ nos alunos da Escola Getúlio Vargas. Componentes que não foram “desintegrados” da cultura Xokleng que podem ser vistos, reinventados e preservados no escoar do século XXI. Em Santa Catarina, nos princípios do século XX, o SPI lutava para encontrar os Xokleng a todo o custo. Não foram poucos os esforços investidos de pessoas, em algum momento aqui citadas, como José Vieira da Rosa, Raul Abbott, Euclides de Castro, Humberto de Oliveira, José Beserra Cavalcanti, Manoel Miranda, Hugo Straube e Mancio Ribeiro. Este último enviou carta a Hoerhann no ano de 1949, muito saudoso, registrou:

Agora digo eu? Está vivo o Humberto? Só uma vez fui em agosto de 1919, a Diretoria do Serviço de Índios. Lá encontrei o nosso bom amigo e Chefe Dr. Bezerra, mais um ou dois antigos companheiros todos mais eram caras novas. Com o falecimento (sic) do Dr. Bezerra não quis mas lá voltar. Hoje (sic) arrependo-me ter deixado o contacto dos nossos velhos amigos. Por varias vezes, casualmente estive com o Rabelo. Mais tarde soube que o Horta Barbosa era o chefe da Igreja Positivista. Lembra-te quando o Humberto tomava suas carrasandas (sic) de cerveja e dormia com Augusto Conte (sic) entre as pernas? A cara que fazia ao despertar com os nossos trotes...⁴²⁵

Eram tempos de idealismo, descritos por Mancio Ribeiro, dos fiéis seguidores da doutrina positivista. Em perceber o indígena, na condição pueril de humanidade, infeliz vagabundo embrenhado que necessitava ser preparado e chamado à “civilização”. Em 1949, muitos servidores do SPI haviam partido e enterrados junto com seus ideais. Aos sobreviventes, ainda lhes restavam alguns resquícios de esperança

⁴²⁴ Muitos destes indígenas atualmente preservam seus nomes étnicos.

⁴²⁵ RIBEIRO, Mancio [carta] 26 jul. 1949. Jaguarão [para] HOERHANN, E. Ibirama. 2f. Rememorações.

em cumprirem a missão iniciada a quase quatro decênios. Gunther Plüschow, o viajante alemão de 1928 registrou que Hoerhann havia lhe falado que gostaria de viver para constatar que seus protegidos não mais representariam uma ameaça aos moradores locais. Aos poucos ele percebeu que a ameaça maior chama-se: a “civilização” ou o “tiro de misericórdia”, para a qual estavam sendo preparados, onde muitos Xokleng pagaram com suas vidas, desintegrados por doenças ou pela perdição encontrada no mundo além as fronteiras do Poinduca. Seja como for, a missão do SPI deveria ser continuada e a Escola Getúlio Vargas, não apenas serviu para fortalecer a integração, como também significou um novo estímulo a esta continuidade:

Figura 22 - Aluno com sua refeição: alimentado, vestido e educado pelo SPI.



Fonte: Acervo EKS.

Segundo o memorialista Plínio Moser, o professor José Balbino, armou uma cilada para Hoerhann, porque almejava tomar todo o controle do Poinduca para si. Por volta de 1950, dois indígenas mataram a pauladas Joaquim Miguel de Souza, de 98 anos de idade. Os dois homens ao verem o velho gemer, entenderam que estava a sofrer e por isso o mataram. Hoerhann os convenceu que haviam praticado um crime e que deveriam se apresentar às autoridades. Feito isto, Balbino se aproveitou para incitar mais dois indígenas, um deles Brasílio Priprá, neto mestiço do capitão João Gogn Priprá, contra o Encarregado ao

mesmo tempo em que mandou bilhetes com notícias de que os dois iriam matá-lo. Quando foram ao encontro de Hoerhann e seus funcionários, um deles se entregou, mas Priprá tentou fugir e recebeu um tiro do neto daquele senhor espancado até a morte.⁴²⁶ Sílvio Coelho dos Santos fez menção a este episódio quando o conheceu em fins dos anos sessenta:

E claro, ele estava muito melindrado por todos os acontecimentos que tinham ocorrido no interior da área indígena, e que o tinham tirado propriamente dito de cena. Em 1954 ele se envolveu na morte de um índio, isso resultou num julgamento. É, eu diria até que ocorreu um pré-julgamento, porque ele acabou sendo afastado da direção do serviço, depois ele foi inocentado no processo, mas ele não pôde voltar para o seu cargo, ele realmente ficou, cinco, seis anos, talvez mais, é...fora do serviço público...E mais, isso em 63, quer dizer, 54 a 63, somente lá por 65 por aí que ele vai recuperar o direito de aposentadoria. Então ele estava muito melindrado, quer dizer, com a situação financeira ruim, e muito aborrecido com toda a burocracia do Serviço de Proteção aos Índios.⁴²⁷

Eduardo de Lima e Silva Hoerhann foi inocentado em 27 de maio de 1957 e na época da elaboração deste relatório⁴²⁸, ainda não havia conseguido a sua aposentadoria, após 42 anos com funcionário do SPI. Segundo Coelho dos Santos, por volta de 1965 ele adquiriu seu direito. Da cadeia pública de Ibirama onde ficou por dois anos, o velho Katanghara sofreu pesadas punições de um cabo chamado Ovídio Marconcini, que confiscava toda a sua correspondência, não o permitia que se barbearasse e o corte dos cabelos. Incitava os outros presos a contar mentiras às autoridades para que Hoerhann não recebesse atestado de boa conduta.⁴²⁹ Quando solto no mês de maio, o Katanghara

⁴²⁶ MOSER, Plínio. **O Pacificador de Índios Xokleng**. Disponível em: <www.estudosabc.blogspot.com.br>. Acesso em: 30 abr. 2012.

⁴²⁷ SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Entrevista concedida a Rafael Hoerhann, 23 jul. 1999**. IN: Blumenau em Cadernos. T. 50, nº 5, set/out. 2009. Também disponível no sítio: www.cfh.ufsc.br/aldeias/artigos/entrevista_silvio.htm

⁴²⁸ HOERHANN, E. Relatório apresentado pelo Sr. Eduardo de Lima e Silva Hoerhan a FUNAI. Sem data.

⁴²⁹ HOERHANN, Eduardo. [carta] 18 mar. 1957, Ibirama. [para] LEITÃO, Oscar. 3f. Relato do tratamento recebido na cadeia pública de Ibirama e pedido

definitivamente foi posto fora de cena. Um ano antes da morte de Priprá ele havia recebido Darcy Ribeiro no Poinduca que teve as seguintes impressões:

Agora também lembra esse texto do Darcy Ribeiro, o qual eu lhe falei, os diários do Darcy, em particular essa parte do *Diário Xokleng*, está publicado no livro o diário, mas tá publicado, parece de uma forma um pouco mais ampla nessa revista chamada *Cartas*, quando ele editava no Senado, e que lá também tem um triângulo falando do Eduardo Hoerhann, quando ele disse: “quando eu o conheci me pareceu um cara autoritário, forte tal, tal, mas era o cara mais inteligente, mais competente”, então aí ele faz uma série de elogios, “de todos quanto chefes de posto eu havia conhecido.” Ele conhecia bem o sistema, porque ele viajava muito pelo SPI.⁴³⁰

Com a saída de Eduardo Hoerhann, outras pessoas o substituíram e se iniciou uma nova era no Posto Indígena Duque de Caxias, que foi estudada pelos antropólogos Sílvio Coelho dos Santos, Pedro Martins e Alexandro Namem. Para Darcy Ribeiro, Hoerhann disse que sentia forte arrependimento de ter tirado os Xokleng da mata, pois nunca tiveram a capacidade de protegê-los.⁴³¹ Vinte anos depois ele se manteve firme em suas convicções autoavaliativas: “Diante do horror com que essa experiência com os botocudos me armou, eu não voltaria a assumir a mesma tarefa que assumi no começo do século. Pacificar o índio, civilizar o índio é o crime dos crimes! Fui até amaldiçoado pela minha mãe por seguir minha missão.”⁴³² Talvez o velho Katanghara tenha se dedicado com grande certeza, nos quarenta e dois anos como servidor do SPI, por ter se inspirado nos escritos de Gensch, sobre a possibilidade de “civilização” às crianças capturadas e adotadas. Todavia ao longo das décadas conseguiu perceber que não havia como abandonar o seu projeto, mesmo com a consciência de que os indígenas são povos diferenciados e a nacionalização os condenaria ao desaparecimento.

de transferência para Florianópolis o cabo Marconcini.

⁴³⁰ SANTOS, Sílvio Coelho dos. Entrevista concedida a Rafael Hoerhann, 23 jul. 1999. **Blumenau em Cadernos**. t. 50, n. 5, set/out. 2009.

⁴³¹ SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Memória Visual**. Contracapa.

⁴³² **O Estado**. 20 de julho de 1973.

Enfim, na turma dos alunos Xokleng para os quais lecionei no segundo semestre de 2011, a maior parte qualifica a figura de Eduardo Hoerhann numa espécie de tirano e a morte de Brasília Priprá é vista como o início da libertação do seu povo. Na atual Terra Indígena de Ibirama Laklãnõ, uma das escolas leva o seu nome. Nos bastidores de sua morte, existe uma gama de acontecimentos além do que Moser registrou - muitos deles permanecem obscuros - até o dia de seu homicídio. Mas isto pertence a outro capítulo desta história, que ainda não encerramos com o povo Xokleng. Ainda há muito a ser contado.

CONCLUSÕES

O Serviço de Proteção aos Índios possuía o conceito de cautela pela transformação do elemento indígena, na perspectiva de seu “melhoramento”, ao prepará-lo à vida sedentária, ao trabalho regrado, à agricultura e à criação de animais. Na esperança de torná-lo membro de uma comunidade autossustentável e que lhe proporcionaria mais chances de nacionalização. Os servidores do SPI não perceberam por muitos anos que povos indígenas são diferenciados e o tratamento oferecido a eles, segundo a orientação positivista na qual o indígena se encontrava no estágio primevo e inocente da humanidade, não se mostrou infalível, mas era o que existia dentro de suas possibilidades. Não foi por acaso que em Santa Catarina, Coelho dos Santos chamou a experiência de “dramática”, pois os Xokleng em poucos anos foram contatados, aldeados e conduzidos aos trabalhos agropastoris. Era de esperar evasões e revoltas, e igualmente conformismo, em entender que a própria sobrevivência dependia do confinamento apresentado pelo SPI, mesmo em condições precárias de vida, em boa parte proporcionada pelo descaso governamental. Com a chegada de Jules Henry ao Poinduca, uma obra foi elaborada a partir de dados e observações captadas de um povo em fase transitória à nacionalização. Vários integrantes da sociedade Xokleng ainda mantinham boa parte de sua cultura dos tempos anteriores ao ano de 1914 e muitos morreram sem perdê-la e, contudo, puderam repassá-la. A preservação do idioma e dos nomes são exemplos de que nem todas as tradições foram perdidas. Jules Henry também escreveu o decréscimo populacional acontecido em pouco menos de vinte anos, que apesar da divergência com outras fontes documentais aqui apresentadas como relatórios do SPI, escritos de viajantes e de jornalistas, tal decréscimo registrado se manteve como dado indiscutível na literatura antropológica.

Hoje podemos perceber o aumento demográfico. De cento e seis indivíduos descritos em 1932, descendem mais de dois mil indivíduos presentes na Terra Indígena de Ibirama Laklãnõ. Embora boa parte mestiçada, a FUNAI os reconhece como um povo indígena e detentor de suas particularidades, cujos direitos são assegurados pela Constituição de 1988. Esse aumento populacional foi promovido durante a intervenção protetora do *Serviço*, que em virtude dos seus métodos – hoje – considerados equivocados, naqueles idos tempos, eram legitimados através das leis e decretos. Muitos servidores passaram parte de suas vidas ao cumprimento das ordens que lhes eram confiadas, na observância das diretrizes instituídas, sempre voltadas para a

transformação das comunidades caçadoras coletoras, em vilarejos de lavradores. Somente tiveram condições de contestá-las, estudiosos e visionários como os irmãos Villas-Bôas que ingressaram no SPI na década de quarenta e conseguiram retardar a desintegração cultural de muitos povos. Por volta da década de quarenta, na qual se originou a contestação de algumas diretrizes, os Xokleng possuíam filhos e netos matriculados na Escola Getúlio Vargas, de caráter preparatório à vida agrícola. Disciplinas presentes no então ensino primário brasileiro também eram ministradas a esses alunos. O Poinduca se tornava uma comunidade nacionalizada, na qual o retorno ao modo de vida anterior ao ano de 1914 não era mais plausível. A Escola Getúlio Vargas, em alguns documentos foi qualificada de *escola indígena*, por ter sido frequentada por alunos Xokleng, e não por oferecer “educação apropriada” àquele povo. O conceito de *escola indígena* foi criado muitos anos mais tarde. No entanto, a instituição que proporcionou o aparecimento de outras unidades de ensino que atualmente exercem metodologias consideradas adequadas aos vários níveis para a formação das crianças e jovens. No rol de disciplinas as escolas da Terra Indígena estão presentes línguas e artes indígenas das três etnias lá estabelecidas (Xokleng, Kaingang e Guarani). Componentes que são considerados essenciais na preservação cultural destas sociedades. Do ensino fundamental ao ensino médio, os alunos também aprendem disciplinas formais como matemática, química, biologia, filosofia, língua portuguesa e sociologia, em conjunto com línguas indígenas, artes, estudos da sociedade indígena que engloba território, saúde, ambiente, sustentabilidade e gestão. Há também história geral e indígena (antes e depois da colonização) e a geografia é voltada ao território e territorialidade. Nota-se que o rol de disciplinas foi consideravelmente adaptado e desenvolvido desde a fundação da Escola Getúlio Vargas, o que promove mais amplitude de conhecimentos aos jovens indígenas e necessidade de professores especializados.

Em outros tempos por questões de sobrevivência os Xokleng se dividiram em grupos que deveriam ser subordinados ao clã principal, mas aos poucos conquistaram suas independências e algumas delas se tornaram hostis com seus iguais. Coincidentemente, os Xokleng da atualidade se mantêm subdivididos por divergências de interesses e questões políticas, ou seja, praticam – talvez inconscientemente - um traço antigo de seu povo, para melhor viver em harmonia. A Terra Indígena de Ibirama Laklãnõ possui várias subdivisões e cada qual com seu cacique próprio e desta maneira procuram viver com menos conflitos do que se estivessem subordinados às ordens de apenas um

cacique. No passado precisavam se defender dos colonos, dos bugreiros e de si mesmos, pois os grupos divididos se tornaram potenciais competidores pelos disputados espaços – cada vez menores – de caça, de coleta e de investidas nas propriedades privadas. Na ausência da intervenção estatal da proteção ao indígena no início do século XX, os Xokleng só seriam mencionados nos escritos de Hugo Gensch, nas cartas dos imigrantes e nos jornais circulantes da região. Dificilmente algum estudo científico teria sido possível, sem a preservação física destes indígenas, que igualmente acarretou a preservação da tradição oral, da língua e das artes, que atualmente as mantêm através do ensino nas escolas indígenas. Em menos de cem anos, a população aumentou mais de sete vezes, se considerarmos trezentos indivíduos contatados e aldeados. A vontade de manter certos hábitos foi possibilitada pelo sistema do Poinduca em não impedir as incursões dos Xokleng aos pinheirais, repetida por longos anos após 22 de setembro de 1914, que só foram abandonadas, possivelmente pelo avanço das cidades do Alto Vale e da região serrana. Aparentemente, foi este o fator que permitiu em boa parte, a tolerância da nova ordem imposta aos indígenas reduzidos. Essa hipótese poderia ser confirmada com a geração Xokleng nascida antes de 1940, ao perguntarmos aos seus representantes, o fator que os desmotivou a continuarem as incursões praticadas pelos seus pais e avós e talvez, até por eles mesmos.

A evangelização da Assembleia de Deus também pode ter sido outro fator que desestimulou a sequência desses hábitos seminômades e venatórios. No princípio do século XX estava definido que a doutrinação do SPI deveria ser laica e sob a incumbência dos militares, mas logo se percebeu que a parceria entre trabalho disciplinado e a palavra de Cristo poderia proporcionar maior velocidade à integração nacional. No Poinduca, apesar do Encarregado não ser adepto de nenhuma fé religiosa, ele permitiu o ingresso de duas correntes cristãs: a primeira vez, em meados dos anos vinte pelos católicos e na década de cinquenta pelos evangélicos. Na sociedade brasileira os cidadãos possuem o direito de praticarem qualquer religião livremente, desde a Constituição de 1891, e talvez por isso Hoerhann entendesse na década de vinte, que não deveria impedir a liberdade de credo justamente àqueles que em breve seriam integrados à nacionalidade. E nos anos cinquenta, na qual evangelização pode ter sido vista como fundamental em manter o indígena à vida regrada, não somente pelas normas do SPI, mas também pelo suporte espiritual. Afinal, após a criação de uma unidade escolar, parecia que não haviam mais impedimentos para o ingresso definitivo desta geração ao mundo exterior.

Apesar do conhecido descaso governamental que esteve presente no país praticamente todo o século XX, o SPI em Santa Catarina conseguiu resguardar seus grupos indígenas. Evidente que seria mais apropriado deixá-los em seu modo de vida tradicional se fosse possível mantê-los distantes de interferências que poderiam resultar na extinção em médio prazo, como aconteceu com aquele grupo Xokleng comentado por Silvio Coelho dos Santos. Mas também era interessante se manterem próximos às ocupações imigrantes, pois lá se encontravam parte do sustento de suas comunidades, onde conseguiam vários gêneros alimentícios, cobertores e o precioso aço.

Com o avanço dos núcleos coloniais no século passado, que resultaram em muitos municípios da antiga e extensa Blumenau, os Xokleng ficaram cercados e se tornaram mais visíveis, principalmente pelos relatos divulgados na imprensa. Doutor Gensch esforçou-se para desmistificar o “perigo indígena”, porém, os jornais possuíam grande poder de manipulação da opinião pública e eram mais acessíveis aos leitores do que a monografia apresentada na Áustria. A partir da década de vinte o Poinduca recebeu inúmeros visitantes estrangeiros e nacionais, desde cientistas a religiosos movidos pela curiosidade que os indígenas desde sempre foram capazes de promover. Através da mesma qualidade, eles entraram em contato com os novos colonos ocupantes e logo descobriram que eles produziam alimentos e possuíam posses interessantes. Mas o preço foi alto demais devido às perseguições que esses encontros acarretaram e que proporcionaram a alguns mateiros locais, um novo ofício: a caça sistemática de indígenas. Não são poucos os relatos das atrocidades cometidas por estes profissionais, que por décadas antes da interferência do *Serviço* reduziram a população Xokleng em algumas centenas de indivíduos, cujo número exato de mortos, ainda permanece desconhecido, por falta de dados, e como constatou Gensch, pela natureza fantasiosa dos seres humanos. O fato é que o SPI em poucos anos de existência diminuiu consideravelmente a atuação do bugreiro no Estado e conseguiu exercer certa proteção aos acautelados reduzidos. Por diversos motivos a administração do Poinduca não conseguiu assegurar a proteção almejada, pois com o contato, novas enfermidades se instalaram no organismo deste povo, cujos curandeiros, possivelmente perderam sua confiabilidade. A aquisição de medicamentos era complicada e isso vitimou dezenas de vidas que poderiam ter sido salvas, pois por muito tempo o SPI naquela região só pode mantê-los alimentados e garantir que não seriam mais mortos pelos bugreiros. O que nos faz refletir que a proteção estatal daquela época era um pouco melhor do que as privações em meio aos

sertões catarinenses sempre na iminência de um ataque bugreiro. Esse resguardo possibilitou aumento demográfico no Posto e criou-se uma geração de jovens mais adaptados àquela rotina agropastoril e ao que parece, com imunidade resistente que proporcionou vasta descendência. A essa geração foi inculcida com maior amplitude a necessidade do trabalho regrado para a manutenção da comunidade nascida a partir de 22 de setembro de 1914. É esta comunidade que se desenvolveu numa sociedade fragmentada por várias lideranças, em grande parte adepta do cristianismo evangélico, do sedentarismo, da vida em família, da necessidade de educação indígena e nacional. Que possibilita aos integrantes a busca pela formação de nível superior, para que em pouco tempo possam contar sua própria história, sem abdicar de suas raízes e de sua nacionalidade brasileira. Atualmente estão divididos nas seguintes aldeias: Sede, Pavão, Barragem, Palmeira, Coqueiro, Figueira, Toldo e Bugiu.

Na aldeia Toldo e na aldeia Bugiu, também há a presença de aldeias Guarani. Internamente os Guarani tem caciques, mas são subordinados aos caciques regionais Xokleng. Cada aldeia Xokleng tem um cacique e há também um cacique geral que é o presidente. Os assuntos internos das aldeias são decididos pelos caciques regionais, mas temas do povo são resolvidos pelo cacique presidente com os caciques regionais. As eleições ocorrem a cada quatro anos e pode haver dois turnos.

Durante sua era, o Serviço de Proteção aos Índios buscou o resguardo físico e dos descendentes de todos os indígenas contatados e acautelados. Não se pensava em preservação cultural ou ao menos entender o modo diferenciado de vida que estes povos possuíam. A preservação cultural implicava numa maior dificuldade em “civilizar” estes grupos, pois não havia como mantê-los sob custódia e vigília se permanecessem nômades, caçadores e coletores. Características estas que aos poucos foram extintas da comunidade Xokleng, mas que ao mesmo tempo foi possível preservar boa parte da tradição oral, rudimentos artísticos e linguísticos. A arte e a língua foram reelaboradas com o desenvolvimento das escolas e a reafirmação da identidade indígena a partir do advento da FUNAI, do Estatuto do Índio e da Constituição de 1988.

Na segunda metade do século XIX o sul brasileiro se preparava para ser ocupado por milhares de imigrantes europeus e as fronteiras com outros países precisavam ser definidas. No início do século XX várias regiões do Vale do Itajaí ainda não haviam sido colonizadas em virtude de serem frequentadas pelos indígenas transeuntes. O SPI surgiu para cessar tais andanças nos terrenos cedidos às empresas

colonizadoras, ao coloca-los sob vigilância e proteção num território em comum. Este pedaço de terra gradativamente se transformou em reserva reconhecida pelo Estado e era lá que os Xokleng se preparavam para ingressar sob a condição de lavradores na sociedade regional. De certa maneira, preparar essa gente aos trabalhos agropastoris era uma forma encontrada pelo governo de evitar mais gastos na contratação e deslocamento de grupos humanos às regiões inóspitas disputadas por nações limítrofes. Houve inclusive a intenção de criar soldados indígenas defensores de fronteiras imaginárias, contra a “invasão” de seus iguais residentes nos países vizinhos ao mesmo tempo em que iriam controlar e manter a ordem nas comunidades construídas pelo SPI. Era mão de obra de baixo custo, em troca do ingresso à “civilização”. As consequências desta troca, a FUNAI tenta compensar a todas as comunidades, em especial os Xokleng, que em mais de cinquenta anos de existência do SPI, foram doutrinados a abandonarem a condição indígena tradicional. O que não está no alcance da FUNAI e da vontade governamental, os descendentes destas comunidades subjugadas clamam seus direitos garantidos pela Carta Magna de 1988, o direito da demarcação de suas terras, de manter e repassar suas tradições e, sobretudo de viver na condição de uma sociedade diferenciada dos outros cidadãos brasileiros.

BIBLIOGRAFIA E FONTES

a) Bibliografia

ALMEIDA, Maria R. Celestino de. **Os Índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

ARAGÃO, M. L. Poggi de, MEIHY, J. C. Sebe Bom. **América: ficção e utopia**. Rio de Janeiro: Edusp, 1994.

BARROS, Eliane, Cruxên, LANDO, Aldair Marli. **A colonização alemã no Rio Grande do Sul – Uma interpretação sociológica**. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1981.

BIGIO, E. **Cândido Rondon - A integração nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto: Petrobrás, 2000.

BOSI, Alfredo (org). **Cultura Brasileira – Temas e situações**. São Paulo: Ed. Atica.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. 2. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOXER, Charles R. **O império marítimo português**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

BRASIL, Disponível em:
<<http://www.cultura.ma.gov.br/portal/bpbl/acervodigital/Main.php?MagID=37&MagNo=68>>. Acesso em 11 abr. 2010.

BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CARVALHO, Delgado, RIEMER, Anna. **História das Américas**. Rio de Janeiro: Record, 1971.

CASTRO, Celso (Org). **Franz Boas Antropologia Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

CASTRO, Moacir Werneck de. **O Sábio da Floresta: a extraordinária aventura do alemão Fritz Muller no trópico brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

CARDIM, Pe. Fernão. **Tratados da terra e gente do Brasil**. Rio de

Janeiro: Editores J. Leite & CIA., 1925.

CHAUI, Marilena. **Brasil, mito fundador e sociedade autoritária.** São Paulo: Perseu Abramo, 2000.

_____, Marilena. **O que é Ideologia.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

CUNHA, Manuela Carneiro (Org.). **Legislação indigenista no século XIX.** São Paulo: Editora da USP: Comissão Pró-Índio de São Paulo, 1992.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. **Para uma história dos índios do oeste catarinense.** In: Cadernos do CEOM. CEOM: 20 anos de Memórias e Histórias no Oeste de Santa Catarina. Edição Comemorativa. N.º 23. Chapecó: Argos, 2006.

D'ARAÚJO, Maria Celina. (org). **As instituições brasileiras da era Vargas.** Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999.

DEEKE, José. **O município de Blumenau e a história do seu desenvolvimento.** Nova Letra: Blumenau, 1995.

FAUSTO, Bóris (org.). **História Geral da Civilização Brasileira: III O Brasil Republicano.** São Paulo: DIFEL, 1985.

FERNANDES, Aducto. **Povos indígenas do Brasil.** Rio de Janeiro: A. Coelho Branco Filho, 1965.

FERREIRA, Mariana K. L. & SILVA, Aracy Lopes da. (Orgs). **Antropologia, história e educação.** 2ª Ed. São Paulo: Global, 2001.

FERRO, Marc. **História das colonizações: das conquistas às independências, séculos XIII a XX.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FUNARI, Pedro Paulo. **A temática Indígena na escola: subsídios para os professores.** São Paulo: Contexto, 2011.

GAGLIARDI, José Mauro. **O Indígena e a República.** São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1989.

GARFIELD, Seth. **As raízes de uma planta que hoje é o Brasil: Os índios e o Estado-Nação na Era Vargas.** In: **Revista Brasileira de**

História. São Paulo, 2000.

GOMES, Manoel. **Memória Barriga-Verde.** Florianópolis: Lunardelli, 1990.

GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia.** São Paulo: Contexto, 2011.

GRUPIONI, Luís. **Coleções e Expedições vigiadas.** São Paulo: Hucitec Ltda, 1998.

HANKE, Lewis. **Aristóteles e os índios americanos.** São Paulo: Martins, s/d.

HENRY, Jules. **Jungle People - Kaingang tribe of the highlands of Brazil.** Nova Iorque: Vintage Books, 1961.

HOERHANN, Rafael. **O Serviço de Proteção aos Índios e os Botocudo – A política indigenista através dos relatórios (1912 – 1926).** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Orientadora: Ana Lúcia Vulfe Nötzold. 2005.

HÖFFNER, Joseph. **Colonização e Evangelho: Ética e Colonização no Século de Ouro.** 2ª ed., Rio de Janeiro: Presença, 1977.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil.** 4. ed. São Paulo: Nacional, 1985.

KERN, Arno A. **Missões: uma utopia política.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

KLEINE, Theodor K. N. **Vivências e Narrativas de um blumenauense.** Blumenau: Ed. Cultura em Movimento, 2011.

KOCH, Dorvalino Eloy. **Tragédias Euro-Xokleng e contexto.** Brusque: Editora do autor, 2002.

KLUG, João & DIRKSEN, Valberto. (Orgs) **Rio do Sul uma história.** Rio do Sul: Ed. da UFSC, 1999.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da política.** São Paulo: Papyrus, 1986.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos.** São Paulo: Companhia das

Letras, 1996.

LIMA, Antonio Carlos de Souza. **Um grande cerco de paz. Poder tutelar, indianidade e formação do Estado no Brasil.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

LINS, I. **A História do Positivismo no Brasil.** São Paulo: Nacional. 1967. v. 322.

MARTINS, Pedro. **Anjos de cara suja.** Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

MELIÀ, Bartomeu. “El Encobrimiento de America”, **Razón y Fe** 1108.(Madrid febrero), 1991.

_____, Bartomeu. *Las reducciones jesuíticas del Paraguay, uno espacio para una utopia colonial.* Assunção: Estudos Paraguaiois, 1978. p. 165. IN: KERN, Arno Alvarez. **Missões: Uma utopia política.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

_____, Bartomeu. *Educación Indígena y alfabetización.* Assunção: CEPAG, 2008.

Mini Aurélio o dicionário da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2011. 8ª Ed.

MÜLLER, Fritz. **Para Darwin.** Florianópolis: Ed. da UFSC. Trad. De Luiz R. Fontes e Stefano Hagen, 2009.

MURARO, Valmir F. **Brasil: 500 anos de história messiânica e providencialista.** In: Revista Ágora. V. 14, n.29, 1999. Florianópolis: AAA/SC, 1985.

NAMEM, Alexandre Machado. **Botocudo: Uma história de contato.** Florianópolis: Ed. Da FURB, Ed. Da UFSC, 1994.

NAVA, Carmem. & LAEURHANN, Ludwig (Orgs). **Brasil uma identidade em construção.** São Paulo: Atica, 2007.

NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe. **Nosso vizinho Kaingang.** Imprensa Universitária da UFSC: Florianópolis, 1999.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Teses sobre o indigenismo brasileiro.** In: BOSI, Alfredo (org). **Cultura Brasileira – Temas e situações.** São Paulo: Ed. Atica.

PIAZZA, Walter Fernando. **A colonização de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. Lunardelli. 3ª Edição, 1994.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil 1. de Varnhagen a FHC**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

RENK, Arlene. **Território e alteridade: construções sociais do oeste catarinense**. In: **Os Kaingang no oeste catarinense: tradição e atualidade**. Chapecó: Argos, 2007.

RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1970.

_____, Darcy. **Configurações Histórico-Culturais dos povos americanos**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1975

_____, Darcy. **Teoria do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

_____, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____, Darcy. **Diários Índios os Urubu-Kaapor**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RIBEIRO JUNIOR, João. **O que é Positivismo**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

ROSSETO, Santo. **Síntese histórica da região oeste**. In: Cadernos do CEOM. CEOM: 20 anos de Memórias e Histórias no Oeste de Santa Catarina. Edição Comemorativa. Nº 23. Chapecó: Argos, 2006.

SANTA CATARINA, Disponível em: <www.sc.gov.br>. Acesso em: 20 abr. 2012.

SANTILLI, Márcio. **Os Brasileiros e os Índios**. São Paulo: SENAC, 2000.

SANTOS, Sílvio Coelho dos. **A integração do índio na sociedade regional**. UFSC: Florianópolis, 1969.

_____, Sílvio Coelho dos. **Nova história de Santa Catarina**. Florianópolis: Edição do autor, 1974.

_____, Sílvia Coelho dos. **Nova História de Santa Catarina.** Florianópolis: Ed. da UFSC. 5ª Edição revisada, 2004.

_____, Sílvia Coelho dos. **Índios e Brancos no Sul do Brasil. A dramática experiência dos Xokleng.** Florianópolis: EDEME, 1973.

_____, Sílvia Coelho dos. **Os índios Xokleng – Memória Visual.** Florianópolis: UFSC, Itajaí: UNIVALI, 1997.

SILVA, Janice T. da. **Descobrimientos e Colonização.** 4 ed., São Paulo: Ática, 1998.

SILVA, Lígia Osório. **Terras devolutas e latifúndio: efeitos da Lei de 1850.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

STADEN, Hans. **Primeiros registros escritos e ilustrados sobre o Brasil e seus habitantes.** São Paulo: Editora Terceiro Nome, 1999.

UCZAI, Pedro (Org). **Os últimos 500 anos de dominação e resistência.** Chapecó: Argos, 2001.

VARNHAGEN, Francisco. **História.** São Paulo: Ática, 1979.

WACHTEL, N. A aculturação. In: LE GOFF, J. NORA, P. **História – Novos Problemas.** 2º ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

WIESE, Harry. **De Neu-Zürich a Presidente Getúlio. Uma História de Sucesso.** Rio do Sul: Empresa Editora Jornal Nova Era Ltda, 2000.

b) Fontes

ABBOTT, Raul. [carta] 10 abr. 1912, Florianópolis. [para] ALVIM, Augusto Rangel. Repartição Geral de Telegrafos. 1f. Pedido de verbas.

_____, Raul. Relação dos serviços materiaes feitos pela Inspectoria de Protecção aos Indios em 1913. 2f.

_____, Raul. [carta] 25 abr. 1913, Florianópolis. [para] MIRANDA, Manoel T. da Costa. 3f. Explicações sobre dívidas contraídas do funcionário Miguel de Souza Lima.

_____, Raul? [carta] 07 jul. 1913, Hamonea. [para] Capitão Euclides de Castro. 1f. Informe do pedido de exoneração e problemas de

dívidas.

ALMEIDA, Paulino de. [carta] 1 jan. Curitiba, 1941. [para] HOERHANN, Eduardo. Ibirama. 3f. Plano para organização e funcionamento das escolas indígenas.

_____, Paulino [carta] 21 jan. 1941, Curitiba. [para] HOERHANN, E. Ibirama. 3f. Assuntos pessoais e pedido de relatórios.

ALVIM, Augusto Rangel. [carta] 24 jan. 1912, Florianópolis. [para] ABBOTT, Raul. 1f. Acusação de recebimento de ofício.

Ata de fastos ou crônica familiar. [Ata de núpcias] Blumenau, 4 out. 1919.

BARBOSA, Elpídio (Superintendente Geral Interino de Ensino), 6 de jan. de 1941.

BARBOSA, Luiz Bueno Horta.[carta prefácio]. IN: MAGALHÃES, Basílio (Discursos pronunciados). **Em Defesa do Índio e das Fazendas Nacionais.** Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, de Rodrigues & C., 1925.

BAUMGARTEN, Julius. [carta] 10 jun. 1855, Blumenau. [para] BAUMGARTEN, Hermann. IN: Blumenau em Cadernos. Tomo XXIX, fevereiro de 1988, Ed. 373. Trad. de Edith Eimer.

BLUMENAU EM CADERNOS. T. 53 número 2 mai./jun. 2012.

_____. T. 53 número 3 mai./jun. 2012.

BLUMENSOHN, Jules H. **Um esboço preliminar da organização de parentesco e social dos índios Botocudos do Rio Plate, no município de Blumenau, Santa Catarina, Brasil.** IN: Boletim do Museu Nacional. Rio de Janeiro, 1936.

BRASIL. **Estatuto do Índio** (1973). Disponível em: <http://www.funai.gov.br/quem/legislacao/estatuto_indio.html>. Acesso em: 15 nov. 2011

BRASIL, Disponível em: <<http://www.cultura.ma.gov.br/portal/bpbl/acervodigital/Main.php?MagID=37&MagNo=68>>. Acesso em 11 abr. 2010.

BULCÃO VIANNA, Antonio Vicente, COSTA, Ulysses Alves da. Decreto nº15, 3 abr. 1926.

CAVALCANTI, José Beserra. [circular] 11 dez. 1910, Rio de Janeiro. [para] Inspetores Regionais. 1f. Aquisição de equipamento de engenharia.

_____, José Beserra. [circular nº2] 11 mar. 1911, Rio de Janeiro. [para] VIEIRA DA ROSA, José. 1f. Controle de caixa do SPI.

_____, José B. [circular] 15 mai. 1911, Rio de Janeiro. [para] VIEIRA DA ROSA, José. 1f. Novo cargo no SPI-LTN de Cavalcanti.

COELHO, Manoel, Joaquim d'Almeida. **Memoria Historica da Provincia de Santa Catarina**. Typ. Desterrense de J.J. Lopes, Rua da Trindade n.1, 1856, p.95

DANTAS, J.[carta] 31 jan. Curitiba, 1928. [para] HOERHANN, Eduardo. 1f. Sobre envio de verbas.

DECRETO Nº 9214, de 15 de dezembro de 1911. IN: HOERHANN, E. Transcrição comentada, 3f. s/d.

DECRETO Nº 5.484, de 27 de julho de 1928.

DECRETO N. 736 – DE 6 DE ABRIL DE 1936. Rio de Janeiro, 115º da Independência e 48º da República.

DEEKE, José. [carta] 30 jul. 1923, Hammonia. [para] HOERHANN, Eduardo. 1f. Construção de estradas.

DIARIO OFFICIAL. 29 de agosto de 1912.

_____. 24 de dezembro de 1932.

_____, 9 de junho de 1934, p. 11.114. In: **Documento do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. 16º Inspeoria Regional, Estado de Santa Catarina.**

FOUQUET, Eugen. **A decadência da prestação do serviço ao índio em Blumenau**. IN: Blumenau em Cadernos – TomoXL – N. 4 – Abril – 1999. p. 9. Originalmente publicado em língua alemã no jornal Der Urwaldsbote em 28 jul. 1923. Trad. de Annemarie Fouquet Schüncke.

FUNAI, **Garantias, Cidadania, Discriminação, Violência e Penalização**. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/projetos/Plano_editorial/Pdf/Legisl/capitulo-01.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2010.

FUNAI, Disponível em: <www.funai.gov.br>. Acesso em: 27 jul. 2010.

GAZINHATO, Laércio. **Origem e variações do mais famoso tipo de machado**. Disponível em: <www.knifeco.ppg.br/tomahawk.htm>. Acesso em: 17 out. 2008.

GENSCH, Hugo. **A adoção de uma criança indígena, contribuição prática para solução da questão indígena sul-brasileira**. Berlim: Tipografia Gebr Unger, 1908. IN: Blumenau em Cadernos, t. 53, n.2, p.1-128, mar-abr, 2012. p.27.

_____, Hugo. *Wörterverzeichnis der Bugres von Santa Catharina*. In: *Zeitschrift für Ethnologie. Organ der Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte*, 1908. Disponível em: <http://biblio.etnolinguistica.org/gensch_1908_bugres>. Acesso em: 13 mai. 2011.

GOELDNER, Adolfo Alfredo. [carta] 6 ago. 1912, Repartição Geral de Telegrafos. [para] ABBOTT, Raul. Ibirama1f. Providências contra ataques de indígenas.

GONÇALVES, Jeremias André. Texto de DEEKE, José. IN: Blumenau em Cadernos. Tomo XL – Nº 4 – Abril 1999.

HENRY, Jules. [carta] 1 jun. 1934, Nova Iorque. [para] HOERHANN, Eduardo. Ibirama. 2f. Planos para 1935.

_____, Jules. [carta] 21 mai. 1935, Nova Iorque. [para] HOERHANN, Eduardo. Ibirama. 2f. Defesa da tese e problemas com verminoses adquiridas no Brasil.

_____, Jules. [carta] 5 out. 1935, Nova Iorque. [para] HOERHANN, Francisca. Ibirama. 1f. Assuntos pessoais e profissionais.

_____, Jules. [carta] 22 fev. 1936, Nova Iorque. [para] HOERHANN, Eduardo. Ibirama. 2f. Miguel Silva e elaboração da tese.

_____, Jules. [carta] 18 jul. 1936, Santos. [para] HOERHANN,

Eduardo. Ibirama. 1f. Recebimento do caixão, impressões sobre o Rio e a Bahia.

HOERHANN, Eduardo. [carta] 24 jun. 1936, Ibirama. [para] HENRY, Jules. Rio de Janeiro. 2f. Entrega do caixão para Jules Henry.

_____, Eduardo. **Gráfia cértá dos nomes dos alúnos**. Sem data.

_____, Eduardo. Relatório do Posto Plate. Mês de outubro, 1919.

_____, Eduardo. Relatório do Posto Indígena Duque de Caxias, relativo ao ano de 1942. 5 jan. 1943.

_____, Eduardo. **Homenagem ao servidor João Priprá**. 17 jul. 1920.

_____, Eduardo. [carta] 7 ago. 1924, Hammonia. [para] ALMEIDA, José. 1f. Reivindicação salarial dos funcionários do Poinduca.

_____, Eduardo. [carta] 16 mai. 1925, Hammonia. [para] DEEKE, José. 4f. Tentativas de não aproximação entre indígenas e colonos.

_____, Eduardo [carta] 7 abr. 1929, Hammonia. [para] PAULA, J. M. Curitiba. 6f. Precariedade no Posto Indígena e desestímulo à visita do Inspetor José Maria de Paula.

_____, Eduardo. [carta] 14 dez. 1930, Hammonia. [para] STRAUBE, Guido. 1f. Lamentações sobre a morte de Hugo Straube.

_____, Eduardo. **“Certificado” de presença do cientista Jules Henry no Posto Duque de Caxias**. 23 mai. 1933.

_____. Eduardo. [carta] 1933, Ibirama. [para] NIMUENDAJÚ, Curt. Belém do Pará. 7f. Aspectos culturais dos Xokleng.

_____. Eduardo. [carta] 24 jan. 1934, Hamonia. [para] NIMUENDAJÚ, Curt. Belém do Pará. 4f. Jules Henry, Hugo Gensch, Maria Korikrã, entre outros.

_____. Eduardo. [carta] 25 abr. 1934, Ibirama. [para] HENRY, Jules. Nova Iorque. 2f. Ida a Chapecó e questões políticas sobre os indígenas.

_____. Eduardo. [carta] 20 mai. 1934, Ibirama. [para] HENRY, Jules. Nova Iorque. 1f. Criação da comarca de Dalbérgia entre outras questões políticas brasileiras.

_____, Eduardo. [carta] 25 out. 1934, Ibirama. [para] HENRY, Jules. Nova Iorque. 5f. Sobre mudança de nome, Kaingang, Nazismo em Blumenau, etc.

_____. Eduardo. [carta] 10 ago. 1934, Ibirama. [para] HENRY, Jules. Nova Iorque. 2f. Questões políticas acerca dos indígenas e luto da morte de Hindenburg por parte dos imigrantes alemães.

_____. Eduardo. [carta] 10 set. 1934, Ibirama. [para] HENRY, Jules, Curt. Nova Iorque. 2f. Política brasileira e SPI.

_____. Eduardo. [carta] 29 set. 1934, Ibirama. [para] HENRY, Jules. Nova Iorque. 1f. Estudos publicados sobre aspectos culturais dos Xokleng.

_____, Eduardo. [carta] 25 nov. 1934, Ibirama. [para] HENRY, Jules. Nova Iorque. 3f. Desabafos a Henry e sobre o Circo Sarrasani.

_____, Eduardo. [carta] 19 fev. 1935, Ibirama. [para] HENRY, Jules. Nova Iorque. 3f. Negação de verbas ao SPI, assuntos pessoais, etc.

_____, Eduardo. [carta] 22 abr. 1935, Ibirama. [para] THURNWALD, Richard. Berlim. 2f. Informações sobre doutoramento na Alemanha.

_____, Eduardo. [carta] 26 jun. 1935, Ibirama. [para] HENRY, Jules. Nova Iorque. 2f. “Intimação” para Henry vir ao Brasil e comentários elogiosos sobre suas publicações.

_____, Eduardo. [carta] 2 mai. 1936, Ibirama. [para] HENRY, Jules. Nova Iorque. 3f. Mudança de planos de Jules Henry, ataques de indígenas aos colonos em Anitápolis.

_____, Eduardo. [carta] 1936 Ibirama. [para] HENRY, Jules. Buenos Aires. 2f. Impressões de Henry sobre Buenos Aires

_____, Eduardo. [carta] 2 mai. 1937, Hammonia. [para] MONCZEWSKI, Ladislau. Rio da Prata. 1f. Construção de escola a

localidade de Palmitos.

_____. Eduardo. [carta] 21 mai. 1937, Ibirama. [para] AURICH, João. 1f. Impedimento de visita ao representante da Sociedade Colonizadora Hanseatica.

_____, Eduardo. [carta] 6 jul. 1937, Hammonia. [para] MONCZEWSKI, Ladislau. Rio da Prata. 1f. Solicitação de informações.

_____, Eduardo. [carta] 12 jul. 1937, Hammonia. [para] ABRY JUNIOR, Luiz. 1f. Instalação da escola e problemas pessoais.

_____, Eduardo. [carta] 29 ago. 1937, Hammonia. [para] HOERHANN, Miguel. Rio de Janeiro. 5f. Detalhes mórbidos de seu acidente acontecido exatamente há um ano e sobre livros e revistas recebidos.

_____, Eduardo. [carta] 27 out. 1937, Hammonia. [para] MONCZEWSKI, Ladislau. Rio da Prata. 1f. Resposta do Deputado Luiz Aaby Junior.

_____. Eduardo. [Carta]1938, Ibirama. [para] NIMUENDAJÚ, Curt. Belém do Pará. 4f. Nomenclatura, questões culturais dos Xokleng e Kaingang e desabafo.

_____. Eduardo. [Carta] 23 mar. 1938, Ibirama. [para] NIMUENDAJÚ, Curt. Belém do Pará. 2f. Comentários sobre a proposta de genocídio recebida em 1915.

_____. Eduardo. [carta] 10 mar. 1939, Ibirama. [para] VASCONCELOS, Vicente. Rio de Janeiro. 2f. Conflito entre Xokleng e colonos em um baile no Dollmann.

_____, Eduardo. [carta] 21 jul. 1939, Ibirama. [para] BONELLI, João. 1f. Prescrição médica para esposa de João Bonelli.

_____, Eduardo. [carta] 16 out. 1939, Ibirama. [para] SCHMIDT, Fritz. 1f. Persuasão ao amigo credor.

_____, Eduardo. [telegrama] 16 out. 1939, Ibirama. [para] ALMEIDA, Paulino. Curitiba. 1f. Novas pacificações a grupos arredios.

_____, Eduardo. [carta] 20 abr. 1940, Ibirama. [para] ALMEIDA, Paulino. Curitiba. 1f. Nova tática de integração regional.

_____, E. [carta] 5 mar. 1940, Ibirama. [para] KONDER, Adolpho. Rio de Janeiro. 1f. Agradecimentos a Adolpho Konder.

_____, Eduardo. [Carta] 22 set. 1940, Ibirama. [para] ROCHA, Lydrôneta 1f. Situação do SPI.

_____, E. Relatório escolar referente ao mês de setembro de 1941.

_____. Eduardo. [carta] 25 jan. 1921, Ibirama. [para] BARBOSA Luiz Bueno da Horta. Curitiba. 14 f. Situação do Posto Plate.

_____, Eduardo. [carta] 20 nov. Hammonia, 1917. [para] Diretor do Núcleo Colonial. Anitapolis. 1 f. Ata que de bugreiros aos Xokleng.

_____, Eduardo. [carta] 26 fev. 1915, Hammonia. [para] HOERHANN, Miguel. Rio de Janeiro. 1f. A experiência de pacificação nos primeiros meses.

_____, Eduardo. Relatório do Posto Indígena Plate. Mês de maio, 1916.

_____, Eduardo. [carta] 20 set. 1921, Hammonia. [para] PAULA, José Maria de. Curitiba. 1f. Situação precária do Posto Indígena Duque de Caxias e pedido de materiais.

_____, Eduardo. [carta] 27 dez. 1922, Hammonia. [para] KRAUSE, Paulo. 5f. Denúncia ao delegado em exercício para inibir entrada de estranhos no Poinduca.

_____, Eduardo. [carta] 28 mai. 1923, Hammonia. [para] DEEKE, José. 1f. Construção de estradas.

_____, Eduardo. [carta] 9 jul. 1923, Hammonia. [para] DEEKE, José. 1f. Construção de estradas.

_____, Eduardo. Relatório do Posto Indígena Duque de Caxias. Mês de fevereiro, 1924.

_____, Eduardo. Aspectos culturais dos Botocudo.p.p. 22-23. Citado por PAULA, José Maria de. **Memoria sobre os botocudos do Paraná e Santa Catharina organizada pelo serviço de protecção aos selvicolas**, 1924.

_____. Eduardo. [telegrama] 31 jul. 1940, Ibirama. [para]

VASCONCELOS, Vicente. Rio de Janeiro. 1f. Escola Getúlio Vargas.

_____, Eduardo. Relatório dos trabalhos realizados em 1943 pelo Posto Indígena de Atração Duque de Caxias, Estado de Santa Catarina.

_____, Eduardo. [carta] 30 set. 1944, Ibirama. [para] CASTRO, Euclides de. 1f. Agradecimentos e indignações.

_____, Miguel. [carta] 2 nov. 1914, Rio de Janeiro. [para] HOERHANN, Eduardo. Ibirama 3f. Periódicos discorrem sobre a pacificação dos Xokleng pelo SPI-LTN.

_____, Eduardo. [telegrama] 23 abr. 1940, Ibirama. [para] ALMEIDA, Paulino. Curitiba. 1f. Pedido de medicações aos indígenas e sanamento das dívidas com Fritz Schmidt.

_____. Eduardo. [carta] 23 set. 1941, Ibirama. [para] METZGER, Ingo. 1f. Pedido de Cartilhas aos alunos as Escola Getúlio Vargas.

_____, Eduardo. [carta] 29 mar. 1942, Ibirama. [para] HENRY, Jules. 1f. Recebimento do livro de Henry.

_____. Eduardo. [carta] 12 nov. 1942, Ibirama. [para] KEMMEL, Ricardo. 1f. Confecção do novo mastro para a bandeira brasileira.

_____, Eduardo. [carta] 14 dez. 1944, Ibirama. [para] ALMEIDA, Paulino. Curitiba. 1f. Acusação do recebimento de relatório enviado.

_____, Eduardo. **Histórico do Posto Duque de Caxias**. 12 jun. 1943.

KONDER, Adolpho. [carta] 16 jan. 1940, Rio de Janeiro. [para] HOERHANN, E. Ibirama. 1f. Aviso do envio da carta para Rondon.

LACMANN, Wilhelm. **Cavalgadas e impressões no Sul do Brasil**. In: Blumenau em Cadernos. T. 38, nº11, nov./dez. 1997. Trad. Curt Willy Hennings.

MONTEIRO, Lobato Disponível em: <<http://www.infoescola.com/biografias/jeca-tatu/>>. Acesso em: 28 jun. 2012.

MOSER, Plínio & PEYERL, Paulo Roberto. **O Pacificador de Índios Xokleng**. In: www.estudosabc.blogspot.com.br . Acesso em 23, abr.

2010.

PADRE MENDES. Correio do Paraná. 01 de junho de 1917.

PLÜSCHOW, Gunther. **Com os Botocudos**, 1928. In: Blumenau em Cadernos – Tomo XXXVIII – N. 10 – Outubro 1997. p. 22. Trad. José Ferreira da Silva.

MESSEDER, João Caldeira de Alvarenga, Disponível em: <www.mediafire.com/folder/3ms7vjdm58bst>. Acesso em: 13 fev. 2011.

MINISTERIO DA AGRICULTURA, INDUSTRIA E COMMERCIO – Serviço de Protecção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionaes. Documento de instalação regional dos postos indígenas. 1911.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. R. D. – 1917 – fls. 33 e 34. Apócrifo.

_____. **Folha de pagamento do pessoal operário em serviço no mez de Agosto**, 1922.

MINISTERIO DA AGRICULTURA, SERVIÇO DE PROTEÇÃO AOS INDIOS, 7ª. INSPETORIA REGIONAL. Ficha funcional de Eduardo Hoerhann. Sem data.

MIRANDA, Manoel. [circular nº 5] 3 ago. 1911, Rio de Janeiro. [para] VIEIRA DA ROSA, José. 1f. Obtenção de informações sobre SC e questão indígena nacional.

_____, Manoel. [circular nº 7] 21 ago. 1911, Rio de Janeiro. [para] VIEIRA DA ROSA, José. 1f. Dos crimes contra os indígenas.

_____, Manoel. [carta] 23 set. 1912, Rio de Janeiro. [para] ABBOTT, Raul. 1f. Plano operacional e negociação de terras para os Xokleng.

MONCZEWSKI, Ladislau. [carta] 4 jul. 1937, Rio da Prata. [para] HOERHANN, E. Hammonia. 1f. Agradecimentos.

_____, Ladislau. [carta] 12 dez. 1937, Rio da Prata. [para] HOERHANN, E. Hammonia. 1f. Agradecimentos e comunicação ao professor Cwik.

MUNICÍPIOS Disponível em: <www.praiadapinheira.com>. Acesso em: 18 maio 2011.

MUSEU PAULISTA. In: www.carlosbranco.jor.br. Acesso em 23 nov.2011.

NIMUENDAJÚ, Curt.[carta] 14 out. 1933, Pará. [para] HOERHANN, Eduardo. Ibirama. 5f. Questões sobre identidade indígena.

_____, Curt.[carta] 16 dez. 1933, Pará. [para] HOERHANN, Eduardo. Ibirama. 6f. Questões sobre identidades indígenas.

_____, Curt. [carta] 27 ago. A bordo do Pacific Atlântica, 8º lat. 3, 1934. [para] HOERHANN, Eduardo. Ibirama, 1 f. Informes etnológicos acerca dos Xokleng.

_____, Curt.[carta] 19 fev. 1938, Pará. [para] HOERHANN, Eduardo. Ibirama. 3f. Ministério da Guerra, Henry (Blumensohn), línguas indígenas, etc.

PAULA, José Maria de. [carta] 7 jul. 1914, Hammonia. [para] HOERHANN, E.. Ibirama1f. Eduardo Hoerhann torna-se inspetor do Posto de Atração São João.

_____, José Maria de. [carta] 7 jul. 1914, Hammonia. [para] HOERHANN, E. Ibirama1f. Instruções fundamentais para o Serviço do Posto São João.

_____, José Maria de. [telegrama] 31 ago. 1915, Curitiba. [para] STRAUBE, Hugo. Hammonia. 1f. Ordens para efetuar plantações no posto e aquisição de trabalhadores.

_____, José Maria de. [telegrama] 19 dez. 1919, Curitiba. [para] STRAUBE, Hugo. Hamônia. 3f. Tentativa de homicídio contra Eduardo Hoerhann.

_____, José Maria de. [carta] 3, mar. 1920, Curitiba. [para] BARBOSA, Luiz B. H. Rio de Janeiro. 3f. Questão das terras para os Xokleng.

_____, José Maria de. [relatório] 5 abr. 1930, Curitiba. [para] CAVALCANTI, José Beserra. Rio de Janeiro. 15f. Relatório sobre o Posto Indígena Duque de Caxias.

_____, José Maria de. IN: VASCONCELOS, Vicente de P. T. da F. [Boletim Interno do SPI.] Rio de Janeiro. 1 nov. 1941. 5f.

PORTES, Seraphim José. [carta] 15 dez. 1927, São Miguel. [para] HOERHANN, E. 1f. Pedido para informar os Xokleng sobre a presença de trabalhadores nas proximidades da Reserva Indígena Duque de Caxias.

OLIVERIA, Humberto de. [telegrama] 24 jan. 1914, Hammonia. [para] MIRANDA, Manoel. Rio de Janeiro. 1 f. Informações sobre a localização de funcionários e liquidação das contas contraídas pelo SPI no Alto Vale.

_____, Humberto de. [telegrama] 25 jan. 1914, Hammonia. [para] MIRANDA, Manoel. Rio de Janeiro. 1 f. Presença indígena nos Postos de Atração.

PIZA, Lélío de Toledo Disponível em: <<http://www.saopauloantiga.com.br/vemag-uma-fabrica-que-agoniza-no-tempo/>>. Acesso em: 26 jun. 2012.

Registro de casamento, 14 de maio de 1922. Assinaram como testemunhas os funcionários Otto Metzger, José de Almeida e Eduardo Hoerhann.

RIBEIRO, Mancio [carta] 26 jul. 1949. Jaguarão [para] HOERHANN, E. 2f. Rememorações.

RELATORIO APRESENTADO AO EXM. SR. GENERAL FRANCISCO GLICERIO MINISTRO DA AGRICULTURA, COMMERCIO E OBRAS PUBLICAS PELOS ENGENHEIROS FABIO HOSTILIO DE MORAES REGO, LUIZ FILIPPE GONZAGA DE CAMPOS, JOÃO CALDEIRA DE ALVARENGA MESSEDER. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1890.

RONDON, Candido Mariano da Silva. [carta] 10 out. 1910, Rio de Janeiro. [para] VIEIRA DA ROSA, José. 1f. Instruções para medições das terras habitadas pelos indígenas.

SANT'ANNA. Henrique José de. [carta] 31 dez. 1927, Caminho dos Caçadores. [para] HOERHANN, E. Hammonia. 1f. Pedido de ajuda à oficialização de uma escola local.

_____. Henrique José de. [carta] 18 jan. 1928, Caminho dos Caçadores. [para] HOERHANN, E. Hammonia. 1f. Agradecimentos.

SCHMIDT, Fritz. . [carta] 10 mai. 1925, Hammonia. [para] HOERHANN, Eduardo. 1f. Vinda de José Maria de Paula a Blumenau.

_____, Fritz. [Carta] 17 set. 1936, Hamonia. [para] HOERHANN, Eduardo. Caminho dos Caçadores. 1f. Recebimento de verbas pelo Banco do Brasil e surto de tifo.

_____, Fritz. [Carta] 15 set. 1939, Hamonia. [para] HOERHANN, Eduardo. 1f. Pedido urgente para pagar dívidas.

_____, Fritz. [Carta] 11 dez. 1940, Hamonia. [para] HOERHANN, Eduardo. 1f. Dívidas 1.

_____, Fritz. [Carta] 10 abr. 1941, Hamonia. [para] HOERHANN, Eduardo. 1f. Dívidas 2.

SILVA, Miguel. [carta] 30 jan. 1934, Pará. [para] HOERHANN, E. Ibirama, 3f. Situação do Posto Indígena Felipe Camarão.

SILVA, Simoens da. **A Tribu Caingang. Índios Bugres-Botocudos. Estado de Santa Catharina – Sul do Brasil.** Rio de Janeiro: Oficinas Alba Graphics, 1930.

STRAUBE, Hugo. [carta] sem data. [para] HOERHANN, Eduardo. 2f. Pedidos e cuidados com os Xokleng.

_____, Hugo. **Folha de pagamento do pessoal operário em serviço no Posto Plate**, 1916.

TOLEDO, Pedro de. [circular] 26 abr. 1912, Rio de Janeiro. [para] Diretores de repartições ou estabelecimentos e chefes ou encarregados de serviço deste ministério. 1f. Negação de verbas não justificadas.

VASCONCELOS. Vicente de Paulo. T. da F. **Offício Circular N. 472 de 10 de Agosto de 1937.**

_____. Vicente de Paulo. T. da F. [ofício n. 199] 14 set. 1939, Rio de Janeiro. [para] HOERHANN, Eduardo. Ibirama 1f. Chamada à atenção do Encarregado Poinduca.

_____. Vicente de Paulo. T. da F. [carta] 13 nov. 1942, Rio de

Janeiro. [para] SCHMIDT, Fritz. 1f. Considerações do SPI sobre a dívida com Fritz.

TAPUIOS, Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/tapuios>>. Acesso em: 25 jun. 2012.

VIDAL, Francisco. [carta] 26 jan. 1915, Rio Preto. [para] HOERHANN, Eduardo. Ibirama 1f. Chamado para contenção dos feitos indígenas.

WACHTEL, N. A aculturação. In: LE GOFF, J. NORA, P. **História – Novos Problemas**. 2º ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979, p. 116. IN: HOERHANN, Rafael. **O Serviço de Proteção aos Índios e os Botocudo – A política indigenista através dos relatórios**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Orientadora: Ana Lúcia Vulfe Nötzold. 2005, p. 58. Disponível no sítio: <http://www.tede.ufsc.br/teses/PHST0236.pdf>

c) Entrevistas

HOERHANN, Eduardo de L. e S. Entrevista concedida a Rádio Blumenau e Rádio Estadual de Ibirama nas comemorações do 70º aniversário de Ibirama. Ibirama, 1968.

SANTOS, Sílvio Coelho dos. Entrevista concedida a Rafael Hoerhann, 23 jul. 1999. IN: Blumenau em Cadernos. T. 50, nº 5, set/out. 2009. Também disponível no sítio: www.cfh.ufsc.br/aldeias/artigos/entrevista_silvio.htm e no Laboratório de História Oral da Universidade Federal de Santa Catarina.